

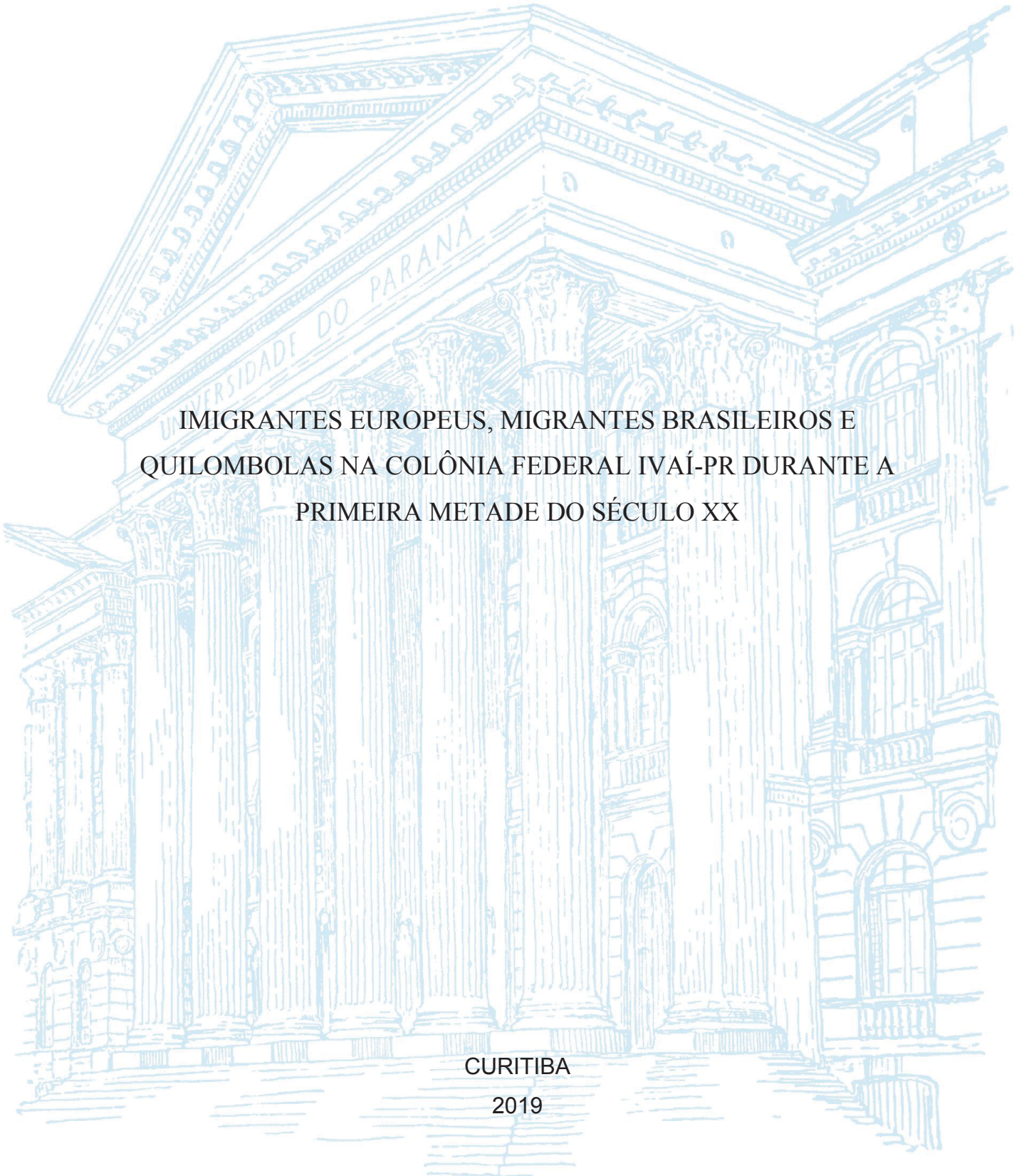
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCIMARA KOSS

IMIGRANTES EUROPEUS, MIGRANTES BRASILEIROS E
QUILOMBOLAS NA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ-PR DURANTE A
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

CURITIBA

2019



LUCIMARA KOSS

IMIGRANTES EUROPEUS, MIGRANTES BRASILEIROS E
QUILOMBOLAS NA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ-PR DURANTE A
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em História.

Orientador: Dr. Carlos Alberto Medeiros Lima

CURITIBA
2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Koss, Lucimara

Imigrantes europeus, migrantes brasileiros e quilombolas na colônia Federal
Ivaí-PR durante a primeira metade do século XX. / Lucimara Koss. – Curitiba,
2019.

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade
Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Carlos Alberto Medeiros Lima

1. Imigração – Europa - História. 2. Migração – Brasil – História. 3. Quilombos
Ivaí (PR) - História. 4. Imigrantes europeus – Paraná. I. Lima, Carlos Alberto
Medeiros. II. Título.

CDD – 325.98162



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

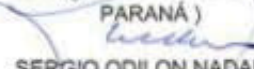
Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **LUCIMARA KOSS**, intitulada: **IMIGRANTES EUROPEUS, MIGRANTES BRASILEIROS E QUILOMBOLAS NA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ-PR DURANTE A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**, sob orientação do Prof. Dr. CARLOS ALBERTO MEDEIROS LIMA, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

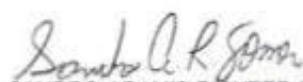
A outorga do título de Doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 29 de Agosto de 2019.


CARLOS ALBERTO MEDEIROS LIMA
Presidente da Banca Examinadora


JOSE ADILSON CAMPIGOTO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ)


SERGIO ODILON NADALIN
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ)


SANDRO ARAMIS RICHTER GOMES
Avaliador Externo (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO
ESTADO DO PARANÁ)


HECTOR ROLANDO GUERRA HERNANDEZ
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ)



Dedico este trabalho a Deus, aos meus familiares, amigos e a todas as pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter estado presente comigo em toda minha caminhada acadêmica, sei que sem Ele nada teria conseguido. Agradeço pelo cuidado e pela força que o Senhor me concedeu para percorrer esse caminho, desde meu primeiro ano de estudo, ainda quando criança, até a defesa dessa tese em fase adulta. Portanto Senhor, esse doutorado é teu também, sem a tua presença em minha vida ele não teria sentido.

Aos meus familiares, em especial aos meus pais, pois foram eles que me ensinaram o caminho da escola. Portanto pai José Koss Sobrinho e mãe Luiza Borochocki Koss, essa tese é para vocês também que não tiveram a oportunidade de estudar além de um Ensino Básico, mas fizeram de tudo para que eu tivesse. A você minha mãe, lhe agradeço de forma especial por ter me deixado nascer para que um dia eu pudesse ser uma doutora.

A todos aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar, saibam que dedico esse doutorado a vocês também. Que o meu estudo nunca seja usado para ser superior a ninguém, mas que possa servir para tornar-me uma pessoa que contribua para a construção de um mundo melhor para vocês, seus filhos ou netos.

Ao meu orientador Carlos Alberto Medeiros Lima, sem o teu empenho e orientações esse doutorado também não teria sido possível. Obrigada por doar-me aquilo que de mais valioso uma pessoa possui, o seu tempo. Horas dedicadas as leituras e correções de cada texto produzido. Obrigada por todas as sugestões e indicações de textos e fontes. Muito obrigada por todo teu empenho enquanto orientador e por ter contribuído profundamente para o resultado desse estudo. Serei sempre grata por tuas contribuições em meu crescimento profissional.

A minha sobrinha Maria Julia de três anos de idade, que muitas vezes se sentou do meu lado esperando o término das leituras para andar de bicicleta.

Aos meus amigos pela presença e palavras de apoio, obrigada por fazerem parte de minhas conquistas e por se alegrarem com elas.

Aos Meus irmãos Jociel e Jocimar; e a todos os meus demais familiares que se sintirem felizes e orgulhosos com essa conquista ao ler essa tese.

Aos colegas de seminários de pesquisa pelas contribuições prestadas através dos acirrados debates realizadas em torno desse trabalho, em especial a Lourenço Rezende da Costa pelo companheirismo nas viagens em direção às aulas do Doutorado e congressos. Pelas conversas divididas em torno das angústias e medos de não dar conta da escrita dessa tese.

Aos professores do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), especialmente ao professor Dr. Sergio Odilon Nadalin pelas contribuições no exame de qualificação. Ao professor Dr. Sandro Aramis Richter Gomes pelas sugestões perante a banca de qualificação.

A todas as pessoas (fontes orais) que abriram as portas de suas casas, me acolheram gentilmente, e compartilharam informações que foram fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa: Hamilton Ferreira, Mariano Derkasz, Miradora Derkasz, Catarina L. Kalatai, Vladomiro Lobacz, Alcides Macena Pereira, José Schuista,

As pessoas que abriram seus arquivos particulares e possibilitaram que eu tivesse acesso às fontes que foram utilizadas nesse trabalho, em especial a Lindsey Faix por abrir as portas do seu cartório para essa pesquisa.

A banca de defesa composta pelo professor Dr. José Adilçon Campigoto; Professor Dr. Sergio Odilon Nadalin; Professor Dr. Hector Rolando Guerra Hernandez; Professor Dr. Sandro Aramis Richter Gomes. Obrigada por contribuírem para que eu pudesse aprimorar as reflexões sobre esse trabalho e pensar novas possibilidades de pesquisas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio fornecido a essa pesquisa.

Por fim, dedico essa tese de Doutorado a todos aqueles que foram meus professores e fizeram parte de minha caminhada, e a todos aqueles que foram meus alunos. Agradeço a todas as pessoas que deram importância a esta pesquisa e de forma direta ou indireta contribuíram, seja com fontes, elogios, críticas ou sugestões. Sem as colaborações de vocês esse trabalho não teria sido possível.

A todos o meu muito obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa trata tanto da imigração de estrangeiros para o Brasil quanto de migrações de nacionais dentro do território brasileiro em fins do século XIX e início do XX. Dentro desses processos, tem como objeto de estudo a colônia federal Ivaí, localizada no Estado do Paraná. Demonstra de onde, como e quando as pessoas começaram a habitar a colônia, bem como se formou os quilombos de Rio do Meio e São Roque. Traz dados sobre como esses povos sobreviviam na região e contribuíram para o desenvolvimento da agricultura e do comércio paranaense. A metodologia constituiu-se no confronto entre fontes orais, iconográficas e escritas. O entrelaçamento destas tipologias de fontes e a utilização de conceitos como imigração, migração, ocupação, espaço, frente de expansão, frente pioneira, estratégia, tática, cotidiano, possibilitam que no transcorrer dos capítulos o leitor viaje junto com nacionais e estrangeiros, adentre na colônia Ivaí e descubra como era parte da vida dessas pessoas que habitavam o local. Primeiramente, o trabalho volta-se para o estudo das políticas migratórias externas. Detém-se principalmente na imigração de europeus para o Brasil e no contexto brasileiro de atração dessa mão de obra. Em um segundo momento, trabalha o que teria acontecido com os negros pós abolição e chegada dos imigrantes europeus, com destaque para as migrações internas em território brasileiro e formação de quilombos. Por fim, fecha o estudo na colônia Federal Ivaí e demonstra como o local foi habitado tanto por imigrantes estrangeiros quanto por nacionais. Traz dados sobre o que era produzido no local por esses sujeitos e como eram as práticas comerciais. Portanto, observando a colônia Ivaí e os quilombos, esse estudo ajuda compreender como as migrações estiveram presentes na formação da sociedade brasileira em fins do século XIX e início do XX. Demonstra como a história do Brasil esteve ligada a acontecimentos que ocorreram em outros continentes e impulsionaram a imigração de pessoas para esse país. Interliga territórios e continentes diferentes, demonstrado como a formação do povo brasileiro e a existência de muitas vidas no presente são resultados desses processos que acorreram no passado.

Palavras-chave: Quilombo, imigração, migração, Ivaí, pós abolição.

ABSTRACT

The present research is about both, the immigrations of foreigners to Brazil and the migrations of nationals in the Brazilian territory at the end of the 19th century and beginning of the 20th century. Within these processes, the federal colony of Ivaí, located in the State of Paraná, is the object of study. It shows where from, how and when people started to inhabit the colony, as well as how the quilombos (Brazilian communities organized by fugitive slaves, located in inaccessible areas) of Rio do Meio and São Roque were formed in this place. It shows data on how these people survived in the region and contributed to the development of the agriculture and commerce in Paraná. The methodology was the confrontation among oral, iconographic and written sources. The intertwining of these typologies of sources and the use of concepts such as immigration, migration, occupation, space, front of expansion, pioneering front, strategy, tactics, daily life, allow the reader to travel with the nationals and foreigners, step into Ivaí colony through the chapters and find out what life was like for those who lived there. Firstly, the work concentrates on the study of external immigration policies. It mainly focuses on the immigration of Europeans to Brazil and on the Brazilian context that attracts this labor. Secondly, the work deals with what may have happened to the after abolition blacks and the arrival of the European immigrants, pointing out the internal migrations in the Brazilian territory and the formation of quilombos. Finally, it ends in the federal colony of Ivaí and shows how the place was inhabited by both foreign immigrants and nationals. It presents data on what was produced in the area by these subjects and what the trade practices were like. Thus, by observing the Ivaí colony and the quilombos, this study helps to understand how the migrations were present in the formation of the Brazilian society at the end of the 19th century and beginning of the 20th century. It shows how the history of Brazil was linked to events that took place in other continents and boosted the immigration of people to this country. It interconnects different territories and continents, indicating how the formation of the Brazilian people and the existence of many lives at present are the result of these processes that took place in the past.

Key-words: Quilombo, immigration, migration, Ivaí, post abolition of slavery.

RESUMEN

La presente investigación trata de la inmigración de extranjeros a Brasil, así como, de las migraciones de nacionales dentro del espacio brasileño, hacia fines del siglo XIX y comienzo del siglo XX. Dentro de estos procesos, el objeto de estudio es la colonia Federal de Ivaí, ubicada en el Estado Paraná. Se demuestra de dónde, cómo y cuándo las personas comenzaron a vivir en la colonia y como se formó los quilombos (comunidades de negros descendientes de esclavos) de Rio do Meio y San Roque. La búsqueda, presenta datos de cómo estos pueblos sobrevivían en la región y contribuían para el desarrollo de la agricultura y del comercio paranaense. La metodología se constituyó confrontando fuentes orales, iconográficas y escritas. El entrelazamiento de estas tipologías de fuentes y la utilización de conceptos como: inmigración, migración, ocupación, espacio, frente de expansión, frente pionera, estrategia, táctica, cotidiano, posibilitan que en el transcurso de los capítulos, el lector viaje junto con nacionales (brasileños) y extranjeros, se adentre en la colonia de Ivaí y descubra como era parte de la vida de esas personas que vivían allí. Primeramente, el trabajo se vuelve en el estudio de las políticas migratorias externas. Se detiene principalmente en la inmigración de europeos a Brasil en el contexto brasileño de atracción de mano de obra. En un segundo momento, se trabaja con lo que acontece con los negros tras la abolición y la llegada de los inmigrantes europeos, destacando las migraciones internas en territorio brasileño y la formación de quilombos. Finalmente, cierra el estudio en la colonia Federal Ivaí y demuestra cómo el lugar fue habitado, tanto por inmigrantes extranjeros, como por nacionales. Se presentan datos respecto de lo que era producido en el lugar por las personas y cómo eran las prácticas comerciales. Por tanto, observando la colonia Ivaí y los quilombos, este estudio ayuda a comprender cómo las migraciones estuvieron presentes en la formación de la sociedad brasileña hacia fines del siglo XIX y comienzo del siglo XX. Demuestra como la historia de Brasil, estuvo relacionada a acontecimientos que ocurrieron en otros continentes e impulsaron la inmigración de personas para este país. Interconecta territorios y continentes distintos, demostrando cómo la formación del pueblo brasileño y la existencia de muchas vidas en el presente, son resultados de estos procesos que ocurrieron en el pasado.

Palabras claves: Quilombo, Inmigración, migración, Ivaí, Comercio, abolición de la esclavitud.

RÉSUMÉ

Cette étude porte à la fois sur l'immigration d'étrangers au Brésil mais également sur la migration de ressortissants brésiliens sur le territoire brésilien à la fin du XIXe et au début du XXe siècle. Dans ce cadre là, la colonie fédérale Ivaí, située dans l'État de Paraná, sera étudiée. Il sera démontré où, quand et comment les gens ont commencé à habiter au sein de la colonie et ont formé, sur place, les quilombos de Rio do Meio et de São Roque. Des informations seront apportées sur la survie de ces populations dans la région et leur contribution au développement de l'agriculture et du commerce de Paraná. La méthodologie consiste à confronter des sources orales, iconographiques et écrites. L'imbrication de ces différentes typologies de sources et l'utilisation de concepts tels que l'immigration, la migration, l'occupation, l'espace, le front d'expansion, le front pionnier, la stratégie, la tactique, la vie quotidienne, permettent au lecteur de voyager tout au long des chapitres aux côtés des ressortissants brésiliens et des étrangers, en entrant dans la colonie Ivaí et en découvrant en quoi cela faisait partie de la vie de ces gens qui habitaient le lieu. Tout d'abord, ce travail se tournera vers l'étude des politiques d'immigration externes. Il sera principalement axé sur l'immigration des Européens vers le Brésil et dans le contexte brésilien d'attraction de cette main-d'œuvre. Dans un deuxième temps, nous verrons ce qui se serait passé concernant les Noirs après l'abolition de l'esclavage et l'arrivée des immigrants européens, en soulignant les migrations internes sur le territoire brésilien et la formation de quilombos. Enfin, l'étude s'achèvera sur la colonie fédérale d'Ivaí et montrera comment ce lieu fût habité à la fois par des immigrants étrangers mais aussi des ressortissants brésiliens. Il fournira des données sur ce qui a été produit localement par ces sujets et comment furent les pratiques commerciales. Par conséquent, en observant la colonie d'Ivaí et les quilombos, cette étude aide à comprendre comment les migrations étaient présentes dans la formation de la société brésilienne à la fin du XIXe et au début du XXe siècle. Il montre comment l'histoire du Brésil était liée aux événements qui se sont déroulés sur d'autres continents et a encouragé l'immigration de personnes dans ce pays. Il relie différents territoires et continents et montre comment la formation du peuple brésilien et l'existence de nombreuses vies dans le présent sont le résultat de ces procédés qui se sont produits dans le passé.

Mots-clés: Quilombo, immigration, migration, Ivaí, post-abolition de l'esclavage.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE IVAÍ NO ESTADO DO PARANÁ.....	50
FIGURA 2– PLANTA DO NÚCLEO COLONIAL IVAÍ DE 1912.....	85
FIGURA 3- LOCALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES DO MUNICÍPIO DE IVAÍ EM 2013.....	115
FIGURA 4 – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE IVAÍ – PR E SEUS QUILOMBOS.....	164
FIGURA 5 – NATURALIDADE DOS NEGROS, MORENOS E PARDOS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX....	172
FIGURA 6 – NATURALIDADE DOS NEGROS, PARDOS, MORENOS E BRANCOS BRASILEIROS QUE FALECERAM EM IVAÍ NO SÉCULO XIX E PRIMEIRA METADE DO XX.....	185
FIGURA 7 – LOCALIZAÇÃO DO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW.....	191
FIGURA 8 – COMPRA REALIZADA POR MILIGIRDO FERREIRA EM 1914-1916.....	195
FIGURA 9 – PLANTA DO NÚCLEO COLONIAL IVAÍ DE 1912 COM LOCALIZAÇÃO DOS QUILOMBOS DE SÃO ROQUE E RIO DO MEIO.....	201
FIGURA 10 – MÉTODOS DE PAGAMENTO UTILIZADO POR JOÃO SCHERLANSKI.....	
FIGURA 11 – FORMA DE PAGAMENTO UTILIZADA POR IMIGRANTE DE ORIGEM ESLAVA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW EM 1917.....	241
FIGURA 12 – FORMA DE PAGAMENTO UTILIZADA POR GOTLIEB MANN NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW EM 1917.....	242
FIGURA 13 –MÉTODOS DE PAGAMENTOS UTILIZADOS POR PEDRO CZREWATEY EM 1920-1921.....	244
FIGURA 14 – COMPRA E FORMAS DE PAGAMENTO UTILIZADAS POR BRASILLO FERREIRA DE LIMA.....	252

FIGURA 15 – COMPRA REALIZADA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW POR SEBASTIÃO FERREIRA CASSADOR E FORMAS DE PAGAMENTO DA MESMA.....	254
FIGURA 16 – COMPRA REALIZADA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW POR SEBASTIÃO FERREIRA DOS SANTOS E FORMAS DE PAGAMENTO DA MESMA.....	255

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – FAIXA ETÁRIA DOS FALECIDOS EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX REFERENTE AOS DADOS DOS QUADROS 1, 2, E 3.....	79
GRÁFICO 2 – COR DECLARADA NAS CERTIDÕES DE ÓBITO DAS PESSOAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	144
GRÁFICO 3 – NATURALIDADE DAS PESSOAS NEGRAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	173
GRÁFICO 4 – NATURALIDADE DAS PESSOAS MORENAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	179
GRÁFICO 5 – NATURALIDADE POR % DAS PESSOAS NEGRAS, MORENAS E PARDAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	181
GRÁFICO 6 – NATURALIDADE MATERNA E PATERNA DAS PESSOAS NEGRAS, MORENAS E PARDAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	182
GRÁFICO 7 – LOCAL DE NASCIMENTO DOS BRASILEIROS (EXCETO OS NASCIDOS EM IVAÍ) QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	188
GRÁFICO 8 – DIAS DA SEMANA EM QUE OS CLIENTES CONSUMIRAM ALGUM TIPO DE BEBIDA ALCOÓLICA EM DOSE DENTRO DO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW.....	207
GRÁFICO 9 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELAS PESSOAS DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	232
GRÁFICO 10 – FORMAS DE PAGAMENTOS (EM%) UTILIZADAS PELOS IMIGRANTES EUROPEUS NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	246

GRÁFICO 11 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELOS AFRODESCENDENTES NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	258
--	-----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- CAUSAS DE MORTE DA POPULAÇÃO DE IVAÍ DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX RELACIONADAS A ACIDENTES.....	76
QUADRO 2- CAUSAS DE MORTE DA POPULAÇÃO DE IVAÍ DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX RELACIONADAS ÀS DOENÇAS.....	77
QUADRO 3- CAUSAS DE MORTE DE MULHERES E CRIANÇAS RELACIONADAS AO PARTE A PROBLEMAS DE GESTAÇÃO.....	78
QUADRO 4 – MOTIVOS GERAIS DE ÓBITOS DE IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO.....	81
QUADRO 5 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELOS BRASILEIROS DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	234
QUADRO 6 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELOS CLIENTES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW: PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS.....	236
QUADRO 7 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELOS CLIENTES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW: ANIMAIS, ALIMENTOS E DERIVADOS.....	239
QUADRO 8 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELOS CLIENTES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW: DINHEIRO E BENS MATERIAIS.....	240
QUADRO 9 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELOS AFRODESCENDENTES NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	259

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: POPULAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ DESCRITA POR NACIONALIDADE CONFORME DATAS DOS RECEPSEAMENTOS REALIZADOS PELO IBGE.....	82
TABELA 2 – RELAÇÃO DOS COLONOS RESIDENTES EM LOTES URBANOS E RURAIS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1915 NA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ.....	83
TABELA 3 - ENTRADA DE IMIGRANTES E MIGRANTES NA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ CONFORME DESCRITO NOS CENSOS REDIGIDOS PELO ZELADOR DA COLÔNIA.....	89
TABELA 4 – POPULAÇÃO DA COLÔNIA FEDERAL DE IVAÍ DE 1915 A 1924 EM %.....	92
TABELA 5 – PRODUÇÃO DA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ DE 1915 E 1918.....	122
TABELA 6 - PRODUÇÃO DA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ DE 1918.....	123
TABELA 7- NATURALIDADE POR CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA DAS PESSOAS BRASILEIRAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	125
TABELA 8 – PORCENTAGEM DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E ADULTOS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	126
TABELA 9 – NATURALIDADE POR CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA DAS PESSOAS EUROPEIAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	128
TABELA 10 - NATURALIDADE DOS FALECIDOS EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX EM PORCENTAGEM.....	130
TABELA 11 - NATURALIDADE PATERNA DAS CRIANÇAS FALECIDAS EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX POR DÉCADAS EM%....	131
TABELA 12 – NATURALIDADE PATERNA E MATERNA DAS PESSOAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX....	132

TABELA 13- PORCENTAGEM DE HOMENS E MULHERES QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	135
TABELA 14 - NATURALIDADE POR AGREGAÇÃO E PORCENTAGEM DAS PESSOAS QUE SE CASARAM EM IVAÍ NAS TRÊS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	136
TABELA 15 - ALIANÇAS MATRIMONIAIS DE IVAÍ PARANÁ DAS TRÊS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX DE ACORDO COM AS PROCEDÊNCIAS.....	138
TABELA 16 – NATURALIDADE E NÚMERO DE PESSOAS QUE SE CASARAM EM IVAÍ NAS TRÊS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	141-142
TABELA 17 – RELAÇÃO DAS PESSOAS FALECIDAS EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX POR NATURALIDADE, COR E SEXO.....	143
TABELA 18: POPULAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ DESCRITA POR COR CONFORME DATAS DOS RECENTEAMENTOS REALIZADOS PELO IBGE.....	145
TABELA 19: QUANTIDADE DE ESCRAVOS POR ALGUMAS REGIÕES EXISTENTES NA PROVÍNCIA DO PARANÁ EM 1886.....	162
TABELA 20 – ANO, LOCAL, IDADE E NÚMERO DE NASCIMENTOS DOS NEGROS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	174
TABELA 21 – ANO, IDADE, LOCAL DE NASCIMENTO E NÚMERO DE PESSOAS MORENAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	177-178
TABELA 22 – ANO, LOCAL, IDADE E NÚMERO DE NASCIMENTOS DOS PARDOS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	180
TABELA 23 – LOCAL DE NASCIMENTO DOS BRASILEIROS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX POR COR.....	186

TABELA 24 – PRODUTOS E SERVIÇOS ADQUIRIDOS NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW POR AFRODESCENDENTES HABITANTES DO QUILOMBO RIO DO MEIO DE 1912 A 1940.....	197
TABELA 25 – FERRAMENTAS DE TRABALHO E ACESSÓRIOS ADQUIRIDOS PELOS CLIENTES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	203
TABELA 26 – COMESTÍVEIS E DERIVADOS ADQUIRIDOS PELOS CLIENTES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	205
TABELA 27 – BEBIDAS COMPRADAS PELOS CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	206
TABELA 28 – MEDICAMENTOS EM GERAL E PRODUTOS QUÍMICOS ADQUIRIDOS PELOS CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	208
TABELA 29 – SERVIÇOS ADQUIRIDOS PELOS CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	209
TABELA 30 – VESTIMENTA PRONTA (ROUPAS, CALÇADOS, COBERTAS, ACESSÓRIOS EM GERAL) E TECIDOS ADQUIRIDOS PELOS CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	211
TABELA 31 – LOUÇAS E ACESSÓRIOS PARA COZINHA COMPRADOS PELOS CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	213
TABELA 32 – ANIMAIS E ARTIGOS DIVERSOS COMPRADOS PELOS CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	214-215

TABELA 33 – PREÇOS DOS PRODUTOS COMPRADOS NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW PELOS CLIENTES DE ORIGEM EUROPEIA.....	218
TABELA 34 – FERRAMENTAS DE TRABALHO DIVERSAS E ACESSÓRIOS PARA SERVIÇO EM GERAL ADQUIRIDOS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	222
TABELA 35 – COMESTÍVEIS E DERIVADOS COMPRADOS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	223
TABELA 36 – BEBIDAS ADQUIRIDAS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	224
TABELA 37 – LOUÇAS E ACESSÓRIOS PARA COZINHA ADQUIRIDOS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	225
TABELA 38 – VESTIMENTA (ROUPAS, CALÇADOS, COBERTAS, ACESSÓRIOS) E TECIDOS COMPRADOS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	226
TABELA 39 – MEDICAMENTOS E PRODUTOS QUÍMICOS ADQUIRIDOS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	227
TABELA 40 – SERVIÇOS, ALUGUÉIS E EMPRÉSTIMOS ADQUIRIDOS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	227

TABELA 41 – PRODUTOS DIVERSOS COMPRADOS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	229
TABELA 42 – COMPARAÇÕES DE ALGUNS PRODUTOS COMPRADOS PELOS CONSUMIDORES DE LINHAGEM EUROPEIA, AFRO E PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	230
TABELA 43 – NOME DE ALGUNS CLIENTES DO QUILOMBO RIO DO MEIO E PRODUTOS QUE VENDIAM OU TROCAVAM NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW POR OUTRAS MERCADORIAS (1916-1928).....	250
TABELA 44 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS POR CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA, AFRODESCENDENTES E ASCENDENTES DE PORTUGUESES NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940.....	262

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.DC 40 – Antes da década de 1940.

APMD – Acervo pessoal de Mariano Derkasz.

APMI – Arquivos da Prefeitura Municipal de Ivaí.

IAP – Instituto Ambiental do Paraná.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	- 26 -
2	PROCESSO IMIGRATÓRIO E OCUPAÇÃO DA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ.....	- 49 -
2.1	BREVE LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO OBJETO DE ESTUDO	- 49 -
2.2	O PROCESSO IMIGRATÓRIO E A CRIAÇÃO DA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ.....	- 51 -
2.3	O LADO SOMBRIO DA IMIGRAÇÃO: SONHO E PESADELO DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO	- 71 -
2.4	COMPOSIÇÃO POPULACIONAL DA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ.....	- 82 -
3	MIGRAÇÕES INTERNAS E OCUPAÇÕES DAS TERRAS DE IVAÍ.....	- 96 -
3.1	MIGRAÇÕES INTERNAS	- 96 -
3.2	O ESPAÇO EM QUE FOI CRIADA A COLÔNIA FEDERAL IVAÍ ESTAVA REALMENTE VAZIO? JÁ HAVIA NACIONAIS HABITANDO A REGIÃO ANTES DA CHEGADA DOS IMIGRANTES EUROPEUS?	- 108 -
3.3	MAS QUEM ERAM ESSES NACIONAIS E DE ONDE VIERAM?	- 124 -
4	MOBILIDADE ESPACIAL E A FORMAÇÃO DOS QUILOMBOS RIO DO MEIO E SÃO ROQUE NO ESTADO DO PARANÁ	- 146 -
4.1	MIGRAÇÕES INTERNAS NEGRAS NA ÉPOCA DA ESCRAVIDÃO....	- 146 -
4.2	MIGRAÇÕES INTERNAS NEGRAS PÓS-ABOLIÇÃO.....	- 148 -
4.3	MIGRAÇÕES EM TERRITÓRIO PARANAENSE	- 159 -
4.4	MIGRAÇÕES INTERNAS E POVOAÇÃO NA REGIÃO DE IVAÍ: FORMAÇÃO DOS QUILOMBOS RIO DO MEIO E SÃO ROQUE NO ESTADO DO PARANÁ.....	- 163 -
5	COMÉRCIO: COMPRAS E FORMAS DE PAGAMENTOS ENTRE NACIONAIS E ESTRANGEIROS NA COLÔNIA IVAÍ	- 190 -
5.1	O QUE ESTRANGEIROS E NACIONAIS COMPRAVAM NOS ARMAZÉNS DA COLÔNIA IVAÍ?	- 190 -
5.1.1	Produtos comprados pelos afrodescendentes do quilombo Rio do Meio no armazém de elias	- 194 -
5.1.2	Produtos adquiridos pelos imigrantes europeus.....	- 202 -
5.1.3	Produtos comprados pelos possíveis descendentes de portugueses ...	- 221 -

5.2	FORMAS DE PAGAMENTOS DAS COMPRAS REALIZADAS NO ARMAZÉM DE ELIAS.....	- 231 -
5.2.1	MÉTODOS DE PAGAMENTOS UTILIZADOS PELOS DESCENDENTES DE PORTUGUESES	- 231 -
5.2.2	FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELOS IMIGRANTES EUROPEUS	- 235 -
5.3.3	Formas de pagamentos utilizadas pelos afrodescendentes.....	- 249 -
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	- 266 -
	FONTES	- 270 -
	<i>FONTES ICONOGRÁFICAS.....</i>	- 270 -
	<i>FONTES ORAIS.....</i>	- 270 -
	<i>FONTES MANUSCRITAS.....</i>	- 270 -
	REFERÊNCIAS.....	- 274 -
	APÊNDICE 1 – POPULAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ DESCRITA POR NACIONALIDADE CONFORME DATAS DOS RECEPIMENTOS REALIZADOS PELO IBGE.....	- 282 -
	APÊNDICE 2 – RELAÇÃO DOS COLONOS RESIDENTES EM LOTES URBANOS E RURAIS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1915 NA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ	- 282 -
	APÊNDICE 3 – POPULAÇÃO DA COLÔNIA FEDERAL DE IVAÍ CONFORME DADOS DOS CENSOS REDIGIDOS PELO ZELADOR DA COLÔNIA DE 1915-1924.....	- 283 -
	APÊNDICE 4 – NÚMERO E PORCENTAGEM DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E ADULTOS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	- 283 -
	APÊNDICE 5 – NATURALIDADE DOS FALECIDOS EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX POR DÉCADAS.....	- 284 -
	APÊNDICE 6 - NATURALIDADE PATERNA DAS CRIANÇAS FALECIDAS EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX POR DÉCADAS	- 284 -
	APÊNDICE 7 – NÚMERO E PORCENTAGEM DE HOMENS E MULHERES QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	- 285 -

APÊNDICE 8 – NATURALIDADE POR AGREGAÇÃO E PORCENTAGEM DAS PESSOAS QUE SE CASARAM EM IVAÍ NAS TRÊS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	- 285 -
APÊNDICE 9 – POPULAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ DESCRITA POR COR CONFORME DATAS DOS RECENSEAMENTOS REALIZADOS PELO IBGE.....	- 286 -

1 INTRODUÇÃO

Convido você leitor a “caminhar” pela Europa e pelo Brasil na leitura dessa tese e migrar para a colônia Ivaí localizada no Estado do Paraná. Nela, você viajará para o passado e embarcará junto com brasileiros e estrangeiros em busca de uma vida melhor. Entenderá por que muitas pessoas deixaram a Europa em fins do século XIX e início do XX, e mudaram-se para a América, mais especificamente para o Brasil. Portanto, essa pesquisa gira principalmente em torno dos temas imigrações e migrações. Tem como principal objeto de estudo a colonização e povoamento da atual cidade de Ivaí. O objetivo inicial foi descobrir quando e de onde vieram os habitantes que formaram os quilombos de Rio do Meio e São Roque. Porém, a pesquisa acabou tomando rumos mais amplos e abarcando tanto a existência de imigrantes europeus quanto de brasileiros que habitavam o local.

Sabe-se que os afrodescendentes foram introduzidos no Brasil como mão de obra escrava no período colonial. Devido aos maus tratos e à própria exploração, muitos deles acabaram fugindo e formando diversas comunidades no meio da mata, como é o caso do famoso Quilombo dos Palmares. De acordo com Clóvis Moura, um dos pioneiros no estudo sobre quilombos, “o quilombo foi, incontestavelmente a unidade básica de resistência do escravo. Pequeno ou grande, estável ou de vida precária, em qualquer região onde existia a escravidão, lá se encontrava ele como elemento de desgaste do regime servil”¹. Embasado nessas considerações, esse estudo levanta dados sobre a origem dos quilombolas que se estabeleceram em Ivaí. Demonstra de onde teriam vindo, quando teriam chegado, se seriam escravos ou descendentes desses.

Sendo assim, antes de adentrar propriamente na problemática, cabe aqui deixar claro o que se entende por quilombo remanescente. Quilombolas são comunidades formadas, sobretudo, por pessoas negras que preservam certas tradições culturais de seus antepassados. Segundo Zulu Araújo:

¹ MOURA, Clóvis. **Quilombos Resistência ao Escravismo**. 3º ed. São Paulo, Ática, 1993, p.24.

As comunidades remanescentes de quilombos caracterizam-se, em sua maioria, por serem de predominância negra, rurais, com atividades socioeconômicas que integram a agricultura de subsistência, atividades extrativas (minerais e/ou vegetais), pesca, caça pecuária tradicional (pequena quantidade de animais de pequeno, médio e grande porte), artesanato e agroindústria tradicional e/ou caseira voltada principalmente para a produção de farinha de mandioca, azeites vegetais e outros produtos de uso local que normalmente são comercializados também.²

Com a constituição de 1988, muitas dessas terras ocupadas pelos afrodescendentes passaram a ser legitimadas, conforme aponta o artigo 68: “Aos remanescentes de comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva devendo o Estado emitir-lhe os títulos respectivos”.³

Contudo, esse reconhecimento não ocorreu de forma homogênea em todas as regiões habitadas por afrodescendentes, muitas comunidades já foram legitimadas e outras ainda nem sequer estão em processo de reconhecimento. Quanto aos atuais quilombos remanescentes do município de Ivaí, esses só tiveram suas terras legalizadas oficialmente na primeira década do século XXI (16/04/2007)⁴. Foi em função desse fato que a problemática desse estudo começou a ser pensada, pois durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, que tratou das práticas comerciais entre os imigrantes que habitavam a colônia federal de Ivaí⁵ na primeira metade do século XX, foi possível constatar nas fontes que parte da colônia foi construída a partir de 1907 em cima da área do quilombo remanescente de São Roque. Porém, os mapas desse período e os dados da população registrados pelo zelador Rogaciano Antunes Ribeiro⁶, em momento algum mencionaram a existência dessas pessoas no local. Os afrodescendentes foram tratados como invisíveis perante os censos que eram repassados para o governador, e o mesmo equivale para as plantas de lotes construídas nesse período. Refletindo sobre essas informações, cabe se

² ARAUJO, Zulu. **Palmares tempo de cidadania e diversidade**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/> (Acesso em: 25 de setembro de 2011).

³ CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm (Acesso em: 24 de setembro de 2011)

⁴ <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/1-crqs-certificadas-ate-25-10-2013.pdf>. Acesso em 23 de junho de 2014.

⁵ Hoje atual município de Ivaí.

⁶ Responsável pelo levantamento de dados referentes a colônia Ivaí.

perguntar: que espaços sociais eram construídos na região de Ivaí, mais especificamente em São Roque? Quem chegou primeiro no local? De onde vieram? Como sobreviviam? Ivaí possuía escravos ou vieram de outras regiões brasileiras? Eram descendentes de escravos?

Levando em conta esses questionamentos, sabe-se que as políticas imigratórias foram desenvolvidas no Brasil tanto para substituir a mão de obra escrava quanto para produzir alimentos, preencher os chamados vazios demográficos e clarear a raça brasileira⁷, portanto essa pesquisa demonstra como esses objetivos estiveram presentes em Ivaí e foram aplicados nessa sociedade.

Isso, de certa forma, justifica a importância desse estudo que contribui para o aumento de pesquisas sobre a presença dos afrodescendentes e da escravidão no Paraná. Presença que já foi abordada de diferentes formas por autores tais como Romário Martins⁸, Enezila de Lima⁹, Eduardo Spiller Pena¹⁰, Carlos Alberto Medeiros Lima¹¹, entre outros.

Jornalista e um dos principais nomes do Movimento Paranista, Romário Martins escreveu a obra *História do Paraná*¹² com um viés positivista. Acreditava no progresso paranaense e ao tratar dos negros que foram trazidos para o Brasil, possuía uma visão etnocêntrica. Para ele, o negro era considerado um ser inferior e a introdução de imigrantes europeus era de fundamental importância para o progresso do Brasil.

Segundo o autor, o Paraná não foi formado com base no uso da mão de obra escrava devido ao fato de não ter sido colonizado economicamente visando o mercado externo. A economia estava baseada na pecuária e nas pequenas lavouras buscando o suprimento de alimentos no mercado interno, o que para ele não necessitava de mão de obra escrava como no Sudeste cafeicultor e Nordeste

⁷KOSS, Lucimara. **Comércio & Sociedade: as múltiplas funções dos armazéns de Ivay-Pr na primeira metade do século XX**. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2013, p. 37-39.

⁸ MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

⁹ LIMA, Enezila de. **A vila de Curitiba: 1765-1820 estudo da dinâmica econômico-social de uma comunidade**. São Paulo: USP, 1982, (Tese de Doutorado).

¹⁰ PENA, Eduardo Spiller. O jogo da face. **A astúcia escrava frente aos senhores e à lei na Curitiba Provincial**. Curitiba: Quatro Ventos, 1999.

¹¹ LIMA, Carlos. A. M. **Pequena diáspora: migrações de libertos e de livres de cor (Rio de Janeiro, 1765 – 1844)**. In: Locus, Revista de História. V.6, nº 2, 2000.

¹² MARTINS, Romário. 1995. Op. Cit.

açucareiro. Em função dessa análise, para Romário Martins, o negro pouco teria contribuído para a formação do Estado paranaense.

Em sua tese de doutorado em História Social defendida na Universidade de São Paulo (USP) em 1982¹³, Enezila de Lima mantém visão semelhante a de Romário Martins. Segundo a autora, no início da colonização das terras paranaenses a economia esteve basicamente voltada para pecuária e para a agricultura de subsistência, o que praticamente dispensava a utilização de mão de obra escrava. No entanto, Lima não nega a existência da escravidão no Paraná e, diferentemente de Romário Martins, aborda a presença da escravidão nesse Estado conforme o contexto. Afirma que apesar de a grande maioria das atividades econômicas estarem voltadas para a subsistência, com a produção aurífera na região de Minas Gerais, passaram a existir fazendas paranaenses em que se praticava a agropecuária visando o comércio interno e o negro esteve presente como mão de obra escrava nesses lugares. O mesmo ocorreu com a erva-mate em que o não branco foi utilizado como mão de obra escrava, tanto na extração do produto quanto no transporte até os portos de Paranaguá.

Além desses autores que examinaram a presença do negro e da escravidão na Província do Paraná em diferentes períodos, vale citar ainda os estudos de Eduardo Spiller Pena. Em 1999, o autor publicou a obra “O jogo da face”¹⁴. Essa abordou tanto a presença do negro quanto da escravidão na formação da sociedade paranaense. Sob um viés diferente dos autores citados anteriormente, Pena procurou demonstrar para o leitor que além de o escravo marcar presença na formação da sociedade curitibana, esse era um sujeito atuante que sabia utilizar estratégias para burlar o sistema ou até mesmo utilizá-lo a seu favor.

Apesar de ter havido estudos que apontaram o uso de mão de obra escrava africana em algumas regiões paranaenses, sabe-se muito pouco sobre como se formou os dois quilombos no atual município de Ivaí. Em relação a bibliografia ivaiense, pode-se dizer que os trabalhos dividem-se basicamente da seguinte forma: de um lado os que focam suas discussões na importância dos imigrantes; de outro, os que se detêm a importância dos negros que se

¹³ LIMA, Enezila de. 1982. Op. Cit.

¹⁴ PENA, Eduardo Spiller. 1999. Op. Cit.

estabeleceram na região; e por fim, textos que não tem como foco de estudo a imigração europeia ou a presença dos quilombolas em Ivaí.

Algumas pesquisas foram escritas de forma a defender os negros que se estabeleceram em Ivaí (formaram os quilombos de São Roque e Rio do Meio), e outras a defender o branco que veio para formar a colônia federal Ivaí. Em relação à existência de uma terceira linhagem, esta não atribui importância a um grupo específico. Aborda a presença de diferentes povos conforme as discussões relacionadas ao seu objeto de estudo. Esse é o caso da dissertação de mestrado intitulada *Comércio e Sociedade: as múltiplas funções dos armazéns de Ivay/PR na primeira metade do século XX*¹⁵. A mesma tem como objetivo principal discutir que tipo de espaços sociais os armazéns poderiam ser. Dentro desse intuito traz dados relevantes sobre a presença dos negros como sujeitos ativos nesses espaços. Eles entram e saem de cena nos escritos da dissertação à medida que circulam pelos espaços das casas comerciais da região. O mesmo ocorria com os demais consumidores (imigrantes europeus). De acordo com os nomes dos clientes registrados nos documentos (livros caixa), foi possível perceber que os armazéns também eram espaços frequentados pelos afrodescendentes que residiam onde hoje é a comunidade de Rio do Meio. Esse assunto será melhor aprofundado no final dessa tese ao abordar as práticas comerciais de cada povo que se estabeleceu em Ivaí.

Outro trabalho que pode ser citado nessa linhagem chama-se *Resgate Histórico do Município de Ivaí*¹⁶. Livro de autoria coletiva, fez um apanhado geral de como surgiu cada comunidade que compõe o atual município de Ivaí. Dentro desse processo de formação, foi possível identificar a presença de africanos, italianos, poloneses, alemães, ucranianos, russos, caboclos, portugueses, brasileiros, indígenas, bem como descendentes de todos esses grupos que foram citados. Deu a sua devida importância a cada grupo conforme suas contribuições para formação da localidade em que habitavam, porém não especificou quem seriam os brasileiros e caboclos.

¹⁵ KOSS, Lucimara. Op. Cit. 2013.

¹⁶ Departamento de Educação e Cultura de Ivaí. **Resgate Histórico do Município de Ivaí**. Ponta Grossa-PR: Planeta, 2001.

Em relação aos estudos voltados para a importância dos imigrantes, pode-se citar a revista *História da imigração ucraniana no município de Ivaí*¹⁷. Essa faz um apanhado geral de quando os imigrantes ucranianos se estabeleceram na região. Dentro desse processo cita a presença de holandeses, alemães, poloneses, ucranianos e de caboclos. Da ênfase aos ucranianos como povo guerreiro que venceu muitas dificuldades e foi de fundamental importância para o desenvolvimento do município de Ivaí. Destaca que antes da chegada dos imigrantes ucranianos “Ivaí era um recanto abandonado” e havia na região barracos habitados por caboclos. Não define quem seriam esses caboclos, no entanto, demonstra que o local já era habitado antes da chegada dos imigrantes europeus.

No que diz respeito aos estudos voltados para os quilombos de Ivaí, pode-se citar o trabalho intitulado *Experiências da escravidão e formação de comunidades quilombolas no Paraná*¹⁸. O mesmo teve como objeto de pesquisa duas comunidades quilombolas localizadas no Estado do Paraná: Quilombo de São Roque no município de Ivaí; e quilombo Serra do Apon no município de Castro. Em referência a parte que se volta para o quilombo de São Roque, aparece a presença de três grupos sociais na região: Indígenas, africanos e europeus. Os indígenas foram mencionados ao abordar a chegada dos negros no local. Para os autores, o quilombo foi formado por africanos fugitivos de outras regiões brasileiras ainda no século XVIII. Em relação ao contato entre indígenas e africanos, o mesmo foi colocado de forma amistosa. Segundo os autores: “Há indícios de que indígenas viviam na região e de que membros da comunidade se casaram com os índios”¹⁹. Já em relação à presença dos imigrantes europeus, esta foi abordada de forma conflituosa. A chegada dos europeus teria dispersado os negros, levando-os a se dividirem em dois grupos: quilombo de São Roque e

¹⁷ Revista **Exclusiva** publicada em comemoração ao centenário da imigração ucraniana em Ivaí (1908-2008). Prudentópolis: PR, Centro Sul do Paraná LTDA, julho de 2009.

¹⁸ MESSOMO, Frank; SEMPREGOM, Roselene. Experiências da escravidão e formação de comunidades quilombolas no Paraná. In: **Revista sociedade e cultura**. Goiânia, vol. 16, nº 1, p. 193-203, jan/jun. 2013.

¹⁹ Idem MESSOMO, Frank; SEMPREGOM, Roselene. p. 202.

Rio do Meio. Além da dispersão, o imigrante foi colocado como rival dos afrodescendentes perante a posse da terra.

Analogamente a essa abordagem, pode-se citar o trabalho *A História de um Povo*. O mesmo é de autoria de Gildo Antonio Vicente e Gilma de Farias Zimmer²⁰. A pesquisa conta como surgiu o quilombo do Rio do Meio que hoje compõem uma das comunidades do atual município de Ivaí. Para os referidos autores o município de Ivaí foi formado basicamente por dois grupos sociais: imigrantes de origem europeia e afrodescendentes. Ambos teriam sido de fundamental importância para a formação de Ivaí. Sobre as relações entre esses grupos, primeiramente eram de distanciamento e com o passar do tempo passaram a ser de integração. Portanto, menciona que inicialmente as relações entre os negros que habitavam a região e os grupos de imigrantes europeus eram conflituosas. Os brancos eram proibidos de frequentar as festas religiosas dos negros. Conforme afirmam os autores: “Por algum tempo não foi admitido nas festas das comunidades receber grupos de imigrantes europeus. Posteriormente tornou-se comum a presença de grupos de diversas regiões de Ivaí”.²¹

Por fim, pode-se citar os trabalhos de Raphael Pagliarini. No texto intitulado: *A construção de identidades negras na região Sudoeste do Paraná: as comunidades quilombolas de São Roque e Rio do Meio (Ivaí, 1990-2013)*²², o autor defende a ideia de que a historiografia local silencia a presença dos negros na região. Conforme afirma:

Suprimidos algumas vezes por histórias oficiais os afrodescendentes foram silenciados em projetos que reivindicaram uma suposta origem branca e europeizada. No caso do município de Ivaí-PR, a situação não é muito distinta. No texto publicado na internet, na página da Prefeitura Municipal, temos uma pequena amostra de como o

²⁰ VICENTE, Gildo Antonio; ZIMMER, Gilma de Farias. **A história de um povo**. Ivaí: Editora Gráfica B&D, 2016.

²¹ Idem VICENTE, Gildo Antonio; ZIMMER, Gilma de Farias. 2016. p. 45.

²² PAGLIARINI, Raphael. **A construção de identidades negras na região Sudoeste do Paraná: as comunidades quilombolas de São Roque e Rio do Meio (Ivaí, 1990-2013)**. Anais do II Seminário Internacional do tempo presente, 13 a 15 de outubro de 2014, Florianópolis, SC. Disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/tempopresente/paper/viewFile/169/108>. Acesso em 08 de setembro de 2016.

elemento negro é omitido em detrimento a uma descendência europeia.²³

Na íntegra do trabalho, percebe-se na escrita de Pagliarini, um discurso de que a população descendente de imigrantes omite a presença negra, e uma defesa dos negros contra essa negligência. Portanto, nessa análise aparecem dois grupos, de um lado os negros que se estabeleceram na região, e de outro os imigrantes europeus.

Em outro texto intitulado *O trabalho e a terra: memórias de idosos nas comunidades quilombolas de São Roque e Rio do Meio; Ivaí-PR*²⁴, Pagliarini argumenta que a inexistência de uma definição sobre a chegada dos negros na região é fruto dessa própria negligência historiográfica. Em sequência, embasado na utilização de duas fontes orais, explorou nos discursos a relação dos negros com a terra. Pode-se dizer que no transcorrer das páginas do trabalho, as fontes são utilizadas de forma a argumentar que os negros que se estabeleceram na região são vítimas tanto do silêncio historiográfico, quanto das políticas migratórias que se desenvolveram no local.

Ainda segundo o autor, primeiramente os moradores dos quilombos teriam entrado em disputa (conflito) pela terra com os fazendeiros da região, e em seguida com os imigrantes europeus. Sobre a presença dos fazendeiros, a pesquisa não menciona se esses eram portugueses, brancos nacionais, espanhóis, europeus, indígenas, enfim, não traz a identificação dos mesmos. Já em relação aos imigrantes europeus esses eram ucranianos, poloneses e alemães. Para Pagliarini tanto a presença de fazendeiros quanto a chegada dos imigrantes europeus geraram conflitos com os negros e cisões do grupo, isso pode ser identificado no trecho a seguir:

A despeito das indefinições sobre a presença dos negros na região, a vinda desses sujeitos iniciou um processo de disputas e negociações que se estende até os dias de hoje. As relações que inicialmente se

²³ Idem PAGLIARINI, Raphael. 2014, p. 5-6.

²⁴ PAGLIARINI, Raphael. **O trabalho e a terra: memórias de idosos nas comunidades quilombolas de São Roque e Rio do Meio; Ivaí-PR**. II Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO de 12 a 15 de maio de 2015. Pg. 2. Disponível em: http://www.cih2015.eventos.dype.com.br/resources/anais/4/1435539767_ARQUIVO_OTRABALHO_EATERRA_MEMORIASDEIDOSOSNASCOMUNIDADESQUILOMBOLAS.pdf Acesso em 02 de outubro de 2015.

davam principalmente com os grandes fazendeiros da região, foram se expandindo a partir do final do século XIX e início do XX. Com a chegada de poloneses, ucranianos e alemães que passaram a habitar aquele espaço, os negros receberam novos interlocutores [...]. Compostas atualmente por cerca de 70 famílias, as duas comunidades faziam parte de um único grupo. Entretanto, a ocupação de suas terras, a partir do século XIX, por parte dos imigrantes europeus que chegaram à região, gerou uma fragmentação do território e uma disputa com os recém-chegados. Direcionados com o aval do Estado, ao se estabelecerem na região, os “imigrantes” modificaram a dinâmica vivenciada até então pelos negros. Da mesma forma, essa presença branca traçou os contornos de uma memória construída para a região.²⁵

Em relação ao conflito entre imigrantes europeus e negros que foram apontados por alguns autores até o presente momento, Renata Sopelsa²⁶ relatou processo semelhante na cidade de Ponta Grossa no Estado do Paraná. Porém, nesse caso, é preciso destacar a diferença entre as duas sociedades. Enquanto a colônia federal Ivaí foi formada em uma região onde precisaria cortar a mata para desenvolver as práticas agrícolas, Ponta Grossa teve sua economia voltada principalmente para a criação de gado e tropeirismo. Nesse sentido, as relações entre migrantes internos negros e europeus vão ocorrer de formas diferentes nessas duas sociedades.

No caso da região onde foi construída a colônia Ivaí, não há indícios de que a escravidão esteve presente exatamente nesse local, conforme será trabalhado no texto dessa tese, os negros que ali se estabeleceram acabaram migrando de outras partes do Brasil. Já em relação à cidade de Ponta Grossa, a mesma utilizou a mão de obra escrava tanto em atividades agrícolas baseadas em uma economia de subsistência, quanto em relação à criação de gado e ao tropeirismo. Portanto, os imigrantes foram introduzidos em duas economias distintas, enquanto Pagliarini afirma que os membros dos quilombos de Ivaí entraram em conflito com os imigrantes europeus pela disputa da terra, Sopelsa destaca que em Ponta Grossa os imigrantes é que tiveram dificuldades para se

²⁵ PAGLIARINI, Raphael. 2015. Op. Cit. p. 2.

²⁶ SOPELSA, Renata. **“Pretos e polacos de cabeça quente”: um estudo sobre relações de poder e conflito envolvendo imigrantes (Ponta Grossa, final do século XIX)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho de 2011. Disponível em http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300903976_ARQUIVO_RSOPELSA-TEXTOCOMPLETOANPUH-2011.pdf Acesso em 02 de outubro de 2015.

inserir na sociedade. Segundo a autora, os mesmos não conseguiram “escapar do embate com os grupos nacionais, fossem eles ricos ou pobres, brancos ou pretos”.²⁷ Nesse caso, a autora afirma que a dificuldade de inserção do imigrante se deu em função da má conduta dos já “estabelecidos” em Ponta Grossa muito antes da chegada dos imigrantes europeus:

[...] Tocando violão, cantando ou dançando, jogando e namorando, os imigrantes estão presentes em todas as “festas” narradas nos processos. Nas suas falas aos delegados e juizes, os bailes são descritos sempre como sendo “de sociedade”, “de boa sociedade”, “de família”. Terminam em desavenças, mas isso se deve aos brasileiros, que não sabem respeitá-los, que forçam a entrada, não respeitam as mulheres, e que advertidos sobre a conduta inadequada os agridem, seja com golpes de porrete, com facadas e „facãozadas”, seja a tiros ou com um copo de cachaça lançado à cabeça [...] O outro conflito, gerido a par, se dava entre eles, os outsiders, e as famílias estabelecidas e donas do poder político e jurídico da cidade. Para esse grupo, que buscava normatizar o comportamento e os hábitos no espaço urbano, não raro opondo-se às práticas populares ou classificando-as como sinais de atraso cultural de uma nação que se queria similar a Europa, esses novos moradores eram representantes de uma classe de desordeiros, bagunceiros, eram indivíduos fora das normas [...] imigrantes forçosamente passaram por percalços, angústias e enfrentamentos para conseguir seu lugar nessa figuração social[...] ²⁸

Portanto, levando-se em conta todas as discussões elencadas até o presente momento, pode-se dizer que alguns autores tendem a defender os estrangeiros e outros os nacionais. A respeito da historiografia que tem Ivaí como recorte espacial de pesquisa, percebe-se que o município possui uma história intimamente ligada à imigração europeia, porém nota-se a importância de outros sujeitos além dos imigrantes europeus e seus descendentes. Nesse ponto, sobretudo, surge a importância de atores históricos/sociais como os afrodescendentes, descendentes de portugueses e os indígenas. Porém, o que se pode concluir até aqui é que a historiografia não conseguiu sair da dicotomia afrodescendente versus imigrante europeu. Importante deixar claro que alguns trabalhos, a maior parte deles, não tinham esse objetivo.

Sem minimizar a importância dos trabalhos discutidos, uma observação acerca de alguns deles é necessária: o número limitado de fontes. Quatro deles

²⁷ Idem SOPELSA, Renata. 2011. p. 2.

²⁸ Idem SOPELSA, Renata. p. 6-7-8.

tem como fonte para a fundamentação de suas hipóteses apenas duas fontes orais. Interessante que são estudos que usam as mesmas fontes (entrevistas com as mesmas duas pessoas) e se ignoram (um autor não cita o outro).

A dificuldade de se determinar quais são as vertentes teóricas e metodológicas da bibliografia acerca de Ivaí é grande. Difícil falar de uma historiografia sobre Ivaí, pois nem todos os estudos são de historiadores de ofício e se descartarmos os textos não realizados por profissionais de História reduz-se o número de trabalhos a serem analisados. No entanto, diferentemente de estudos com vasta produção acadêmica, os trabalhos sobre Ivaí ainda são poucos e por essa razão nada pode ser desconsiderado. Todos os escritos trazem contribuições sobre que tipos de povos se estabeleceram no local, e podem ser de fundamental importância para descobrirmos pistas de onde e quando migram.

Para atingir esse objetivo e responder todos os questionamentos que foram levantados até o presente momento, foi utilizado como metodologia a história oral e a análise de fontes escritas. De acordo com Antônio Torres Montenegro, “o depoimento oral e as fontes documentais escritas se completam, embora requeiram tratamento técnico/metodológico específico”.²⁹ Para Thompson:

A evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história à distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os "objetos" de estudo em "sujeitos", contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.³⁰

Do mesmo modo, de acordo com Lucila de Almeida Neves Deogado, a história oral é: “uma metodologia primorosa voltada à produção de fontes de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber”.³¹ Tanto os dados fornecidos por fontes orais quanto escritas se complementam. Conforme

²⁹ MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2007. p.22.

³⁰ THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo, Paz e Terra S. A, 1992. p 137.

³¹ DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.44.

afirma Verena Alberti: “a entrevista tem valor de documento, e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam”.³²

[...] a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo [...] Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.³³

Apesar desta complementaridade metodológica das fontes, deve-se lembrar que as reconstruções do passado sempre vão ser fragmentadas. “A história que se escreve de maneira consciente e inconsciente está marcada pela época em que se vive”.³⁴ Os fatos são construções humanas passíveis de serem reconstruídos e interpretados de diferentes formas. Essas interpretações são influenciadas pelo presente de cada intérprete. Segundo Alberti:

É impossível reproduzir o passado em todos os seus meandros e acontecimentos os mais banais, tal qual realmente aconteceu. A história, como toda atividade de pensamento, opera por descontinuidades: selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar o que passou.³⁵

As duas formas, oral e escrita, proporcionam, portanto, “um conhecimento indireto do passado, baseado em testemunhos e vestígios. A história não mostra o vivido ao vivo, diretamente”.³⁶ A fonte oral guarda somente fragmentos do passado na memória, assim como a própria documentação escrita é estilhaçada pelo tempo. O historiador só encontra resquícios do passado.

De acordo com Delgado: “O passado apresenta-se como vidro estilhaçado de um vitral antes composto por inúmeras cores e partes. Buscar recompô-lo em sua integridade é tarefa impossível”.³⁷ Cada sujeito compreende e sente o mundo diferentemente influenciado por seu tempo, por sua época, tornando as interpretações de suas experiências únicas. Os fatos em si, tal qual

³²ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 18

³³ Idem ALBERTI, Verena. 2004. p. 19.

³⁴ MONTENEGRO, Antônio Torres. Op. Cit. p. 10.

³⁵ ALBERTI, Verena. 2005. Op. Cit. p, 13-14.

³⁶ REIS, José Carlos. **História e teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2007.p.151.

³⁷ DELGADO, Lucila de Almeida. 2006. Op. Cit. p.36.

aconteceram, não retornam jamais para serem analisados, a não ser como representação.

Nesse sentido, segundo Ginzburg, o trabalho do historiador “é comparável ao do médico que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. E, como o médico, o conhecimento histórico é indireto e indiciário, conjectural”.³⁸ Através das fontes que trazem pistas, indícios, fragmentos do passado tais como: relatórios do zelador da colônia federal de Ivaí, mapas, certidões de batismo, relatos de fontes orais, certidões de óbito, certidões de casamento, livros caixa, relatórios dos presidentes da província paranaense, entre outras, juntou-se os dados de todas essas fontes para levantar o maior número possível de informações sobre a população de Ivaí de fins do século XIX e início do XX. Portanto, as questões que foram propostas acima serão resolvidas tanto através do uso da metodologia da história oral, quanto do método indiciário proposto por Carlo Ginzburg³⁹.

Nesse aspecto, a utilização da multiplicidade de fontes, além de possibilitar estabelecer uma comparação entre as informações, permite a construção de uma complementaridade entre elas. É nesse sentido que o uso da metodologia da história oral possibilita que o historiador amplie a sua interpretação sobre as demais fontes e questione ou complemente os dados das fontes escritas. Conforme afirma Verena Alberti:

[...] Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações.⁴⁰

O mesmo equivale para a história oral, as informações levantadas por cada fonte oral podem ser questionadas ou completadas por documentos escritos. Entre outras palavras, ao mesmo tempo em que podem fortalecer uma

³⁸ GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.157.

³⁹ GINZBURG, Carlo. **A micro história e outros ensaios**. Lisboa: Defil, 1989.

⁴⁰ ALBERTI, Verena. 2005. Op. Cit. p. 19.

mesma informação, podem gerar dúvidas e trazer elementos novos sobre os mesmos fatos.

Diante dessa inter-relação entre diferentes tipologias de fontes que foram utilizadas no transcorrer da pesquisa, dentre as fontes escritas destacam-se relatórios⁴¹ feitos pelo zelador Rogaciano Antunes Ribeiro da colônia federal de Ivaí nas primeiras décadas do século XX (relatórios que eram enviados para o representante do Estado paranaense). Neles consta quando os imigrantes chegaram à região; quais etnias se estabeleceram no espaço em que os povos quilombolas residiam e residem; quantos templos religiosos existiam; quantas casas; que tipo de produtos agrícolas eram produzidos; quantas pessoas existiam em cada ano e de quais nacionalidades. Além de informações como essas, o que mais chama a atenção nessas fontes são os relatos que o zelador fazia em relação ao desenvolvimento da colônia federal de Ivaí e da adaptação dos imigrantes nesse local.

Também foram utilizados mapas/plantas⁴² com informações sobre os espaços da colônia federal Ivaí do ano de 1912, período de chegada dos imigrantes na região e divisão das terras entre eles. Através dos números dos lotes que constam na planta, foi possível consultar os títulos de propriedades que estão disponíveis no Instituto Ambiental do Paraná, e saber quais famílias de imigrantes europeus ocuparam determinado espaço. Por meio dessas informações, também foi possível buscar fontes orais para obter dados sobre esse processo e seus possíveis desdobramentos.

⁴¹ RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Recenseamento da população do núcleo Ivay em 31 de dezembro de 1915**. Localização do arquivo: prefeitura Municipal de Ivaí (A. P. M. I).

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Registros de entradas de imigrantes e migrantes**. Localização dos registros: A.P.M.I.

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Registro de saída de imigrantes durante o ano de 1915**. Localização do arquivo: A.P.M.I.

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Quadro demonstrativo elaborado sobre as criações de animais e aves existentes no núcleo colonial de Ivay em 31 de dezembro de 1915**. Localização do quadro demonstrativo: A. P. M. I.

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Registro de casas particulares, escolas, templos, máquinas, carroças, estabelecimentos comerciais e industriais**. 1915. Localização dos registros: A. P. M. I.

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Relatório da produção agrícola de 1915**. A. P. M. I.

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Relatório do Núcleo Colonial de Ivaí enviado ao presidente da província em 1915**. Localização do relatório: A. P. M. I.

⁴² JUNIOR DUCAL, Theophilo. **Planta do núcleo colonial Ivaí de 1912**. Arquivo: Instituto Ambiental do Paraná (IAP).

Além dessas fontes, foram utilizados livros caixas, que também podem ser denominados como registros de consumo, arquivos comerciais ou livros de compra e venda dos armazéns de Ivaí. Mais especificamente, foram utilizados livros caixa de dois estabelecimentos comerciais⁴³. Eram armazéns que tanto os afrodescendentes quanto os imigrantes europeus frequentavam na primeira metade do século XX.

Essas fontes revelaram uma série de elementos tanto dos imigrantes europeus quanto dos quilombolas e brasileiros descendentes de portugueses que se estabeleceram no local, pois de acordo com Michael de Certeau as casas de comércio são para o observador:

[...] um dos lugares privilegiados para verificar a “sociabilidade” dos usuários, o lugar onde se elaboram as hierarquias típicas da rua, onde se espanam os papéis sociais do bairro (a criança, o homem, a mulher etc.), onde se “massificam” as convenções sobre as quais se entendem as personagens momentaneamente reunidas no mesmo palco.⁴⁴

Nesses documentos consta o nome de cada cliente que frequentava o armazém; onde morava; os produtos que cada pessoa consumia; as formas como as mercadorias adquiridas eram pagas; entre outras informações. Por meio deles foi possível analisar os hábitos alimentares tanto dos imigrantes europeus quanto dos afrodescendentes, bem como dos brasileiros descendentes de povos europeus, e interpretar parte da vida cotidiana desses sujeitos.

Dessa forma, a análise dessas fontes também ajudou a compreender que tipos de relações se estabeleciam entre imigrantes europeus, afrodescendentes e descendentes de europeus. Do mesmo modo, possibilitou analisar os acordos entre ambos. Por fim, por meio dessas fontes, foi possível verificar tanto as táticas desenvolvidas pelo dono da casa comercial quanto às estratégias utilizadas pelos consumidores.

Tática, segundo Michel de Certeau é: “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como

⁴³ DERKASCZ, Pedro. **Registro de produtos consumidos no período de 1930 até meados da década de 1940**. Localização do arquivo: A.P.M.D.

PYETLOWANCIW, Elias. **Registro de produtos consumidos no período de 1912 até meados da década de 1940**. A.P.M.D.

⁴⁴ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. Artes de fazer**. 15. ed. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Rio de Janeiro – Petrópolis: Vozes, 2009, p.53.

totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro.”⁴⁵ A estratégia por sua vez Certeau define como estando do lado do próprio:

Chamo de estratégia o cálculo das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e, portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta [...]⁴⁶

Tanto o conceito de estratégia quanto o de tática, nessa perspectiva, foram utilizados para interpretar o cotidiano em torno das formas de pagamentos utilizadas no armazém. Pois, segundo Certeau⁴⁷, o cotidiano é composto por diversas práticas que não seguem os padrões impostos pela sociedade. Embora haja instituições políticas e sociais que tendem a normatizar as práticas a partir de estratégias com objetivos claros, no cotidiano os sujeitos através das táticas subvertem essas normas e se mostram ativos. A passividade, tida como típica dos sujeitos despossuídos é para Certeau uma ideia errônea, pois os indivíduos modificam e dão significados distintos aos lugares os transformando em espaços. Portanto, o cotidiano não é o que as normas prescrevem, mas sim o que os sujeitos fazem, como eles interpretam, inventam e executam suas ações no dia a dia.

Nesse sentido, a presente pesquisa levará em conta a concepção de que o cotidiano é reinventado a cada instante e sempre em função da interação entre estratégia e tática, ele se faz quando a norma é questionada e a realidade é ressignificada. As normas das instituições e pessoas – os “próprios” – não conseguem impedir o fraco de agir de forma autônoma, as práticas subvertem as normas. Os povos ameríndios, por exemplo, viviam sob o jugo dos conquistadores, entretanto isso não os impedia de ludibriar as normas impostas, não pela negação ou afronta delas, mas sim pelo modo como as interpretavam e as executavam⁴⁸. No caso analisado nessa tese, o cotidiano também será interpretado como algo que é produzido a partir de múltiplas práticas que

45 CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 15ª. ed. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Rio de Janeiro – Petrópolis: Vozes, 2008, p. 46.

46 Idem CERTEAU, Michel de. 2008. p. 46.

47 CERTEAU, Michel de. 1998. Op. Cit.

48 CERTEAU, Michel. 2008. Op. Cit. p. 39.

expressam conveniências. Ou seja, por diversos tipos de interesses oriundos tanto dos quilombolas quanto dos imigrantes europeus.

Levando-se em conta esses conceitos de Certeau e o método indiciário de Carlo Ginzburg⁴⁹, a observação dos nomes dos registros de consumo, possibilitou o levantamento de um emaranhado de questões sociais tanto sobre os afrodescendentes como sobre os imigrantes europeus e seus descendentes. Afinal, conforme afirma Ginzburg: “as linhas que convergem para o nome e que dele partem, compondo uma espécie de teia de malha fina, dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido.”⁵⁰ Nesse sentido, observar e seguir os nomes dos “livros caixa”, também ajudou analisar aspectos culturais de determinados sujeitos, e as próprias relações sociais entre nacionalidades distintas estabelecidas no local. O mesmo equivale para as informações tanto das certidões de óbitos quanto de batismo e casamento.

As certidões de óbitos de dois cartórios de Ivaí⁵¹, foram de suma importância para levantar dados sobre a naturalidade dos falecidos, bem como dos pais dos mesmos, e descobrir se teriam nascido em Ivaí ou migrado de outras regiões brasileiras e europeias. O mesmo equivale para as certidões de batismos e casamentos que foram utilizadas nessa tese.

Além dessas fontes, também foram analisadas mensagens dos presidentes da província do Paraná, enviadas ao congresso legislativo paranaense. Nelas foi possível levantar dados sobre a entrada de imigrantes europeus no Estado do Paraná. Do mesmo modo, sobre as políticas imigratórias paranaenses, bem como, em relação a presença de escravos no Paraná, entre outras informações de suma importância para a escrita dessa tese.

Por fim, foram interpretadas informações dos manuais produzidos pela seção Histórica do Ministério do Exterior Britânico, publicado em Londres em

⁴⁹ GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

⁵⁰ GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Defil, 1989.

⁵¹ **Registros de óbitos do Cartório de Bom Jardim do Sul**. Disponível em: <https://familysearch.org/search/image/index#uri=https%3A%2F%2Ffamilysearch.org%2Frecapi%2F%2Fwaypoint%2FMHN7-KWR%3A337683601%2C337683602%3Fcc%3D2016194>.

Registros de óbitos de Ivaí da primeira metade do século XX. Localização do arquivo: Registros de óbitos Cartório do Tabelaionato e Registro Civil Faix.

Registros de casamentos do cartório localizado em Bom Jardim no município de Ivaí/PR. Disponível em: <https://familysearch.org/> Acesso em 04 de abril de 2016.

1920⁵². Esses trouxeram informações relevantes sobre os motivos que teriam levado emigrantes europeus, sobretudo ucranianos e poloneses, deixarem a Europa e migrarem para o Brasil.

Para fortalecer a interpretação e os dados das fontes escritas, também foram utilizadas fontes orais. Tendo em mente as fragilidades tanto em relação às fontes escritas quanto orais, entende-se que fazer uso diversificado de tipologias de fontes pode contribuir para reconstruir o passado com mais criticidade. Nesse sentido, nessa pesquisa, foi de suma importância juntar os dados das fontes para chegar a tais resultados.

Utilizando-se do método indiciário, e da complementariedade entre as fontes escritas e orais, os próprios nomes e sobrenomes citados tanto nos livros caixa quanto nas certidões de óbito, batismo e casamento, direcionaram as escolhas de algumas pessoas para conversar. Nesse caso, o nome foi utilizado como um fio condutor para reconstruir as tramas sociais em que o sujeito esteve inserido em seu cotidiano.

Dentre as fontes orais foram selecionadas algumas relacionadas a imigração europeia e outras aos quilombos de Rio do Meio e São Roque. Entre elas destaca-se a conversa que foi realizada com o quilombola Hamilton Ferreira⁵³. Esse depoimento trouxe informações que ajudaram a confrontar dados de pesquisas feitas unicamente com o uso de fontes orais, e com as informações contidas nas fontes escritas utilizadas nessa pesquisa.

Em relação à forma como as fontes orais foram trabalhadas, adotou-se a metodologia descrita por Paul Thompson em sua obra *"A voz do passado"*⁵⁴. Foram colocados assuntos dos objetivos⁵⁵ da pesquisa em pauta, e as conversas

⁵² **Austrian Poland.** Handbooks prepared under the direction of the historical section of the foreign office, nº 46. London: 1920. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/9175/view/1/1/> . Acesso em 25 de junho de 2018.

Hungarian Ruthenia. Handbooks prepared under the direction of the historical section of the foreign office, nº 7. London: 1920. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/9160/view/1/1/#q=rutheno> . Acesso em 25 de junho de 2018.

The Ukraine. Handbooks prepared under the direction of the historical section of the foreign office, nº 52. London: 1920. Disponível em: <https://dl.wdl.org/9172/service/9172.pdf> . Acesso em 25 de junho de 2018.

⁵³ FERRERA, Hamilton. Entrevista concedida a Lucimara Koss em 11 de setembro de 2011.

⁵⁴ THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo, Paz e Terra S. A, 1992.

⁵⁵ Assuntos relacionados as seguintes perguntas: como esses quilombos se formaram na cidade de Ivaí sendo que não existem registros de ter havido escravidão no local? De onde os afrodescendentes vieram? Como chegaram até Ivaí? Quando chegaram?

deixavam a pessoa livre para falar sobre o tema. Após a mesma ter esgotado suas lembranças, ocorreram algumas intervenções (perguntas específicas) sobre alguns pontos dos relatos.

Por fim, uma vez que um dos principais objetivos dessa pesquisa tem como foco de estudo a ocupação da região de Ivaí por grupos sociais distintos, também se torna necessário definir duas formas distintas de ocupações territoriais: frente de expansão e frente pioneira.

Segundo José de Souza Martins⁵⁶, a frente de expansão consiste em ocupar a terra considerada devoluta tendo em vista a economia de subsistência. Nesse caso, as pessoas se expandem territorialmente (migram) em busca de terras novas para desenvolver suas atividades econômicas. Aqui a terra é ocupada para a produção e não é tratada como uma mercadoria que pode ser comercializada. Conforme afirma Marcos Leandro Mondardo e Jones Dari Goetttert:

Portanto, trata-se, na frente de expansão, de uma economia do excedente, cujos sujeitos dedicam-se, principalmente, à produção própria para subsistência e, secundariamente, à troca do produto que pode ser obtido com os fatores que excedem às suas necessidades de consumo.⁵⁷

Já em relação à frente pioneira, o que caracteriza essa forma de ocupação não é mais a economia de subsistência, mas sim o desenvolvimento da agricultura comercial. A terra passa a ser utilizada não mais como um meio de sobrevivência em que se produz o necessário, mas também como um elemento para conseguir grandes quantidades de alimentos e acumular capital. Outra característica da frente pioneira é a terra como mercadoria. A mesma transforma-se em propriedade privada e pode ser comercializada a qualquer momento. Conforme argumenta Marcos Leandro Mondardo e Jones Dari Goetttert:

⁵⁶ MARTINS, José de Souza. O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, **8**(1): 25-70, maio de 1996.

⁵⁷ MONDARDO, Leandro Marcos; GOETTERT, Dari Jones. **Frente de expansão e frente pioneira no Brasil: espaços e tempos da migração, do conflito e da alteridade**. In: Revista OKARA: Geografia em debate, v.1, n.2. João Pessoa, PB, DGECC/CCEN/UFPB, 2007, pg.10. Disponível em: www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/okara/article/download/1637/1613. Acesso em 19 de abril de 2014.

Há, na frente pioneira uma alteração nas relações com a propriedade privada da terra. Se antes na frente de expansão os posseiros, caboclos e/ou ocupantes apenas tinham o direito moral, isto é, tinham o direito da terra por estarem situados “em cima da mesma” trabalhando, na frente pioneira o direito se dá pela compra e pela imposição e regulamentação de documentos para legitimar o direito de posse da propriedade. Nesse sentido, a terra passa de um bem natural que estava à disposição do trabalho do posseiro, como valor de uso, se tornando uma mercadoria vinculada as relações de troca⁵⁸.

Em síntese, quando essas duas formas de ocupações territoriais ocorrem simultaneamente, acabam colocando em conflito formas de vidas distintas que existem sobre determinado espaço. Esses choques se dão principalmente em função da justificativa da frente pioneira que desconsidera a existência das populações que se estabeleceram em determinado espaço por meio da frente de expansão. Nesse sentido, muitas vezes, os mesmos acabam sendo expulsos das terras que cultivam devido ao fato de não possuírem título de propriedade.

Coincidência ou não, o desenvolvimento das políticas imigratórias brasileiras em fins do século XIX e início do XX, tiveram como uma de suas justificativas o preenchimento dos chamados “vazios demográficos”. Nesse aspecto, o Estado negou a existência de muitos povos que já habitavam o território e distribuiu as terras aos imigrantes europeus como se nelas não existisse ninguém. Muitos imigrantes que chegaram ao Brasil, como é o caso de milhares deles que se estabeleceram na colônia federal Ivaí, acabaram recebendo títulos de propriedades⁵⁹ que já eram ocupadas por afrodescendentes através da frente de expansão pós-escravidão. Dessa forma, tanto a definição de frente de expansão quanto de frente pioneira, serão de suma importância para compreender o processo de ocupação das terras onde hoje se localiza a cidade de Ivaí, bem como as relações que se desenvolveram em torno delas entre imigrantes europeus, brasileiros descendentes de portugueses e afrodescendentes.

⁵⁸ Idem MONDARDO, Leandro Marcos; GOETTERT, Dari Jones, 2007.

⁵⁹ KOSS, Lucimara. 2013. Op. Cit.

Vale ressaltar que tanto a concepção de frente pioneira quanto de frente de expansão, serão trabalhadas levando-se em conta a ideia de que o espaço é algo que está sempre em construção, conforme as ações dos sujeitos que o praticam. Do mesmo modo, estas discussões serão trabalhadas levando-se em conta os diversos contextos históricos que envolvem cada indivíduo que se desloca de um espaço para outro.

Nesse caso, entende-se que tanto a forma de ocupação baseada na frente de expansão quanto na frente pioneira, estão intrinsicamente ligadas ao conceito de migração, que tem como força motriz processos de repulsão e atração. Portanto, torna-se imprescindível entender os motivos que levam as pessoas a se deslocarem sobre determinado território. Isso equivale tanto para os sujeitos ligados as imigrações europeias que se estabeleceram na colônia federal Ivaí, quanto aos deslocamentos de não-brancos pós-abolição. Afinal, de acordo com Pierre Bourdieu:

[...] não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos construído os estados sucessivos no campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis [...] Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado [...].⁶⁰

Dessa forma, para entender por que muitos europeus deixaram seus países de origem para viver na colônia federal Ivaí, ou como e por que os afrodescendentes se estabeleceram na mesma região, deve-se levar em conta o contexto histórico que cada indivíduo esteve inserido. Pois as ações, as escolhas, as atitudes estão intrinsecamente ligadas as condições da sociedade em que o indivíduo vive. Ou seja, não é possível compreender certos fenômenos sem levar

⁶⁰ BOURDIEU, Pierre. “**A ilusão biográfica**”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, pp. 189 – 190.

em conta as relações sociais que envolvem cada sujeito. O contexto influencia nas ações individuais levando o sujeito a estar sempre em constantes transformações nos diversos campos em que atua.

Nesse sentido, primeiramente a tese está voltado para a ocupação das terras de Ivaí, principalmente por imigrantes europeus. Demonstra quando e por que a colônia Ivaí foi criada. Traz alguns dos motivos das migrações da Europa para a América, bem como o que teria atraído estrangeiros para o Brasil. Apresenta três formas de imigrações: temporária ou sazonal, permanente e semipermanente. Diferencia as políticas migratórias voltadas para o Sul e Sudeste brasileiro. Narra as viagens até o Brasil e traz dados relevantes sobre as expectativas criadas ao sair da Europa e a realidade encontrada no Brasil. Apresenta informações referentes ao povoamento da colônia Ivaí por imigrantes de diferentes nacionalidades europeias, bem como por brasileiros.

Em seguida, traz informações sobre migrações internas realizadas em território brasileiro tanto por nacionais quanto por estrangeiros. Do mesmo modo que as migrações internacionais, também apresenta alguns dos motivos que levavam europeus e brasileiros a migrarem de uma região para outra dentro do Brasil. Demonstra como as migrações externas interferiram nos fluxos de migrações internas. Volta-se para a presença de migrantes nacionais em terras onde foi criada a colônia federal Ivaí. Exemplifica como a região foi ocupada tanto através do processo de frente de expansão quanto pioneira. Deixa claro quem teria ocupado as terras de Ivaí muito antes da chegada dos imigrantes europeus, de onde teriam migrado e o que produziam no local. Portanto, mapeia a entrada de nacionais no local tanto por naturalidade quanto por cor e sexo.

O quarto item volta-se para as migrações internas, principalmente de não brancos após a abolição da escravidão. Demonstra, em partes, como ficou a situação do negro pós-abolição e em meio ao desenvolvimento das políticas migratórias de atração de mão de obra estrangeira. Traz dados sobre de onde teriam migrado os nacionais que faleceram em Ivaí na primeira metade do século XX, bem como os afrodescendentes. Portanto, também traz informações sobre a formação dos quilombos de Rio do Meio e São Roque existentes em Ivaí Paraná. Mapeia de onde esses indivíduos teriam migrado e quando teriam chegado ao local.

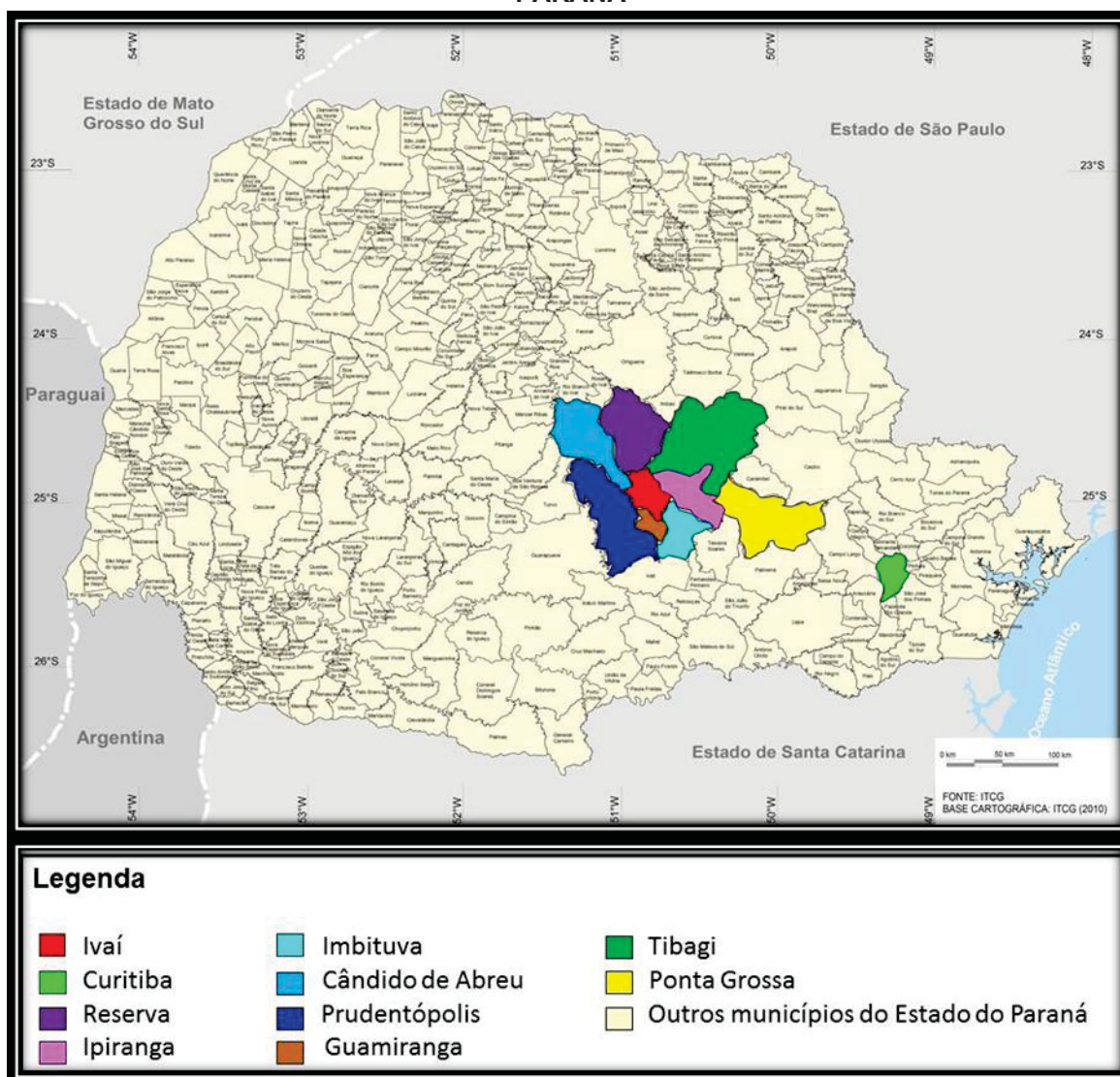
Por fim, o quinto item detém-se em analisar o que imigrantes europeus e migrantes internos compravam e vendiam nas casas comerciais de Ivaí. Aborda o que imigrantes europeus, nacionais (descendentes de portugueses) e afrodescendentes buscavam nos armazéns da região, bem como pagavam suas compras. Através da análise desses dados nos livros caixas, foi possível descobrir, pelo menos em partes, o que os habitantes do quilombo Rio do Meio consumiam e produziam na região para sobreviver. O mesmo equivale para os imigrantes europeus e demais brasileiros que se estabeleceram no local na primeira metade do século XX.

2 PROCESSO IMIGRATÓRIO E OCUPAÇÃO DA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ

2.1 BREVE LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO OBJETO DE ESTUDO

O município de Ivaí está situado na região Sudeste do Paraná a cerca de 200 Km de distância de sua capital Curitiba. O Mesmo faz fronteira com os seguintes municípios: Reserva, Ipiranga, Imbituva, Tibagi, Cândido de Abreu, Prudentópolis e Guamiranga. Veja no mapa a seguir onde está localizado:

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE IVAÍ NO ESTADO DO PARANÁ



Fonte: ITCG: IPARDES (Divisão política do Paraná 2010). Disponível em:
http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/divisao_politica_2010.jpg

Adaptado por: KOSS, Lucimara, 2017.

Conforme dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a cidade possui aproximadamente 14 mil habitantes⁶¹ e uma área de 607,848 Km². A maioria dessas pessoas é descendente de poloneses, alemães, ucranianos, africanos, indígenas, italianos, holandeses, portugueses, russos⁶².

⁶¹Dados disponíveis em:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411140&search=Iva%C3%AD%20-%20PR>. Acesso em 31 de janeiro de 2017.

⁶²KOSS, Lucimara. A diversidade étnica na formação da Colônia Federal Ivaí. In: PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende (Orgs). **Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná**. São Leopoldo: Oikos, 2016.

Em relação à economia, o município é pouco industrializado e grande parte da população reside na área rural. Segundo o censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2010 o município possuía 12.815 pessoas. Dessas, 4.629 residiam na área urbana e 8.186 na área rural⁶³. Atualmente a maioria desses habitantes sobrevivem de práticas agrícolas em pequenas propriedades. Cultivam produtos tais como: soja, tabaco, trigo, feijão, milho, erva-mate, entre outros.

Realizada essa breve apresentação geográfica do município de Ivaí, vale levantar as seguintes questões: Por que em 2019 grande parte da população de Ivaí reside em área rural e sobrevive de práticas agrícolas em pequenas propriedades? Isso tem algo a ver com o sistema de colonização implantado nesse município? De onde vieram essas pessoas que deram origem a população de Ivaí? Respostas de questões como essas foram desvendadas no transcorrer da pesquisa e ficarão explícitas ao longo do texto.

2.2 O PROCESSO IMIGRATÓRIO E A CRIAÇÃO DA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ

A atual cidade de Ivaí, localizada no Estado do Paraná, tornou-se município em 1961. De 1907 a 1961 essas terras pertenciam ao município de Ipiranga e eram conhecidas como Colônia Federal Ivay⁶⁴. Porém, o processo colonizatório vai muito além de 1907, conforme veremos ao longo do texto, segundo Veiga Lopes⁶⁵, a ocupação do local iniciou-se muito antes da formação da colônia.

Para entender como a região de Ivaí foi ocupada e por que a colônia foi criada, cabe aqui desenvolver e deixar claro para o leitor os motivos que teriam levado o governo brasileiro a elaborar e apoiar a vinda de imigrantes para este País e Estado, bem como levantar algumas explicações do porquê as pessoas migram.

⁶³ Informações disponíveis em:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=411140&idtema=1&search=parana|ivai|censo-demografico-2010:-sinopse->. Acesso em 31 de janeiro de 2017.

⁶⁴ Na época da criação da colônia escrevia-se Ivaí das seguintes formas: Ivay em alguns documentos e em outros Ivahy.

⁶⁵ LOPES, José Carlos Veiga. **Aconteceu nos Pinhais: subsídios para as histórias dos municípios do Paraná tradicional do planalto**. Curitiba: Progressiva, 2007.

Paul Collier⁶⁶ em suas pesquisas voltadas as migrações atuais, afirmou que nem sempre as pessoas que migram são as de piores condições de vida, é necessário ter dinheiro para conseguir sair de um país e ir para outro. A migração em massa reflete a desigualdade global, os indivíduos de países mais pobres tendem a migrar para países mais ricos em busca de salários melhores. Conforme o autor, em muitos casos, isso acaba se tornando um problema para países pequenos e pobres. Os que ficam geralmente vivem em extrema pobreza a ponto de não terem capital para custear as despesas de uma possível emigração. Junto a esse fator, soma-se à questão de que as pessoas que geralmente migram possuem grau de educação mais elevado. Sendo assim, os indivíduos que poderiam ajudar a desenvolver e recuperar o atraso de seu país de origem acabam migrando. Portanto, em relação as migrações atuais, para Paul Collier as pessoas são impulsionadas a migrarem por questões financeiras, geralmente deixam seu país natal em busca de capital. Nesse aspecto, pode-se dizer que o deslocamento de seres humanos de um lugar para outro, está relacionado tanto a motivos pessoais quanto sociais.

Em relação a sociedade receptora, essa também apresenta motivos para abrir suas fronteiras a estrangeiros. No caso do Brasil de fins do século XIX e início do XX, o país não recebeu somente imigrantes que tinham certo capital para migrar, conforme apontou Paul Collier⁶⁷, pois o governo brasileiro atraiu e subsidiou a entrada de milhares de europeus com diferentes condições de vida, e independente do grau de escolaridade. Foi assim que em fins do século XIX e início do XX, o país passou a ser palco de atores de diversas nacionalidades e de diferentes condições financeiras. Nesse período o governo brasileiro desenvolveu políticas de atração de europeus por uma série de motivos, entre eles: substituir a mão de obra negra por branca e livre após a abolição da escravidão; preencher os chamados vazios demográficos para assegurar a posse do território; racismo; produzir alimentos e ao mesmo tempo diversificar a economia; entre outros.

⁶⁶ COLLIER, PAUL. *How migration is changing our world*. Oxford: Oxford University Press, 2013, pp. 231-273.

⁶⁷ Idem COLLIER, PAUL. 2013, pp. 231-273.

Havia duas formas distintas de políticas imigratórias. Uma poderia ocorrer por iniciativa do governo brasileiro e outra por empreendimento particular. Segundo Angelo Trento,

Tanto nas colônias estatais como privadas, o colono recebia um título provisório de propriedade, que se tornava definitivo uma vez quitado o valor da terra, através do pagamento de parcelas anuais a partir do início do segundo ano (isto é, depois da primeira colheita), por um prazo que inicialmente era de seis anos e que depois de 1890, com a lei Glycério, passou a ser de dez anos. Sobre essas parcelas cobravam-se juros de 6% ao ano, depois elevados para 9%.⁶⁸

Além da terra, em ambas as formas de colonização o imigrante também contraía dívidas com subsídios do governo para adquirir sementes e ferramentas agrícolas. Portanto, no caso do Brasil, vale ressaltar que essas formas de colonização, em que o imigrante se tornaria proprietário, estavam voltadas mais para o Sul do País.

Em Estados como, por exemplo, São Paulo, os imigrantes eram atraídos principalmente para trabalhar nas fazendas de café. O principal objetivo não era formar colônias de imigração distribuindo títulos de propriedades aos imigrantes, mas sim atrair trabalhadores para substituir a mão de obra escrava nos cafezais. Com a abolição da escravidão em 1888, os cafeicultores precisavam de força braçal para suas lavouras, e não de pessoas para colonizar áreas devolutas e como consequência aumentar a concorrência na produção do café.

Já nos Estados do Sul do Brasil as políticas imigratórias estiveram voltadas para a concessão de terras. Informações como essas foram encontradas nas mensagens do presidente do Estado do Paraná, Dr. Vicente Machado da Silva Lima, enviada ao Congresso Legislativo em 1º de fevereiro de 1905:

A localização do colono no Paraná é um facto e a sua permanência e estabilidade no nosso meio de trabalho agrícola ou industrial, se evidenciam pelo nosso regime de colonização, que só tem frutificado aqui e nos dois Estados vizinhos, Santa Catharina e Rio Grande do Sul. De facto, já pelos seus gêneros de cultura, já pelo modo porque está distribuída a propriedade territorial, ricos Estados, como o de S. Paulo, Minas-Geraes, Rio de Janeiro e outros, não podem assegurar ao colono, emigrante dos paizes europeus, a aquisição de terra, como proprietário directo do sólo, em que tem de applicar toda a potência e productividade

⁶⁸ TRENTO, Angelo. **Miséria e esperanças: a emigração italiana para o Brasil: 1887-1902.** In: ROIO, José Luiz Del. *Trabalhadores do Brasil.* São Paulo: Ícone, 1990, p. 30.

de seu trabalho. Este facto torna excepcionalmente preferido o Estado do Paraná, como ponto de destino do imigrante, que se desloca da pátria de nascimento, em busca de trabalho e de fortuna, porque aqui e de prompto elle realiza a seu maior desejo, sempre entrevisto nos sonhos do proletariado, que trabalhado pela descrença de obter um pedaço de terra em que possa exercer a sua actividade, se atira aos mares em busca de uma segunda pátria, que lhe dê o pão e que lhe ampare as aspirações de bem estar e de liberdade. O que nos cumpre, pois, é bem aproveitar a vantagem dessa afortunada situação. Estou firme e inabalavelmente convencido da eficácia do resultado de uma propaganda criteriosa, constante e inteligentemente feita, das nossas condições especiais e que ella só pode determinar em encaminhamento da corrente immigratoria para aqui.⁶⁹

A concessão de terras a emigrantes no Sul do País tinha como intuito, sobretudo, a povoação e o desenvolvimento de pequenas propriedades agrícolas. Conforme dito, entre os principais objetivos estava: produzir alimentos, diversificar a economia, povoar áreas devolutas, desenvolver o mercado interno, assegurar posse territorial, entre outros.

O Sul do Brasil atraiu principalmente poloneses, ucranianos, alemães. São Paulo aglomerou uma quantidade significativa de imigrantes italianos, porcentagem muito maior do que nos estados sulistas. Conforme afirma Angelo Trento,

De qualquer maneira, será para São Paulo e para a economia do café que se dirigirá o grosso da nossa emigração a partir da década de 80, tanto que já em 1895 mais de 60% dos italianos residentes no Brasil tinham se fixado nessa região. Seguiam-se, bem distanciados, o Rio Grande do Sul, com 12%, Santa Catarina, com 9%, e depois Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná e Minas Gerais, com percentuais que oscilavam de 3 a 5%, enquanto os outros Estados do Brasil acolhiam, junto, pouco mais que 1% dos italianos. A força de atração de São Paulo estava destinada a aumentar o seu poder com o passar do tempo: em 1893, 30.000 dos italianos residiam em São Paulo, passando em 1897 para 650.000, e com mais de um terço da população global concentrada na capital paulista.⁷⁰

A preferência dos italianos por São Paulo ocorreu justamente devido às diferenças entre as políticas imigratórias do Sul e do Sudeste. Esses optavam por

⁶⁹ LIMA, Dr. Vicente Machado da Silva. **Mensagem ao congresso Legislativo do Estado do Paraná**. Curitiba 1º de fevereiro de 1905, p. 39-40. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1>. Acesso em 05 de junho de 2018.

⁷⁰ TRENTO, Angelo. **Miséria e esperanças: a emigração italiana para o Brasil: 1887-1902**. In: ROIO, José Luiz Del. **Trabalhadores do Brasil**. São Paulo: Ícone, 1990, p. 33.

trabalhar nas fazendas de café paulistas por acharem as propostas de trabalho um negócio mais lucrativo. Ainda segundo Angelo Trento:

[...] o insucesso das colônias em São Paulo não se deveu tanto à qualidade da terra ou às dificuldades de acesso aos centros comerciais (pelo menos muito menores que no Sul), e sim as maiores vantagens que o imigrante via em trabalhar nas fazendas de café em vez de cultivar um pequeno lote com cereais. Além disso, o objetivo dos setores que estimulava a imigração – fazendeiros e classes dirigentes – foi, desde o início e sobretudo depois de 1888, arrebanhar força de trabalho para substituir os escravos nas fazendas.⁷¹

O modo de vida levado na Europa também influenciava as escolhas dos imigrantes no Brasil. Por virem de uma região mais industrializada, o objetivo dos italianos não era se tornar pequeno proprietário de terra no Brasil⁷². Junto a isso, somava-se a preferência dos fazendeiros por imigrantes italianos devido às suas famílias serem maiores⁷³.

Diferentemente dos italianos, tanto os ucranianos quanto os poloneses preferiam escolher as propostas das políticas imigrantistas do Sul do Brasil, voltadas para a formação de colônias agrícolas. Vindos de uma região em que não eram proprietários de terras, e que viviam sob o jugo dos latifundiários, o sonho de grande parte dos poloneses era se tornar dono de propriedade agrícola. Conforme afirma Marcin Kula:

Quase nenhum polonês fixou-se no Estado ou na cidade de São Paulo. Com base em testemunhos de 1892, que provavelmente se referiam a essa cidade, viviam ali 600-700 poloneses. Em 1900 calculava-se 2.000. Por volta das décadas de 20 e 30 do nosso século, as autoridades consulares estimavam entre 2 e 3 mil os cidadãos poloneses residentes em São Paulo. De fato, em vez de se fixarem em São Paulo, os imigrantes dirigiam-se para o Paraná, Santa Catarina, ou Rio Grande do Sul, onde formavam núcleos numericamente significativos. No fim do período entre as duas guerras as autoridades consulares polonesas estimavam que no Paraná seu contingente somava cerca de 90.000, no Rio Grande do Sul, 80.000 e em Santa Catarina, 23.000.⁷⁴

⁷¹ Idem TRENTO, Angelo. 1990, p. 33.

⁷² KULA, Marcin, **Por que os emigrantes poloneses não se tornaram operários em São Paulo?** In: ROIO, José Luiz Del. Trabalhadores do Brasil. São Paulo: Ícone, 1990.

⁷³ MONSMA, Karl. **Vantagens de imigrantes e desvantagens de negros: emprego, propriedade, estrutura familiar e alfabetização depois da abolição no oeste paulista.** Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 53, nº 3, 2010.

⁷⁴ KULA, Marcin. 1990. Op. Cit. p.60.

Essa migração e preferência dos poloneses pelas políticas imigratórias sulistas, ocorreu principalmente porque esses não queriam vir para o Brasil e viver sob o jugo de um senhor como viviam na Europa. O desejo de quem vinha da Polônia era tornar-se proprietário de terra e ficar longe de obrigações como, por exemplo, a corveia e a talha⁷⁵. Portanto, devido ao medo de serem subjugados por um latifundiário, os imigrantes poloneses que acabaram sendo direcionados para o Sudeste, faziam de tudo para migrarem para o Sul do Brasil em busca de um pedaço de terra.⁷⁶ Nesse sentido, pode-se dizer que os poloneses foram impulsionados a migrarem para o Brasil principalmente devido a questões agrárias. Junto a isso somava-se a alta densidade demográfica para pouca terra, principalmente na Galícia, região europeia de onde procederam a maioria dos poloneses que se estabeleceram na colônia federal Ivaí. Informações como essas podem ser constatadas nos levantamentos realizados pela seção Histórica do Ministério do Exterior Britânico, publicado em Londres em 1920:⁷⁷

Galicia has the densest agricultural population in Europe. According to the censos of 1900 there were 100 agriculturists per square km. Of the agricultural area, the western half of the country being the more densely populated. It is quite impossible for this supply of labour to find local employment; and a large surplus remains which must resort to emigration or become absorbed in industry. The former process goes on extensively; the later alternative gives little relief owing to the small development of industry in the province.⁷⁸

Conforme é perceptível na fonte acima, em 1900, período em que aportou grande número de poloneses no Brasil, a Galícia possuía 100 agricultores por

⁷⁵ Idem KULA, Marcin.

⁷⁶ Idem KULA, Marcin.

⁷⁷ **Austrian Poland.** Handbooks prepared under the direction of the historical section of the foreign office, nº 46. London: 1920. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/9175/view/1/1/> . Acesso em 25 de junho de 2018.

⁷⁸ Tradução: A Galícia tem a população agrícola mais densa da Europa. Segundo o censo de 1900, havia 100 agricultores por quilômetro quadrado da área agrícola, a metade ocidental do país é a mais densamente povoada. É completamente impossível que esta oferta de mão de obra encontre emprego local; e permanece um grande excedente que deve recorrer à emigração ou ser absorvido pela indústria. O primeiro processo acontece extensivamente; a última alternativa dá pouco alívio devido ao pequeno desenvolvimento da indústria na província (**Polônia austríaca**. Manuais elaborados sob a direção da seção histórica do Ministério do Exterior, nº 46. Londres: 1920. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/9175/view/1/1/> . Acesso em 25 de junho de 2018, p. 45-46. Tradução nossa).

quilômetro quadrado de área agrícola, era a região que mais possuía mão de obra agrária na Europa. Cerca de 76% dos poloneses eram agricultores, entretanto grande parte das terras estavam concentradas em mãos dos grandes latifundiários do Império austríaco. Em média, os agricultores poloneses que possuíam terras tinham uma área de no máximo 5 hectares, e eram obrigados a procurar serviço fora de sua propriedade para sobreviver⁷⁹. Nesse período, como a indústria regional era pouco desenvolvida e não dava conta de absorver o contingente populacional, a saída era trabalhar para grandes proprietários locais em regime de exploração, ou migrar para outros países em busca de melhores oportunidades. Portanto, apesar de estarem voltadas para o passado, essas informações condizem com a de Paul Collier⁸⁰ de que as migrações atuais estão relacionadas ao capital e a busca de melhores condições de vida. Conforme apontam os escritos do manual sobre a Polônia austríaca, produzido pela seção histórica do Ministério do Exterior Britânico em 1920⁸¹:

Agricultural labour is partly supplied by small proprietors who own less than 5 hectares and are obliged to eke out a living by seeking employment elsewhere than on their own holdings. In 1902 this class of small holders numbered 358,776, and a large proportion of them also worked as hired labourers. At the same date 184,034 persons were employed as farm servants and 52,696 as agricultural day labourers. There appears to be small prospect day labourers. There appears to be small prospect of improved methods and more intensive cultivation absorbing more agricultural labour in the future.⁸²

⁷⁹ Fonte: **Austrian Poland**. Handbooks prepared under the direction of the historical section of the foreign office, nº 46. London: 1920. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/9175/view/1/1/> . Acesso em 25 de junho de 2018, p. 46.

⁸⁰ COLLIER, PAUL. 2013, Op. Cit. p. 231-273.

⁸¹ Fonte: **Austrian Poland**. Handbooks prepared under the direction of the historical section of the foreign office, nº 46. London: 1920. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/9175/view/1/1/> . Acesso em 25 de junho de 2018, p. 46.

⁸² Tradução: O trabalho agrícola é em parte suprido por pequenos proprietários que possuem menos de 5 hectares e são obrigados a ganhar a vida buscando emprego em outros lugares do que em suas próprias propriedades. Em 1902, essa classe de pequenos proprietários contava com 358.776, e uma grande proporção deles também trabalhava como trabalhadores contratados. Na mesma data, 184.034 pessoas estavam empregadas como empregadas e 52.696 como trabalhadoras rurais. Parece haver uma pequena perspectiva de absorver mais mão de obra agrícola no futuro (Fonte: **Polônia austríaca**. Manuais elaborados sob a direção da seção histórica do Ministério do Exterior, nº 46. Londres: 1920. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/9175/view/1/1/> . Acesso em 25 de junho de 2018, p. 46. Tradução nossa).

Em relação às migrações europeias praticadas em regiões como Galícia, existiam duas formas: temporária ou sazonal e permanente. A primeira correspondia a busca de trabalho temporário tanto dentro da Galícia quanto fora. Em períodos de colheitas era comum poloneses deixarem sua terra natal e migrarem para a Prússia, França, Dinamarca, para várias partes da Alemanha, entre outros lugares. Entre 1909-1911 cerca de 315.000 poloneses migraram anualmente em busca de trabalho, principalmente em períodos de colheitas agrícolas, e retornaram para terra natal pós-período de safra.⁸³

A segunda forma de migração, a permanente, ocorria quando o indivíduo migrava em busca de trabalho, de melhores condições de vida e não retornava mais a sua terra natal. Essa emigração ocorreu principalmente quando os poloneses viram na América a oportunidade de se tornarem proprietários de terras, ou juntarem capital para isso, coisa praticamente impossível na terra natal. No entanto, aqui também se inclui uma emigração temporária mais longa, alguns poloneses migravam para países como Estados Unidos, juntavam certo capital e depois de alguns anos retornavam a terra natal para comprar propriedades. Isso pode ser constatado nas informações levantadas pela seção história do Ministério do exterior britânico no início do século XX:⁸⁴

Permanent emigration takes place on a large scale to various parts of the New World. The principal destination of the emigrants is the United States. During the period 1908-12 inclusive, the annual average of 53,000 Austrian Poles and Ruthenes entered the United States. Large numbers have also emigrated to Canada, and at certain periods to Brazil, but no separate figures are available. The total volume of emigration to all parts cannot, therefore, be stated, but a good authority alleges that in 1913, which was a year of agricultural failure in Galicia, 400,00 persons, i. e. 5 per cent. Of the population, emigrated. There is, however, a reflux of emigrants, principally Poles from the United States, who bring considerable sums of money back with them and buy land. During the period 1908-12 the annual average of 14,750,000 kr. was thus brought back by returning emigrants. It may even be said that Polish emigration, as distinct from Ruthenian, is largely temporary, a great proportion of

⁸³ **Austrian Poland.** Handbooks prepared under the direction of the historical section of the foreign office, nº 46. London: 1920. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/9175/view/1/1/> . Acesso em 25 de junho de 2018, p. 46-47.

⁸⁴ Fonte: **Austrian Poland.** Handbooks prepared under the direction of the historical section of the foreign office, nº 46. London: 1920. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/9175/view/1/1/> . Acesso em 25 de junho de 2018, p. 47-48.

those who better themselves in the New World returning in less than five years to their native country.⁸⁵

Já os que escolheram como destino países como o Brasil, dificilmente conseguiam retornar para sua terra natal. Isso se dava principalmente devido aos critérios das políticas imigratórias brasileiras. Nesse caso, o emigrante não necessitava possuir capital para custear as despesas de viagem até a América, as mesmas eram bancadas tanto pelo governo brasileiro quanto por empresas privadas. Portanto, quem não tinha dinheiro conseguiria migrar para o Brasil, mas caso se arrependesse não conseguiria retornar por falta de recursos para custear a viagem de volta para a terra natal. Além da falta de capital que dificultava o retorno, havia o fato de que em relação aos imigrantes que foram direcionados para Estados como o Paraná, esses recebiam um pedaço de terra do governo que deveria ser pago ao longo dos 10 primeiros anos de estabelecimento no local, assim o imigrante estava atrelado a terra e não poderia deixá-la. Por fim, o que contribuía para a emigração permanente nesse caso, era o próprio sonho de muitos poloneses tornarem-se proprietários de terras e sobreviverem com a agricultura.

Portanto, se por um lado na Europa os poloneses sobreviviam de atividades agrícolas, mas não possuíam terras, e os que possuíam não conseguiam sobreviver com o rendimento da pequena propriedade por ser muito pouco, por outro, conforme visto, no Brasil necessitava-se de trabalhadores agrícolas, principalmente nos estados sulistas. Eram duas realidades distintas que

⁸⁵ Tradução: A emigração permanente ocorre em larga escala em várias partes do Novo Mundo. O principal destino dos emigrantes é os Estados Unidos. Durante o período de 1908-12 inclusive, uma média anual de 53.000 poloneses, austríacos e rutenos entrou nos Estados Unidos. Grandes números também emigraram para o Canadá e, em certos períodos, para o Brasil, mas não há dados separados disponíveis. O volume total de emigração para todas as partes não pode, portanto, ser declarado, uma grande autoridade alega que em 1913, que foi um ano de fracasso agrícola na Galícia, 400, 000 pessoas, e 5% da população emigraram. Há, no entanto, um refluxo de emigrantes, principalmente poloneses dos Estados Unidos, que trazem consideráveis somas de dinheiro e compram terras. Durante o período 1908-12, uma média anual de 14.750.000 kr. Foi assim trazido de volta pelos emigrantes. Pode até dizer-se que a emigração polonesa, distinta da rutena, é em grande parte temporária, uma grande proporção daqueles que se aperfeiçoam no Novo Mundo, retornando em menos de cinco anos ao seu país natal. Pg. 47-48 (**Polônia austríaca**. Manuais elaborados sob a direção da seção histórica do Ministério do Exterior, nº 46. Londres: 1920. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/9175/view/1/1/> . Acesso em 25 de junho de 2018, p. 47-48. Tradução nossa).

se completavam. As propagandas feitas pelos agentes brasileiros na Europa, de que o Brasil era o País dos sonhos e poder-se-ia tornar-se senhor de suas próprias terras, ludibriaram milhares de poloneses a embarcarem para o Brasil. O mesmo pode-se dizer em relação à parte dos alemães que vieram tanto para o Brasil quanto para os Estados Unidos. De acordo com Marcio de Oliveira⁸⁶, isso aparece nos escritos de Max Weber que vivenciou esse contexto de saída de emigrantes da Europa para a América. Conforme afirma o autor:

A tese de Weber é: um número cada vez mais importante de trabalhadores agrícolas alemães estava deixando as regiões a leste do rio Elba em direção às grandes cidades ou aos EUA. A razão disso era a transformação do sistema agrário, fazendo que os antigos senhores se tornassem empreendedores agrícolas. Não percebendo mais a chance de se tornarem proprietários agrícolas, os trabalhadores partiam.⁸⁷

As migrações temporárias e permanentes também ocorriam entre os ucranianos por motivos semelhantes. Isso é perceptível nas seguintes informações levantadas pela seção história do Ministério do exterior britânico⁸⁸:

The line of cleavage between agricultural and other labour is not so sharp in the Ukraine as in most other communities. The claims of agriculture are the greater by far, but the increase in the number of landless peasants who find it difficult to live in the country districts though the long winter has led to the creation of a large class who winter has led to the creation of a large class who migrate according to the season, working for wages on the land in summer and moving to the towns in search of work in winter.⁸⁹

Percebe-se claramente na fonte acima, que um dos motivos que teria levado os ucranianos migrarem temporariamente em busca de serviços, foi a

⁸⁶OLIVEIRA, Márcio de. O tema da imigração na Sociologia Clássica. In: DADOS – **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 57, nº 1, 2014, PP. 73 a 100.

⁸⁷ Idem OLIVEIRA, Marcio de. 2014, p. 81.

⁸⁸ Fonte: **The Ukraine**. Handbooks prepared under the direction of the historical section of the foreign office, nº 52. London: 1920. Disponível em: <https://dl.wdl.org/9172/service/9172.pdf>. Acesso em 25 de junho de 2018, p. 71-72.

⁸⁹ Tradução: A linha de clivagem entre agricultura e outros não é tão acentuada na Ucrânia como na maioria das outras comunidades. As reivindicações da agricultura são, de longe, as maiores, mas o aumento no número de camponeses sem terra que têm dificuldade de viver nos distritos do país durante o longo inverno levou à criação de uma classe grande que migra de acordo com a estação, trabalhando na terra por salários no verão, e se mudando para as cidades em busca de trabalho no inverno (**A Ucrânia**. Manuais elaborados sob a direção da seção histórica do Ministério do Exterior, nº 52. Londres: 1920 Disponível em: <https://dl.wdl.org/9172/service/9172.pdf>. Acesso em 25 de junho de 2018, p. 71-72. Tradução nossa).

escassez de terra para sobreviver como agricultor. O mesmo ocorreu em relação aos fatores que impulsionaram as migrações permanentes. Segundo informações levantadas pelo ministério do exterior Britânico⁹⁰, sobre as regiões onde se localizavam os ucranianos conhecidos como Ruthenos, de 1900 a 1910, cerca de 29.000 pessoas deixaram a Europa. Aproximadamente 96% se direcionaram para a América. Impulsionados pelas políticas imigratórias voltadas para concessões de terras, milhares de indivíduos vieram para o Brasil e se estabeleceram no Estado do Paraná.

Sendo assim, se por um lado na Europa havia muitas regiões em que a população vivia em condições de desemprego devido aos reflexos da industrialização, que levou a substituição de mão de obra humana por máquinas, no Brasil, mais especificamente em São Paulo, necessitava-se de mão de obra para trabalhar nos cafezais. Se na Europa muitas pessoas não tinham terras para trabalhar, principalmente devido ao domínio dos grandes latifundiários⁹¹, segundo autoridades políticas da época, o Brasil carecia de camponeses para colonizar áreas devolutas e produzir alimentos. Portanto, o Brasil poderia atender aos anseios tanto dos que desejavam deixar sua terra natal em busca de salários melhores, quanto àqueles que desejavam se tornar proprietários de terras.

Dessa forma, o governo brasileiro passou a desenvolver políticas que atraíssem imigrantes europeus. Na Europa, os agentes da imigração faziam propaganda dizendo que o Brasil era o país dos sonhos, que havia muitas terras devolutas a espera de um proprietário para cultivá-las. Esses sujeitos não se importavam em ludibriar os europeus, pois ganhavam pelo número de pessoas que embarcavam para o Brasil. Conforme afirma Angelo Trento:⁹²

[...] As companhias, que recebiam por pessoa embarcada, tinham como única finalidade recrutar o maior contingente possível, pouco se importando com aspectos humanos da emigração. Era natural, portanto, que crescesse na Europa, particularmente na Itália, o número de agentes e subagentes encarregados do recrutamento [...] eram frequentes dolorosas histórias de trapças, de engodos, de falsas esperanças, de má-fé contra a parcela pobre e ignorante da população, com a finalidade

⁹⁰ **Hungarian Ruthenia.** Handbooks prepared under the direction of the historical section of the foreign office, nº 7. London: 1920. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/9160/view/1/1/#q=rutheno> . Acesso em 25 de junho de 2018.

⁹¹ KOSS, Lucimara. 2013. Op. Cit.

⁹² TRENTO, Angelo. 1990. Op. Cit.

de convencer um contingente cada vez maior de pessoas a emigrar para uma nova terra prometida. O certo, no entanto, é que as condições que esperavam essa massa de camponeses, trabalhadores braçais e subproletários eram muito diversas e menos atraentes do que retratadas pelos agentes de emigração.⁹³

A propaganda brasileira que circulava na Europa, tinha como objetivo atrair tanto imigrantes para o Sudeste quanto para o Sul do Brasil. Porém, havia algumas diferenças, enquanto a propaganda que visava substituir a mão de obra escrava nos cafezais paulistas estava mais voltada para o trabalho assalariado, a que visava povoar o Sul voltava-se mais para a propriedade privada. Isso fica claro na mensagem do governador do Estado do Paraná, Francisco Xavier da Silva, dirigida ao Congresso Legislativo em 04 de outubro de 1892:

Pelo crescido número de estrangeiros que vivem entre nós pode-se considerar como encaminhada para aqui a corrente imigratória. Convém fomentá-la fazendo-se propaganda nos centros populosos da Europa por meio da imprensa e folhetos, em que se descrevem a extensão e uberdade das nossas terras, e o preço pelo qual poderão ser adquiridas, a cultura a que se precisam, a amenidade do nosso clima com a declaração de que temos a grande naturalização, casamento civil, liberdade de culto, e que sem distinção de raças, ou crenças, todos podem contar com segurança pessoal e de prosperidade.⁹⁴

Além de propaganda de liberdade religiosa através de folhetos, conforme citação acima, em outra mensagem de 13 de novembro de 1895 do governador do Estado do Paraná, Francisco Xavier da Silva, o mesmo afirmou que foi publicado e espalhado pela Europa, um livro fazendo propagando das terras paranaenses, conforme mensagem:

O Estado do Paraná, que pela salubridade do seu clima, beleza das suas campinas, e uberdade do seu solo, foi chamado por um viajante celebre o paraíso da América do Sul, é, sem dúvida, um excelente ponto de destino aos imigrantes. Ser proprietário é um *desideratum* para o imigrante europeu. O systema adoptado para o povoamento do nosso solo, formando núcleos coloniais, em que cada família de imigrantes recebe um lote de terras medido, e demarcado, tem produzido optimos resultados. Os imigrantes localizados nas proximidades da Capital, e em terras férteis no interior do Estado, vivem em abundância, para a sua actividade, e trabalho remunerador. O povoamento do Estado depende de

⁹³ Idem TRENTA, Angelo. 1990, p.18.

⁹⁴ SILVA, Francisco Xavier da. **Mensagem do governador do Estado do Paraná lida perante Congresso legislativo**. Curitiba: 04 de outubro de 1892, p. 13. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A11>. Acesso em 05 de junho de 2018.

atrahir para aqui essa corrente por meio de propaganda, já fazendo conhecidas n'aquelles centros emigratórios as riquezas que se encerram no nosso solo, já assegurando aos imigrantes que, aqui chegados, se tornarão proprietários de um pedaço de terras férteis, por preço reduzido, e longo prazo, e que gozarão, sem differença dos nacionais, de plena liberdade civil e religiosa. No intuito de fazer tal propaganda, em 1892, por iniciativa do governo, foi publicado um livro – Notícia sobre o Estado do Paraná – escripto em inglês, e outras línguas, para ser enviado à Exposição Colombiana de Chicago, e alli distribuído; muitos exemplares foram também remetidos para a Europa por intermédio de pessoas que se mostraram interessadas pela imigração para o Estado. Não poderei dizer-vos se esse livro começou a ser conhecido na Europa, porém, o que é certo é que os imigrantes allemães, que foram localizados no Rio Negro, e Iguassú, no corrente anno, ao chegarem a Capital Federal, pediram com instância para serem enviados para o Paraná, ou porque delle tiveram informações pela leitura do aludido livro, ou porque foram chamados pelos seus compatriotas já aqui estabelecidos.⁹⁵

Além disso, tanto o governo imperial quanto o republicano e empresas privadas, passaram a financiar os empreendimentos imigratórios para facilitar a vinda de imigrantes. Concediam passagens, compra e delimitação de terras aos recém-chegados para serem pagas depois que os mesmos se estabelecessem no local. Foi assim que muitos cafeicultores paulistas ajudavam a promover a vinda de imigrantes em função do interesse constante na obtenção de mão de obra branca para suas lavouras.

Dentro desse contexto, é importante ressaltar que os barões do café incentivavam a imigração desde que ela fosse voltada para a atração de trabalhadores para as grandes lavouras. Se o assunto era a vinda de pessoas para serem proprietárias de terras, como no caso do Paraná, os fazendeiros podiam ser opositores ferrenhos, pois como dito, eles não queriam concorrentes na produção do café e sim mão de obra para cultivá-lo em suas propriedades. A doação de terras para imigrantes era algo impensável para um número significativo de donos de cafezais ⁹⁶. Não foi por acaso a aprovação da Lei Nº 601 de 18 de setembro de 1850, a conhecida Lei de Terras. Nela ficou especificado

⁹⁵ SILVA, Francisco Xavier da. **Mensagem do governador do Estado do Paraná ao Congresso legislativo**. Curitiba: 13 de novembro de 1895, p. 10-11. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1>. Acesso em 05 de junho de 2018.

⁹⁶ PETRONE, Maria Thereza Schorer. Imigração assalariada. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo II: O Brasil monárquico: 3º Volume. Reações e Transações. São Paulo: Difel, 1982.a. p. 291.

que o acesso à terra somente seria possível com a compra ⁹⁷. Mas mesmo com a oposição da elite econômica do país a imigração e a colonização de terras com baixa densidade demográfica, estiveram estreitamente ligadas no século XIX e início do XX⁹⁸.

Além desses objetivos, as políticas imigratórias também eram camufladas pela ideia do branqueamento racial. Com a abolição da escravidão poder-se-ia continuar utilizando a mão de obra negra livre, porém, preferiu-se atrair imigrantes europeus. Isso ocorreu porque os negros eram vistos pela elite branca brasileira como seres inferiores. Colocava-se nesses sujeitos a culpa pelo atraso brasileiro, principalmente em termos de desenvolvimento de técnicas agrícolas. Desse modo, além da questão de ver no imigrante europeu a solução para a falta de mão de obra livre, para o preenchimento dos “vazios demográficos”, para o aumento da produção de gêneros alimentícios, para a diversificação da economia e avanço das técnicas agrícolas, o mesmo passou a ser visto como solução para o desenvolvimento do país por meio do branqueamento racial. Conforme afirmou Lucia Lippi Oliveira: “o imigrante, além de vir preencher uma demanda de braços para o trabalho, teria o papel de contribuir para o branqueamento da população, ao submergir na cultura brasileira por meio da assimilação”.⁹⁹ Portanto, após a abolição, continuava havendo mão de obra suficiente no Brasil, no entanto, por questões racistas, os grandes fazendeiros não queriam empregar a mão de obra disponível constituída por negros libertos.

Findo o Império, nas primeiras décadas da República, a imigração ganhou novos impulsos e a questão racial particular importância. Esse assunto não estava apenas implícito ou restrito às discussões dos ilustrados da época, ele estava explícito na Legislação republicana. Em 1890 o então presidente, Marechal Deodoro da Fonseca, com o Decreto Nº 528 de 28 de junho, deixava claro os pressupostos eugênicos e raciais em relação ao imigrante desejado e, também, ao não desejado:

⁹⁷BRASIL, **Lei Nº 601, DE 18 DE SETEMBRO DE 1850**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0601-1850.htm Acesso em 28-05-2013

⁹⁸ PETRONE, Maria Thereza Schorer. **O imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo: Brasiliense, 1982.b. p. 7.

⁹⁹ OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 10.

Art. 1º E' inteiramente livre a entrada, nos portos da República, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos à ação criminal do seu país, exceptuados os indígenas da Ásia, ou da África que somente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos de acordo com as condições que forem então estipuladas.

Art. 2º Os agentes diplomáticos e consulares dos Estados Unidos do Brasil obstarão pelos meios a seu alcance a vinda dos imigrantes daqueles continentes, comunicando imediatamente ao Governo Federal pelo telégrafo quando não o puderem evitar.

Art. 3º A polícia dos portos da República impedirá o desembarque destes indivíduos, bem como dos mendigos e indigentes.¹⁰⁰

O que fica claro no trecho do decreto transcrito, é a tentativa de buscar um imigrante ideal, para tanto as pessoas cuja cor pudesse lembrar o recente passado escravocrata do país deveriam ser evitadas. Uma clara tentativa de buscar renegar o passado escravista e demonstrar que o regime republicano era diferente do imperial.

Contudo, o preconceito racial não nasceu com a Proclamação da República, pois desde meados do século XIX a questão do imigrante ideal já era debatida. Em 1878, em Recife e Rio de Janeiro, em Congressos Agrícolas as vozes contrárias à vinda de chineses, chamados de chins, eram fortes. Os asiáticos, mais especificamente os chineses, eram considerados por muitos como viciados e imorais e, portanto, indesejados para os ideais de eugenia e branqueamento.¹⁰¹

Processo semelhante também ocorreu com os japoneses. Segundo Marcia Yumi Takeuchi¹⁰², as negociações em torno da introdução da mão de obra japonesa nas fazendas de café no Brasil datam desde 1895, porém, oficialmente a entrada começou em 1908. Essa abertura das fronteiras brasileiras para os nipônicos não foi vista da mesma forma que a entrada de imigrantes europeus. Os japoneses eram tidos, principalmente pelos intelectuais e autoridades políticas brasileiras, como seres indesejáveis a sociedade brasileira. Eram descritos como

¹⁰⁰BRASIL. **Decreto Nº 528 de 28 de junho de 1890.** Disponível em: http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=528&tipo_norma=DEC&data=18900628&link=s. Acesso em 14/03/2013.

¹⁰¹ CARVALHO, José Murilo de. **Teatro de sombras: a política imperial.** São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Vértice/IUPERJ, 1988. Pg. 72.

¹⁰²TAKEUCHI, Márcia Y. (2008). **A comunidade nipônica e a legitimação de estigmas: o japonês caricaturizado.** *Revista da USP*, nº 79, pp. 173-182.

feios, fracos, baixos, hipócritas, portadores de doenças mentais incuráveis, espiões, orgulhosos, inassimiláveis, inferiores, entre outras características. Conforme afirma a autora: “[...] como entrave ao ingresso dos nipônicos, intelectuais e autoridades (políticas e diplomáticas) alegavam que estes não eram adequados seja do ponto de vista racial ou político.”¹⁰³

Nesse sentido, os japoneses não condiziam com o perfil de imigrante desejado pelas políticas imigratórias brasileiras. Nas palavras de Takeuchi: “estes eram vistos como seres inassimiláveis, eugenicamente inferiores e produtores de pobreza nos países que os recebiam. Tal imagem dos japoneses repercutia desfavoravelmente nos meios políticos e acadêmicos.”¹⁰⁴

Além disso, cafeicultores usavam dados relativos a produtividade de cafezais cultivados por escravos e imigrantes, para fundamentarem suas teses de que a mão de obra imigrante europeia era mais vantajosa do que a de escravos ou mesmo de ex-escravos. Petrone salienta que um cafezal com 1000 plantas tratadas por uma família imigrante produzia entre 80 e 100 arrobas de café por safra, enquanto que o mesmo número de plantas cultivadas por braço cativo produzia entre 30 e 40 arrobas¹⁰⁵. A autora destaca os discursos dos defensores da imigração voltados para fornecer mão de obra para as grandes lavouras, mas esses fazendeiros e seus porta-vozes negligenciavam que a plantação do imigrante era sua, ao menos uma parte, e que quanto mais ela produzisse mais lucro ele teria. O escravo por sua vez, por mais que a produção aumentasse tinha pouco a esperar disso, pois as plantas produzindo mais ou produzindo menos, sua residência, sua alimentação e principalmente sua condição social permaneceriam iguais.

Assim, o incentivo à imigração não era apenas ideológico em razão das ideias de eugenia e do branqueamento, também buscava a maximização dos lucros. À medida que o processo abolicionista avançava e a Lei de Terras colocava os terrenos devolutos no mercado, a vinda de famílias europeias

¹⁰³ Idem TAKEUCHI, Márcia Y. Pg. 174.

¹⁰⁴ Idem TAKEUCHI, Márcia Y. Pg. 174.

¹⁰⁵ PETRONE, Maria Thereza Schorer. 1982. a. Op. Cit. p. 287.

passava a ser um grande negócio¹⁰⁶. Além disso, empresas privadas passaram a lucrar com a vinda de pessoas e com a venda de terras. Conforme afirma Petrone,

Inúmeros são os exemplos nos três estados sulinos em que particulares ou sociedades lançaram-se a organizar núcleos coloniais. Obtinham a terra a baixo custo do Estado ou de particular, e dividiam a área em lotes e os vendiam aos imigrantes. Além do lucro proveniente da venda dos lotes, em geral asseguravam para si algumas atividades mais lucrativas como, por exemplo, o comércio, além de manterem em seu poder bom número de lotes que só eram vendidos mais tarde, quando o trabalho do imigrante já iniciara a valorização fundiária.¹⁰⁷

Em síntese, unindo os objetivos das políticas imigratórias voltadas para o Sudeste e para o Sul do Brasil, sem esgotar as possibilidades de explicações, segundo dados historiográficos, o desenvolvimento das mesmas esteve ligado principalmente a questões tais como: falta de mão de obra branca para substituir a mão de obra negra (com o fim da escravidão); ideia de branqueamento racial que colocava no negro a culpa do atraso econômico brasileiro; aumento dos lucros nos cafezais; preenchimento do “vazio” demográfico por pessoas que trabalhassem na pequena propriedade agrícola - tanto para diversificar a economia quanto para inovar os métodos de produção – assegurar a posse do território, desenvolver o mercado interno e aumentar a produção de alimentos. Conforme afirma Andreazza e Nadalin:

Entremeado ora por uma ênfase na questão populacional, ora pelo realce na renovação das práticas de trabalho (o que deveria libertar o espírito criador), o discurso salientava a chegada do colono imigrante, livre, *morigerado, laborioso*, seja para a fazenda de café, vendendo sua força de trabalho (ou para contribuir nas tão necessárias “obras públicas”), seja como pequeno proprietário, para a ocupação de vazios demográficos e o fornecimento de gêneros de abastecimento de que a população urbana era tão carente. [...] Em outras palavras, nossa hipótese traduz uma certa determinação, ainda no período subsequente ao ciclo introdutório da chegada de estrangeiros no Brasil, da preocupação com o povoamento do território, articulada à substituição da mão-de-obra escrava, pela mão-de-obra livre. Porque, no fundo, o argumento era o mesmo – aliás, de difícil desvinculação: no início, a proposta de um imigrante branco, para tonificar a raça; em seguida, entremeando-se ao tema anterior, o

¹⁰⁶ COSTA, Lourenço Resende da. **Manifestações de Poder e Identidade em torno da língua ucraniana em Prudentópolis**. Irati, 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati - PR, 2013. p. 29.

¹⁰⁷ PETRONE, Maria Thereza Schorer. 1982b. Op. Cit. p. 37.

imigrante europeu para tonificar o trabalho e a produção, desvirtuados pela escravidão e, por ricochete, pela população de cor.¹⁰⁸

Foi em função desses objetivos que entre fins do século XIX e início do XX, o governo brasileiro atraiu milhões de imigrantes das mais diversas nacionalidades. No caso do Paraná, Estado em que se localiza o objeto de estudo dessa pesquisa, esse passou a receber um número significativo de imigrantes, principalmente, a partir de meados do século XIX, especificamente, após a emancipação da província em 1853. Segundo Andreazza e Nadalin, “entre 1829 e 1911 instalaram-se no Paraná 85.537 colonos estrangeiros.”¹⁰⁹ De acordo com os autores:

O cenário da imigração paranaense parece ter começado a tomar forma ao entrar no século XIX na sua segunda metade, mas já existia ingresso espontâneo de estrangeiros na cidade de Curitiba havia algum tempo (década de 1830). Como resultado, em 1850 eram contabilizados 153 imigrantes no município, representando 1,7% da população total, e quase 2% dos 7.861 indivíduos de condição livre [...].¹¹⁰

Conforme já dito, no Paraná a política imigratória esteve voltada principalmente para a instalação de colônias com imigrantes que se dedicassem a uma cultura de abastecimento interno baseada na pequena propriedade agrícola. Um dos objetivos do governo era trazer imigrantes europeus para desenvolver a economia brasileira.

Analogamente as políticas imigratórias voltadas para São Paulo, os representantes políticos paranaenses também defendiam a ideia de que o imigrante europeu viria para somar, tonificar a raça brasileira e contribuir para o desenvolvimento de um país marcado pela escravidão. Informações como essas podem ser extraídas do discurso do presidente da província paranaense em 1888:

Nenhuma dúvida mais, em todos os pontos do Paiz de que a immigração é uma das soluções para a grande questão econômica que affecta actualmente o Estado e todas as províncias do Império. Além de sua relevância por este lado, sua importância sobe de ponto considerada a

¹⁰⁸ ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio Odilon. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante. In: **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. Campinas, 11. 1994. p. 69.

¹⁰⁹ Idem ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio Odilon. 1994. p. 65 - 66.

¹¹⁰ Idem ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio Odilon. 1994. p. 70.

imigração como factor ethnico da primeira ordem destinado a tonificar o organismo nacional abastardado por vícios de origem e pelo contacto que teve com a escravidão.¹¹¹

Portanto, desde o início até o fim das políticas imigratórias paranaenses, um dos principais objetivos era que os imigrantes fossem colocados em minifúndios para produzir gêneros alimentícios e diversificar a economia. Conforme afirmou Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado do Paraná, na mensagem dirigida ao Congresso Legislativo em primeiro de fevereiro de 1921:

Com o território vastíssimo constituído de terras fertilíssimas, desde a apurada terra roxa da zona norte e oeste e os terrenos de alluviação do litoral, apropriados as mais exigentes culturas dos climas tropicais, até as férteis planícies dos Campos Gerais, Guarapuava e Palmas, aptas para a produção dos mais apreciados cereais; dotado além disso, de um clima ameno e saluberrimo, favorável especialmente aos habitantes das zonas temperadas, o Paraná precisa apenas de braços fortes e inteligentes que desbravem os seus bastíssimos sertões e transformem em searas verdejantes os seus magníficos campos.¹¹²

Apesar da busca da diversificação econômica ser um dos principais fatores que impulsionou o desenvolvimento de políticas imigratórias no Paraná, nessa região também havia o intuito de preencher os chamados “vazios demográficos” para assegurar a posse do território perante os Estados e países que faziam fronteira. Do mesmo modo, objetivava-se suprir a escassez de mão de obra branca; inovar as técnicas produtivas para aumentar a produção de gêneros alimentícios; assegurar a autonomia política e o desenvolvimento da província.¹¹³

Por trás de todas essas questões e objetivos que evoluíram tanto o processo de repulsão europeu quanto de atração (abarcando iniciativas governamentais e privadas), pouco a pouco foram se formando e sendo povoadas diversas colônias de imigrantes no Paraná, entre elas a de Ivaí. Conforme relatou Caetano Munhoz da Rocha:

¹¹¹ RIBEIRO, Miranda (presidente da província do Paraná). **Exposição 1888**. p.36. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A11>. Acesso em 05 de junho de 2018.

¹¹² **Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo** pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado do Paraná, ao instalar-se a 2ª Sessão da 15ª Legislatura. Curitiba, 1º de Fevereiro de 1921, p. 67. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A11>. Acesso em 05 de junho de 2018.

¹¹³KOSS, Lucimara. 2013. Op. Cit.

Sem manter a colonização subvencionada, o Estado tem contribuído, no entanto, muito eficazmente para localização de colonos em seu território, já facilitando a aquisição de terras devolutas ao Governo Federal e a Empresas particulares, já auxiliando as Municipalidades e adquirindo terras por conta própria para esse fim. As terras concedidas ao Governo Federal em virtude da lei nº 1259 de 1913 e as importantes colônias do Ivahy¹¹⁴, Apucarana e Cruz Machado foram formadas e estão sendo aumentadas por esse meio.¹¹⁵

Ressaltando, como dito anteriormente, que o processo imigratório foi um negócio extremamente lucrativo, pois mesmo com a Lei nº 514 de 28 de outubro de 1848,¹¹⁶ que passava parte da responsabilidade do processo imigratório para as províncias, estas não tomaram pra si essa tarefa. Seja por falta de dinheiro ou por questões políticas, a maior parte das colônias criadas durante o Império para receber imigrantes foi administrada pela iniciativa privada. De acordo com Iotti, entre 1850 e 1889, 250 colônias no país foram criadas, destas 197, ou 78,8%, eram empreendimentos privados e apenas 3 colônias (1,2%) eram provinciais, ou seja, as províncias não assumiram, até aquele momento, o controle efetivo do processo¹¹⁷.

Em relação as políticas imigratórias paranaenses, essas vão ser mais fortes no período republicano, à medida que aportavam no Brasil, os imigrantes eram divididos e espalhados pelo território para aumentar a densidade populacional das colônias. Foi assim que em 1925, cerca de 553 imigrantes, entraram no Brasil e foram encaminhados para colônias já formadas. Conforme descreveu Caetano Munhoz da Rocha:

Do quadro demonstrativo organizado pela delegacia do 3º Districto do Serviço de Povoamento no Paraná, são extrahidos os seguintes dados

¹¹⁴ Colônia Ivaí

¹¹⁵ **Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo** pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado do Paraná, ao instalar-se a 2ª Sessão da 15ª Legislatura. Curitiba, 1º de fevereiro de 1921, p. 68. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1>. Acesso em 05 de junho de 2018.

¹¹⁶ BRASIL. **Lei nº 514 de 28 de outubro de 1848**. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=79736&tipoDocumento=LEI&tipoTexto=PUB>. Acesso em 17/03/2013.

¹¹⁷ IOTTI, Luiza Horn. A política imigratória brasileira e sua legislação – 1922 – 1914. **X Encontro Estadual de História: O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional**. Santa Maria – RS: UFSM, 2010. p. 6. Disponível em: http://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anaais/9/1273883716_ARQUIVO_OBRASILEAIMIGRACAO.pdf Acesso em 14-03-13.

sobre o movimento de imigração em 1925: Entraram 553 imigrantes sendo 116 famílias com 168 pessoas e 85 avulsos; 417 maiores de 12 anos, 105 com menos dessa idade e 31 menores de 2 annos; 308 do sexo masculino e 245 do sexo feminino; 239 casados, 306 solteiros e 8 viúvos; 319 de nacionalidade poloneza, 169 allemães, 19 austríacos, 18 italianos, 6 hespanhóis, 2 tchecos-lovacos, 1 suíço e 19 nacionaes. Destinaram-se à Curityba 140, a Cruz Machado 59, ao Iraty 58, Ponta Grossa 50, à Dorison 39, à Candido de Abreu 32, à União Da Victória 27, a Paulo Frontin 20, à Rio Negro 19, à Prudentópolis 18, à Tibagy 15, à Fernandes Pinheiro 8, à Guajuvira 7, à Paranaguá 5, à Vera Guarany 5, à Castro 4, ao Rio das Antas 4, à Campo do Tenente 3 e 1 à Campo Largo, dirigindo-se 31 à Porto União e 8 ao Herval, em Santa Catharina.¹¹⁸

Além dessas colônias que foram citadas até o presente momento, os imigrantes que aportaram em terras brasileiras, sobretudo em fins do século XIX e início do XX, espalharam-se por outras regiões paranaenses. Todavia, como este estudo volta-se para a colônia federal Ivaí, optou-se por não ampliar a escrita em relação às outras colônias de imigração.

2.3 O LADO SOMBRIO DA IMIGRAÇÃO: SONHO E PESADELO DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO

Para Petrone, “um dos principais aspectos desse fenômeno das migrações transoceânicas, é justamente a miragem ou a possibilidade de acesso à propriedade fundiária”¹¹⁹. Mas, as viagens transoceânicas no século XIX e início do XX, não eram realizadas de forma tranquila, pois os perigos eram grandes e a mortalidade nos navios alta. A esse respeito temos o livro escrito por Gustav Hermann Strobel. Tanto ele quanto sua família teriam migrado da Alemanha para o Brasil na segunda metade do século XIX. Gustav relatou que em 1854, nas seis semanas de viagem entre Hamburgo, Alemanha, e São Francisco do Sul, na Província de Santa Catarina, trinta e seis pessoas morreram e foram sepultadas no fundo do oceano¹²⁰. As reminiscências de Gustav demonstram como a

¹¹⁸ **Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo** pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado do Paraná, ao instalar-se a 1ª Sessão da 18ª Legislatura. Curityba, 1º de fevereiro de 1926. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A11>. Acesso em 05 de junho de 2018, p.121.

¹¹⁹ PETRONE, Maria Thereza Schorer. 1982b. Op Cit. p. 11.

¹²⁰ NADALIN, Sergio Odilon (Org). **Memórias de Gustav Hermann Strobel**. Relatos de um pioneiro da imigração alemã no Brasil. 2ª ed. Curitiba: Instituto Memória, 2015. p. 31.

empreitada de deixar a Europa para “fazer a América” estava envolta de riscos e que não havia nenhuma garantia de sucesso.

O mesmo tipo de relato é obtido entre imigrantes ucranianos que atravessaram o Atlântico no final do século XIX. Em 1896, a viagem de navio do imigrante ucraniano Andrei Hotsailiuk, da Europa até o Brasil, durou cerca de 22 dias. Devido a um surto de sarampo, cerca de 21 crianças e uma idosa morreram durante a travessia do oceano. Além das mortes, as tempestades castigaram a tripulação e os passageiros¹²¹.

Segundo dados extraídos de registros de óbitos¹²² da colônia Ivaí da primeira metade do século XX, muitos dos imigrantes embarcavam na Europa e ao chegarem ao Brasil eram levados primeiramente até a Ilha das Flores no Rio de Janeiro. Ali, tinham suas condições de saúde observadas por um tempo. Muitos deles faleceram na hospedaria e outros no navio mesmo antes de chegar à terra desejada.

De acordo com Guérios, os alojamentos temporários na Ilha das Flores dentro de pouco tempo passaram a ficar superlotados, além disso, tornou-se um local em que eram constantes as epidemias de tifo e febre amarela¹²³. Outro problema era a falta de recursos para receber os imigrantes. Como já citado, o empreendimento lucrativo da imigração foi cooptado por companhias que visavam o lucro e não o bem estar do imigrante. Uma vez que o governo, tanto federal quanto provincial, não tinha controle da situação a Ilha das Flores tornou-se um pesadelo para muitos imigrantes que sobreviveram a travessia marítima.

Segundo Tamanini, documentos apontam que a hospedaria na Ilha das Flores foi criada em 1883, mas já havia livros de registros anteriores a essa criação oficial que datam de 1877¹²⁴. Destinada a receber os imigrantes que chegavam ao Brasil pelo porto do Rio de Janeiro, a hospedaria também recebia

¹²¹ GUÉRIOS, Paulo Renato. **Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná**. Rio de Janeiro, 2007. 299 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. p. 41-42.

¹²² Registros de óbitos do Cartório de Bom Jardim do Sul. Disponível em: <https://familysearch.org/search/image/index#uri=https%3A%2F%2Ffamilysearch.org%2Frecapi%2F%2Fwaypoint%2FMHN7-KWR%3A337683601%2C337683602%3Fcc%3D2016194>. Acesso em 11 de outubro de 2016.

¹²³ GUÉRIOS, Paulo Renato. 2007. Op. Cit. p.43.

¹²⁴ TAMANINI, Paulo Augusto. As reminiscências da diáspora ucraniana na cidade de Papanduva (SC): um passado relembado. **Revista Confluências Culturais**, Joinville, v. 5, n. 1, p. 57-68, 2016. p. 62.

migrantes de outras regiões do Brasil que por ventura estavam buscando oportunidades de trabalho na capital federal. A hospedaria só foi definitivamente desativada em 1966.¹²⁵ Na ilha as pessoas passavam por uma espécie de quarentena para que doenças adquiridas durante a viagem, ou trazidas do país de origem e que ainda não tivessem se manifestado, pudessem ser detectadas. Apenas após esse processo as pessoas saudáveis eram levadas para os locais onde deveriam começar uma nova vida.

Os que estavam aptos a trabalhar eram levados até o porto de Paranaguá e seguiam até Curitiba. Após Curitiba eram encaminhados para Ponta Grossa e dali embarcavam em carroças e conduzidos para suas respectivas colônias. A cada metro de viagem percorrido em direção a colônia Ivaí, para muitos a frustração aumentava. A imagem bela das terras dos sonhos, construída através da propaganda que circulava na Europa, convertia-se em selva. No caso do Estado do Paraná, divulgava-se a facilidade em tornar-se proprietário de terra, porém não se comentava que muitas colônias foram construídas, bem como os lotes delimitados, em lugares de mata densa.

Após a última parada ser feita nas terras da colônia Ivaí, os mesmos desembarcavam das carroças e eram encaminhados até a hospedaria de imigrantes estabelecida no local. Ficavam à espera dos respectivos pedaços de terras prometidos na propaganda para construírem suas novas moradas.

Em muitos casos, como a realidade não batia com o prometido, após a chegada dos imigrantes europeus nas colônias, esses migravam para outras regiões. Portanto, migrações internas entre os estrangeiros eram frequentes, pois as promessas feitas pelos agentes e companhias de imigração não condiziam com a realidade.

Sobre esse aspecto, Guérios ressaltou que o aumento do número de colônias no início do período republicano mostrou que o governo paranaense estava totalmente despreparado para a empreitada¹²⁶. A primeira dificuldade nas colônias era chegar até elas. Essas informações também foram constatadas na fala de André Schuista¹²⁷:

¹²⁵ Idem TAMANINI, Paulo Augusto, 2016.

¹²⁶ GUÉRIOS, Paulo Renato. 2007. Op. Cit. p. 116-117.

¹²⁷ André era filho de imigrantes europeus.

Os que vieram de fora (Europa) sofreram. Não tinha estrada, não tinha bodega [...], não tinha médico, tinha só algum curado e estavam vivendo assim. Quem veio da Europa não sabia nem trabalhar porque não sabia nem o que era enxada e o que era foice. Depois tinha aqui algum ferreiro e começaram a bater e fazer foice e enxada para carpir [...] aquele tempo quem veio de lá da Europa sofreu aqui no Brasil [...] aqui não tinha estrada, só tinha Carreiro [...]¹²⁸

O desolamento e a decepção dos imigrantes com o local de destino era constante durante todo o século XIX, Gustav Hermann Strobel, juntamente com os familiares foram levados de São Francisco do Sul para Joinville e ao chegarem lá nada do que fora prometido foi encontrado. Conforme Strobel relatou: “a decepção era visível nos rostos de cada um, pois a vegetação fechada que víamos nas margens era um tanto assustadora”.¹²⁹ A insatisfação e a revolta tomavam conta de alguns imigrantes¹³⁰, outros decidiam buscar a sorte em outros lugares dando força para as migrações internas. Esse foi o caso do pai de Gustav, que deixou Joinville e migrou para Curitiba. Mas isso acarretou na necessidade de deixar a família para trás por um tempo para posteriormente buscar os demais membros familiares.¹³¹

O pai de Gustav não fez a viagem sozinho a Curitiba. Foi acompanhado de um cidadão da cidade de Weimar, na Saxônia, que precisava buscar oportunidades de trabalho longe de Joinville¹³², a viagem de Christian, pai de Gustav, e seu companheiro até Curitiba levou 14 dias¹³³, o que demonstra as dificuldades dos imigrantes recém-chegados, pois além da precariedade dos transportes, as estradas inexistentes para muitos trechos. Mas nem todos os imigrantes tiveram o mesmo destino da família Strobel.

Enquanto se aguardava o governo delimitar a área de terra a ser recebida, muitas expectativas de construir uma nova vida eram desfeitas e acabavam ali mesmo. A terra tão sonhada consumia o próprio corpo de muitos daqueles que a desejavam.

¹²⁸ SCHUISTA, José. Entrevista concedida a Lucimara Koss, em 20 de janeiro de 2008.

¹²⁹ NADALIN, Sergio Odilon. 2015. Op. cit. p. 40.

¹³⁰ Idem NADALIN, Sergio Odilon. 2015. p. 41.

¹³¹ NADALIN, Sergio Odilon. 2015. Op. cit. Capítulo 5.

¹³² NADALIN, Sergio Odilon. 2015. Op. Cit. p. 48

¹³³ Idem NADALIN, Sergio Odilon. 2015, p. 52.

Ao verem cenas de uma terra que não correspondia às expectativas projetadas, e de familiares morrendo pelo caminho, muitos imigrantes europeus desejavam voltar para sua terra natal, porém a viagem não tinha volta. O governo financiava somente a passagem de vinda para o Brasil. Portanto, sem recursos para regressar para Europa, restava enterrar ou ser enterrado em terras desconhecidas.

À medida que os imigrantes caminhavam em direção aos seus lotes, muitos deles observavam o cenário e a vontade de voltar para a terra natal só aumentava, mas o caminho não tinha retorno. Pois conforme dito, muitos dos imigrantes vieram para o Brasil tendo suas despesas bancadas pelo governo ou por empresas privadas. Nesse caso, a imigração não era sazonal ou temporária, mas sim definitiva até mesmo por falta de recursos para regressar à terra natal.

Após receberem seus respectivos pedaços de terra, os mesmos deveriam derrubar a mata e dela extrair a madeira para construir suas novas moradas e plantar seu alimento. A derrubada das árvores para o cultivo de alimentos também se convertia em um pesadelo para muitos imigrantes. Vindo de lugares da Europa com terras já devastadas, muitos deles não sabiam se quer derrubar a mata para plantar. Isso ficou claro na fala de Vladomiro Lobacz:

Quando o pai e a mãe se colocaram ali no Saltinho (Linha Dr. Golçalves Junior) [...] Ele não sabia nem cortar a mata e fazer roça. Eles começaram de cortar aquele taquaral, aquela lenha e empilhavam. Não sabiam nem plantar. Depois que ensinaram eles: oh! Pegue, corte e largue! Eles começaram a fazer pilha de madeira e plantar. Era dura a vida para os estrangeiros que vieram para o Brasil. Eu depois puxei muita mudança de carroça [...] puxei muita mudança de alemão lá para Cândido de Abreu. Eles vieram e estavam acampados em Ponta Grossa. Às vezes a gente ia lá e eles pediam para levar eles. Muitos carroceiros levavam. Para Candido de Abreu levava trinta dias, quarenta conforme. Não tinha estrada aqui [...] ¹³⁴

Essa falta de prática em saber manusear a madeira, acabou levando muitos imigrantes à morte. Nas certidões de obtido da colônia Ivaí da primeira metade do século XX, nota-se que imigrantes faleceram em função de acidentes relacionados à derrubada de árvores, principalmente com araucária. O quadro a seguir demonstra como esse tipo de acidente era superior em relação aos outros.

¹³⁴ LOBACZ, Vladomiro. Entrevista concedida a Lucimara Koss em 30 de janeiro de 2008.

QUADRO 1- CAUSAS DE MORTE DA POPULAÇÃO DE IVAÍ DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX RELACIONADAS A ACIDENTES

Tipos de acidentes	Número de pessoas falecidas
Acidente com arma de fogo	3
Acidente na raia de corrida de cavalo	1
Acidente com corte e queda de árvore	6
Acidente na prensa de cana (braço esmagado/traumatismo)	1
Acidente (queda em uma cisterna)	1
Acidente (pisoteado por cavalos e carroça)	1
Acidente com carroça	1
Acidente com introdução de semente de milho na traqueia	1
Acidente (cabeçada de um boi)	1
Acidente (caiu de um pinheiro)	1
Afogado em rio	2
Acidente (caiu na água com o cavalo e morreu afogado)	1
Braço e cabeça esmagada na máquina da indústria Teófilo Cunha	1
Caiu no tacho de água fervida e afogou-se	1
Ferimento craniano contuso seguido de hemorragia interna	1
Ferimentos pela cabeça e por todo corpo	1
Queimado no fogo	4
Traumatismo	1
Acidente não especificado	1
Total	30

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

A ocorrência de acidentes relacionados a derrubada de árvores, demonstram que no trabalho na abertura das terras as atividades laborais corriqueiras ceifavam vidas. Por virem de uma região agrícola já desmatada, muitos imigrantes não sabiam manusear as árvores para cortá-las e eram atingidos pelas mesmas. Outros ao roçar a mata, ou até mesmo andar no meio da mesma ou fazer a colheita agrícola, eram picados por cobras. Outros ao usarem a carroça ou cavalos como meio de transporte sofriam quedas ou eram pisoteados pelos cavalos. Também havia aqueles que utilizavam revólver, espingarda para caçar (ou para se proteger) e eram atingidos pelos mesmos ao manuseá-los. Percebe-se no quadro 1 que ocorreram 3 mortes relacionadas a acidentes com armas. Por fim, havia aqueles que eram surpreendidos pelo fogo e morriam queimados ou asfixiados pela fumaça.

Além dos óbitos decorrentes de acidentes, as mortes relacionadas às doenças também trazem dados interessantes sobre a realidade do local. Eram diversas as enfermidades que tiravam vidas no “novo mundo”, algumas eram

adquiridas na “nova terra”, e outras eram trazidas do “velho mundo”, como por exemplo, gripe espanhola. Esta aparece nas certidões de óbitos somente nos primeiros anos de imigração. Muito provavelmente os imigrantes contraíram a doença na Europa, ou até mesmo no navio de imigração ao entrar em contato com outras pessoas já com o vírus, e acabaram falecendo no Brasil.

Além da gripe espanhola, havia muitas outras enfermidades que ceifavam vidas. Conforme informações descritas nas certidões de óbitos, algumas pessoas tiveram assistência médica antes de falecer e o médico descreveu o motivo da morte. Segundo essas fontes foi possível identificar as seguintes causas:

QUADRO 2- CAUSAS DE MORTE DA POPULAÇÃO DE IVAÍ DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX RELACIONADAS ÀS DOENÇAS

Tipos de doenças	Número de pessoas falecidas
Adipsia	1
Apoplexia	1
Asfixia por infecção	1
Ataque de asma	1
Bronquite	1
Câncer	9
Colapso circulatório (anemia agranulocitose)	1
Congestão do fígado	1
Coqueluche	5
Derrame cerebral	2
Disenteria bacilar	1
Disenteria infantil	3
Difteria	4
Doença azul	1
Doenças cardíaca	19
Eclampsia	2
Epilepsia	1
Febre	4
Gangrena (1 Gasosa apendicite)	4
Gastrite	1
Gripe (6 casos de gripe espanhola)	15
Infecção intestinal	1
Insuficiência cardiorrenal	4
Malária	2
Meningite	5
Nefrite e cardiopatia	3
Paralisia	2
Pneumonia	14
Sarampo	1
Tuberculose	8
Varicela	1
Varíola	1
Total	120

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Conforme já dito e observado no quadro acima, cerca de 15 pessoas faleceram de gripe. Dentro desse número teve 6 casos descritos como gripe espanhola. Essa quantidade pode aumentar se levarmos em conta que 14 doentes entraram em óbito devido a pneumonia, doença que também está relacionada à gripe.

Outras causas de morte que se destacam no quadro 2, são as relacionadas a doenças do coração. Cerca de 19 pessoas faleceram devido a alguma enfermidade cardíaca.

Outros motivos de falecimento que aparecem de forma bastante significativa nas certidões de óbito, são aqueles derivados do parto e problemas de gestação. Essas informações podem ser constatadas com mais detalhes no quadro a seguir:

**QUADRO 3- CAUSAS DE MORTE DE MULHERES E CRIANÇAS RELACIONADAS AO PARTE
A PROBLEMAS DE GESTAÇÃO**

Principais causas de morte	Número de pessoas falecidas
Parto (mulheres que faleceram no parto e pós-parto)	24
Nasceu e logo faleceu sem especificação da causa	1
Nasceu morto	5
Nascimento prematuro e debilidade congênita	5
Febre puerperal	5
Total	40

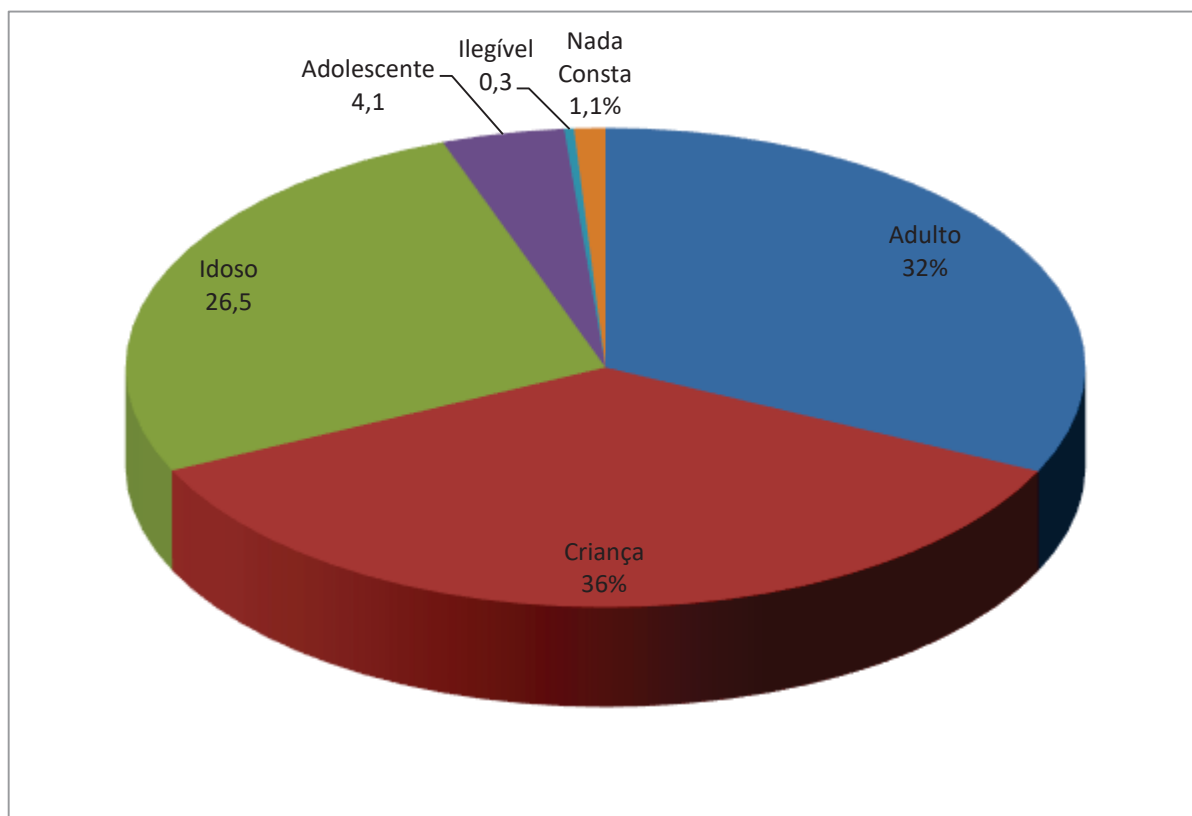
Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Das 225 pessoas com motivos de falecimento especificados nas certidões de óbitos, cerca de 24 eram mulheres que faleceram no parto. Esse número pode subir se levarmos em conta que ocorreram mais 5 mortes relacionadas a febre puerperal. Essas poderiam estar relacionadas tanto as mães quanto aos filhos pós-parto.

O óbito de mulheres no parto e de crianças nascidas prematuramente ou mortas, pode estar associado a ausência de cuidados médicos, pois no início do século XX a obstetrícia era algo longe da realidade das colônias de imigração. Além disso, durante todo o século XIX a ciência obstétrica esteve associada a um saber inferior, porque o parto e tudo que o envolvia era coisa para as parteiras, dessa forma essa especialidade fundamental da medicina carecia de profissionais e métodos adequados, o que acabava aumentando as mortes de bebês e

parturientes¹³⁵. A mortalidade infantil (crianças de 0 a 12 anos) e das mães no parto (e logo após ele) era grande. Isso pode ser observado claramente no gráfico a seguir:

GRÁFICO 1 – FAIXA ETÁRIA¹³⁶ DOS FALECIDOS EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX REFERENTE AOS DADOS DOS QUADROS 1, 2, E 3¹³⁷



Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Conforme dados do gráfico acima, 36% das pessoas que faleceram em Ivaí na primeira metade do século XX, eram crianças. Essas representavam 649 mortes das 1814 que ocorreram. Se o acesso à medicina especializada na saúde feminina era difícil nos centros urbanos maiores, ao longo do século XIX e início do XX, muito mais restrito era o atendimento médico nas colônias de imigração. Nesses locais todo atendimento médico, seja ginecológico ou obstétrico, bem

¹³⁵ MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX**. Tese de doutorado em História, Unicamp. Campinas: 2000.

¹³⁶ Através da data do óbito e da idade do falecido, foi calculado a faixa etária da seguinte forma: de 0 a 12 anos criança; de 12 a 17 anos adolescente; de 18 a 60 anos adulto; de 60 anos para cima idoso.

¹³⁷ Aqui inclui-se imigrantes, descendentes de imigrantes europeus, de africanos, entre outros.

como qualquer outro, era algo raro¹³⁸. Mas, a mortalidade infantil sempre era maior devido à falta de anticorpos dos bebês, infecções pós-parto e ausência de vacinas.

Além dessas informações, através da análise dos registros de óbitos, é possível perceber que o suicídio foi a fuga do local encontrada por alguns imigrantes. Cerca de 10 pessoas tiraram suas vidas. Isso poderia estar relacionado às frustrações e dificuldades encontradas pelos mesmos ao se estabelecerem na colônia Ivaí. Conforme dito, muitos deles sentiam-se enganados pela propaganda que circulava na Europa e desejavam voltar a terra natal para perto dos familiares deixados para trás. Como para alguns a viagem não tinha volta, o suicídio pode ter sido a saída encontrada para fugir dessa nova realidade.

Aparentemente, 10 suicídios é um número baixo, porém torna-se alto se levarmos em conta que ocorreram principalmente nos anos iniciais da chegada dos primeiros imigrantes no local. De 1907 até o ano de 1912 aparece com frequência nas certidões de óbito o termo suicidou-se. Após esse período os suicídios praticamente desapareceram nas certidões de óbito.

As certidões de óbitos não trazem as causas dos suicídios, no entanto algumas considerações são possíveis de serem realizadas. A expectativa ao sair da Europa era imensa, mas a realidade era muito diferente e cruel. Razão que já poderia levar alguém a pensar em suicídio. Havia também casos em que a família era desfeita no interior do navio devido às mortes por epidemias, e quando chegava ao Brasil descobria-se que a morte dos entes queridos foi em vão, pois o sonho transformava-se em um pesadelo.

Por fim, vale destacar o aparecimento de 13 mortes relacionadas a homicídios. Os motivos desses não aparecem nas certidões de óbito, o que impede maiores considerações. Se levar em conta essa informação e os dados de todos os quadros apresentados até aqui, tem-se o seguinte resultado:

¹³⁸ MARTINS, Ana Paula Vosne. 2000. Op. Cit.

QUADRO 4 – MOTIVOS GERAIS DE ÓBITOS DE IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Causas mortis gerais	Soma de pessoas falecidas por causa	Em %
Acidente	30	1,6
Doença	120	6,6
Assassinato	13	0,7
Suicídio (arma de fogo e enforcamento)	10	0,5
Parto e problemas de gestação	40	2,2
Mordida de cobra	6	0,4
Causas de mortes não especificadas	1589	87,4
Intoxicação alcoólica	3	0,3
Faleceu na hospedaria dos imigrantes sem especificação da causa	2	0,2
Faleceu no navio de imigração sem especificação da causa	1	0,1
Total	1814	[100%]

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

No quadro 4 foram analisados 1814 óbitos, 225 mortes trazem os motivos e cerca de 1591 pessoas faleceram sem assistência médica. Aparentemente as porcentagens sobre esses números parecem baixa devido ao fato de 1589 (87,4%) certidões não constarem motivo do óbito, porém se tirar essas fontes fora e fazer a conta somente entre as 225 certidões que descrevem a causa, percebe-se que 55% das pessoas faleceram devido a alguma enfermidade. Em seguida, a segunda maior causa está relacionada ao parto e problemas de gestação, cerca de 18% das 225 mortes. Em terceiro vem os acidentes com 14%. Em quarto os assassinatos com 6%. Em quinto suicídio com 4% e sexto mordida de cobra com 3%. Portanto, percebe-se que a vida dos habitantes de Ivaí da primeira metade do século XX, poderia ser ceifada por vários motivos, mas a mortalidade de mulheres relacionadas a gravidez era alta. Em muitos casos o sonho de se tornar mãe poderia ser frustrado com o fim da própria vida devido à falta de recursos médicos na colônia. O mesmo poderia ocorrer com aqueles que ficavam doentes, pois além da falta de um hospital na colônia o acesso a antibióticos também era precário. Muitos dos doentes que tiveram laudo médico descrito na certidão de óbito faleceram no Hospital em Ponta Grossa. Portanto, tiveram que percorrer cerca de 90 Km em busca de tratamento, porém nem todos conseguiam fazer isso porque não tinham recursos e as viagens eram feitas de carroças.

2.4 COMPOSIÇÃO POPULACIONAL DA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ

De acordo com dados extraídos dos recenseamentos¹³⁹ realizados pelo IBGE, o número de imigrantes que entraram em terras paranaenses se intensificou principalmente a partir da primeira década do século XX. Em 1900 17,3% da população do Paraná era constituída por estrangeiros. Os mesmos somavam um total de 39.457 indivíduos.¹⁴⁰ Essa entrada de imigrantes europeus fez com que a porcentagem de brasileiros natos residentes no Paraná caísse de 97,9% em 1890, para 80,1% em 1900. Informações como estas podem ser constatadas detalhadamente na tabela a seguir:

TABELA 1: POPULAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ DESCRITA POR NACIONALIDADE CONFORME DATAS DOS RECENTEAMENTOS REALIZADOS PELO IBGE

Nacionalidade	1872 Em %	1890 Em %	1900 Em %	1920 Em %	1940 Em %	1950 Em %
Brasileiro nato	97	97,9	80,1	90,8	94,5	96,7
Brasileiro naturalizado	0,1	2,1	0,3	0,5	0,8	0,5
Estrangeiro	0,2	-----	17,3	8,6	4,6	2,7
Sem declaração	-----	-----	2,3	0,1	0,1	0,1
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: I.B.G.E . **Censos demográficos e econômicos do Estado do Paraná**. Série regional volume XXVI, Rio de Janeiro, 1955.
Adaptado por: KOSS, Lucimara. 2018.

Segundo dados da tabela acima, de 1910 a 1920 a porcentagem de estrangeiros baixou de 17,3% para 8,6%. Isso não significa que a entrada de imigrantes no Brasil teve queda em termos numéricos, pois de 1910 a 1920 o número de estrangeiros subiu de 39.457 para 59.119. Essa queda na porcentagem pode ser explicada pelo fato de o número de brasileiros também ter subido em 1900 de 182.002 para 622.601 em 1920. Mas isso não quer dizer que a migração interna para o Paraná subiu de forma assustadora, mas sim que muitos imigrantes já poderiam ter tido filhos nascidos no Brasil e contribuído para o aumento dos brasileiros natos. O mesmo ocorreu entre os anos de 1920 a 1950.

¹³⁹ I.B.G.E . **Censos demográficos e econômicos do Estado do Paraná**. Série regional volume XXVI, Rio de Janeiro, 1955.

¹⁴⁰ Para melhores informações sobre o número de habitantes no Paraná de 1872 a 1850 ver apêndice 1.

Percebe-se que somente em 1900 a porcentagem de brasileiros natos teve queda e a de estrangeiros alta. A entrada de imigrantes nesse período levou a queda dos brasileiros natos, porém à medida que os estrangeiros foram tendo filhos nascidos no Brasil a porcentagem de nacionais voltou a subir.

Uma parte desses estrangeiros e brasileiros registrados pelo IBGE residiam na colônia federal Ivaí. Segundo dados do censo,¹⁴¹ em 1915 Ivaí contava com 2.560 “austríacos”¹⁴², 84 alemães, 18 holandeses, 590 russos, 5 suíços e 471 brasileiros. Somando um total de 3.728 imigrantes de origem europeia e uma população de aproximadamente 3.728 habitantes. Desse número, 3.557 pessoas foram fixadas em lotes rurais e 171¹⁴³ residiam na sede da colônia estando distribuídas da seguinte forma:

TABELA 2 – RELAÇÃO DOS COLONOS RESIDENTES EM LOTES URBANOS E RURAIS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1915 NA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ

Nacionalidade	Residentes na sede Em %				Residentes em lotes rurais Em %			
	Famílias	Pessoas	Homens	Mulheres	Famílias	Pessoas	Homens	Mulheres
Alemão	0	0	0	0	1,9	2,2	2,3	2,1
Austríaco	4	3,2	3,2	3,3	64,9	65,3	63,7	67,2
Russo	0,1	0,5	0,5	0,2	15,6	15,7	16,1	15,4
Holandês	0	0	0	0	0,4	0,4	0,4	0,5
Brasileiro	1,4	1,1	0,9	1,3	11,6	11,6	13,3	9,8
Suíço	0,1	0,1	0,2	0,2	0	0	0	0
Total	5,6	4,9	4,8	5	94,4	95,2	95,8	95

Fonte: RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Recenseamento da população do Núcleo Colonial Ivaí realizado em 31 de dezembro de 1915**. Localização: arquivo da prefeitura municipal de Ivaí (APMI). Org.: KOSS, Lucimara. 2012.

¹⁴¹ROGACIANO, Antunes Ribeiro. **Recenseamento da população do núcleo Ivaí em 31 de dezembro de 1915**. Localização do arquivo: prefeitura Municipal de Ivaí (A. P. M. I).

¹⁴²Entre os austríacos e russos não se sabe qual é o número exato de ucranianos e poloneses que se estabeleceram na Colônia Federal Ivaí. Muitos destes imigrantes eram registrados nos portos de embarcação como austríacos, russos ou alemães. Isso dependia da localização geográfica em que eles viviam e da nação que dominava o território, os passaportes eram extraídos conforme a potência de ocupação. Em algumas regiões de onde os imigrantes ucranianos e poloneses partiram como a Galícia localizada na Europa Centro-Oriental e que hoje faz parte da Polônia e da Ucrânia, estavam sob o domínio da Rússia e do Império Austro-Húngaro, não havendo uma distinção entre estas duas etnias na hora do embarque. Muitos ucranianos e poloneses tiveram seus passaportes extraídos como russos ou austríacos, e em muitos casos foram classificados dessa forma.

¹⁴³ Para melhores informações sobre essa contagem ver apêndice 2.

Percebe-se nos dados dos censos que o número de brasileiros que habitavam o local não era insignificante. Pois conforme pode-se observar na tabela 2, desses 3.728 habitantes cerca de 12,7% (471 pessoas) foram descritas pelo zelador como brasileiras. Número significativamente alto se levarmos em conta o fato de que o local era tido como um vazio demográfico a ser povoado pelas políticas imigratórias, principalmente porque 11,6% desses nacionais residirem na área rural da colônia.

Essa presença de brasileiros em colônias de imigração não era uma característica somente da colônia federal Ivaí. Em outras colônias, como por exemplo, Thereza e Assunguy também era comum. Em Superaguy, conforme aponta Angela Caroline Szychowski,

[...] Em 1857, “constava o pessoal do estabelecimento de 88 famílias, compreendendo todos 403 indivíduos. Nesse pessoal entram 55 estrangeiros e 348 brasileiros”, conforme informou o vice-presidente Vaz de Carvalhaes. Essa tendência se manteve no ano seguinte, quando “a colônia conta[va] 450 indivíduos que formam 100 famílias das quais 20 francesas e 80 brasileiras”. O mesmo ocorreu na colônia Thereza: “Conta mais de 200 indivíduos, sendo 22 franceses e os mais nacionais.”¹⁴⁴

Voltando aos dados da tabela 2, percebe-se que grande parte dos imigrantes que aportaram em terras brasileiras e foram direcionados a seguirem até a colônia federal Ivaí, eram provenientes das regiões europeias que estavam sob o domínio do Império Austro-Húngaro. Portanto, os 68,5% (2.560) de imigrantes registrados como austriacos poderiam ser tanto poloneses quanto ucranianos¹⁴⁵.

Passados alguns dias já na colônia Ivaí, os imigrantes receberam um pedaço de terra do governo equivalente à área de dez alqueires. As mesmas estavam divididas em 22 linhas:¹⁴⁶ linha Dr. Grechale (Grenhal), linha Rio dos Índios, linha Rio Branco, linha Ajudante Coutinho, linha Barreiro, linha São Roque, linha Vicinal São Roque, linha Bom Jardim, linha Dr. Gonçalves Junior, linha Dr.

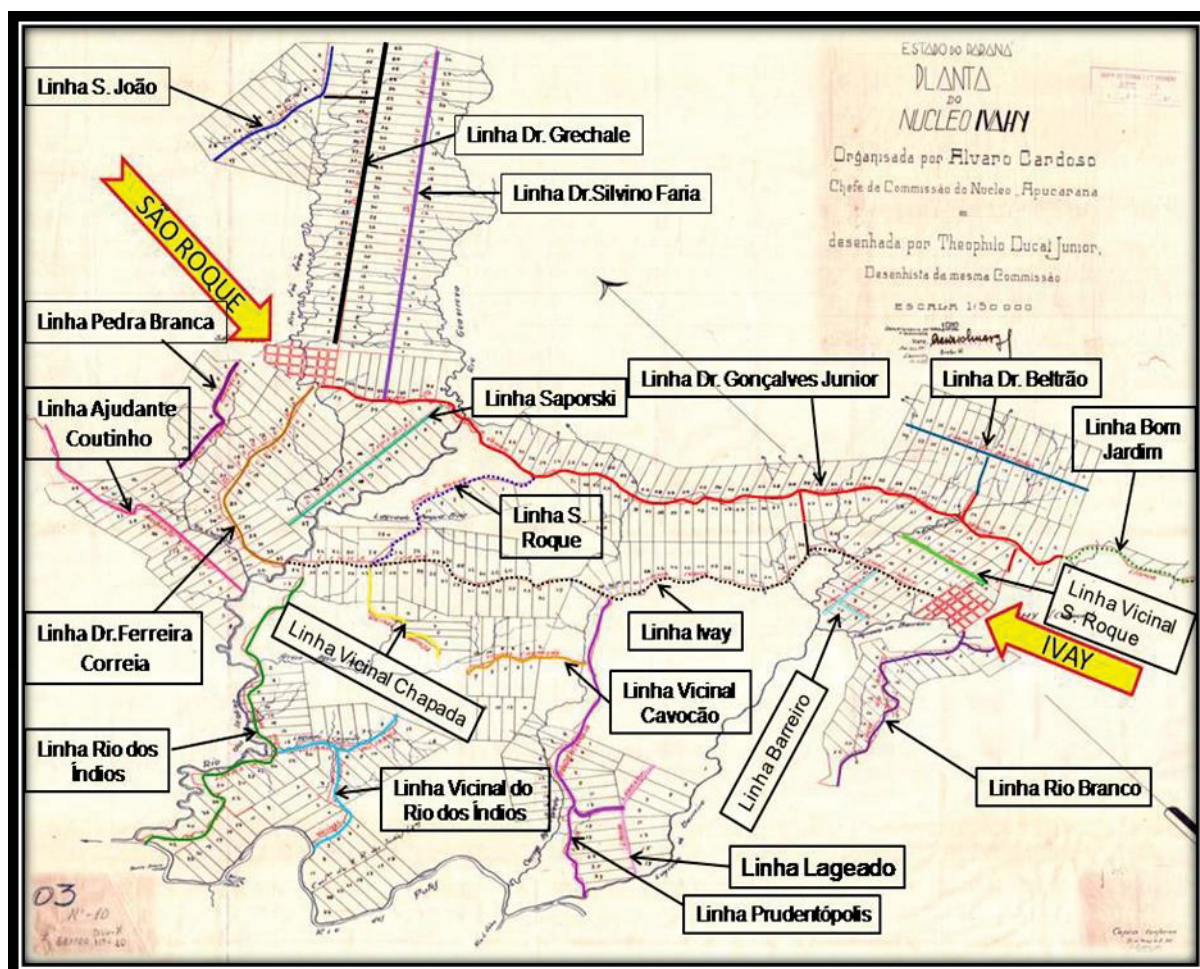
¹⁴⁴ SZYCHOWSKI, Angela Caroline. **Colonos brasileiros no Paraná da segunda metade do século XIX: a experiência de Assungui**. Dissertação de mestrado. Curitiba, 2016, p. 12-13.

¹⁴⁵ Ver nota 141.

¹⁴⁶ Os nomes das linhas foram escritos conforme os dados da planta do núcleo colonial de 1912.

Beltrão, linha Prudentópolis, linha Vicinal Chapada, linha Cavocão, linha Vicinal Rio dos Índios, linha Lageado, linha Saporski, linha Pedra Branca, linha Ivay, linha Dr. Ferreira Correia, linha Dr. Silvino Faria, linha Dr. Faivre e linha São João. A planta a seguir traz a localização dessas linhas e a distribuição dos lotes que deram início à construção do espaço da referida colônia.

FIGURA 2- PLANTA DO NÚCLEO COLONIAL IVAÍ DE 1912



Fonte: JUNIOR DUCAL, Theophilo. **Planta do núcleo colonial Ivaí de 1912**. Arquivo: Instituto Ambiental do Paraná (IAP). Adaptado por: Koss, Lucimara (2012)¹⁴⁷.

Observando a figura 2, nota-se que a colônia possuía dois núcleos populacionais: São Roque e Ivaí Calmon (sede da colônia). Inicialmente a maior concentração de imigrantes ucranianos e poloneses se deu nas linhas. Isso explica os dados da tabela 2 sobre o número de habitantes residentes na sede e em lotes rurais em 1915. Segundo o censo realizado nesse período, como foi

¹⁴⁷ KOSS, Lucimara. Op. Cit. 2013.

observado anteriormente, 95,2% da população (3.557 pessoas) residia em lotes rurais e 4,9% (171 pessoas) na sede. Em relação aos imigrantes cerca de 83,6% foram instalados na área agrícola da colônia Ivaí. Esses dados confirmam alguns dos objetivos das políticas imigratórias voltadas para o Sul do Brasil: aumentar a densidade demográfica, fixar imigrantes em lotes rurais para produzir alimentos, diversificar a economia e contribuir para o desenvolvimento do mercado interno com o cultivo de produtos agrícolas.

Além disso, dados como esses respondem às seguintes indagações que foram lançadas: por que atualmente grande parte da população de Ivaí reside em área rural e sobrevive de práticas agrícolas em pequenas propriedades? Isso tem algo a ver com o sistema de colonização implantado nesse município? A resposta é sim. A planta do núcleo colonial Ivaí de 1912 e a tabela 2, mostraram com clareza o esforço do governo em fixar os imigrantes em propriedades rurais. Dentre os objetivos ocultos nesse modelo de colonização, estavam questões relacionadas ao próprio desenvolvimento agrícola/econômico do país. Isso pode ser observado no relatório do zelador Rogaciano Antunes Ribeiro, enviado ao presidente do Estado em 1915:

[...] Tem sido o meu único escopo em instruir ao colono para a intensificação de suas lavouras, a fim de sempre argumentar o desenvolvimento econômico e o progresso do país. Reitero a vossa excelência os meus sinceros protestos da mais alta estima e elevada consideração.¹⁴⁸

A intenção não era formar um núcleo urbano, este vai ser consequência da organização dos colonos no transcorrer dos anos. Portanto, o fato de Ivaí nos dias atuais ser uma cidade em que grande parte da população reside na zona rural e sobrevive de práticas agrícolas em pequenas propriedades, tem sim ligação com o sistema de colonização implantado nessas terras. Assim como imigrantes que foram instalados em 1907 nas linhas visando a produção de alimentos e diversificação econômica, muitos dos descendentes continuam nas mesmas propriedades. Porém, hoje o que mais se destaca na região é a produção de tabaco. Esta também pode ser vista como resultado do processo

¹⁴⁸ Fonte: RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Relatório do núcleo colonial Ivaí enviado ao presidente da província em 1915**. Localização do relatório: A. P. M. I.

colonizatório implantado na região. Ao serem questionados sobre o porquê de praticarem a fumicultura, a maioria das famílias alegaram ser a atividade que mais gera lucro na pequena propriedade agrícola.

Voltando aos dados da tabela 2 e completando-os com os números do apêndice 2, as 10 famílias brasileiras residentes na sede tinham uma média de 4,2 indivíduos cada e as 26 famílias “austríacas” (poloneses e ucranianos) uma média de 4,6. No caso das famílias “austríacas” esse número pode estar relacionado à recente imigração de casais jovens com uma média inferior a três filhos.

Em contraponto à sede, a população rural era bastante significativa apresentando um número de 3.557 pessoas. Além da relevância numérica há uma grande variedade étnica no interior do núcleo colonial. A média de pessoas por família estava acima dos cinco indivíduos: era de 6,4 para os alemães, 5,4 para os “austríacos”, 5,1 para os russos, 6 para os holandeses e 5,2 para os brasileiros. Essa média superior a 5 pessoas por família mostra uma característica do mundo rural em que os filhos eram utilizados como mão de obra na produção agrícola.

Em relação aos alemães, para Sergio Odilon Nadalin¹⁴⁹, a grande quantidade de membros familiares pode ser associada a valores camponeses trazidos da terra natal. Para chegar a essa conclusão, o autor analisou registros de batismos e casamentos de paróquias frequentadas pelos alemães em Curitiba-PR de 1866 a 1939. Tendo como objetivo central pesquisar a diminuição do número de filhos e de concepções pré-nupciais entre os imigrantes nascidos fora do Brasil e os que nasceram no Brasil, bem como a queda da fecundidade entre os imigrantes de origem germânica de Curitiba de 1866 a 1939, o autor reconstituiu a formação de algumas famílias alemãs dividindo-as em três grupos: I coorte (1866-1894), II (1895-1919) e III (1920-1939).

¹⁴⁹ NADALIN, Sergio Odilon, 1988, « Casamento, sexualidade, reprodução », **Revista Brasileira de Estudos de População**, 5(2), p. 63-82. Disponível em: http://www.rebep.org.br/index.php/revista/article/view/575/pdf_547.

NADALIN, Sergio Odilon. Imigração e família, segunda metade do século XIX. **Revista Latinoamericana de Población**, 8(14):31-55. Enero-Junio 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/toc.oa?id=3238&numero=32454>.

Essa divisão permitiu que Nadalin chegasse à conclusão de que a grande quantidade de filhos da primeira coorte (formada basicamente por imigrantes que nasceram na Europa e depois mudaram-se para o Brasil), estaria associada ao fato desses indivíduos terem trazido da Europa certas tradições. Portanto, a elevada taxa de natalidade e de concepções pré-nupciais estaria ligada à origem dessas famílias que ainda apresentavam valores fortes, tais como: ideia de que o casamento serve para a manutenção e perpetuação do grupo; bem como para produzir mão de obra camponesa.

Voltando novamente aos dados da tabela 2, os mesmos também permitem perceber que a superioridade numérica de “austríacos” era grande. Mesmo somando-se todas as outras nacionalidades, a porcentagem de pessoas listadas como “austríacas” ainda é superior¹⁵⁰.

Se, entre outras motivações, o objetivo do governo era preencher o “vazio demográfico”, a disparidade numérica entre os sexos não devia ser muito grande. Caso fosse, o número de solteiros seria elevado e o aumento populacional poderia ficar comprometido. Analisando a tabela 2, a partir dessas considerações, percebe-se que havia um equilíbrio numérico entre homens e mulheres. Esse equilíbrio pode estar relacionado à intenção do governo de fixar famílias, aumentar o contingente populacional e ampliar a área cultivada. Nesse aspecto, não era interessante uma desproporção entre os sexos, ou seja, a vinda dos imigrantes foi dirigida e não era adequada uma população eminentemente masculina ou feminina.

Além das nacionalidades descritas na tabela 2, conforme dito, apesar de preferirem as políticas imigratórias voltadas para os cafezais paulistas, em 1918 passaram a se radicar em Ivaí imigrantes de outras origens, entre elas italianos. Nesse ano entraram mais nove famílias “austríacas”¹⁵¹ (34 pessoas), quatro famílias russas (20 pessoas), uma família italiana (2 pessoas) e duas famílias de

¹⁵⁰ Se levarmos em conta que algumas famílias russas e até alemãs, poderiam ser ucranianas ou polonesas essa superioridade é ampliada significativamente.

¹⁵¹ Dados extraídos do recenseamento geral da população do Núcleo Colonial Ivaí, realizado em 1918 pelo Zelador da Colônia Rogaciano Antunes Ribeiro. Localização do recenseamento: A. P. M. I.

brasileiros (12 pessoas)¹⁵². Essas informações podem ser observadas claramente na tabela a seguir:

TABELA 3 - ENTRADA DE IMIGRANTES E MIGRANTES NA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ CONFORME DESCRITO NOS CENSOS REDIGIDOS PELO ZELADOR DA COLÔNIA

	1915		1918		1919		1922		1923			
Nacionalidade	Nº Fam.	Nº Pes.	Nº Fam.	Nº Pes.	Nº Fam.	Nº Pes.	Nº Fam.	Nº Pes.	Nº Fam.	Nº Pes.	Total Fam.	Total Pes.
Austríaco	8	29	9	34	-	-	-	-	-	-	17	63
Brasileira	10	53	2	12	8	50	-	-	6	22	26	137
Italiana	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-	1	2
Polonesa	-	-	-	-	46	258	14	39	13	64	73	361
Russo	3	6	4	20	-	-	-	-	-	-	7	26
Total	21	88	16	68	54	308	14	39	19	86	124	589

Fonte: RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Registros de entradas de imigrantes e migrantes de 1915 a 1924**. Localização dos registros: A. P. M. I. Org.: KOSS, Lucimara. 2012.

Na tabela 3 há uma relação das pessoas que se fixaram na colônia entre 1915 a 1923.¹⁵³ Comparando com os dados apresentados na tabela 2, nota-se que a entrada de imigrantes se deu principalmente em um período anterior a Primeira Guerra Mundial. Pois segundo informações extraídas dos censos¹⁵⁴, em 1915 havia uma população de aproximadamente 3.728 habitantes na colônia Ivaí, e a tabela 3 demonstra que de 1915 a 1923 entraram apenas 589 imigrantes na colônia.

Com base nesses dados, é possível perceber, ainda que de forma implícita, como a imigração que chegou a colônia federal Ivaí foi afetada/modificada pela Primeira Guerra Mundial. É interessante observar que quando acabou a guerra em 1918, sumiram os dados referentes aos “austríacos” e apareceram os poloneses. Isso se deu principalmente devido ao fato de em 1918 a Polônia ter conseguido a sua independência.

¹⁵² Neste período a colônia possuía 3.854 habitantes. De acordo com o recenseamento geral da população realizado em 1918, desse número 484 pessoas foram registradas como brasileiras, 40 alemães, 2.667 austríacas, 21 holandesas, 10 italianas, 627 russas e 5 suíças.

¹⁵³ A ausência de dados para os anos de 1916 e 1917, está relacionada a falta de documentação referente a este período.

¹⁵⁴ **Recenseamento da população do núcleo Ivaí em 31 de dezembro de 1915**. Localização do arquivo: prefeitura Municipal de Ivaí (A. P. M. I).

Do mesmo modo, após 1918 não se registrou a entrada de russos. A Rússia sofreu com a guerra e saiu do conflito apenas quando o czar Nicolau II foi deposto em 1917 pela Revolução Russa. As consequências da guerra e da própria revolução de 1917, podem ter contribuído para isso.

Conforme é perceptível na tabela 3, além das informações sobre os imigrantes europeus que entraram em Ivaí, os registros demonstram que a colônia também era um espaço aberto para a entrada de migrantes internos brasileiros.

O mesmo ocorria em outros locais de imigração como por exemplo Assunguy. Segundo Edrielton dos Santos Garcia e Joseli Maria Nunes Mendonça, a colônia Assunguy foi fundada pelo governo imperial no Paraná em 1860. Nela foram instaladas 5 famílias alemãs somando um total de 35 pessoas¹⁵⁵. Ao se estabelecerem no local, receberam um pedaço de terra do governo e assinaram contrato comprometendo-se a pagar. Primeiramente a iniciativa estava voltada para imigrantes europeus, mas logo foi ampliada para nacionais. Conforme afirma Mendonça e Garcia: “[...] no início, Assunguy era para abrigar colonos estrangeiros, mas já a partir de 1861, um ofício do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, autorizava a venda de terras para famílias pobres nacionais”¹⁵⁶. Portanto, a colônia Assunguy também era aberta para a entrada de migrantes internos nacionais. Analogamente, essas informações podem ser constatadas na dissertação de mestrado de Reinaldo Benedito Nishikawa¹⁵⁷.

Segundo Nishikawa, de 1865 a 1879, foram registrados na colônia Assunguy: 842 brasileiros (entre eles um descrito como escravo), 179 alemães, 201 ingleses, 115 franceses, 9 espanhóis, 7 austríacos, 68 suíços, 33 italianos e 3 suecos. Percebe-se claramente que apesar de ter sido uma colônia criada para absorver estrangeiros, mais da metade (57,7%) dos registrados eram brasileiros, muito provavelmente migrantes internos que viam em Assunguy a oportunidade de conseguir um pedaço de terra e mudar suas condições de vida. Outro dado

¹⁵⁵ GARCIA, Edrielton dos Santos; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Colonização em Assunguy: a experiência do colono nacional entre 1860 e 1870**. Disponível em: http://www.historia.ufpr.br/monografias/2010/2_sem_2010/resumos/edrielton_santos_garcia.pdf Acesso em 28 de maio de 2018.

¹⁵⁶ Idem GARCIA, Edrielton dos Santos; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. 2018, p. 3.

¹⁵⁷ NISHIKAWA, Reinaldo Benedito. **Terra e imigrantes na colônia Assunguy**. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2007.

interessante levantado pelo autor, é o fato de entre esses 842 brasileiros ter um que foi registrado como escravo. Portanto, a colonização de Assunguy também incluiu presença negra¹⁵⁸.

Essa presença e superioridade numérica de brasileiros na colônia Assunguy, também pode ser constatada na dissertação de mestrado de Angela Caroline Szychowski¹⁵⁹. Segundo a autora:

Em 1878, a diferença entre o número de colonos estrangeiros e de colonos brasileiros continuou sendo bastante significativa: de um total de 3082 habitantes, apenas 1069 eram estrangeiros e 2013 eram brasileiros. Além disso, assim como 1876, esse foi um ano em que muitos “nacionais” entraram na colônia: de um total de 101 famílias de colonos matriculadas, 94 eram brasileiras. Essa situação seguiu até a emancipação da colônia em 1882. Nesse intervalo de quatro anos, registrou-se a entrada de mais 105 famílias brasileiras, enquanto que apenas 29 famílias estrangeiras, divididas em 15 alemãs, quatro inglesas, quatro francesas, três italianas, duas suíças e uma espanhola, adentraram na colônia. Quando da emancipação, em 1882, a população existente em Assungui era composta por um total de 3.000 habitantes, dos quais dois terços eram brasileiros, sendo os demais habitantes 290 alemães, 250 ingleses, 200 franceses, e ainda suíços, italianos e espanhóis em menor número.¹⁶⁰

Em relação a colônia federal Ivaí, a presença de migrantes internos brasileiros pode ser confirmada tanto nas certidões de óbitos da região, quanto nas certidões de casamentos e nos recenseamentos populacionais realizados pelo zelador da colônia. Ambas as fontes apontam para uma presença significativa de brasileiros residindo no local. Porém, diferentemente de Assunguy, a superioridade numérica é de imigrantes europeus, e o modo como esses indivíduos se estabeleceram nesse espaço difere da política adotada em Assunguy.

Na colônia Assunguy o imigrante recebia um pedaço de terra e poderia vender para outro imigrante ou até mesmo para nacionais, o próprio governo poderia comercializar a terra para esses; já na colônia Ivaí, segundo os dados dos registros de terras¹⁶¹, os lotes foram delimitados como se estivessem totalmente desocupados e distribuídos pelo governo aos imigrantes europeus.

¹⁵⁸ Idem NISHIKAWA, Reinaldo Benedito. 2007, p. 92.

¹⁵⁹ SZYCHOWSKI, Angela Caroline. Op. Cit. 2016.

¹⁶⁰ Idem SZYCHOWSKI, Angela Caroline. 2016, p. 73.

¹⁶¹ **Títulos de propriedade.** Localização dos registros: Instituto ambiental do Paraná (IAP).

Os censos não negam que a colônia foi formada grande parte por imigrantes de origem eslava, contudo, demonstram claramente que o lugar não era um “espaço vazio” em que os imigrantes foram os únicos a se estabelecerem, isso fica evidente na tabela a seguir:

TABELA 4 – POPULAÇÃO DA COLÔNIA FEDERAL DE IVAÍ DE 1915 A 1924 EM %¹⁶²

Nacionalidade	1915	1917	1918	1919	1922	1923	1924
Alemães	2,3	1,8	1,4	0,9	1,1	1,1	1,2
Polacos	0	0	0	89,4	88,2	88,1	87,9
Russos	15,8	15,9	16	0,2	0,3	0,3	0,3
Holandeses	0,5	0,6	0,5	0,4	0,6	0,6	0,7
Italianos	0	0,3	0,2	0,3	0,3	0,4	0,4
Suíços	0,2	0,2	0,2	0,2	0	0	0
Brasileiros	12,6	12,3	12,6	8,6	9,2	9,4	9,4
Austríacos	68,6	68,9	69,1	0	0	0,1	0,1
Tchecos	0	0	0	0	0,3	0	0
Total	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Recenseamentos da Colônia Federal Ivaí**.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Conforme dito, a colônia federal Ivaí foi criada no início do século XX e estava inserida em um contexto maior. Dentro dos objetivos do governo, recebeu imigrantes de diversos lugares da Europa. Entretanto, grande parte deles oriundos de regiões pertencentes aos atuais territórios da Ucrânia e da Polônia, dominados por grandes latifundiários. Dado extremamente interessante se for observar a tabela 4, pois um dos pontos que chama a atenção é a ausência de ucranianos nela. Apesar do atual município de Ivaí contar com uma quantidade significativa de descendentes de imigrantes ucranianos, seus antepassados não apareceram nos censos do zelador da colônia.

Essa ausência pode ser explicada pela presença de outros dados da tabela 4. Nela percebe-se uma porcentagem expressiva de “austríacos” nos anos de 1915, 1917 e 1918 (em relação a 1916 não foi possível recuperar os dados). O mesmo equivale para a presença de “russos”. Percebe-se claramente, que após 1918, praticamente sumiu os russos e “austríacos” na tabela. Nesse

¹⁶² Os números de imigrantes que foram utilizados para calcular a porcentagem dessa tabela encontram-se no apêndice 3.

aspecto, pode-se dizer que tanto ucranianos quanto poloneses estavam inseridos dentro da classificação russa e austríaca até 1918, isso se explica pelo fato de terem migrado de regiões dominadas por esses impérios.

Em relação aos poloneses, estes apareceram na tabela justamente quando a porcentagem de “russos” e “austríacos” praticamente sumiu em alguns períodos. Portanto, a partir de 1918, os ucranianos foram computados junto com os poloneses nos censos. Essa questão pode estar intimamente ligada ao término da Primeira Guerra Mundial, pois após o conflito e a assinatura do tratado de Versalhes em 1919, o mapa da Europa foi redesenhado e tanto o Império austríaco quanto o russo perderam territórios.

Dentro desse processo a Polônia tornou-se independente. O que explica o aparecimento de poloneses na tabela 4 a partir de 1919. Pois antes desse período o território polonês estava dividido entre o Reino da Prússia, Império Russo e Austríaco. Portanto, dependendo do lugar em que um polonês residia na Europa, este poderia vir para o Brasil como russo, austríaco ou alemão.

Do mesmo modo, após o término da Primeira Guerra mundial em 1918, percebe-se que em 1922 apareceu imigrantes de origem tcheca. Analogamente a Polônia, a Checoslováquia também conquistou sua independência em fins de 1918 com o colapso do Império Austro-Húngaro. Portanto, a partir desse período deixaram de ser classificados como “austríacos” e passaram a aparecer no censos como tchecos.

Em relação aos ucranianos que vieram para o Paraná, especificamente para a colônia federal Ivaí, e não constam na tabela, muitos deles chegaram ao Brasil com documentos fornecidos pelo governo de Habsburgo. Sob o Império Austro-Húngaro estava a Galícia, região de onde vieram a maior parte dos ucranianos para o Brasil.¹⁶³ O mesmo equivale para os poloneses que se estabeleceram na colônia Ivaí. Portanto, era normal que o zelador da colônia levasse somente em conta o lugar de origem dos imigrantes e não os distinguísse. Era comum o fato das autoridades brasileiras confundirem os imigrantes dessas duas origens eslavas, mas eles traziam divergências sérias da Europa que os impeliavam a corrigir quem os tratava de forma indistinta. Em 1911 o

¹⁶³ BORUSZENKO, Oksana. **A imigração ucraniana no Paraná**. In: Anais do IV Simpósio nacional dos professores Universitários de História: Colonização e imigração. São Paulo, 1969.

jornal “*A República*” publicou matéria em que não distinguia as pessoas das duas origens, isso levou uma polonesa a escrever para o jornal com o intuito de fazer o esclarecimento e que o periódico não voltasse a fazer tal confusão¹⁶⁴. A divergência entre as pessoas dessas duas origens também existia em função da religião, embora ambos os grupos que vieram para o Brasil fossem, na imensa maioria católicos, os ucranianos professam a fé a partir do rito bizantino e os poloneses utilizam o rito latino. Até a arquitetura era objeto de desavença entre esses imigrantes, pois os poloneses costumavam construir as igrejas em forma de nave e os ucranianos em formato de cruz¹⁶⁵. A forma da construção, associado a outros desentendimentos, inviabilizou que ambos utilizassem a mesma igreja na colônia de Antonio Olyntho, o mesmo ocorreu na colônia federal Ivaí.

Em relação aos italianos, a existência dos mesmos na colônia Ivaí é pequena, esses se dirigiram mais para as regiões cafeeiras tal como no Estado de São Paulo. Porém, isso não eliminou a presença italiana em algumas regiões paranaenses. Apesar de em um número menos expressivo que em relação as grandes fazendas de café, muitas famílias de imigrantes italianos acabaram se estabelecendo no Paraná. Como exemplo desse processo, pode-se citar a cidade de Imbituva onde em 1896 imigrantes italianos, originários da cidade de Castello Di Godego, formaram a colônia Bella Vista¹⁶⁶. Esse grupo que se instalou em Imbituva pode ser classificado como migrante, pois vieram para a região após uma passagem temporária por outras colônias, entre elas Alfredo Chaves, Dantas e Antônio Rebouças¹⁶⁷.

O atual município de Irati também registra a presença italiana, embora não seja o grupo imigrante majoritário naquele município. A comunidade rural de Rio do Couro é um lugar em que a presença italiana é significativa¹⁶⁸.

¹⁶⁴ ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias: estudo de um grupo imigrante ucraniano 1895-1995**. Curitiba, 1996. 412 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996. p. 93.

¹⁶⁵ Idem ANDREAZZA, Maria Luiza. p. 87.

¹⁶⁶ STADLER, Cleusi T. Bobato. *Côlonia Bella Vista: um espaço construído pelas práticas sociais dos imigrantes italianos*. In: PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende da. (Orgs). **Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná**. São Leopoldo: OIKOS, 2016. p. 115.

¹⁶⁷ STADLER, Cleusi T. Bobato. 2016. Op. cit. p. 115.

¹⁶⁸ MANEIRA, Regiane. *Compra e venda de terras por descendentes de imigrantes italianos em Irati*. In: PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende da. (Orgs). **Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná**. São Leopoldo: OIKOS, 2016. p. 227.

Os alemães presentes no atual município de Ivaí, também não formaram um grande grupo. Embora em todos os anos da tabela 4 foram registradas pessoas de origem germânica, cabe destacar que esses também poderiam estar incluídos na classificação russa, portanto, a porcentagem de alemães presentes em Ivaí poderia ser maior do que a descrita na tabela 4.

A imigração de suíços não foi o forte da colônia Ivaí. O mesmo vale para os holandeses e tchecos que apareceram nos dados da tabela 4. Esses vieram em números que não os permitiram dominar etnicamente a colônia, e acabaram se miscegenando principalmente com os poloneses e ucranianos que se estabeleceram na região. O mesmo foi ocorrendo com os italianos e alemães ao longo dos anos. Esses dados foram constatados nas certidões de casamentos dos imigrantes.

De modo geral, o que se pode considerar para aprofundar a discussão, é que independente da origem dos imigrantes europeus, Ivaí surgiu a partir de uma política federal que considerava a baixa densidade demográfica como um problema a ser resolvido. Porém, alguns dados da tabela 4, e demais fontes consultadas para a escrita dessa tese, demonstraram que esses argumentos não se sustentam. Isso pode ser observado claramente dos dados da tabela 4, pois nela percebe-se que a colônia não era composta somente por imigrantes europeus. Havia uma parcela significativa da população, classificada como brasileira. Em 1915 cerca de 12,6% dos habitantes foram considerados brasileiros. No entanto, não há uma especificação se os “brasileiros” eram indígenas, luso-brasileiros, afrodescendentes ou filhos de imigrantes europeus nascidos no Brasil.

Assim como o zelador não separou a presença de ucranianos e poloneses nos censos, incluindo-os muitas vezes entre os austríacos e russos, o mesmo ocorreu com os brasileiros que não foram especificados. Mas afinal quem eram esses brasileiros que apareceram nos relatórios do zelador da colônia? De fato a região já era habitada antes da chegada dos imigrantes europeus? O lugar em que foi construída a colônia federal Ivaí era realmente um “espaço vazio” como alegado pelas justificativas governamentais? Esses brasileiros já habitavam o local ou a criação da colônia os atraiu fazendo migrarem de outras regiões como ocorreu na colônia Assunguy?

3 MIGRAÇÕES INTERNAS E OCUPAÇÕES DAS TERRAS DE IVAÍ

3.1 MIGRAÇÕES INTERNAS

Em pleno contexto de imigração europeia, o território brasileiro também foi marcado por migrações dentro do mesmo. As terras do Paraná não atraíam somente imigrantes europeus, assim como muitas pessoas de outros países, nacionais nascidos em outros Estados do Brasil migravam para o Paraná em busca de uma propriedade privada. Esses também viam na terra uma oportunidade para melhorar suas condições de vida. Essas migrações podem ser constatadas nos escritos de 1902 do governador do Estado do Paraná:

Nos últimos annos tem sido escassa a immigração de estrangeiros para o Estado; avulta, porém, a de nacionais, procedentes principalmente dos Estados de Minas Geraes e S. Paulo, em demanda das fertilíssimas terras dos valles dos rios Paranapanema, Itararé e Cinza, onde muitos fundaram importantes fazendas de café, cuja produção excede em muito as necessidades do nosso consumo.¹⁶⁹

Percebe-se na citação acima que as migrações internas de nacionais para o Paraná, ocorreram principalmente em período que o governador afirmava ser escassa a vinda de imigrantes europeus para o Estado. Portanto, nota-se que a entrada de estrangeiros no país interferia nos fluxos migratórios de brasileiros.

Apesar de existirem desde o início da colonização brasileira, segundo Annibal Villanova Villela e Wilson Zuzigan, o auge das migrações internas de nacionais ocorreram nas últimas décadas do século XIX e entre 1920 a 1940. Conforme afirmam:

Em termos de taxa nacional de migrações até 1940, as mais altas taxas foram registradas nos períodos 1872 – 1890 e 1920 -1940. Nos períodos intermediários, as menores taxas de migrações internas coincidem com a época de maior afluxo de imigrantes estrangeiros. Regionalmente,

¹⁶⁹ SILVA, Francisco Xavier da. **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo**. Curitiba 1º de fevereiro de 1902. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1>. Acesso em 05 de junho de 2018.

contudo, verifica-se em todo período importantes movimentos de população.¹⁷⁰

Segundo os autores, entre os fatores que contribuíram para as migrações nesses períodos, podem-se citar: industrialização, secas, e extração da borracha. De 1887 a 1912, milhares de indivíduos migraram para o Norte do Brasil em busca de melhores condições de vida. Dirigiram-se principalmente em direção à região amazônica para trabalhar na extração da borracha. Com a queda dessa atividade, entre 1920 a 1940, um intenso número de pessoas deixou o Norte e migrou para outras regiões brasileiras. Muitos desses indivíduos eram nordestinos.

Se por um lado a região Norte atraía pessoas em função da extração da borracha, por outro, muitas deixavam o Nordeste e se dirigiam tanto para São Paulo quanto para a região amazônica em busca de melhores condições de vida. Entre os fatores de repulsão nordestina estava principalmente a seca.

Isso pode ser visto no texto de Maria Silvia C. Bassanezi¹⁷¹, segundo a autora, de 1869 a 1900, o Ceará foi uma das regiões que mais contribuiu para as migrações internas. Estima-se que cerca de 300.902¹⁷² pessoas deixaram a Província e buscaram outras regiões tais como São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Amazonas, entre outras. Os que se dirigiram para a região amazônica eram atraídos principalmente pela extração da borracha. Os que escolheram como destino Espírito Santo e Rio de Janeiro, tiveram como motivação principal a oportunidade de trabalho nos cafezais e o acesso à terra.

Processo semelhante ocorreu em relação aos que se dirigiram para São Paulo, porém, além de serem atraídos pela oportunidade de trabalho nos cafezais, incluem-se atividades relacionadas à criação de gado voltadas para o comércio de animais nas feiras de Sorocaba. Portanto, as migrações internas também estavam atreladas ao capital e a busca de melhores condições de vida.

¹⁷⁰ VILLELA, Annibal Villanova; SUZIGAN, Wilson. **Política do governo e crescimento da economia brasileira 1889-1945**. Rio de Janeiro: IPEA/INPS. p. 92.

¹⁷¹ BASSANEZI, Maria Silvia C. Bassanezi. **Migrantes no Brasil da segunda metade do século XIX**. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anaais/article/viewFile/1048/1013>. Acesso em 13 de junho de 2018.

¹⁷² Idem BASSANEZI, Maria Silvia C. Bassanezi. 2018, p.14.

Segundo Annibal Villanova Villela e Wilson Suzigan, São Paulo recebeu um número significativo de pessoas de outras regiões brasileiras, principalmente entre a década de 30 e 40 do século XX. A região Centro-Oeste passou a ser alvo de migrantes nacionais principalmente no período de desenvolvimento industrial.¹⁷³

Já em relação ao Sul do Brasil, região marcada principalmente pela presença de imigrantes europeus, os autores não especificaram por que o local teria atraído ou repellido nacionais. Apenas indicaram que essa região também foi palco tanto de migrações de estrangeiros quanto nacionais.

Do mesmo modo, para Thomas Merrick e Douglas Graham¹⁷⁴, o auge das migrações internas no Brasil também ocorreu de 1872 a 1940. Segundo os autores, um dos motivos que teria contribuído para maior movimentação de indivíduos de uma região para outra nesse período, foi a própria entrada de imigrantes europeus, principalmente em relação a São Paulo.

Com a entrada de mão de obra estrangeira, São Paulo deixou de ser um lugar atrativo para os nacionais, pois esses além de terem que disputar entre eles o mercado de trabalho, teriam que competir com os trabalhadores imigrantes. Segundo Angelo Trento, os cafeicultores paulistas preferiam trabalhadores estrangeiros. Conforme afirma o autor em relação aos italianos que vieram para o Brasil e se estabeleceram em São Paulo:

[...] Assim, se de fato, durante todo o período, os trabalhadores italianos, foram valorizados por uma diferença da parte da classe dirigente paulista e dos próprios proprietários que os preferiam aos de outras nacionalidades e aos próprios brasileiros pelas suas qualidades de parcimônia, habilidade, vontade de trabalhar e, inclusive, docilidade [...]¹⁷⁵

Diante desse contexto, nesse período de entrada de estrangeiros, São Paulo passou a apresentar taxa negativa de migração interna de brasileiros, muitos escravos libertos e nacionais deixaram o local e migraram para outras regiões. Conforme afirmam Thomas Merrick e Douglas Graham:

¹⁷³ VILLELA, Annibal Villanova; SUZIGAN, Wilson. Op. Cit. p. 92.

¹⁷⁴ MERRICK, Thomas; GRAHAM, Douglas. População e desenvolvimento no Brasil: uma perspectiva histórica. In: NEUHAUS, Paulo. **Economia brasileira uma visão histórica**. Rio de Janeiro, Editora Campus Ltda, 1980, p. 45-59.

¹⁷⁵ TRENTO, Angelo. 1990. Op. Cit. p.37.

O grande número de migrantes estrangeiros entre 1890 e 1930 vedou na maior parte qualquer grande papel de fornecedores de mão-de-obra no Sul aos migrantes internos. Em São Paulo, a imigração estrangeira predominou entre 1890 e 1920, e pode ter mesmo havido uma migração interna líquida ligeiramente negativa de 1890 a 1920. De um lado, a competição exercida pelos trabalhadores estrangeiros empurrou a mão-de-obra local que se encontrava em São Paulo e suas cercanias para uma posição claramente marginal; de outro, a expansão da borracha no Norte e da agricultura de subsistência no Nordeste desviou do mercado paulista os migrantes potenciais, e com o efeito líquido de uma contribuição muito limitada da migração interna à redistribuição populacional de São Paulo entre 1890 e 1920.¹⁷⁶

Do mesmo modo, segundo Sylvain Souchaud e Wilson Fusco¹⁷⁷, essas migrações de nacionais podem ser classificadas em dois grandes movimentos, o maior deles refere-se à migração de nordestinos para São Paulo a partir da década de 1950. O segundo é relativo a migração de nordestinos para a região amazônica desde fins do século XIX. Ambos foram movimentos influenciados por fatores de repulsão tais como seca e questões financeiras, porém impulsionados por atrações diferentes. Os que migraram em direção a região amazônica foram atraídos pela extração da borracha e os que foram em direção a São Paulo pela industrialização.

Interessante notar que a grande onda de migrantes nordestinos que se deslocou para São Paulo, conforme apontado por Sylvain Souchaud e Wilson Fusco, ocorreu pós-período das grandes levas de imigrantes europeus que aportavam no Brasil. Se para Thomas Merrick e Douglas Graham¹⁷⁸ a entrada de imigrantes europeus nas primeiras décadas do século XX teria levado os nacionais deixarem São Paulo, para Sylvain Souchaud e Wilson Fusco, São Paulo passou a receber um número significativo de migrantes internos na década de 1950, período de queda da entrada de imigrantes europeus no país. Ou seja, os movimentos internos de nacionais nunca deixaram de existir, mas foram influenciados pela entrada de mão de obra de estrangeira.

¹⁷⁶ MERRICK, Thomas; GRAHAM, Douglas. 1980. Op. Cit. p. 57.

¹⁷⁷ **Redes** – Rev. Des. Regional, Santa Cruz do Sul, v.17, n.2 p.5-17, maio/ago 2012. In: SOUCHAUD, Sylvain; FUSCO, Wilson. **População e ocupação do espaço: o papel das migrações no Brasil.**

¹⁷⁸ MERRICK, Thomas; GRAHAM, Douglas. Op. Cit. 1980.

Juntando essas informações preliminares sobre migrações internas, percebe-se claramente que o auge das migrações de nacionais foi influenciado fortemente pelas políticas imigratórias estrangeiras. O mesmo equivale para as emigrações ocorridas em relação a algumas regiões brasileiras tais como São Paulo. Com o processo imigratório, São Paulo deixou de ser um local que atraía e absorvia mão de obra de diferentes regiões brasileiras para trabalhar, sobretudo, nos cafezais, e passou a repelir muitos nacionais que habitavam no local. Pois, após o fim da escravidão o Estado recebeu um número significativo de imigrantes europeus para substituir a mão de obra escrava negra, principalmente nos cafezais. Portanto, nesse período, São Paulo não foi visto como um lugar atrativo para os nacionais, pois os grandes fazendeiros preferiam empregar mão de obra branca europeia, sobretudo italiana.¹⁷⁹

Do mesmo modo, em função da preferência pela mão de obra branca, muitos negros libertos deixaram São Paulo e migraram para outras regiões brasileiras. Segundo Ana Maria Lugão Rios e Hebe Maria Mattos¹⁸⁰, as migrações pelo território brasileiro vão se intensificar muito com o fim da escravidão. O solo passou a ser percurso indefinido de muitos libertos. Com a abolição, esses migraram em busca de um novo lugar onde pudessem reconstruir suas vidas longe dos estigmas da escravidão.

Em suma, além de ser marcado pela entrada de imigrantes, o Brasil também foi um território caracterizado pelo fluxo de migrações interestaduais, seja escravo liberto, nacionais ou europeus, que migravam de uma região para outra em busca de melhores condições de vida.

Entretanto, vale destacar que os processos migratórios no Brasil não foram realizados somente por nacionais ou escravos libertos, imigrantes europeus também perambulavam pelo território brasileiro em busca de um lugar melhor para viver. Quando chegaram ao Brasil, muitos deles foram direcionados para São Paulo com o objetivo de substituir a mão de obra escrava, e com o tempo deixaram a região migrando para lugares como o Paraná. Conforme afirma Souchaus e Fusco:

¹⁷⁹ TRENTO, Angelo. 1990. Op. Cit.

¹⁸⁰ RIOS, Ana Maria Lugão; MATTOS, Hebe Maria. **Memórias de cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

O enorme crescimento da população brasileira levaria a importantes movimentos internos. Num primeiro momento, os colonos europeus instalados no Estado de São Paulo, onde eram pequenos proprietários, arrendatários, colonos parceiros, ou empregados das fazendas de café, migraram para o Paraná com o fim de aumentar a superfície de suas explorações ou, simplesmente, aceder à propriedade. A onda de colonização aumentou efetivamente com a chegada de uma segunda população de migrantes, composta de brasileiros nativos, principalmente do Estado de São Paulo, ao quais se juntaram os imigrantes vindos de Minas Gerais.¹⁸¹

Pode-se dizer que a saída de europeus de São Paulo para o Sul do Brasil, ocorreu principalmente em relação aos poloneses que não se adaptaram as políticas imigratórias voltadas para o Sudeste Brasileiro.

Se em São Paulo os imigrantes tinham a possibilidade de trabalhar como empregados, principalmente nas fazendas de café, no Paraná poderiam ter sua propriedade. Isso ocorria devido ao fato de as duas regiões apresentarem políticas imigratórias com objetivos distintos. Em São Paulo tinham como alvo substituir a mão de obra escrava negra, principalmente nos cafezais, já no Sul do país fixar imigrantes em pequenas propriedades agrícolas para ocupar o território, assegurar a posse perante nações vizinhas e diversificar a economia. Conforme afirma Nishikawa:

A província do Paraná difere de outras províncias porque não estava atraindo mão-de-obra para as grandes lavouras. Havia uma possibilidade real de que o colono se tornasse proprietário de suas próprias terras, diferente do destino dos colonos que trabalhavam nas *plantations* [...].¹⁸²

Essa diferenciação entre as políticas do Sudeste e do Sul do Brasil, ficou clara na mensagem dirigida ao Congresso Legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado do Paraná, em primeiro de fevereiro de 1921:

[...] A situação afflietiva do continente europeu determinará naturalmente uma forte corrente imigratória para o nosso Paiz e provavelmente o Paraná será um dos Estados preferidos para essa colonização, não só pelas suas condições especiais acima referidas, como também pelo nosso systema de colonização que facilita ao colono a aquisição da

¹⁸¹**Redes** – Rev. Des. Regional, Santa Cruz do Sul, v.17, n.2 p.5-17, maio/ago 2012. In: SOUCHAUD, Sylvain; FUSCO, Wilson. **População e ocupação do espaço: o papel das migrações no Brasil**. p. 9.

¹⁸² NISHIKAWA, Reinaldo Benedito. 2007. Op. Cit. p.14.

gleba por elle trabalhada e lhe dá probabilidade de augmentar o seu patrimônio territorial.¹⁸³

Todavia, apesar de ter uma política imigratória voltada para o desenvolvimento da pequena propriedade agrícola, muitas famílias de imigrantes também migravam no Sul do Brasil de uma região para outra. Esse foi o caso de muitos poloneses que aportaram em Santa Catarina e migraram para o Paraná.

Segundo Marcio de Oliveira,¹⁸⁴ os primeiros imigrantes poloneses chegaram em Curitiba em 1871. Os mesmos teriam migrado de Santa Catarina em função da discriminação sofrida em relação aos alemães e outros grupos. Como as terras polonesas na Europa estavam sob o domínio de outras potências tais como a Prússia, os poloneses eram atacados pelos alemães por expressões tais como: “polaco sem bandeira”.

Além de migrar por questões de racismo, os imigrantes também migravam por outros fatores, entre eles pode-se citar as frustrações perante a terra prometida. Isso se dava principalmente devido ao fato de a realidade não bater com as propagandas e expectativas que foram criadas ao sair da Europa. Esse foi o caso de muitas famílias que se estabeleceram na Colônia Assunguy.

Conforme Nishikawa, os imigrantes que se fixaram na colônia Assunguy recebiam uma área de terra do governo que deveria ser paga ao longo dos anos. Muitos não conseguiam pagar a dívida contraída e desistiam da propriedade. Esse era um dos principais motivos que levava imigrantes a migrarem de Assunguy para outras regiões. Segundo Nishikawa,

O número de imigrantes que abandonaram seus lotes de terra na colônia Assunguy entre os anos de 1864 e 1874 é bastante elevado. O destino desses imigrantes, entretanto, é desconhecido, ficando difícil saber se deixaram apenas a colônia ou saíram da Província ou mesmo do País. O abandono de lotes de terra somado a insatisfação dos imigrantes com as condições de vida encontradas na colônia podem explicar o número elevado desses contratos que não foram cumpridos.¹⁸⁵

¹⁸³ Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado do Paraná, ao instalar-se a 2ª Sessão da 15ª Legislatura. Curitiba, 1º de Fevereiro de 1921. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A11>. Acesso em 05 de junho de 2018.

¹⁸⁴ OLIVEIRA, Márcio de. (2009). *De la double colonisation au préjugé : Polonais dans le sud du Brésil. RevueMigrances*, vol. 21. nº 123-124, p. 289-304.

¹⁸⁵ NISHIKAWA, Reinaldo Benedito. 2007. Op. Cit. p. 130.

Além de dívidas, outros motivos também contribuíam para que os imigrantes deixassem Assunguy, entre esses estavam: distância da colônia em relação aos centros comerciais, falta de médicos, escolas, entre outros, tais como afirma Nishikawa:

As dificuldades ultrapassavam apenas a dívida comprometida com o governo ou com empresas particulares. Os colonos lutavam contra a falta de planejamento nas demarcações dos lotes de terras, que eram feitos, muitas vezes pelos próprios colonos. Se, por um lado, os colonos que ajudavam nessa demarcação conseguiam quitar mais rapidamente suas dívidas, os demais teriam que esperar o fim das demarcações para começar seu trabalho. Muitas vezes essas demarcações demoravam meses, deixando os colonos em uma situação muito difícil. Além desses problemas, destacamos, segundo os relatos dos imigrantes, as doenças e epidemias que mataram colonos e as condições precárias de infraestrutura (médicos, escola) tornaram a vida de muitos colonos árdua. Desistir dos lotes e abandonar a colônia não era uma questão de preguiça ou morosidade, como muitos agentes de colonização justificavam pelo número de desistências. Some-se a esses problemas, a barreira da língua e da cultura diferentes que colonos ingleses, alemães, franceses, poloneses, dentre outros, tiveram que enfrentar para terem acesso a sua propriedade [...]. Da parte dos colonos, Assunguy estava muito distante da capital e do porto, ficando difícil escoar a sua pequena produção. A distância implicava na demora e possível perda de qualidade de seus produtos. Aliado a isso, as más condições de higiene, estrutura, saneamento e saúde, foram os responsáveis pelo grande número de colonos que desistiam de suas terras, tão sonhada e prometida pelos agentes da colonização.¹⁸⁶

As migrações geradas por frustrações entre realidade e terra prometida, não ocorreram somente entre os imigrantes que se dirigiram para a colônia Assunguy, essa cena era comum em outros Estados do Brasil. Como exemplo, pode-se citar a família de Gustav Hermann Strobel.

Segundo relatos deixados pelo imigrante Gustav Hermann Strobel¹⁸⁷, a família teria saído de Hamburgo na Alemanha em fins de setembro de 1854 com destino ao Brasil. Após uma viagem de seis semanas, em 20 de novembro de 1854, a família de Strobel teria chegado ao porto de São Francisco do Sul em Santa Catarina. Ao aportarem em Joinville frustraram-se com a realidade por ser totalmente diferente das informações passadas pelos agentes da imigração. Conforme relatos de Strobel, o desejo era voltar para a Alemanha, mas não tinham recurso para isso.

¹⁸⁶ Idem NISHIKAWA, Reinaldo Benedito. 2007. p.130-131-139.

¹⁸⁷ NADALIN, Sergio Odilon (Org). 2015. Op. Cit.

Já estabelecidos em Joinville, após alguns dias, receberam um pedaço de terra do governo, porém pouco tempo depois devolveram e mudaram-se para Curitiba em busca de melhores condições de vida. Portanto, essas informações apontam que as migrações internas também foram praticadas por imigrantes europeus. Como não poderiam voltar para a Europa por falta de recursos, perambulavam pelo território brasileiro em busca de um lugar melhor para viver. Entre outras palavras, muitos não se adaptavam ao local que foram instalados e com o tempo migravam para outras regiões. Iam em busca da terra prometida dos sonhos, imaginada conforme os relatos dos agentes da imigração.

Outros dados interessantes narrados por Gustav, referem-se às informações que descrevem a viagem de Joinville até Curitiba. Durante o trajeto menciona a presença de habitantes de pele escura ao longo do caminho, principalmente em território paranaense:

Os nossos caboclos, eram gente muito hospitaleira e nos aceitavam de bom grado, sem exigir nada em troca. Sentiam-se mesmo honrados quando um branco entrava em suas casas. Os nativos brasileiros, chamados de caboclos, tinham a pele escura.¹⁸⁸

Além da família Strobel, pode-se citar como exemplo dessas migrações interestaduais de estrangeiros a família Erdmann e Justes. Essa última, muito provavelmente impulsionada pela propaganda brasileira na Europa, teria saído da Rússia – região de Volga – com destino ao Brasil e aportado em terras catarinenses. Segundo informações extraídas das certidões de óbitos de Ivaí da primeira metade do século XX¹⁸⁹, esse foi o caso de Dorotheia Justes, casada com David Erdmann e falecida em Ivaí na primeira metade do século XX. Do mesmo modo, pode-se citar Emílio Conrado Erdmann. O mesmo foi declarado como natural de Ponta Grossa, mas seu pai teria nascido na Rússia – região habitada por alemães – e sua mãe foi declarada como natural de Santa Catarina. Uma vez que os alemães aportaram principalmente em terras catarinenses e gaúchas, é muito provável que o casal tenha migrado de Santa Catarina para o Paraná como ocorreu com a Família Strobel. Pois, apesar de Emílio ser

¹⁸⁸ Idem NADALIN, Sergio Odilon (Org). 2015. p. 22.

¹⁸⁹ Registros de óbitos do Cartório do Tabelionato e Registro Civil Faix.

descendente de alemães, a mãe dele – Maria Bühler (Beiher¹⁹⁰) - foi declarada como catarinense. Do mesmo modo, percebe-se que Emílio nasceu em Ponta Grossa, o que pode indicar que o casal tenha saído de Santa Catarina, migrado para Ponta Grossa e por último para Ivaí.

Outro exemplo a ser citado de migrantes alemães, é de Paulo Göiden. Segundo informações extraídas das certidões de óbitos¹⁹¹, filho de imigrantes alemães, Paulo teria nascido em Blumenau – Santa Catarina – e migrado para o Paraná na primeira metade do século XX, onde passou a exercer a profissão de carpinteiro na colônia Ivaí.

As migrações interestaduais poderiam ocorrer por uma série de motivos, entre eles pode-se citar a escolha do destino já feita na Europa antes de embarcar para o Brasil. Muitos emigrantes escolhiam para onde queriam ir conforme a informação da propaganda que circulava na Europa. Como exemplo pode-se citar o Estado do Paraná, esse divulgava informações relacionadas a aquisição de terras. Quem tinha o sonho de tornar-se proprietário e sobreviver de atividades agrícolas, saía da Europa com o objetivo de se estabelecer no Paraná, contudo, quando chegava ao Brasil poderia ser levado para outros Estados como Santa Catarina, São Paulo e acabava migrando.

Entre outros motivos que levavam as migrações de imigrantes dentro do território brasileiro, estava à busca por parentes. Conforme afirma Ruy Christovam Wachowicz:

Neste interim, surtia efeito uma nova propaganda feita nos territórios poloneses da Prússia ocidental, sobre a imigração para o Brasil. Em 1873, partiu do porto de Hamburgo um grupo de 64 famílias com 258 imigrantes poloneses, com destino ao Paraná. Muitos desses foram atraídos para o Paraná pelos pioneiros que, já localizados em Pilarzinho, procuravam por correspondência atrair seus parentes e conhecidos para Curitiba. Tratava-se de elementos originários preferencialmente dos arredores das cidades de Opole, Gwiew, Palpin e Starograd. Em setembro de 1873, a bordo do vapor Terpsichore desembarcavam no porto de São Francisco, na Província de Sta. Catarina, as primeiras famílias desse grupo. Alguns dias após, o vapor Guttenberg e em novembro Zanzibar traziam o restante das famílias componente do grupo. Elementos ligados aos agentes recrutadores de Hamburgo

¹⁹⁰ A escrita do sobrenome difere conforme escrivão.

¹⁹¹ **Registros de óbitos do cartório localizado em Bom Jardim no município de Ivaí/PR.** Disponível em: <https://familysearch.org/> Acesso em 04 de abril de 2016.

tentaram despachá-los para terrenos da projetada colônia São Bento, também na vizinha província de Sta. Catarina. [...] Como resultado, alguns desses imigrantes poloneses permaneceram em Sta. Catarina e foram localizados na colônia de Rio Vermelho e São Bento. A maioria porém negou-se a ocupar os lotes nessas colônias, afirmando que haviam vindo para o Brasil afim de se estabelecerem no Paraná e para lá é que desejavam ir. O agente consular da Alemanha em São Francisco enviou então um telegrama ao presidente da província do Paraná, comunicando que achavam-se nesta cidade cento e tantos colonos prussianos polacos que da colônia D. Francisca queriam seguir para Curitiba mas faltavam-lhes os meios e alimentos. Muitas dessas famílias tinham seus parentes nesta cidade, aos quais desejavam reunir-se. O novo Presidente do Paraná, Francisco José Cardoso de Araujo Abranches, sem mais delongas mandou transportá-los para Curitiba.¹⁹²

Além da migração entre Estados, entre os próprios estrangeiros estabelecidos no Paraná, ocorriam migrações de uma região para outra sem sair de terras paranaenses. Muitos deixavam pequenas colônias de imigração e migravam para outras localidades dentro do próprio Estado, também andavam em busca da vida que foi sonhada quando embarcaram para o Brasil, ou em busca dos parentes que acabaram sendo direcionados para outras colônias. Esse foi o caso da família de Paulo Lepka. A mesma teria sido fixada pelo governo em Prudentópolis, no Estado do Paraná, e teria migrado para a colônia federal Ivaí. Paulo era filho de pais oriundos da Galícia ucraniana, segundo sua certidão de óbito, teria nascido em Prudentópolis migrado e falecido em Ivaí, bem como sua esposa e filhos.

Vale destacar que essas migrações internas de estrangeiros não ocorriam somente entre alemães, poloneses e ucranianos; italianos também podem ser incluídos nesses movimentos. Apesar de a grande maioria ter migrado para o Sudeste do Brasil, visando o trabalho assalariado das políticas imigratórias voltadas para os cafezais, àqueles que vieram para o Paraná e estabeleceram-se em centros urbanos maiores como Curitiba, também migravam para colônias voltadas para as políticas imigratórias de produção agrícola. Como exemplo desse processo, pode-se citar a família de Antônio Dalzotto.

Antônio teria migrado da Itália para Curitiba no Paraná. Ali adquiriu matrimônio com Catharina. Após um tempo, o casal teria migrado para Ipiranga –

¹⁹² WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Abranches: paróquia da imigração polonesa: um estudo de história demográfica**. Dissertação de mestrado. Curitiba 1974, p. 13.

Paraná – onde teria nascido o filho chamado João Dalzotto. Por fim, teriam migrado novamente para Ivaí, onde João teria falecido com oito anos de idade.

Ainda como exemplo de migrações internas de italianos, pode-se citar José Fontana. Esse não era italiano, mas era filho de imigrantes italianos. Seu pai João Fontana e sua mãe Constância, teriam migrado da Itália e se fixado em Curitiba no Paraná, especificamente em Santa Felicidade, onde, por volta de 1897, teria nascido o filho do casal chamado José.

Segundo informações da certidão de óbito de José Fontana, seu pai João, teria falecido em Curitiba. Já José teria entrado em óbito com 36 anos de idade em 1933 na colônia federal Ivaí. Portanto, isso indica que José teria migrado de Curitiba na primeira metade do século XX. Junto, também migrou sua mãe chamada Constância, pois a certidão de óbito de José descreve que Constância residia em Ivaí quando José veio a falecer.

Assim como José, muitas pessoas migravam de outras regiões brasileiras para a colônia Ivaí, mas também poderia acontecer movimentos inversos, tanto nacionais quanto estrangeiros deixavam a colônia e migravam para outros locais. Essas informações foram constatadas nos relatórios do zelador Rogaciano Antunes Ribeiro, sobre a saída de nacionais e imigrantes da colônia Ivaí.¹⁹³ Aqueles que não se adaptavam ao local e não tinham recursos para regressar a Europa, perambulavam pelo território brasileiro buscando outros lugares para viver. O mesmo equivale para nacionais que também decidiam deixar Ivaí e tentar a sorte em outras terras.

Também poderia ocorrer de alguns imigrantes conseguirem retornar para Europa. Por falta de recursos era muito difícil alguém ter essa sorte, mas acontecia. Como exemplo pode-se citar a família de Martha Schulze. Segundo Jonny Ricardo Prasel¹⁹⁴, embasado em um diário de Martha escrito em 1934 sobre suas memórias, a família teria recebido uma pequena herança e com o dinheiro teria emigrado para o Brasil em 1913, mais certamente para a colônia Ivaí onde habitavam alguns dos familiares que já tinham emigrado da Alemanha.

¹⁹³ RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Registro de saída de imigrantes durante o ano de 1915.** Localização do arquivo: A.P.M.I.

¹⁹⁴ PRASEL, Jonny Ricardo. **Origens.** Edição própria. 2018.

Ao chegarem ao Brasil, Martha e demais familiares (marido, filhos), foram para a colônia Ivaí. Fixaram-se na região de São Roque (onde moravam parentes), mas não se adaptaram ao lugar e resolveram voltar para a Alemanha. Frustrados com a realidade encontrada, tendo ainda capital, conseguiram regressar para a terra natal.

Ainda vale relembrar que muitas vezes não era o imigrante que migrava de uma região para outra, mas seus descendentes. Esses também eram desejáveis no povoamento e ocupação de terras devolutas de novas colônias. Isso ficou Claro na mensagem dirigida ao Congresso Legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado do Paraná, em primeiro de fevereiro de 1921:

As terras concedidas a particulares o tem sido nas condições estabelecidas pela Lei nº 1642 de 1916 e já atingem a apreciável área de 1.100.000 hectares, que permitirá a localização de 20.000 famílias pelo menos. Essas terras estão sendo aproveitadas principalmente com colonos nacionais, oriundos do Rio Grande do Sul, e descendentes de antigos colonos italianos e alemães. Além da vantagem de serem colonos já com recursos próprios, acresce a circunstância de já serem aclimatados e familiarizados com os nossos hábitos e sistemas de trabalho.¹⁹⁵

Portanto, percebe-se claramente que o território brasileiro foi marcado por fluxos de migrações internas. Seja estrangeiro ou brasileiro, muitos indivíduos migraram de um lugar para outro em busca de melhores condições de vida e de parentes. Dentro desse processo, havia aqueles que se estabeleceram nas terras onde foi criada a colônia federal Ivaí.

3.2 O ESPAÇO EM QUE FOI CRIADA A COLÔNIA FEDERAL IVAÍ ESTAVA REALMENTE VAZIO? JÁ HAVIA NACIONAIS HABITANDO A REGIÃO ANTES DA CHEGADA DOS IMIGRANTES EUROPEUS?

Antes do desenvolvimento das políticas imigratórias e chegada dos imigrantes europeus no Estado do Paraná (fins do século XIX e início do XX), o

¹⁹⁵ Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado do Paraná, ao instalar-se a 2ª Sessão da 15ª Legislatura. Curitiba, 1º de Fevereiro de 1921, p. 67. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A11>. Acesso em 05 de junho de 2018.

Estado era dividido, sobretudo, em grandes fazendas e inseria-se no mercado brasileiro principalmente através do comércio de animais nas feiras de Sorocaba em São Paulo¹⁹⁶. Conforme descreve Brasil Pinheiro Machado: “Em 1836, o número de fazendas nos distritos de Castro, Curitiba e Lapa, era de 88.”¹⁹⁷

Segundo o autor, fazendas em regiões tais como Castro, Ponta Grossa, Guarapuava, Lapa, Palmeira, entre outras; eram tocadas tanto por trabalhadores livres quanto por mão de obra escrava. Os primeiros eram indivíduos, sobretudo descendentes de portugueses livres. Já os segundos eram mão de obra escrava indígena e negra:

Quase todos os serviços da fazenda eram feitos por escravos, nem sempre negros[...] Os primitivos, que acompanharam a expansão paulista para o litoral paranaense, eram carijós, e sua situação jurídica era definida como “administrados”. Encontramo-los em Paranaguá nos tempos da mineração e muito mais tarde nas fazendas dos Campos Gerais. Nos inventários dos fazendeiros da última década do século XVIII e princípios do XIX, são comuns os “gentios de guerra”. Eram escravos indígenas (coroados e botocudos), aprisionados nas investidas que os fazendeiros faziam, em represália, contra os bugres que lhes assaltavam as fazendas e as tropas. Assim, na fazenda de Jaguariaíva, em 1795, em 25 escravos, 11 eram “gentios de guerra”. Os negros, porém, constituíram maioria. Distinguiam-se em “crioulos” e de “nação”, conforme tivessem nascido no Brasil ou na África. Na segunda década do século XIX houve uma importação maciça de negros em S. Paulo. Como reflexo, encontramos nas fazendas do Paraná, nessa época, escravos africanos “de nação” e jovens, dominando em número a força de trabalho. Eram das “nações” Casange, Congo, Cabinda, Munjolo, Loanda, Moçambique, rebolo. Os escravos de sexo masculino predominavam ligeiramente sobre os do feminino. O número de escravos na fazenda foi em aumento, desde o último quartel do século XVIII, até mais ou menos 1860, em que começou declinar. Assim, em 1772, uma determinada fazenda da região de Castro tinha oito escravos e 152 cabeças de gado. Essa mesma fazenda, em 1795, tinha 25 escravos e 1346 cabeças de gado. Em 1842, o número de escravos se elevou para 44 e o gado a 2827. E, no final, em 1870, o rebanho baixaria a 2675 e o número de escravos a 35.¹⁹⁸

Em relação as fazendas dos Campos Gerais e aos escravos que trabalhavam nelas, havia aquelas em que o dono estava presente ou ausente. Por possuírem mais de uma propriedade, alguns fazendeiros moravam em vilas

¹⁹⁶ KOSS, Lucimara. 2013. Op. Cit.

¹⁹⁷ MACHADO, Brasil Pinheiro. **Contribuição ao estudo da História agrária do Paraná – I formação da estrutura agrária tradicional dos Campos gerais**. In: anais do II Simpósio dos Professores de História do Ensino Superior – ANPUH: Curitiba, outubro de 1962, pg. 136.

¹⁹⁸ MACHADO, Brasil Pinheiro. 1962. Op. Cit. p. 140-141.

distantes ou em outros patrimônios. Nesses casos, deixavam algumas de suas fazendas sob o cuidado e administração dos cativos, como exemplo, pode-se citar a fazenda Capão Alto localizada em Castro. Em 1831, essa passou a pertencer aos frades carmelitas. Em 1835 foram registrados 99 escravos na propriedade. Apesar de pertencer aos frades, esses se dedicavam a evangelização e deixavam a fazenda sob o cuidado dos escravos¹⁹⁹.

Segundo Carlos Alberto Medeiros Lima e Katia A. V. de Melo, no artigo intitulado "*A distante voz do dono*²⁰⁰", em muitos casos as fazendas absenteístas²⁰¹ eram administradas por um escravo de confiança nomeado como feitor-mor²⁰². Ao estudarem a fazenda de Capão Alto, os autores concluíram que apesar de os escravos viverem distante do olhar e da vigilância do dono, os laços matrimônias e a constituição de famílias extensas eram elementos de integração social que os prendiam no local.

Outro dado interessante que os autores destacam é a migração de senhores com escravos para as áreas de frente de expansão paranaense. Entre 1776 e 1835 a população escrava de Castro aumentou mais de oito vezes e a livre multiplicou-se por cinco²⁰³. Esse aumento se deu tanto pelo nascimento de cativos, principalmente em fazendas absenteístas que tinham uma propensão maior a constituição de famílias escravas extensas, quanto pela chegada de senhores e escravos de outras regiões brasileiras. Somente a taxa de natalidade não dá conta de ter aumentado em mais de oito vezes a população escrava nesse período, portanto, fundamenta-se ainda mais a ideia de migrações internas brasileiras envolvendo tanto livres quanto escravos.

Esses se localizavam principalmente em centros urbanos maiores tais como Curitiba, onde exerciam diferentes tipos de atividades. Conforme afirma Joseli Maria Nunes Mendonça:

¹⁹⁹ MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Cativos em insurgência: o que os escravos da fazenda Capão Alto podem ainda nos dizer sobre suas vidas e sobre o que pensamos delas. In: MENDONÇA, Joseli Maria Nunes; SOUZA, Jhonatan Uewerton (Orgs). **Paraná insurgente: história e lutas sociais – séculos XXI**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018, p. 27-28.

²⁰⁰ LIMA, Carlos A. M.; MELO, Kátia A. V. de. "**A distante voz do dono: a família escrava em fazendas de absenteístas de Curitiba (1797) e Castro (1835)**". Afro-Ásia, 31 (2004), pp. 127-162.

²⁰¹ Fazendas em que o dono se encontrava distante, não residia no local.

²⁰² LIMA, Carlos A. M.; MELO, Kátia A. V. de. 2004. Op. Cit. p. 140.

²⁰³ Idem LIMA, Carlos A. M.; MELO, Kátia A. V. de. 2004. p.136.

[...] nesta condição, os cativos andavam “livremente” pelas ruas, realizando tarefas remuneradas. Vendiam gêneros de todas as espécies. Exerciam vários ofícios: eram padeiros, pedreiros, carpinteiros, sapateiros [...] vendiam mercadorias pelas cidades. As mulheres escravas chegavam a dominar o comércio de alimentos nas ruas em algumas localidades. Eram carregadores, levando de um lado para o outro tudo que precisava ser carregado. Realizavam, enfim, várias tarefas, com as quais obtinham os rendimentos exigidos pelos senhores.²⁰⁴

Segundo Mendonça, como exemplo de escravo de ganho no Paraná, pode-se citar Barnabé Ferreira Melo. Dentre as atividades desenvolvidas, esse trabalhava como sapateiro em Curitiba, e uma vez por mês caminhava até São José dos Pinhais para levar ao seu senhor a quantia estipulada de 15 mil réis.²⁰⁵

O trabalho escravo também era usufruído nas fazendas paranaenses para produzir gêneros alimentícios, porém, em uma economia de subsistência quase autossuficiente. Conforme afirma Brasil Pinheiro Machado.

[...] havia escravos oficiais de carpinteiro, oficiais de sapateiro, oficiais de alfaiate, roupeiros cozinheiros, arrieiros, domadores, campeiros. Na bibliografia de seus antepassados, Moisés Marcondes evoca as atividades numa fazenda dos campos gerais: “[...]na criação dos gados, no plantio e colheita de roças, na lavoura de trigo, na fabricação dos laticínios; e alongando os serões, onde as filhas e escravas fiavam e teciam panos, fabricavam baixeiros, cochonilhas[...].”²⁰⁶

Em relação aos proprietários das fazendas, esses eram principalmente de origem portuguesa. De acordo com Brasil Pinheiro Machado:

[...] em grande parte, os fazendeiros dos Campos Gerais eram descendentes da primeira geração de portugueses vindos para o Brasil durante a grande imigração peninsular do século XVIII, imigrantes que primeiro se estabeleceram como comerciantes nas vilas, como militares no tempo das guerras platinas, e que, depois, pelo casamento nas antigas famílias ou aquisição de terras com o capital conseguido no comércio, inclusive no comércio de tropas, se estabeleceram como fazendeiros. Em 1770, o Capitão General observava que o negócio de tropas era o que dava “modo de vida aos que vinham do reino”.²⁰⁷

²⁰⁴ MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. 2018. Op. Cit. p. 24.

²⁰⁵ Idem MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. 2018, p. 23.

²⁰⁶ MACHADO, Brasil Pinheiro. 1962. Op. Cit. p. 137.

²⁰⁷ Idem MACHADO, Brasil Pinheiro. 1962, p. 142.

Entretanto, na segunda metade do século XIX, com a invenção das locomotivas, as estradas de ferro foram substituindo o serviço feito por muares e afetando os fazendeiros que sobreviviam dessa atividade²⁰⁸. O que agravou ainda mais essa crise foi o fato de São Paulo desenvolver e melhorar a criação de gado em seu território. Diante desse contexto, muitas tropas que eram conduzidas até Sorocaba não encontravam compradores e acabavam retornando ao Paraná. Isso afetou profundamente a vida econômica dos proprietários de terras paranaenses que se dedicavam a essa atividade, muitos venderam suas propriedades e migraram para outras regiões brasileiras em busca de outros ofícios. Conforme afirma Brasil Pinheiro Machado,

A baixa renda gerada pela propriedade, o aumento dos núcleos familiares das sociedades fazendeiras, ao mesmo tempo em que chegava ao capítulo final da ocupação das terras de campo, várias situações pressionavam sobre o sistema pelo qual aqueles núcleos familiares viviam agregações na grande família fazendeira, apoiada de fato, num mesmo patrimônio indiviso. Com uma resultante de todas essas situações, dissociou-se a família da propriedade. Os membros novos da grande família se viam forçados a procurar outras fontes de renda, ao menos suplementar, diferente da renda da terra. Segue-se a dispersão da família fazendeira. O processo de desestruturação do patrimonialismo da grande família fazendeira e acompanhada de tensões que seguem a decadência da velha classe em face das classes novas em ascensão, como, por exemplo, a dos imigrantes. As novas gerações emigravam para São Paulo, para o Rio Grande, para as cidades. Filhos de fazendeiros de Ponta Grossa, Lapa e Palmeira, fixaram-se nos campos de Passo Fundo, Palmeira das Missões [...] No Rio Grande. Num inventário da comarca de Castro de 1871[...] podemos constatar a dispersão dos herdeiros de uma grande fazenda: a maior parte deles vende a sua herança inteira, residentes como já eram de São Paulo e outras cidades, com outras profissões. Fazendas dos Campos Gerais eram vendidas a colonização russa e as companhias frigoríficas, que, afinal, também não se manteriam.²⁰⁹

Percebe-se na citação acima que muitas dessas terras foram vendidas para a colonização europeia. Portanto, de grandes propriedades voltadas para a criação de gado, várias regiões do território paranaense passaram a ser subdivididas em pequenas propriedades voltadas para a agricultura. Foi o que aconteceu com as terras em que foi criada a colônia federal Ivaí no início do

²⁰⁸ Para melhores informações sobre o comércio de tropas ver: KOSS, Lucimara. **Comércio & Sociedade: as múltiplas funções dos armazéns de Ivay-Pr na primeira metade do século XX**. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2013.

²⁰⁹ MACHADO, Brasil Pinheiro. 1962. Op. Cit. p.136-149-150.

século XX. Mais uma vez isso demonstra claramente que o Paraná não era um lugar totalmente vazio, desocupado e sem dono. Esse foi povoado e marcado tanto por migrações internas quanto externas em diferentes contextos.

Em pleno cenário de imigração europeia, conforme dados apresentados no apêndice 1, em 1872 havia 123.034 brasileiros natos residindo no Paraná. Em 1890 esse número subiu para 244.338, e 1920 para 622.601. Esses indivíduos estavam espalhados por todo território paranaense, inclusive muitos deles habitavam a região em que foi criada a colônia Ivaí na primeira metade do século XX.

Informações como essas podem ser constatadas claramente na tabela 4. Segundo a mesma, em 1915 cerca de 12,6% da população de Ivaí era Brasileira. Esses dados também podem ser vistos nas certidões de óbitos das pessoas que faleceram nessa região na primeira metade do século XX e fins do XIX.

Nos óbitos encontram-se descritos os locais de nascimento de cada falecido, e a provável data de nascimento calculada pela idade do finado. Sendo assim, foi possível levantar quantos desses brasileiros natos, descritos nos censos do IBGE e nos censos do zelador da colônia, residiam em Ivaí e já habitavam o local muito antes de 1907.

Subtraindo a idade do finado foi encontrado 144²¹⁰ pessoas que teriam nascido em Ivaí no período de 1845 a 1900. Número que além de demonstrar que já havia essa quantidade de residentes nesse espaço antes da criação da colônia, também comprova que existia muito mais pessoas na região. Se esse número for somado aos pais de cada falecido daria um total de 432 indivíduos.

Apesar de já existirem habitantes na região, durante o processo migratório os lotes delimitados como pertencentes à colônia Ivaí foram divididos e os títulos de propriedade distribuídos aos imigrantes europeus como se estivessem “vazios”. Porém, conforme dito, certidões de óbitos e de nascimentos provam o contrário. Essas terras já eram habitadas por muitos sujeitos que teriam migrado de outras regiões brasileiras. Nesses documentos foi possível identificar pessoas que teriam nascido nesse espaço na primeira metade do século XIX,

²¹⁰ Registros de óbitos do cartório de Bom Jardim do Sul. Certidões de óbitos disponíveis em: <https://familysearch.org/search/image/index#uri=https%3A%2F%2Ffamilysearch.org%2Frecapi%2F%2Fwaypoint%2FMHN7-KWR%3A337683601%2C337683602%3Fcc%3D2016194>.

especificamente em 1848, conforme consta na certidão de óbito de Luiz José Rodrigues. Esse era natural da região onde hoje se localiza o município de Ivaí. Teria falecido no dia quatorze de agosto de 1920, com 72 anos de idade. Se subtraímos 72 de 1920, Luiz teria nascido no ano de 1848. Portanto, percebe-se claramente na fonte que a região já possuía pessoas residindo no local em um período bem anterior a criação da colônia. Essas informações também podem ser constatadas nos escritos de Veiga Lopes²¹¹. Através de registros de terras, o autor levantou uma série de proprietários que já eram estabelecidos na região.

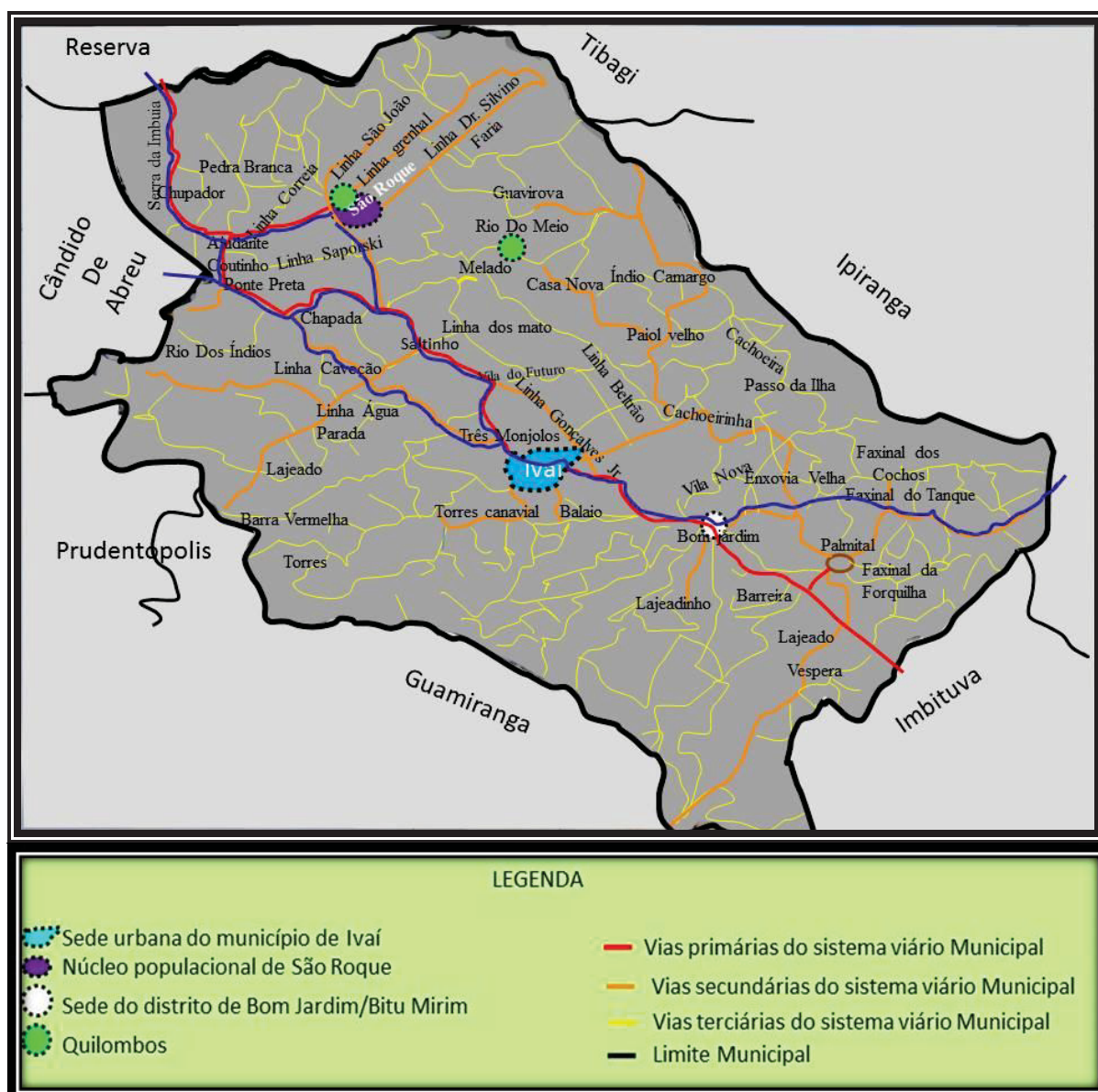
Segundo José Veiga Lopes, na segunda metade do século XIX, parte das terras em que foi criada a colônia Ivaí, eram de posse do Barão de Antonina. Este possuía uma grande extensão de terras na região denominada Campina Bela, que ia além dessa denominação e abrangia parte do atual município de Ivaí.

Analogamente, em 1872, Antônio de Andrade Camargo, comprou metade da propriedade de Gustavo Rumblespenger (diretor da colônia Thereza) que abrangia parte dos atuais municípios de Reserva (Campina Bela), Ivaí, Cândido de Abreu (colônia Thereza Cristina), Prudentópolis, Ipiranga. A aquisição de Antônio de Andrade Camargo abarcava mais de 30 milhas quadradas.

Em 1881, Antônio de Andrade Camargo, vendeu parte de suas terras para Francisco Ferreira Pinto e Francisca Rosa de Jesus. A propriedade da última, iniciava-se na barra do Rio dos Índios (território pertencente ao atual município de Ivaí). A Oeste seguia até o Rio Ivaí. A Leste seguia Rio dos Índios acima até confrontar com a propriedade de Francisco Ferreira Pinto. A propriedade ainda fazia divisa com terras de Atanagildo Paz de Almeida e Joaquim da Silva Leiria. Já a propriedade de Francisco Ferreira Pinto, abrangia a atual região de São Roque, Rio do Meio, Casa Nova, entre outras localidades do atual município de Ivaí.

²¹¹ LOPES, José Carlos Veiga. 2007. Op. Cit.

FIGURA 3- LOCALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES DO MUNICÍPIO DE IVAÍ EM 2013



Fonte: Mapa do município de Ivaí localizado na prefeitura municipal de Ivaí.
Adaptado por: KOSS, Lucimara. 2013.

Em 1884, grande parte da propriedade adquirida por Francisco Ferreira Pinto foi vendida para o capitão Joaquim Ferreira Pinto. Segundo registros de terras levantados por José Carlos Veiga Lopes, a área começava na barra do Lajeado denominada Rio dos Índios e seguia até a atual comunidade de Enxovia Velha, onde fazia fronteira com Florentin Martins Padilha e Amantino D’Almeida e Silva. A Oeste fazia fronteira com terras de Francisca Rosa de Jesus.

Após ter realizado essa venda em 1884, em 1885 Francisco Ferreira Pinto declarou possuir, por ocupação, terras no lugar chamado São Roque. Região em que está localizado um dos quilombos existentes no município de Ivaí. A

propriedade começava na cabeceira do Rio São João e descia pela mesma água até a foz do Lajeado da Pedra. Seguia acima até a área de Maria Caetano Vaz da Fonseca, divisando com José Dias de Almeida até o Chupador. Abaixo seguia até as terras de Manuel Dos Santos Quaresma, José Pedro Andrade Camargo, João dos Santos Ribas.

Ainda segundo José Carlos Veiga Lopes, sobre o território em que hoje está localizada a parte urbana do atual município de Ivaí, se declararam donos da região desde 1846 os seguintes moradores de Conchas²¹²: Manuel Inácio de Camargo, José Dos Santos Martins, Atanagildo Paes de Almeida e Joaquim José Galvão. A Oeste as divisas seguiam até o Rio dos Patos. A Leste, Norte e Sul nada consta.

Além desses nomes que foram citados até o presente momento, antes de ter sido criada a colônia Ivaí em 1907, apareceram outros nomes de proprietários de terras nessa região em que foi construído o atual município de Ivaí. Entre eles pode-se citar: Praxedes Correia Leite (proprietário de terras no Barreiro em 1895), Generoso Alves Martins (proprietário de terras em Enxovia Velha em 1895 por posse e compra), Manuel José de Farias, Cipriano Correia Leite, João Batista Correia, José Floriano Machado, Francisco Matias Padilha, Geremias Pereira Viani, Clementine Rosa Dos Santos, José Buava, Antônio Rosa Dos Santos, José Taborda Ribas, José Florentino Machado, Francisco Alves Batista.

Nesse aspecto, tanto os registros de terras quanto as certidões de óbitos demonstraram claramente que os imigrantes europeus não foram os primeiros a se estabelecerem no local. Muitas terras do atual município de Ivaí já tinham proprietários antes do desenvolvimento das políticas imigratórias. Havia aqueles que a ocuparam por compra e outros por apropriação. Portanto, as terras de Ivaí foram ocupadas tanto pelo processo de frente de expansão quanto de frente pioneira.²¹³ Pode-se dizer que as propriedades concedidas aos imigrantes, para serem pagas ao longo dos dez primeiros anos após o estabelecimento no local, encaixam-se na frente pioneira. Pois o objetivo do Estado não era desenvolver uma economia de subsistência, mas instalar imigrantes para produzir alimentos e

²¹² Região pertencente ao atual município de Ponta Grossa.

²¹³ Para melhores informações sobre as diferenças entre essas duas formas de ocupação, rever definições na introdução dessa tese.

diversificar a economia paranaense, tanto que os excedentes de produtos agrícolas produzidos pelos imigrantes eram vendidos nos armazéns de Ivaí para serem transportados e revendidos pelos donos das vendas em centros consumidores maiores. Já em relação às ocupações relativas à frente de expansão, essas dizem respeito às pessoas que ocuparam a região de Ivaí antes da chegada dos imigrantes europeus no local, como exemplo desse processo pode-se citar o excerto do registro de terra realizado por Francisco Ferreira Pinto em 18 de março de 1905:

Eu abaixo assinado, Francisco Ferreira Pinto, declaro que sou senhor e possuidor, por ocupação não interrompida, até hoje de uma parte de terras lavradas, situadas em São Roque no lugar denominado Arroio da Pedra. Que tenho obtido por posse, feita com cultura efetiva desde antes de quinze de novembro de mil oitocentos e oitenta e nove. Esta área tem aproximadamente a superfície de 80 hectares mais ou menos [...] é banhada por diversos arroios e nela o declarante faz anualmente as plantações que consta de milho, feijão e outros[...].²¹⁴

Conforme é perceptível no fragmento do registro de terra transcrito acima, em 18 de março de 1905, Francisco Ferreira Pinto, se declarou dono, por ocupação, de aproximadamente oitenta hectares de terras no lugar denominado Arroio das Pedras em São Roque. A terra teria sido ocupada por ele muito antes de 15 de novembro de 1889. Período anterior a criação da colônia e chegada dos imigrantes europeus.

Além dessa propriedade de oitenta hectares, na mesma data, Francisco Ferreira Pinto declarou ser dono de outra área de aproximadamente dois mil hectares na localidade de São Roque. Esta última também foi declarada adquirida por apropriação.

Juntando as informações dos dois registros de terras, percebe-se que a propriedade declarada por Francisco Ferreira Pinto não se restringia somente a localidade de São Roque, localizada no atual município de Ivaí, a extensão da mesma ultrapassava 800 alqueires e abrangia outras comunidades tais como: Saltinho, Chupador, Rio do Meio, entre outras. Portanto, as terras abarcavam a

²¹⁴ Fonte: **Registros de terras**. Documento disponível em: Arquivo público do Paraná.

comunidade quilombola de Rio de Meio, de São Roque e regiões onde foram fixados os imigrantes europeus nas primeiras décadas do século XX.

Além dessas informações, a consulta dos registros de terras revelou dados relevantes sobre a região de Ivaí antes do processo imigratório. Ao oficializar a posse por apropriação ou compra, muitos proprietários declararam haver casas, paióis, pastagens e plantações no lugar. Afirmaram possuir plantios de milho, feijão, arroz, erva, entre outras culturas. Do mesmo modo, citaram a criação de porcos, galinhas, muar, gado. Informações como essas podem ser constatadas no registro de terra a seguir realizado por Francisco Ferreira Pinto em 18 de março de 1905:

Eu abaixo assinado, Francisco Ferreira Pinto, declaro que sou senhor e possuidor, por ocupação não interrompida até hoje, de uma propriedade de terras. Faxinais de pastagens e ervais, no lugar denominado São Roque, distrito da vila de Ipiranga, da Comarca de Ponta Grossa. E por compras feitas como consta nos documentos justos, tendo ali casas, paios, mangueiras, poteiros [...] onde tenho nas pastagens animais: cavalos, muar, vacum, suínos, e faço anualmente as plantações que consta de milho, feijão, arroz, cana de açúcar, e outros cereais. Esta área tem aproximadamente a superfície de dois mil hectares mais ou menos. Está livre de qualquer [...], é banhada por diversos rios e lajeados [...]²¹⁵

Portanto, percebe-se claramente que havia uma produção interna muito antes da chegada dos imigrantes europeus na região. Essa informação coloca em análise a justificativa de trazer imigrante para sanar a crise de alimento, pois os dados da fonte demonstram que havia produção e habitantes em uma região que foi tida como um vazio demográfico.

Do mesmo modo, percebe-se que havia mão de obra se dedicando às atividades que não visavam o mercado externo, porém, o cultivo desses produtos era voltado basicamente para uma economia de subsistência devido a motivos tais como: precariedade dos meios de transporte para escoar essa produção do campo para as cidades; falta de casas comerciais na região que fizessem o intercâmbio com centros consumidores maiores, entre outros. Portanto, essa forma de ocupação refere-se à frente de expansão, nela a utilização da terra está voltada para uma economia de subsistência.

²¹⁵ Fonte: **Excerto do registro de terra realizada por Francisco Ferreira Pinto em 18 de março de 1905** Documento disponível em: Arquivo público do Paraná.

Nesse aspecto, segundo Maria Yedda Leite Linhares e Francisco Carlos Teixeira da Silva²¹⁶, a crise de alimentos nos centros consumidores urbanos, existentes no Brasil na primeira metade do século XX, ia muito além do simples fato de não ter quem o produzisse. Eram vários os fatores que contribuíram para a escassez, entre eles pode-se citar: falta de dinheiro das pessoas para adquiri-lo, monopólio comercial, tributos, guerras, exportação, estradas e transportes precários, êxodo rural, crescimento populacional, entre outros.

Para os autores havia produção interna, porém, a mesma quase não era escoada até os centros consumidores maiores; e quando era muitos comerciantes acabavam estocando as mercadorias para gerar escassez e vender os produtos a preços abusivos. Nesse aspecto, a população em geral não tinha capital suficiente para adquirir as mercadorias. Outro fator que agravava a situação era a presença dos comerciantes intermediários. Até chegar ao prato do consumidor, muitos produtos cultivados por brasileiros e negros libertos passavam por várias mãos. Dessa forma, o mesmo encarecia tanto pela questão de cada comerciante tirar sua margem de lucro, quanto pelas taxas embutidas.

Além dessa questão, com a eclosão da Primeira e Segunda Guerra Mundial, o Brasil passou a exportar muitos produtos para os países que estavam em guerra e voltaram sua economia a produção de armamento bélico. Este fator afetou a oferta de produtos no comércio interno brasileiro contribuindo para a ausência de alimentos e alta nos preços. Estradas e transportes precários também dificultavam a movimentação do mercado interno. Além destes fatores, os autores apontam que em meados do século XX começou a ocorrer o êxodo rural e o crescimento da população. Estes também são acontecimentos que contribuíram para a crise de gêneros alimentícios nesse período. Muitas pessoas deixaram o campo e migraram para as cidades, sobretudo para a região Sudeste do país em busca de novas oportunidades. Diante de todos estes fatores que contribuíram para que existisse escassez de gêneros alimentícios, o Estado passou a intervir na agricultura, no comércio externo e até mesmo interno. Criou tabelas de preços para venda de produtos, interferiu nas tarifas, trouxe imigrantes europeus visando a produção interna, entre outras medidas.

²¹⁶ LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **História política do abastecimento: 1918-1974**. Brasília: BINAGRI, 1979.

Apesar de atrair imigrantes europeus tendo como um dos intuitos abastecer o mercado interno, a precariedade das estradas não se restringia somente a população que habitava o Brasil antes da chegada dos imigrantes europeus, esses últimos também encontravam o desafio de abrir estradas ao chegar no novo País. Pois mesmo com a criação de colônias para produzir gêneros alimentícios e levar até centros consumidores maiores, os estrangeiros também tinham dificuldades para escoar seus produtos e fazer a mercadoria circular pelo território brasileiro. Isso foi constatado no relatório enviado ao presidente do Estado do Paraná em 1919:

Perante a estrada que liga este núcleo a cidade de Imbituva, onde as colônias em geral procuram esse centro de consumo, para venda de seus produtos, acha-se em tão péssimo estado de conservação, que muito prejudica, não só o desenvolvimento do núcleo como mesmo os pagamentos para com o governo da União. Se o Governo Federal tomasse em consideração mandando conservá-la, a fim assim trazer o progresso dessa colônia, onde os colonos poderiam ter bons resultados nas vendas dos seus produtos, quanto à distância entre a sede deste núcleo e cidade de Imbituva, tem apenas 42 quilômetros, já em tempo foi construída ou conservada pelo governo federal. Há mais de oito anos não tem sequer a menor conservação.²¹⁷

Essa dificuldade de escoar a produção descrita no relatório acima, não se limitava somente a cidade de Imbituva, o mesmo equivalia para centros consumidores maiores tais como Ponta Grossa. O Carroceiro Vladomiro Lobacz trabalhava no escoamento da produção da colônia Ivaí para Ponta Grossa durante a primeira metade do século XX, e confirmou essas informações. Vladomiro carregava sua carroça com produtos²¹⁸ que os colonos de Ivaí trocavam nos armazéns, e levava para vender na cidade de Ponta Grossa. Com o dinheiro da venda comprava outras mercadorias, tais como: tecidos, louças, chapéu, sal, açúcar, etc.; e voltava abastecer os armazéns da colônia Ivaí²¹⁹. Segundo Vladomiro uma das maiores dificuldades dessas viagens eram as estradas, conforme descreveu:

²¹⁷ Fonte: RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Relatório do núcleo colonial Ivaí enviado ao presidente da província em 1915**. Localização do relatório: A. P. M. I.

²¹⁸ Galinha, erva-mate, milho, feijão, ovo, trigo, entre outros

²¹⁹ KOSS, Lucimara. **Carroceiros tropeiros & a moeda ambulante: trajetórias de imigrantes e suas contribuições para o desenvolvimento do comércio paranaense**. In: COSTA, Hilton; PEGORARO, Wilson Jonas; FILHO, Stanczyk (Orgs). *O Paraná pelo caminho: histórias, trajetórias e perspectivas*, v.3. Curitiba: Máquina de Escrever, 2017.

Um dia nós saímos com chuva rumo a Ponta Grossa e gastamos oito dias de ida. O carro encalhava. Ficava às vezes o dia inteiro numa subida. Quase não tinha estrada. Um dia chegamos em Conchas tinha um lodo na estrada e um olho de água. Tacamos o carro em cima. Nós abrimos por outro lugar a estrada num campo e entramos com o carro. Um fazendeiro nos cercou. Estávamos em três carroceiros. Nós íamos sempre em dois ou três porque em algum lugar ficava precisando um da ajuda do outro. E o fazendeiro disse: como que vocês entraram com o carro no meu terreno? Eu disse: entramos, fechamos e passamos. Nós temos que levar esses mantimentos lá para Ivaí. Nós não podíamos subir na estrada por causa do olho de água. Nós não fizemos por abuso. Fizemos por precisão. Ele disse: o que é que o senhor vai fazer agora? Nós vamos lá no fim do campo e saímos na estrada. Era difícil aquele tempo. Aqui era um carreador, aqui não tinha estrada.²²⁰

Além dessas questões referentes a produção interna, surgiram alguns questionamentos associados à extensão da terra e ao nome do proprietário do registro. Atualmente mais de 90% dos atuais moradores do quilombo de Rio do Meio, região que se localizava dentro dessa propriedade, tem o sobrenome Ferreira adotado em seus nomes. Teriam os habitantes desse quilombo alguma ligação com o proprietário Francisco Ferreira Pinto? Quem era Francisco Ferreira Pinto? Pelos registros de terras sabe-se que Francisco possuía cavalos, porcos, muares, entre outros animais em sua propriedade, portanto, era fazendeiro de origem africana (pois possuía o mesmo sobrenome dos habitantes negros do quilombo) ou era fazendeiro de outra origem?²²¹ Teriam os habitantes do quilombo adotado o sobrenome do dono da terra? Os habitantes do quilombo eram migrantes internos que buscaram um novo lugar para reconstruir suas vidas longe dos estigmas da escravidão, ou eram mão de obra escrava desse proprietário de terras?

Infelizmente até o presente momento não temos fontes para responder essas questões, mas se levarmos em conta que a colônia Ivaí foi criada tanto

²²⁰ LOBACZ, Vladomiro. Entrevista concedida a Lucimara Kóss em 30 de janeiro de 2008.

²²¹ Vale lembrar que para Brasil Pinheiro Machado, nesse período as terras do Paraná, principalmente dos Campos Gerais, eram habitadas por fazendeiros de origem portuguesa: [...] em grande parte, os fazendeiros dos Campos Gerais eram descendentes da primeira geração de portugueses vindos para o Brasil durante a grande imigração peninsular do século XVIII, imigrantes que primeiro se estabeleceram como comerciantes nas vilas, como militares no tempo das guerras platinas, e que, depois, pelo casamento nas antigas famílias ou aquisição de terras com o capital conseguido no comércio, inclusive no comércio de tropas, se estabeleceram como fazendeiros. Em 1770, o Capitão General observava que o negócio de tropas era o que dava “modo de vida aos que vinham do reino (Machado, 1962, p.142)”.

para ocupar o território “vazio” quanto para desenvolver a agricultura, essas informações são de extrema importância. Percebe-se que os imigrantes europeus não eram pioneiros no local, inclusive não foram os primeiros a desenvolver a agricultura e a suinocultura na região. Apesar de estarem voltadas para uma economia de subsistência, essas atividades já eram praticadas por migrantes internos brasileiros muito antes da chegada dos imigrantes europeus. A vinda desses últimos e a ocupação da terra pelo processo de frente pioneira, que a torna mercadoria e visa a produção para o mercado, apenas intensificou essas atividades econômicas e movimentou o comércio interno. Inclusive muitos deles vão passar a sobreviver adotando como atividade principal a suinocultura.²²² Informações como essas podem ser constatadas claramente na tabela a seguir:

TABELA 5 – PRODUÇÃO DA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ DE 1915 E 1918

Cultura	Quantidade aproximada de cabeças em 1915	Quantidade aproximada de cabeças em 1918
Bovino	785	845
Gado Cavalor	733	830
Muare	50	70
Gado Caprino	100	70
Carneiro	30	60
Suínos	8.010	16.500
Ave	35.000	100.000

Fonte: RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Quadro demonstrativo elaborado sobre as criações de animais e ave** existentes na Colônia Federal Ivaí em 31 de dezembro de 1915 e 1918. Localização do quadro demonstrativo: A. P. M. I. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

A tabela demonstra que a produção de porcos e de ave tinha grande importância na economia local, entre 1915 a 1918 são as duas atividades que mais cresceram. Tanto a criação de porcos quanto de ave era praticada para o consumo local e venda ou troca por outros produtos nos armazéns.²²³ Portanto, os imigrantes europeus também passaram a desenvolver culturas que já eram realizadas na região pelos migrantes internos que a habitavam. Porém, não produziam para uma economia de subsistência como os já estabelecidos, plantavam em quantidades maiores e comercializavam os excedentes. Nesse

²²² KOSS, Lucimara. 2013. Op. Cit.

²²³ Idem KOSS, Lucimara. 2013.

sentido, a chegada dos imigrantes europeus desenvolveu o comércio local e contribuiu para o próprio movimento do mercado interno. Além disso, os imigrantes europeus também cooperaram para a diversificação econômica. Conforme descrito nos registros de terra, enquanto os migrantes internos que já habitavam a região produziam basicamente arroz, feijão e milho, os imigrantes europeus diversificaram a economia produzindo outros produtos. Dentre eles pode-se citar os listados na tabela abaixo:

TABELA 6 - PRODUÇÃO DA COLÔNIA FEDERAL IVAÍ DE 1918

Produto	Área cultivada em Hectare	Quantidade produzida	Valor em réis	Quantidade exportada
Erva mate	—	140.000 kg	21.000.000	130.000 kg
Leite	—	100.000 kg	20.000.000	—
Manteiga	—	1.000 kg	1.500.000	900 kg
Ovos	—	60.000 Dúzia	18.000.000	50.000 Dúzia
Palha picada de centeio	—	25.000 kg	2.500.000	20.000 kg
Couro curtido	—	6.000 kg	18.000.000	4.000 kg
Mel	—	8.000 kg	3.200.000	4.000 kg
Cera	—	8.000 kg	16.000.000	7.000 kg
Tábuas serradas	—	6.000 Dúzias	36.000.000	—
Trigo	690	1.400.700 kg	420.210.000	400.700 kg
Trigo centeio	420	919.860 kg	195.972.000	350.000 kg
Milho	2.690	3.715.400 kg	260.068.000	2.715.000 kg
Feijão	690	641.700 kg	128.340.000	400.000 kg
Arroz	150	360.000 kg	72.000.000	200.000 kg
Trigo fagopyro	75	248.000 kg	29.760.000	48.000 kg
Painço	50	102.650 kg	10.265.000	50.000 kg
Cevada	80	203.200 kg	40.640.000	150.000 kg
Aveia	80	269.760 kg	26.976.000	100.000 kg
Linho	75	27.000 kg	4.050.000	18.000 kg
Ervilha	65	26.000 kg	3.900.000	30.000 kg
Batatinha	310	167.400 kg	16.740.000	100.000 kg
Batata doce	100	66.600 kg	6.660.000	—
Mandioca	500	208.300 kg	31.245.000	100.000 kg
Uva	300	9.000 kg	3.700.000	—
Fumo	100	2.600 kg	5.200.000	2.000 kg
Cebola	300	53.040 kg	18.912.000	30.000 kg
Alho	50	6.000 kg	1.200.000	500 kg
Hortaliças	15	3.000 kg	600.000	2.000 kg

Fonte: RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Relatório da produção agrícola de 1918**. A. P. M. I. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Segundo dados da tabela acima, percebe-se como os imigrantes europeus diversificaram a economia local. Além de produzirem artigos que já eram cultivados na região, plantaram outros e contribuíram para a diversificação

econômica almejada pelo Estado. O mesmo vale para o desenvolvimento do mercado interno, enquanto grande parte dos imigrantes europeus sobrevivia de práticas agrícolas, uma pequena parcela da população passou a sobreviver do comércio. Esses vendiam mercadorias que não eram produzidas localmente e compravam a produção dos agricultores. Com o melhoramento das estradas, os comerciantes revendiam esses produtos agrícolas em centro consumidores maiores tais como Ponta Grossa²²⁴.

A chegada dos imigrantes não excluiu economicamente os brasileiros que já habitavam a região, pois muitos deles também compravam e vendiam sua produção para os comerciantes locais. Informações como essas, estão nos registros de compra e venda²²⁵ realizados pelos donos de armazéns. Nessas fontes consta o nome completo de cada cliente, o que comprava, o que vendia e como pagava. Dessa forma, foi possível perceber que os espaços dos armazéns não eram frequentados somente por imigrantes europeus, mais por nacionais também.

3.3 MAS QUEM ERAM ESSES NACIONAIS E DE ONDE VIERAM?

Conforme dito, a região do Paraná onde foi criada a colônia federal Ivaí, apesar de não conter um número expressivo de pessoas, era habitada muito antes da chegada dos imigrantes europeus. Essas informações foram comprovadas tanto pelos registros de terras, quanto pelos relatórios do zelador e pelas certidões de óbitos.

Em relação as certidões de óbitos, nas quais constam informações tais como: nome do falecido, sexo, data do óbito, naturalidade tanto do falecido quanto de seus pais, motivo da morte, estado civil, quantidade de filhos, idade, entre outras informações; foi possível constatar que na região já haviam se estabelecidos muitos migrantes internos antes da instalação de imigrantes europeus. Percebe-se que o local foi palco dos mais variados personagens. Nele havia pessoas que migraram das seguintes localidades:

²²⁴ KOSS, Lucimara. Op. Cit. 2013.

²²⁵ PYETLOWANCIW, Elias. **Registro de produtos consumidos no período de 1912 até meados da década de 1940**. A.P.M.D.

TABELA 7- NATURALIDADE POR CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA DAS PESSOAS BRASILEIRAS QUE FALECEAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Estado/País	Cidade	Criança 0 a 12	Adolescente 13 a 17 anos	Adulto acima de 18 anos	Total
Brasil Paraná	Assunguy/Cerro Azul	-	-	9	9
	Bela Vista (Entre Rios)	-	-	1	1
	Campo Largo	1	-	1	2
	Campo Magro/Bocaíuva	2	-	2	4
	Cândido de Abreu	1	-	-	1
	Castro	-	-	13	13
	Conchas	1	-	16	17
	Curitiba	1	-	14	15
	Guarapuava	-	-	2	2
	Hervalzinho	1	-	-	1
	Imbituva	4	-	15	19
	Ipiranga	7	2	20	29
	Irati	-	-	1	1
	Itaiacoca	-	-	7	7
	Ivaí	586	52	259	849
	Lapa	-	-	3	3
	Laranjeira	-	-	1	1
	Palmeira	-	-	2	2
	Paraná S/especificação	21	9	138	168
	Ponta Grossa	2	-	30	32
	Prudentópolis	2	1	4	7
	Rio Azul	-	-	1	1
	Teixeira Soares	-	1	2	3
	Thereza Cristina	-	-	1	1
	Tibagi	-	-	2	2
	Votuverava	-	-	1	1
Brasil Santa	Blumenau	-	-	1	1
	Botuverava	-	-	2	2
	Sem especificação	-	-	3	3
Brasil - Piauí	Estado de Piauí	-	-	1	1
Brasil - Minas Gerais	Sem especificação	-	-	1	1
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	-	--	1	1
Brasil - Rio Grande do Sul	Sem especificação	-	-	1	1
São Paulo	São Paulo	-	-	2	2
	Faxina	-	-	1	1
	Ribeira	-	-	1	1
Brasil S/Estado	Sem especificação	-	-	2	2
Brasil S/idade	Paraná/Ivaí	-	-	-	7
Total		629	65	561	1262

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Conforme dados da tabela 7, percebe-se que muitas pessoas migraram tanto de cidades paranaenses quanto de outros Estados brasileiros. Além disso, nota-se que a mortalidade de crianças nascidas em Ivaí era alta, porém, quando

se trata de adultos nascidos fora de Ivaí ocorre o inverso. Isso pode ser observado com mais detalhe nos dados da tabela a seguir:

TABELA 8 – PORCENTAGEM DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E ADULTOS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX²²⁶

Naturalidade	Criança (0 a 12 anos)	Adolescente (13 a 17 anos)	Adulto (acima de 18 anos)	Total
Ivaí	32,3	2,8	14,2	49,3
Paraná, exceto Ivaí	2,3	0,7	15,7	18,7
Brasil, exceto Paraná	0	0	0,8	0,8
Europa	0,2	0,3	25,8	26,3
Nada Consta	-	-	-	4,9
Total	34,8	3,8	56,5	100

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Conforme informações da tabela acima, aparecem dados que fundamentam as migrações internas. Cerca de 15,7% dos adultos teriam nascido e migrado de outras regiões paranaenses e 0,8 de outros estados brasileiros. Em relação as crianças, somente 2,5% teriam nascido fora de Ivaí. Portanto, supõem-se que a quantidade de adultos que migravam sem filhos era muito maior do que aqueles que já tinham crianças.

Juntando a porcentagem dos adultos, adolescentes e crianças brasileiras nascidas fora de Ivaí, percebe-se que cerca de 19,5% teria nascido e migrado de outras regiões brasileiras. Já em relação aos imigrantes, esses contabilizaram 26,3% das mortes. Isso quer dizer que mais da metade da população que faleceu na colônia Ivaí na primeira metade do século XX não era natural da mesma.

Em relação aos 49,3% que nasceram e faleceram em Ivaí, cerca de 32,3% eram crianças e 14,2% eram adultos. Essa porcentagem de adultos ivaienses é menor do que os 15,7% nascidos em outras regiões paranaenses. Esses dados indicam que muitas dessas crianças que nasceram e faleceram em Ivaí poderiam ser filhos de migrantes internos. Isso reforça ainda mais as contribuições das migrações internas para a formação de Ivaí, seja de brancos ou negros, livres ou escravizados que circulavam pelo território nacional em busca de um lugar para construir uma nova vida.

²²⁶ Os números utilizados para calcular a porcentagem dessa tabela encontram-se no apêndice 4.

Voltando aos dados da tabela 7, percebe-se que 9 pessoas que faleceram em Ivaí na primeira metade do século XX eram naturais de Assunguy. Dado extremamente interessante se levarmos em conta as informações já discutidas sobre a colônia Assunguy. De acordo com o que foi visto, segundo Nishikawa, muitos estrangeiros e nacionais deixaram Assunguy e migraram para outras regiões, mas o autor não soube dizer para onde os mesmos teriam migrado, conforme afirmou:

O número de imigrantes que abandonaram seus lotes de terra na colônia Assunguy entre os anos de 1864 e 1874 é bastante elevado. O destino desses imigrantes, entretanto, é desconhecido, ficando difícil saber se deixaram apenas a colônia ou saíram da Província ou mesmo do País.²²⁷

Portanto, de acordo com dados da tabela 7, pode-se responder em parte a lacuna deixada por Nishikawa, nela é possível ver para onde teriam ido algumas pessoas que migraram de Assunguy. Do mesmo modo, nota-se que não eram somente imigrantes europeus que migravam, brasileiros também a deixavam. Esse foi o caso de 9 pessoas que migraram de Assunguy para a colônia Ivaí. Segundo informações extraídas das certidões de óbito²²⁸. Uma dessas pessoas teria nascido em Assunguy em 1877 e foi descrita como de cor morena. Dado de extrema importância para descobrirmos a origem dos negros e morenos que se estabeleceram em Ivaí.

Seja de Assunguy ou de outras colônias, assim como as imigrações transoceânicas, as migrações internas eram feitas impulsionadas pelo sonho de uma vida melhor. Se os imigrantes europeus fugiam do desemprego, da falta de terras, da carestia de alimentos e das convulsões políticas de seus países de origem, os migrantes internos no Brasil vagavam em busca de melhores oportunidades. Isso está claro nos escritos de Annibal Villela²²⁹, Paulo Nouhaus²³⁰, Sylvain Souchaud e Wilson Fusco.²³¹

²²⁷ NISHIKAWA, Reinaldo Benedito. 2007. Op. Cit. p. 130.

²²⁸ Certidões de óbitos do cartório de Bom Jardim do Sul. Certidões disponíveis em: <https://familysearch.org/search/image/index#uri=https%3A%2F%2Ffamilysearch.org%2Frecapi%2F%2Fwaypoint%2FMHN7-KWR%3A337683601%2C337683602%3Fcc%3D2016194>.

²²⁹ VILLELA, Annibal Villanova; SUZIGAN, Wilson. Op. Cit.

²³⁰ NEUHAUS, Paulo. **Economia brasileira uma visão histórica**. In: MERRICK, Thomas; GRAHAM, Douglas. População e desenvolvimento no Brasil: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro, Editora Campus Ltda, 1980.

Já no caso específico dos africanos e afrodescendentes, essa circulação dentro do território nacional, também poderia estar associada à fuga do cativeiro e ao preconceito étnico ligado ao sistema escravocrata. Pois conforme apontam autores tais como: Ana Maria Lugão Rios²³², Flávio dos Santos Gomes²³³, Emília Viotti Costa²³⁴, entre outros, como já mencionado, após a abolição muitos libertos passaram a migrar pelo território brasileiro em busca de outros lugares para reconstruir suas vidas, alguns devido ao mercado de trabalho ter se estreitado com a chegada dos imigrantes europeus, e outros com o objetivo de fugirem dos estigmas da escravidão.

Em relação a naturalidade dos imigrantes europeus que se instalaram na colônia Ivaí, foi possível extrair as seguintes informações das certidões de óbito:

TABELA 9 – NATURALIDADE POR CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA DAS PESSOAS EUROPEIAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

País/região	Estado/cidade/região	Criança (de 0 a 12 anos)	Adolescente (de 13 a 17 anos)	Adulto acima de 18 anos
Alemanha	Sem especificação			6
Áustria	Sem especificação	2	4	80
Checoslováquia	Sem especificação			2
Galícia	Galícia Oriental (Polônia)			9
	Galícia Oriental (Ucrânia)			9
	Galícia sem especificação		1	116
Holanda	Sem especificação	1		3
Itália	Sem especificação			4
Irlanda	Mayo			1
Polônia	Polônia Russa			1
	Polônia S/especificação	1	1	139
Rússia	Volga			1
	Rússia sem especificação			11
Suíça	Sem especificação			1
Europa	Sem especificação		1	8
Ucrânia	Sem especificação	-	-	78
Total²³⁵		4	7	469

Fonte: Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.

Org: KOSS, Lucimara. 2019.

²³¹ **Redes** – Rev. Des. Regional, Santa Cruz do Sul, v.17, n.2 p.5-17, maio/ago 2012. In: SOUCHAUD, Sylvain; FUSCO, Wilson. População e ocupação do espaço: o papel das migrações no Brasil.

²³² RIOS, Ana Maria Lugão; MATTOS, HEBE, Maria. 2005. Op. Cit.

²³³ GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

²³⁴ COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. 9ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

²³⁵ 72 certidões de óbito não constaram local de nascimento e faixa etária.

A tabela 9 pode ser analisada de modo conjunto com a tabela anterior 8, pois vemos que o maior número de óbitos entre nascidos na Europa e que faleceram e foram sepultados em Ivaí era de pessoas adultas. Um indício forte de que se tratava de imigrantes que muito provavelmente já emigraram adultos. Essa hipótese pode ser corroborada em razão das condições da vinda para o Brasil. Havia esforços das companhias de Imigração e em alguns casos exigências do governo brasileiro que fossem priorizados adultos saudáveis. Outra questão comum nessas viagens transoceânicas era que casais com muitos filhos não conseguiam custear a passagem de todos os membros da família, então eram preteridos na hora do embarque por casais jovens sem filhos ou com poucos filhos. Uma outra questão era a mortalidade durante a viagem de navio, as crianças podiam ser vitimadas mais facilmente tanto ainda no oceano como nas instalações provisórias antes do deslocamento e instalação nos lotes. Portanto, por uma série de motivos que podem ser conjugados de diferentes modos, os europeus que chegavam na colônia já eram adultos ou já haviam passado os primeiros anos da infância onde simples resfriados ceifavam vidas. Esses dados ficam mais claros na tabela a seguir:

TABELA 10 - NATURALIDADE DOS FALECIDOS EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX EM PORCENTAGEM²³⁶

Período	Classificação Etária	Ivaí (em %)	Paraná, exceto Ivaí (em%)	Brasil, exceto Paraná (em%)	Europa (em%)	Total (em%)
1900 a 1910	Criança	2,7	0,0	0,0	0,1	2,8
	Adolescente	0,1	0,0	0,0	0,1	0,2
	Adulto	0,5	0,7	0,1	0,8	1,9
1911 a 1920	Criança	3,6	0,1	0,0	0,1	3,8
	Adolescente	0,1	0,1	0,0	0,2	0,4
	Adulto	1,2	1,7	0,1	3,2	6,2
1921 a 1930	Criança	1,6	0,3	0,0	0,0	1,9
	Adolescente	0,4	0,1	0,0	0,0	0,5
	Adulto	1,3	1,4	0,0	4,9	7,6
1931 a 1940	Criança	5,3	0,3	0,0	0,0	5,6
	Adolescente	0,9	0,2	0,0	0,0	1,9
	Adulto	4,9	2,9	0,2	7	15
1941 a 1950	Criança	18,7	1,6	0,0	0,0	20,2
	Adolescente	1,3	0,2	0,0	0,0	1,5
	Adulto	6,7	9,1	0,4	9,9	26,1
Nada consta	-	-	-	-	-	4,9
Total		49,3	18,7	0,8	26,3	100%

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Conforme dados da tabela 10, de 1900 a 1910 cerca de 4,1% dos falecidos em Ivaí eram de origem brasileira e 1% de europeia. Desse número 3,3% já eram naturais de Ivaí. Isso atesta que em pleno contexto de imigração europeia, período em que grande parte dos imigrantes estavam chegando à colônia federal Ivaí, muitos nacionais já tinham se estabelecido no local. Brasileiros que se dividiam entre negros, morenos e brancos. Grande parte deles com sobrenome de origem portuguesa.

Outro dado relevante que é possível perceber na tabela 10, é sobre as mortes que ocorreram de 1930 a 1950. Nota-se que nesse período o número de falecidos de origem brasileira saltou de 11,1% na década de 1930 para 26,7% na década de 1940. Mas isso não quer dizer que as migrações internas subiram de forma assustadora, pois as informações também demonstram que de 1930 a 1950 a presença de imigrantes adultos europeus subiu no local. Portanto, aumentou a população da colônia e na década de 1940 muitos desses imigrantes

²³⁶ Os números utilizados para calcular a porcentagem dessa tabela encontram-se no apêndice 5.

já tinham tido filhos nascidos em Ivaí. Assim sendo, dos 68,8% (1262 pessoas) de nacionais que faleceram em Ivaí na primeira metade do século XX, muitos deles eram filhos de descendentes de imigrantes europeus já nascidos no Brasil. Essas informações podem ser constatadas na tabela a seguir:

TABELA 11 - NATURALIDADE PATERNA DAS CRIANÇAS FALECIDAS EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX POR DÉCADAS EM %

Período	Ivaí (em %)	Paraná/sem especificação (em%)	Brasil/exceto Paraná (em%)	Europa (em%)	Nada consta (em%)	Total (em%)
1900 a 1910	18	24	4	40	14	100
1911 a 1920	11,6	6,4	3,8	31,1	46,7	99,6
1921 a 1930	13,5	8,1	0	21,6	56,8	100
1931 a 1940	27,1	49,5	0,9	10,6	11,9	100
1941 a 1950	20,4	66,2	0,5	8,4	4,5	100

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Como é possível verificar na tabela 11, entre 1900 a 1910 das 100%²³⁷ das crianças falecidas 40% eram filhas de pai que nasceu na Europa, enquanto 46% tinham genitores que nasceram no Paraná (incluindo Ivaí). Já no último período da tabela, 1941-1950, das 100% de crianças que entraram em óbito apenas 8,4% eram filhas de pai nascido em solo europeu. Os nascidos no Paraná (somando-se os que estão especificados como ivaienses) dá o montante de 86,6%. Portanto, a tabela 11 corrobora com o que foi exposto a respeito da tabela 10, ou seja, conforme avança-se no tempo, temos menos pais naturais da Europa.

Em relação específica a origem dos pais de todas as pessoas que faleceram na colônia Ivaí na primeira metade do século XX, foi possível extrair as seguintes informações:

²³⁷ Para melhores informações sobre o número de crianças utilizadas para calcular a porcentagem dessa tabela ver apêndice 6.

TABELA 12 – NATURALIDADE PATERNA E MATERNA DAS PESSOAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

PAÍS	ESTADO/CIDADE/REGIÃO	Nº DE PAI	Nº DE MÃE
África	Sem especificação	1	0
Alemanha [10 homens] [8 mulheres]	Sem especificação	8	6
	Saxônia	1	1
	Berlim	1	1
Império Austriaco/Galícia Austriaca [174 homens] [170 mulheres]	Sem especificação	91	89
	Aldeia Hulcz-Província da Galícia	1	1
	Boêmia	1	1
	Galícia Oriental sem especificação	74	72
	Galícia Polônia	1	1
	Galícia Ucrânia/ruteno	6	6
França	Sem especificação	2	0
Holanda	Sem especificação	4	4
Itália	Sem especificação	9	8
Irlanda	Mayo	1	1
Polônia [167 hom. e 165 mulh.]	Sem especificação	166	164
	Polônia Russa	1	1
Rússia [13 hom. e 10 mulh.]	Brondenberg	1	0
	Rússia sem especificação	12	10
Checoslováquia	Sem especificação	1	1
Europa sem especificação	Sem especificação	164	164
Ucrânia	Sem especificação	80	80
Brasil [718 homens] [733 mulheres]	Brasil sem especificação	3	3
	Castro/Paraná	3	3
	Conchas/Paraná	4	5
	Guarapuava/Paraná	1	2
	Imbituva/Paraná	4	3
	Ipiranga/Paraná	7	7
	Minas Gerais	1	1
	Rio Grande do Sul	2	1
	Piauí	2	1
	Lapa/Paraná	1	1
	Rio de Janeiro	1	0
	Ponta Grossa/Paraná	7	7
	Santa Catarina	1	2
	São Paulo	3	3
	São Mateus/Paraná	0	1
	Thereza Cristina/Paraná	1	1
	Tibagi/Paraná	2	1
	Teixeira Soares/Paraná	0	1
	Ivaí/Paraná	194	197
	Curitiba/Paraná	6	5
	Campo Largo/Paraná	2	2
	Paraná sem especificação	473	486
Nada Consta	Nada Consta	468	468
TOTAL		1814	1814

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Assim como os dados da tabela 7, 8, 9, 10 e 11, as informações registradas na tabela 12 também reforçam a tese de que o território brasileiro foi palco de intensa circulação de pessoas, e que a região em que foi criada a colônia Ivaí não era um vazio. Movimentação que não se restringia somente à imigração europeia, tão desejada e incentivada pelas autoridades brasileiras no final do século XIX e início do XX.

Conforme dados da tabela 12, grande parte dos pais dos falecidos na colônia Ivaí na primeira metade do século XX nasceram fora de Ivaí. Isso aponta tanto para a locomoção materna quanto paterna ou dos próprios filhos. Do mesmo modo, é possível perceber que havia casamentos entre pessoas nascidas em regiões diferentes, inclusive entre brasileiros e europeus. Apesar de grande parte dos europeus terem migrado para o Brasil já com famílias constituídas, havia uma pequena parcela que contraiu matrimônio em terras brasileiras. Conforme apontam dados da tabela 12, das 1814 pessoas que faleceram em Ivaí na primeira metade do século XX, havia 733 mães e 718 pais nascidos no Brasil. Assim, demonstra-se que cerca de 15 mulheres contraíram casamento com homens de outros continentes, apontando para matrimônios entre pessoas de nacionalidades e culturas diferentes. Isso se comprova ao realizar-se o restante da soma materna e paterna da tabela. Percebe-se que 628 pais e 614 mães nasceram na Europa. Subtraindo esses dados, cerca de 14 homens contraíram casamentos com mulheres não europeias, muito provavelmente com uma das 15 mulheres brasileiras mencionadas na contagem anterior. Dentro dessa soma, sobra uma mãe brasileira que pode ser jogada para os dados da tabela referente às certidões de óbitos em que nada constaram, ou para a união com um pai de origem africana que aparece na tabela.

Ainda deve-se levar em conta que dentro dessa soma não se elimina a probabilidade de terem existido mais casamentos interétnicos, pois além dos 14 pais de origem europeia que eram casados com mulheres brasileiras, se subtrairmos esses 14, havia mais 614 homens que poderiam ter contraído matrimônio tanto com brasileiras quanto com europeias (porém não entra no número das sobras de mães e pais conforme feito acima e por isso é mais difícil identificar).

Por fim, também deve-se levar em conta que muitos dos pais das pessoas que faleceram em Ivaí na primeira metade do século XX, podem ter falecido nas regiões onde nasceram (ou em outras) e seus filhos terem migrado, o que aponta não para uma movimentação paterna ou materna, mas filial. De qualquer forma a tabela 12 também deixa claro que a população de Ivaí foi constituída tanto por imigrantes externos quanto migrantes internos.

Em suma, apesar do projeto do governo ter sido criar uma colônia com habitantes europeus brancos, as tabelas trabalhadas até o presente momento, demonstram claramente que a circulação de pessoas de diferentes lugares na colônia Ivaí era grande, mas também era grande a permanência na região. Informações como essas também podem ser complementadas retornando aos dados da tabela 4. Segundo a mesma, em 1915, período em que os imigrantes ainda estão chegando à colônia Ivaí, cerca de 12,6% das pessoas que residiam na colônia eram de origem brasileira.

Do mesmo modo, as informações extraídas das certidões de óbitos também evidenciam que as migrações internas de brasileiros não seguiam o mesmo padrão das europeias. Enquanto era mais comum nacionais migrarem sozinhos e se casarem com outros brasileiros nos locais que se fixavam, em relação aos estrangeiros havia mais migrações de famílias. Essas informações foram constatadas observando o registro de entrada de estrangeiros e nacionais na colônia Ivaí²³⁸, e também cruzando os dados contidas nas certidões de óbitos com de casamentos de Ivaí da primeira metade do século XX. Enquanto muitos imigrantes europeus já haviam casado na Europa e migrado para o Brasil tendo filhos, em relação aos nacionais era comum adquirirem matrimônio depois de se fixarem em Ivaí. Seguindo os nomes dos falecidos e dos cônjuges descritos nas certidões de óbitos, foi possível encontrar as certidões de casamento dos mesmos e perceber que o número de migrantes internos eram homens que, muitas vezes, se casavam com mulheres que já teriam nascido em Ivaí e habitavam o local, ou com mulheres que também migraram de outras regiões brasileiras. Para chegar a essas conclusões, também foi necessário aprofundar

²³⁸ Fonte: RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Registros de entradas de imigrantes e migrantes de 1915 a 1924**. Localização dos registros: A. P. M. I.

as informações da tabela 12 referentes às origens paternas e maternas das pessoas que faleceram em Ivaí na primeira metade do século XX. Foi observado a naturalidade dos filhos por sexo para verificar se nasceram no mesmo local que seu pai ou sua mãe, ou se nasceram em Ivaí, e também para observar se as migrações ocorriam mais entre homens ou mulheres. Dessa forma, chegou-se aos seguintes dados:

TABELA 13- PORCENTAGEM DE HOMENS E MULHERES QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX²³⁹

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Brasileira (exceto Ivaí)	5,7	4,8	10,5
Europeia	15,1	11,1	26,2
Paraná (sem especificações)	5,1	4,3	9,4
Ilegível	0,1	0,1	0,2
Ivaí	30,6	19,7	50,3
Nada Consta	1,8	1,6	3,4
Total	58,4	41,6	100

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Além dos dados da tabela 13 demonstrarem que as migrações internas eram realizadas mais por homens (o que indica um número maior de migrações masculinas sozinhas, solteiras), também evidenciam que as imigrações europeias possuíam certo equilíbrio entre homens e mulheres (apontando mais para a migração de casais conforme já mencionado). Essas informações complementam os dados que foram vistos na tabela 2, pois a mesma também aponta para esse equilíbrio na contagem dos imigrantes feita pelo zelador da colônia em 1915.

Conforme dados da tabela 13, percebe-se que das 1814 pessoas que faleceram em Ivaí na primeira metade do século XX, 5,7% eram homens migrantes nascidos no Brasil, 4,8% mulheres migrantes nascidas no Brasil, 15,1% homens imigrantes nascidos na Europa e 11,1% mulheres imigrantes nascidas na Europa. Em relação aos imigrantes europeus que se estabeleceram no local, dos 480²⁴⁰ imigrantes que faleceram em Ivaí na primeira metade do século XX, 277 eram homens e 203 eram mulheres. Enquanto em relação aos

²³⁹ Os números utilizados para calcular a porcentagem dessa tabela encontram-se no apêndice 7.

²⁴⁰ Para melhores informações sobre esses dados ver apêndice 7.

migrantes nacionais internos faleceram 33 homens a mais que mulheres, entre os europeus a diferença ficou em 74.

Em relação às pessoas que nasceram no Brasil e migraram para a colônia Ivaí, pode-se dizer que as migrações internas eram praticadas muito mais por homens do que por mulheres. Das 190 pessoas que não eram naturais de Ivaí e faleceram no local durante a primeira metade do século XX, 102 eram homens e 86 eram mulheres. Se levarmos em conta a possibilidade de os paranaenses sem especificações serem migrantes internos, esse número sobe para 162 mulheres e 195 homens, o que equivale a uma diferença de 1,93%, ou seja, teriam migrado 33 homens a mais que mulheres²⁴¹. Essas informações também foram constatadas nas certidões de casamentos de Ivaí das três primeiras décadas do século XX, e as mesmas podem ser observadas na tabela a seguir.

TABELA 14 - NATURALIDADE POR AGREGAÇÃO E PORCENTAGEM DAS PESSOAS QUE SE CASARAM EM IVAÍ NAS TRÊS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX²⁴²

Local de nascimento	Números de esposos	Número de esposas
Ivaí	41,2	47,9
Paraná, exceto Ivaí	23,4	18,2
Brasil, exceto Paraná	1,5	1,0
Europa	31,3	29,9
Ásia	0,1	0,0
Argentina	0,0	0,1
Nada Consta	2,5	2,9
Total	100%	100%

Fonte: Certidões de casamento do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

A tabela 14, referente a origem dos nubentes, traz alguns dados importantes a serem considerados. O primeiro deles é a grande porcentagem de consortes, tanto homens como mulheres, que casaram com alguém já nascido (a) em Ivaí. No caso dos noivos o número ultrapassou 41%, no caso das noivas mais de 47% eram nascidas em Ivaí. Portanto, mais de 40% dos jovens que casavam no município eram ivaienses. Por outro lado, vemos que as mulheres casavam

²⁴¹ Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.

²⁴² Os números utilizados para calcular a porcentagem dessa tabela encontram-se no apêndice 8.

mais no local de domicílio da família e os rapazes estavam mais aptos a buscarem uma esposa em locais distantes do local de nascimento. Na linha que trata dos nascidos no Paraná, excetuando os naturais de Ivaí, a porcentagem se inverte, é maior no caso dos rapazes (23,4%) e menor nos casos das moças (18,1%) o que reforça o argumento da maior mobilidade masculina.

Outro fator que “salta” da tabela 14 são os números referentes aos nascidos na Europa que certamente contraíram matrimônio na recém-criada colônia Ivaí. Cerca de 31,3% dos homens que subiram ao altar tinham nascido em algum lugar da Europa, contra 29,9% das mulheres. Essa ligeira diferença, por um lado, reforça o fato da mobilidade masculina, mas por outro, como trata-se de números próximos também pode-se aventar para o fato de a imigração desejada e incentivada pelas autoridades brasileiras privilegiar casais jovens, os jovens solteiros eram preteridos por casais que houvessem recém contraído núpcias. Exemplo dessa preferência ou mesmo exigência de que os imigrantes deveriam ser casados e não solteiros foi analisado por Paulo Augusto Tamanini²⁴³. O autor estudou casos de imigrantes ucranianos que vieram para o Estado de Santa Catarina e casaram no porto para poderem embarcar para o Brasil.

Em relação aos dados da tabela 14, pode-se lançar a hipótese de que muitos dos jovens europeus que se casaram em Ivaí na primeira metade do século XX, saíram da terra natal crianças, adolescentes ou pré púberes. Passados poucos anos no Brasil atingiram idade para que o enlace matrimonial pudesse ser realizado em solo brasileiro. Essa probabilidade também pode ser constatada pela idade de casamento dos jovens, entre os homens nascidos na Europa 64% dos que contraíram matrimônio em Ivaí nas três primeiras décadas do século XX, possuíam de 20 a 25 anos de idade, o que aponta para o fato de terem migrado com seus pais no início do século XX ainda crianças, adolescentes ou jovens. Isso também fundamenta a ideia de que as políticas imigratórias privilegiavam a imigração familiar.

Grande parte desses europeus casavam-se com mulheres oriundas do próprio continente. Essas informações também podem ser constatadas com mais detalhes na tabela a seguir:

²⁴³ TAMANINI, Paulo Augusto. 2016. Op. Cit.

TABELA 15 - ALIANÇAS MATRIMONIAIS DE IVAÍ PARANÁ DAS TRÊS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX DE ACORDO COM AS PROCEDÊNCIAS

Mulheres	Homens							Total
	Ivaí [455]	Paraná* [258]	Brasil** [17]	Argentina [0]	Europa [346]	Ásia [1]	S/ inf. [28]	
Ivaí [530]	414	98	5	0	10	0	3	530
Paraná*[200]	33	136	9	0	19	0	3	200
Brasil** [11]	3	3	1	0	4	0	0	11
Argentina [1]	0	1	0	0	0	0	0	1
Europa [331]	5	15	2	0	309	0	0	331
Ásia [0]	0	0	0	0	0	0	0	0
S/ inf. [32]	0	5	0	0	4	1	22	32
Total [1105]	455	258	17	0	346	1	28	1105

* Exceto Ivaí. ** Exceto Paraná.

Fonte: Certidões de casamento do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.

Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Conforme dito, na tabela acima percebe-se que tanto homens quanto mulheres de origem europeia, buscavam estabelecer enlaces matrimoniais principalmente com pessoas naturais do mesmo continente em que haviam migrado. Durante a primeira metade do século XX casaram-se em Ivaí 331 mulheres e 346 homens nascidos na Europa. Desse número ocorreu 309 casamentos entre mulheres e homens de origem europeia, e somente 22 mulheres europeias casaram-se com homens de origem brasileira. O que aponta para um fechamento dos europeus em estabelecer alianças matrimoniais com nacionais. O mesmo ocorreu com as 530 mulheres que eram naturais de Ivaí na primeira metade do século XX. Desse número somente 10 adquiriram união com homens europeus. Percebe-se claramente que entre as ivaienses a grande maioria casava-se com homens nascidos em Ivaí ou com migrantes internos paranaenses. Das 530 mulheres, 414 adquiriram matrimônio com noivos naturais de Ivaí e 98 com homens nascidos em outras cidades paranaenses que migraram para Ivaí. Essas informações complementam a ideia de que havia muito mais homens paranaenses migrando e contraindo esposas em Ivaí, do que mulheres nascidas no Paraná (exceto Ivaí) migrando e contraindo matrimônio com homens naturais de Ivaí.

Outro dado interessante é o fato de mulheres migrantes paranaenses também contraírem, em sua grande maioria, matrimônio com homens migrantes nascidos no Paraná. Conforme dados da tabela 15, nas três primeiras décadas do século XX casaram-se em Ivaí 200 mulheres nascidas em outras cidades paranaenses. Desse número, 136 tornaram-se esposas de maridos que também não eram naturais de Ivaí, mais de outras localidades.

Dentro desses números é importante ressaltar que homens paranaenses migrantes tinham mais chances de casar com ivaienses que mulheres paranaenses migrantes, pois cerca de 530 mulheres e 414 homens que adquiriram matrimônio em Ivaí nas três primeiras décadas do século XX eram ivaienses. Se a proporção fosse um por um, cerca de 116 mulheres teriam que buscar matrimônio com homens nascidos fora de Ivaí.

Em síntese, juntando tanto informações de nacionais quanto de estrangeiros, constata-se que aproximadamente em 77,9% das bodas celebradas em Ivaí a noiva era nascida ou na colônia ou oriunda diretamente do Velho Continente. No caso dos noivos cerca de 72,4% nasceram na Europa ou mesmo em Ivaí. Portanto, a maior parte das pessoas que subiram ao altar para “dizer sim” diante do sacerdote, eram pessoas que já tinham residência fixa na colônia, demonstrando que o objetivo de povoação das autoridades estava sendo atingido, ou eram pessoas que continuavam chegando diretamente da Europa para incrementar a população ivaiense e dar continuidade ao processo iniciado com a criação da colônia federal Ivaí.

Portanto, de acordo com a tabela 15, do total de 1105 casais 414 (37,4%) eram formados por ambos os noivos nascidos em Ivaí. Em outros 309 (27,9%) ambos os nubentes eram nascidos na Europa. Mas, é enganosa a aparente imobilidade da população ivaiense, apenas diversificada com imigrantes europeus vindos diretamente da Europa para o município, pois 18% das moças casadouras da tabela nasceram distantes de Ivaí, em outras regiões do Paraná. Em relação ao número de rapazes que casaram na cidade, 23,3% eram de outros municípios do Paraná.

Mas embora as duas maiores porcentagens digam respeito aos casais formados por noivos em que ambos nasceram em Ivaí ou em que ambos

nasceram na Europa, há várias outras combinações: casal em que um dos cônjuges nasceu no Brasil (fora do Paraná) e o outro nasceu na Europa; um dos noivos nasceu na Europa e outro em Ivaí; um nasceu em Ivaí, etc.

Dois casos, embora não sejam numericamente relevantes, demonstram como a (i)migração é bastante dinâmica nas primeiras décadas do século XX em Ivaí. Um dos casos diz respeito a um homem nascido no continente asiático que casou em Ivaí (sem ser possível identificar a origem da noiva); o outro caso é de uma mulher nascida na Argentina e que se casou em Ivaí com um noivo não ivaiense, mas nascido em Prudentópolis no Estado Paraná.

Por outro lado, 136 casais (12,3%) que se uniram em Ivaí nem o noivo e nem a noiva eram nascidos na colônia. Levando-se em consideração os casos em que o noivo é de Ivaí e a noiva e vice-versa, é possível constatar que a migração interna pode ser mais alta do que se poderia imaginar para uma colônia de difícil acesso na primeira metade do século XX.

Em relação às pessoas de origem europeia que contraíram matrimônio em Ivaí nas três primeiras décadas do século XX, a grande maioria era proveniente da Galícia, região em que se localizava tanto ucranianos quanto poloneses. Já em relação aos migrantes internos brasileiros, esses eram de diversas cidades e regiões paranaenses, conforme pode ser observado na tabela a seguir:

TABELA 16 – NATURALIDADE E NÚMERO DE PESSOAS QUE SE CASARAM EM IVAÍ NAS TRÊS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Pais/Região/Estado	Estado/Cidade/Região	Homem	Mulher
Império Alemão	Alemanha sem especificação	7	7
	Colônia Hilcheat	1	0
	Saxônia	1	2
	Dresden	1	0
	Berlim	0	1
Argentina	Sem especificação	0	1
Império Austro-Húngaro	Galícia (Poloneses/Ucranianos)	136	126
	Boêmia	1	0
	Polônia austríaca	7	6
	Áustria sem especificação	108	110
Holanda	Sem especificação	0	1
Polônia	Sem especificação	38	33
Ucrânia	Sem especificação	2	3
Império Russo	Polônia Russa	9	8
	Rússia sem especificação	17	17
Portugal	Sem especificação	1	0
Síria – Ásia	S/inf. (pai faleceu na Turquia)	1	0
Europa sem	Europa sem especificação	17	17
Brasil – Santa Catarina	Porto União	1	0
	Joinville	1	0
	Sem especificação	2	5
Brasil – Rio Grande do Sul	Sem especificação	2	1
	Uruguiana	1	0
	Vacaria	1	0
Brasil – São Paulo	Sem especificação	6	2
	Ribeirão Preto	1	1
	Apiáí	0	1
	Piraquara	1	0
	Faxina	1	0
Brasil – Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	0	1
Brasil – Paraná	Assunguy/Cerro Azul	29	29
	Almirante Tamandaré	1	0
	Antonina	1	0
	Bocaíuva	8	4
	Castro	17	14
	Curitiba/Campo Largo/Piraquara...	46	25
	Guarapuava	2	0
	Imbituva	36	27
	Ipiranga	22	19
	Itaiacoca	6	7
	Lapa	2	1
	Tibagi	2	1
Brasil - Paraná	Tereza Cristina	3	7
	Palmas	0	3
	Prudentópolis	21	21
	Piraí	0	1
	Ponta Grossa (Entre Rios 2)	18	9
	Conchas (Ponta Grossa)	13	9
	São Mateus	0	3
	Votuverava	6	2
	Reserva	3	0

TABELA 16 – NATURALIDADE E NÚMERO DE PESSOAS QUE SE CASARAM EM IVAÍ NAS TRÊS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

			Conclusão
Brasil Paraná	Teixeira Soares	2	0
	Ivaí	455	530
	Paraná sem especificação	20	18
Nada consta	Nada consta	28	32
Total	-	1105	1105

Fonte: Certidões de casamentos do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Conforme dados da tabela acima, percebe-se claramente que havia um movimento intenso de pessoas migrando em território brasileiro de uma região para outra. Nota-se que 29 casais migraram de Assunguy, o que fundamenta ainda mais a ideia que já foi discutida sobre a lacuna de Nishikawa referente a saída de pessoas de Assunguy.²⁴⁴No total 58 indivíduos que se casaram em Ivaí na primeira metade do século XX, eram naturais de Assunguy. O fato de o matrimônio ter ocorrido em Ivaí não indica que o casal permaneceu morando no mesmo local, porém demonstra que a pessoa teria percorrido o território brasileiro e migrado para Ivaí onde ao menos se casou. O mesmo ocorreu com os 46 homens e 26 mulheres que adquiriram matrimônio em Ivaí na primeira metade do século XX, mas eram naturais de Curitiba.

Cruzando os nomes das certidões de óbito com as de casamento, nota-se que grande parte das pessoas que nasceram em outras regiões e adquiriram matrimônio em Ivaí, também faleceram em Ivaí. Conforme já apontado, muito desse movimento interno era feito principalmente por homens. Esses migravam solteiros, sem filhos, e se casavam em Ivaí com europeias ou nacionais que poderiam ser naturais tanto de Ivaí quanto de outras regiões brasileiras. Isso pode explicar o fato de em Ivaí, na primeira metade do século XX, terem falecido 53 pessoas morenas que teriam nascido no local. Esses poderiam ser frutos de uniões interétnicas entre migrantes negros e nacionais brancos. Essas informações podem ser observadas na tabela a seguir:

²⁴⁴ NISHIKAWA, Reinaldo Benedito. 2007. Op. Cit. p. 130.

TABELA 17 – RELAÇÃO DAS PESSOAS FALECIDAS EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX POR NATURALIDADE, COR E SEXO

Naturalidade	Branços		Negros		Morenos		Pardo		Não consta cor		Total
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
Brasileiro (exceto Ivaí)	69	51	2	3	9	5	-	-	25	27	191
Europeia	199	151	-	-	-	-	-	-	78	52	480
Ilegível	4	1	-	-	-	-	-	-	2	-	7
Ivaí	426	227	9	9	32	21	2		87	91	904
Nada consta	15	8		2	2			-	17	20	64
Paraná sem especificação	71	62	6	3	9	3	1	-	5	8	168
Total Masc./Fem.	784	500	17	17	52	29	3	-	214	19	1814
TOTAL	1284		34		81		3		412		1814

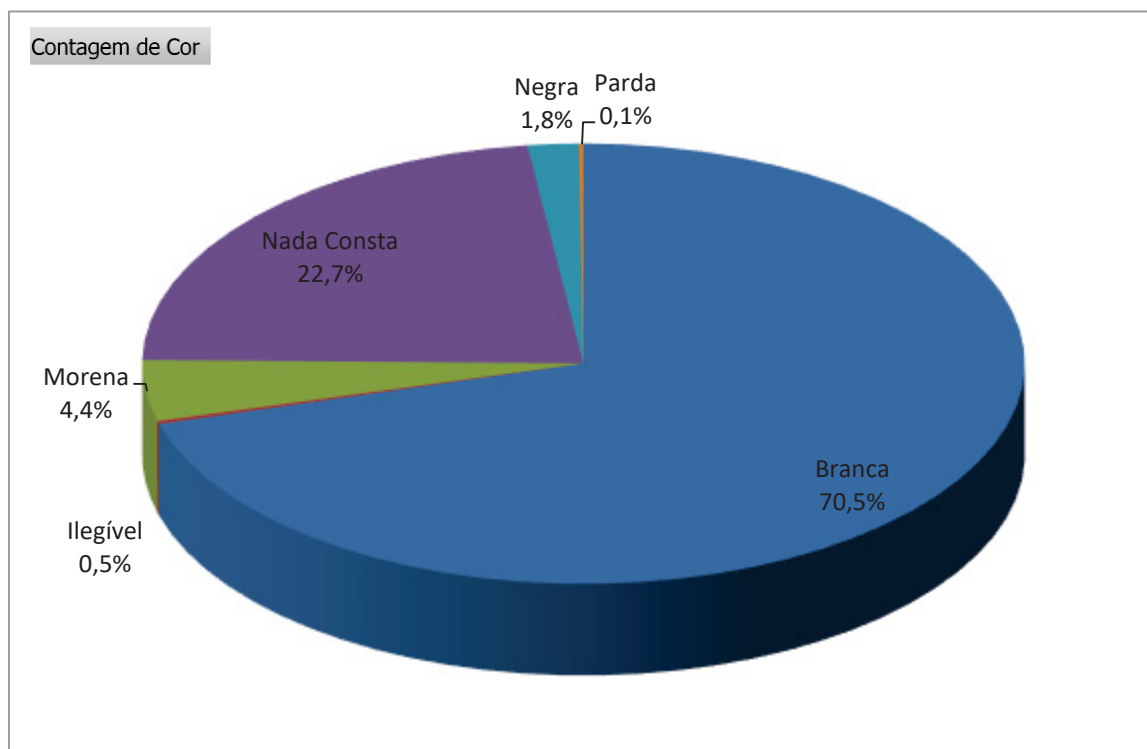
Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Percebe-se nos dados da tabela acima que poderia haver relações endogâmicas entre os negros que migraram para Ivaí, principalmente entre os habitantes do quilombo de Rio do Meio que apresentam, em sua grande maioria, o mesmo sobrenome Ferreira de Lima. Apesar de terem sido encontrados somente 9 migrantes negros nascidos no Paraná, sem especificação de local, e mais 5 especificados que teriam nascido fora de Ivaí na primeira metade do século XX, durante o mesmo período havia falecido 18 pessoas negras naturais de Ivaí. Isso demonstra a possibilidade de já existirem negros habitando o local antes do início dos registros de óbitos em 1907, e casamentos dentro do próprio grupo que contribuíram para o aumento da cor negra no local. Vale lembrar que esses números de migrantes internos negros podem aumentar se levarmos em conta o fato de muitos habitantes do quilombo do Rio do Meio²⁴⁵ poderem ter sido declarados como brancos nas certidões de óbitos.

Do mesmo modo, as certidões de óbito demonstraram que na colônia Ivaí não faleciam somente pessoas brancas. Além de na tabela 17, essas informações podem ser constatadas mais claramente no gráfico a seguir:

²⁴⁵ Foi possível distinguir os quilombolas negros de outros brasileiros através da localidade em que habitavam citada nas certidões de óbito, do sobrenome, da cor, e também como forma complementar através da citação do cemitério em que seriam enterrados.

GRÁFICO 2 – COR DECLARADA NAS CERTIDÕES DE ÓBITO DAS PESSOAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX²⁴⁶



Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Observando o gráfico acima e refletindo sobre os dados dos censos realizados pelo IBGE²⁴⁷, percebe-se claramente que na colônia Ivaí existiam pessoas negras que teriam migrado de outras regiões brasileiras. Segundo os censos, em 1872 cerca de 10,4% da população paranaense era negra e 34,5% era parda. A tabela a seguir traz informações relevantes sobre essa presença negra no Paraná.

²⁴⁶ Nessa porcentagem não foram incluídas 416 certidões de óbitos por não possuírem declaração de cor.

²⁴⁷ I.B.G.E . Censos demográficos e econômicos do Estado do Paraná. Série regional volume XXVI, Rio de Janeiro, 1955.

TABELA 18: POPULAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ DESCRITA POR COR CONFORME DATAS DOS RECENTEAMENTOS REALIZADOS PELO IBGE

Cor	1872 (em%)	1890 (em%)	1940 (em%)	1950 (em%)
Branços	55	63,8	86,5	86,2
Pretos	10,4	5,1	4,8	4,3
Amarelos	-----	-----	1,1	1,8
Pardos	34,5	31,1	7,3	7,3
Sem especificação	-----	-----	0,1	0,2

Fonte: I.B.G.E. **Censos demográficos e econômicos do Estado do Paraná**. Série regional volume XXVI, Rio de Janeiro, 1955.

Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Como é perceptível na tabela acima, em 1872 cerca de 10,4% (13.192)²⁴⁸ da população paranaense era negra. Nesse mesmo período havia negros falecendo na colônia Ivaí. Esses indivíduos assim como podem ter sido contabilizados nos censos da população estadual, também poderiam não ter sido incluídos. Isso poderia ocorrer devido ao isolamento do lugar em que viviam, e ao difícil acesso a esses locais que muitas vezes eram desconhecidos daqueles que realizavam os censos. De qualquer forma, a tabela 18 demonstra claramente a presença negra em um território que é tido como marco da presença de imigrantes europeus brancos.

Do mesmo modo, o gráfico 2, aponta para uma situação típica de uma região colonizada pela imigração europeia. Nele cerca de 70,5% dos falecidos na colônia Ivaí foram declarados como brancos. No entanto, 34 pessoas (1,8%) foram declaradas como negras, e 80 (4,4%) como morenas. Esses dados também evidenciam a presença de afrodescendentes em uma região de imigração europeia. Nesse sentido, essas informações indicam pistas que contestam a tese dos governos republicanos referente ao vazio demográfico. Mas de onde teriam surgido esses afrodescendentes em região de imigração europeia? De onde teriam migrado? Teriam eles nascido ali mesmo?

²⁴⁸ Para melhores informações ver número de habitantes no Apêndice 9.

4 MOBILIDADE ESPACIAL E A FORMAÇÃO DOS QUILOMBOS RIO DO MEIO E SÃO ROQUE NO ESTADO DO PARANÁ

4.1 MIGRAÇÕES INTERNAS NEGRAS NA ÉPOCA DA ESCRAVIDÃO

Além das migrações dentro do território brasileiro realizadas por nacionais e imigrantes, é necessário trazer para a discussão o movimento de escravos e libertos.

Segundo Flávio dos Santos Gomes²⁴⁹, tanto no período anterior à abolição da escravidão quanto posterior, o território brasileiro se constituiu em um grande cenário da mobilidade espacial negra. Escravos fugiam diariamente de seus “donos”, e se infiltravam mata adentro em busca de liberdade. Assim, formaram-se diversas comunidades negras chamadas de quilombos²⁵⁰.

Embasado em relatos dos capangas que agiam em nome de seus senhores e saíam em busca da recuperação do prejuízo, Gomes defende em sua obra a existência de um campesinato negro. Para o autor, muito antes da abolição ocorrer e de os imigrantes europeus aportarem em terras brasileiras, o negro teria contribuído tanto para o desenvolvimento das práticas agrícolas quanto para o mercado interno. Estes indivíduos produziam alimentos para o sustento, tais como: feijão, arroz, milho, mandioca, cana, fumo, entre outros, e os excedentes comercializavam nas vendas mais próximas. Conforme afirma Gomes:

Embora sejam esparsas as fontes detalhadas sobre a vida interna nos quilombos, certos indícios apontam para excedentes econômicos que os favoreciam em trocas mercantis [...] no Nordeste colonial tanto se plantava batata-doce, banana e cana-de-açúcar como houve épocas em que os quilombos saqueavam fazendas vizinhas, cobrando uma espécie

²⁴⁹ GOMES, Flávio dos Santos. 2015. Op. Cit.

²⁵⁰ Segundo o artigo 2º do decreto 4887 de 20 de novembro de 2003 (artigo que regulamenta o procedimento para a realização do reconhecimento, identificação, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades quilombolas de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias), “Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.” Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm Acesso em 11 de julho de 2016.

de tributo. No Rio Grande do Sul, no quilombo da Ilha Barba Negra, foram encontradas muitas lavouras de feijão e milho [...] numa expedição contra os quilombolas no Paranaíba, foram encontradas abundantes lavouras de alimentos. Em outra ocasião, em Pitangui, descobriram roças de milho, feijão, algodão, além de muitas frutas. Quando de um grande ataque a dois quilombos, na região de Campo Grande, revelou-se haver neles grandes roças e muitos mantimentos estocados.²⁵¹

Além destas atividades, Gomes afirma que os quilombolas também desenvolveram práticas econômicas relacionadas a pecuária. Segundo o autor:

Nas expedições enviadas em 1862 contra os mocambos São Vicente do Céu, o tenente Máximo Fernandes Monteiro descreveu que existiam para mais de noventa casas, das quais só duas se achavam cobertas, e conservadas, visto que as demais tinham sido queimadas além de grandes roças de mandioca, arroz, cana, e muitas outras qualidades de plantações alimentícias. E sessenta alqueires de farinha, seis de arroz e fumo, além de carrapato e algodão e criação de galinhas.²⁵²

Conforme explicitado nas citações, estas informações levantadas por Gomes batem de frente com a ideia de que os imigrantes europeus foram pioneiros agrícolas em muitas regiões brasileiras, principalmente no Sul do país. A possibilidade de migrar fazia parte do cotidiano dos quilombolas, e estes percorreram o território brasileiro de Norte a Sul em busca de lugares seguros.

Apesar de desenvolverem práticas agrícolas que exigiam a fixação em determinado local, a morada poderia mudar a qualquer instante e as plantações serem abandonadas. Isso ocorria devido ao fato de os capitães do mato viverem caçando os escravos fugitivos. Diante desse fato, quando se sentiam ameaçados, os quilombolas migravam e reconstruíam suas atividades econômicas em outras regiões onde não sentiam sua liberdade ameaçada.

Segundo Emília Viotti da Costa²⁵³, estas fugas se intensificaram principalmente na década da abolição da escravidão. Nesse período, instigado pelas ideias dos abolicionistas, era comum o escravo abandonar a fazenda e migrar pelo território brasileiro em busca de um lugar seguro para reconstruir sua vida em liberdade. Segundo a autora, esse teria sido um dos diversos motivos que teria contribuído para a consolidação do longo processo que colocou fim a escravidão brasileira. Nas palavras da mesma:

²⁵¹ GOMES, Flávio dos Santos. 2015. Op. Cit. p. 23.

²⁵² Idem GOMES, Flávio dos Santos. 2015. p. 113.

²⁵³ COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. 2010. Op. Cit.

Foi assim que na década de 1880, instigados pelos abolicionistas, os escravos começaram a fugir cada vez em maior número das fazendas. Esse fenômeno foi particularmente significativo nas regiões cafeeiras paulistas, onde os abolicionistas eram mais ativos.²⁵⁴

Percebe-se que o processo abolicionista foi marcado por migrações internas de escravos fugitivos. Diante desse fato, cabe se perguntar: para onde esses indivíduos fugitivos da década da abolição teriam ido? O que aconteceu com eles após a abolição? Uma vez que já não havia o porquê de viver uma vida fugitiva, teriam eles regressado para as cidades ou para as fazendas? E os escravos libertos que ainda viviam nas fazendas, o que teria acontecido com os mesmos?

4.2 MIGRAÇÕES INTERNAS NEGRAS PÓS-ABOLIÇÃO

Ainda conforme Emília Viotti da Costa, após a abolição os libertos foram esquecidos. Não foram adotadas medidas para integrá-los à sociedade como cidadãos. Pode-se dizer que foram abandonados à própria sorte em um contexto competitivo com a mão de obra imigrante. Segundo Emília, isto dificulta até mesmo o estudo sobre o que teria acontecido com esses indivíduos após a abolição. O mesmo equivale para a falta de interesse dos historiadores em estudar esta questão.

Diante desse contexto, após a consolidação da abolição, muitos libertos deixaram as fazendas e migraram em busca de parentes ou de terras desocupadas. Outros partiram para as cidades em busca de trabalho. Também havia aqueles que permaneceram nas fazendas trabalhando como assalariados ao lado da mão de obra imigrante. Conforme afirma a autora em relação aos libertos:

[...] alguns abandonaram as fazendas e procuraram se estabelecer em terras aparentemente sem dono, só para se defrontar com a polícia ou com algum proprietário enfurecido que reclamava sua imediata saída. Outros foram viver com parentes nas cidades onde procuraram trabalho. Outros, ainda, após tentarem sem sucesso uma alternativa, acabaram

²⁵⁴ Idem COSTA, Emília Viotti da. 2010. p.115.

voltando para as fazendas. A maioria, aparentemente, não chegou a abandoná-las e depois da abolição continuaram vivendo nas mesmas senzalas, fazendo o mesmo trabalho e ganhando por ele um mísero salário. A liberdade permitira-lhes mudar de uma fazenda para outra, mas por toda parte as condições que encontravam eram semelhantes. Nas áreas mais produtivas onde poderiam encontrar condições mais favoráveis o melhor trabalho era monopolizado pelos imigrantes. Os libertos sofriam com frequência dupla discriminação, por parte de patrões e de trabalhadores estrangeiros.²⁵⁵

Nesse sentido, segundo Emília Viotti da Costa, mesmo com o processo de abolição consolidado, diante da precariedade dos meios de comunicação, vários libertos permaneceram levando a mesma vida de escravo. Muitos acabaram morrendo, ou continuaram trabalhando e fugindo como escravos mesmo na condição de libertos perante à lei. Há indícios de que isto ocorreu desde a promulgação da lei do ventre livre em 1871. Conforme afirma a autora:

Entre 1873 e 1883 foram alforriados no país mais de 70 mil escravos, dos quais apenas pouco mais de 12 mil pelo Fundo de Emancipação. Pior ainda, ingênuos continuaram a viver como escravos, a ser vendidos com suas mães, a ser castigados como qualquer outro escravo, perfazendo as mesmas tarefas a que teriam sido obrigados se não tivessem sido libertos pela lei de 1871. Para eles, a liberdade continuava uma promessa a ser cumprida em um futuro distante²⁵⁶.

Sobre a hipótese levantada por Emília de que após a abolição muitos libertos teriam migrado para as cidades em busca de emprego, George Reid Andrews²⁵⁷ se aproxima da mesma em alguns momentos. Para referido autor, muitos libertos teriam migrado para as cidades, mas acabaram retornando para as fazendas onde eram escravos por falta de opção de trabalho.

Já para Flávio dos Santos Gomes, em relação aos escravos fugitivos que viviam de atividades agrícolas em meio às matas, conforme foi citado no primeiro intertítulo, com a abolição estes continuaram sobrevivendo analogamente. A mesma apenas intensificou esse processo, pois muitos libertos saíram das fazendas e juntaram-se a essas comunidades quilombolas. Conforme afirma Gomes:

²⁵⁵ Idem COSTA, Emília Viotti da, p.137.

²⁵⁶ Idem COSTA, Emília Viotti da, p.58-59.

²⁵⁷ ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo, (1888-1988)**. São Paulo-Bauru: EDUSC, 1998.

Os quilombos nunca desapareceram, pelo contrário, se disseminaram mais ainda. De fato, para as décadas seguintes da abolição, a movimentação de famílias negras de libertos e também de quilombolas pode ter ajudado na emergência de centenas de comunidades negras rurais que encontramos no Brasil contemporâneo [...] o deslocamento permanente foi um traço marcante para várias famílias de libertos nas primeiras décadas do século XX.²⁵⁸

Em relação à questão de migrações internas pós-abolição, apontada por Gomes e demais autores mencionados até este momento, também é possível citar o trabalho de Ana Maria Lugão Rios e Hebe Mattos “*Memórias de cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*”²⁵⁹. Embasada em narrativas orais e na construção da memória coletiva, em um primeiro momento, a presente obra traz dados importantes sobre experiências vividas por escravos antes da Lei Áurea, bem como sobre a vida dos mesmos e seus descendentes pós-abolição. Elenca narrativas que demonstram os laços de família entre os escravos, as forças divinas que os mesmos recorriam perante a opressão, as regiões do continente africano de onde teriam partido, as formas como eram negociados, os maus tratos, e qual foi o rumo que muitos ex-escravos tomaram pós-abolição.

Em um segundo momento, aborda a transição da escravidão para o pós-abolição, bem como a história do campesinato negro após a Lei Áurea em 1888. Segundo Ana Maria Lugão Rios e Hebe Mattos²⁶⁰, esse período de transição “gerava inúmeros espaços comuns de socialização entre livres, forros e escravos.”²⁶¹ Um dos exemplos que pode ser dado sobre a busca de inserção social por parte dos escravos nesse período, são as relações de compadrio buscadas pelos mesmos. Muitos deles procuravam criar laços não mais com seus “senhores”, mas com escravos e libertos como estratégias de ascensão ao mundo dos “livres”. De certa forma, isso também deixa transparecer comportamentos que demonstravam o enfraquecimento das relações de poder de seus “senhores”, uma vez que os mesmos não eram mais procurados com tanta frequência como em períodos anteriores para serem padrinhos.

²⁵⁸ GOMES, Op. Cit. p. 125-126.

²⁵⁹ RIOS, Ana Maria Lugão; MATTOS, Hebe, Maria. 2005. Op. Cit.

²⁶⁰ Idem RIOS, Ana Maria Lugão; MATTOS, Hebe Maria.

²⁶¹ Idem RIOS, Ana Maria Lugão; MATTOS, Hebe Maria, p. 163.

Em meio a esse contexto de enfraquecimento de poder por parte dos senhores de escravos, com a Lei do Ventre Livre em 1871 que tornava livre todos os escravos que nascessem a partir daquela data, aumentou as garantias aos escravos de controle de seus pecúlios. Isso explica como alguns ex-escravos teriam conseguido a aquisição de um pedaço de terra logo após a Abolição. Segundo um dos exemplos desse processo narrado na obra de Ana Maria Lugão Rios e Hebe Mattos:

O ex-escravo Camilo Silvério adquiriu, em novembro de 1888, no mesmo ano em que se tornou livre, seis hectares e meio de terras e campos de cultura, na região de Contagem, em Minas Gerais... também Regina, ex-escrava angolana da região de Juiz de Fora, Minas Gerais, iniciou, em 1888, a compra em prestação de terras, nas quais existia uma senzala construída, e para onde se mudou com os cinco filhos e suas respectivas famílias no mesmo ano em que a escravidão acabou para todos. A comunidade de Alegre, no Espírito Santo, é formada por ex-escravos que também compraram terras logo após a Abolição.²⁶²

Conforme pode ser constatado na citação acima, após a abolição da escravidão havia muitos escravos que conseguiram guardar certo capital e quando se tornaram livres acabaram adquirindo algum pedaço de terra. Portanto, os mesmos passaram a viver de práticas agrícolas em sua propriedade ou através do trabalho em fazendas vizinhas.

Nessa perspectiva, Ana Maria Lugão Rios e Hebe Mattos destacaram tanto a mobilidade quanto a estabilidade espacial de algumas famílias e indivíduos pós-abolição, bem como a formação de comunidades compostas exclusivamente por descendentes de escravos de uma mesma fazenda.

Além daqueles que conseguiram adquirir um pedaço de terra pós-abolição se fixando em determinado local, após se tornarem livres, muitos ex-escravos passaram a se deslocar pelo território brasileiro em busca de trabalho e de terras para se fixar. Isso ficou claro nas seguintes palavras: “[...] em um período que se inicia após a abolição e que se estendeu pelas primeiras décadas do século XX, houve [...] uma população de libertos, seus filhos e netos, que encontrou dificuldades em se fixar como parceiros ou posseiros estáveis [...]”²⁶³ Esses sujeitos que não haviam conseguido juntar certo capital para adquirir um

²⁶² Idem RIOS, Ana Maria Lugão; MATTOS, Hebe Maria. p.170

²⁶³ Idem RIOS, Ana Maria Lugão; MATTOS, Hebe Maria. p.200

pedaço de terra, dificilmente passavam mais de um ano trabalhando em um mesmo local. Isso poderia se dar principalmente em função de como os fazendeiros os tratavam. Conforme apontado, além de existirem aqueles ex-escravos que perambulavam pelo território nacional e aqueles que adquiriram um pedaço de terra e se fixaram próximos as fazendas que trabalharam enquanto escravos, havia ainda aqueles que acabaram formando comunidades de ex-escravos. Um dos exemplos citado pela autora é a Colônia Paiol em Minas Gerais. Conforme salienta:

Contam os habitantes do Paiol que a comunidade surgiu logo após a abolição, quando o fazendeiro José Ribeiro Nunes doou cerca de nove alqueires de terra para um grupo de seus ex-escravos. O grupo passou a viver então em uma situação de grande isolamento.²⁶⁴

Segundo Ana Maria Lugão Rios e Hebe Mattos, os ex-escravos e seus descendentes que ali se estabeleceram passaram a sobreviver de atividades agrícolas, portanto, os mesmos fazem parte de um campesinato negro pós-abolição que a historiografia imigrantista tem negligenciado. Isso também equivale para os indivíduos que adquiriram um pedaço de terra próximo as fazendas que trabalhavam enquanto escravos.

Em outras palavras, pós-abolição muitos ex-escravos e descendentes passaram a migrar pelo território brasileiro em busca de trabalho e de terras. Outros continuaram trabalhando nas fazendas e ainda havia aqueles que guardaram dinheiro e adquiriram um pedaço de terra para praticar a agricultura.

Também vale ressaltar que a aquisição de terras por ex-escravos não ocorria somente pelo processo de colonização pioneira, a ocupação por frente de expansão também fazia parte do dia a dia tanto dos libertos quanto de seus descendentes. Havia aqueles que não conseguiram juntar dinheiro para comprar um pedaço de terra pós abolição, mas migravam para longe dos centros de escravidão e ocupavam terras consideradas devolutas. Apesar da lei de terras de 1850 ter almejado a aquisição de terreno somente por compra (e a extinção da apropriação da mesma por posse), isso não ocorreu de imediato, e muito menos de forma completa. O campesinato negro era em grande medida posseiro.

²⁶⁴ Idem RIOS, Ana Maria Lugão; MATTOS, Hebe, Maria. p. 212.

Para Carlos Alberto Medeiros Lima²⁶⁵, havia uma presença importante de escravos em regiões mais distantes dos centros econômicos maiores. Entretanto, o que ficava claro também era a grande concentração de não brancos, pessoas livres e libertos nos lugares em que as grandes lavouras voltadas para a exportação não existiam. No caso do Paraná, havia um número importante de não brancos livres e libertos. O autor ainda fez uma comparação dessa situação na América portuguesa, espanhola e inglesa. No caso da América Latina há um número maior de negros livres e libertos longe das regiões em que a escravidão foi mais presente. Já no caso da colonização inglesa, ex-escravos e negros livres permaneciam mais próximos dos locais em que foram cativos ou que seus antepassados foram escravizados.

O Paraná, Quinta Comarca de São Paulo até 1853, poderia atrair migrantes oriundos de centros urbanos maiores. No entanto, cabe destacar que isso é apenas uma possibilidade. Nas palavras de Carlos Alberto Medeiros Lima:

Não estou sugerindo que não-brancos livres procedentes do Rio, por exemplo, migravam diretamente para locais como o Paraná. Apenas indico haver boas razões para crer na existência de um movimento consistente de livres de cor (mais que de libertos) partindo de áreas urbanas, ou centrais (embora agrárias), na direção de locais onde o acesso à terra e o estabelecimento autônomo enquanto campesinato se mostravam viáveis.²⁶⁶

Ainda, de acordo com o referido autor, a tendência explicitada acima, ou seja, a presença de não brancos libertos e livres em áreas “periféricas” poderia ser verificada numa mesma cidade. Para tanto, o pesquisador analisou dados de casamentos em duas paróquias do Rio de Janeiro, Engenho Velho e São José. A primeira, mais rural, registrava maior número de nubentes livres e libertos, enquanto a segunda, mais urbana, registrava uma supremacia de uniões entre cativos.

O autor concluiu que as situações registradas nas paróquias do Engenho Velho e São José reproduziam, em escala reduzida, o que ocorria em áreas exportadoras e em regiões voltadas para o abastecimento local²⁶⁷. Nas áreas em

²⁶⁵ LIMA, Carlos. A. M. Pequena diáspora: migrações de libertos e de livres de cor (Rio de Janeiro, 1765 – 1844). In: **Locus, Revista de História**. V.6, nº 2, 2000.

²⁶⁶ LIMA, Carlos. A. M. 2000. Op. Cit. p. 101.

²⁶⁷ Idem LIMA, Carlos. A. M. 2000, p.108-110.

que a produção era voltada ao consumo interno, caso do Paraná, o número de não brancos livres e libertos era significativo.

Portanto, a migração dos negros livres e libertos não era algo aleatório e sem planejamento ou sem uma expectativa. Migrar para longe dos centros exportadores, onde havia quantidade maior de escravizados, era uma possibilidade de conseguirem estabelecer-se em terras próprias e iniciar uma vida distinta daquela que conheciam e/ou tinham contato. Nesse sentido, é que Carlos Eduardo Coutinho da Costa²⁶⁸ destaca que as migrações pós Lei Áurea foram atos conscientes. Não foram apenas derivadas das expulsões dos ex-escravos da senzala em razão do ato protagonizado pela princesa regente.

Costa²⁶⁹ destacou que no Vale do Paraíba pelo menos três atitudes diferentes são passíveis de análise: há aquelas pessoas que, alforriadas antes da lei assinada pela princesa Isabel, conseguiram estabelecer laços de sociabilidades com seus antigos proprietários, garantiram sua permanência nas fazendas e passaram a vender a sua mão de obra. Outra situação registrada é a migração instável, ou seja, os libertos vagavam de uma fazenda à outra realizando trabalhos temporários. A terceira situação se refere as migrações conscientes e com objetivos claros:

Por fim, existiam os que migravam definitivamente para os centros em ascensão. Esse último grupo, formado em sua maioria por filhos e netos, descendentes diretos de ex-escravizados, apenas migrou na década de 1920, quando a condição social e financeira de seus pais não era mais possível de ser reproduzida²⁷⁰.

A vida dos negros pós-abolição, complica-se ainda mais à medida que aumenta o número de estrangeiros brancos que aportaram em terras brasileiras. Dentre os estudos que abordaram diretamente as condições dos negros pós-abolição, em meio ao desenvolvimento das políticas imigratórias, pode-se citar trabalhos de Karl Monsma. Entre eles, *“vantagens de imigrantes e desvantagens de negros: emprego, estrutura familiar e alfabetização depois da abolição no*

²⁶⁸ COSTA, Carlos Eduardo Coutinho da. **Migrações negras no pós-abolição do sudeste cafeeiro (1888-1940)**. In: **Topoi** (Rio J.) v.16 n. 30, p.101-126, jan./jun.2015, p. 102.

²⁶⁹ Idem COSTA, Carlos Eduardo Coutinho da .2015, p. 106-107.

²⁷⁰ Idem COSTA, Carlos Eduardo Coutinho da, .2015, p.107.

Oeste paulista".²⁷¹ Segundo Monsma, após a abolição os negros espalharam-se pelo território e tiveram que competir profissionalmente com os imigrantes europeus. Portanto, em alguns aspectos, os escritos de Monsma também fundamentam a questão sobre mobilidade espacial pós-abolição. Porém, acrescenta o processo migratório como um dos elementos que contribuíram para essa mobilidade.

No caso de São Paulo, mais especificamente em São Carlos, um dos municípios que mais atraiu imigrante, o autor afirmou que os negros não ficaram totalmente jogados à margem da sociedade, mas a chegada dos imigrantes europeus complicou a disputa por trabalho, principalmente nas fazendas de café. Muitos fazendeiros preferiam empregar brancos europeus porque os negros carregavam consigo o estigma deixado pela década da abolição de que faziam corpo mole, eram traiçoeiros, vagabundos, encrênqueiros. Isso ficou claro nas seguintes palavras de Karl Monsma:

[...] a rebeldia dos escravos na década de 1880 deixou os fazendeiros ressentidos, aumentando seu desprezo e ódio por negros. Essas atitudes facilmente geravam violência contra libertos e outros negros pós-abolição. Fazendeiros e autoridades locais também mostravam forte tendência de classificar negros autônomos, sem patrões, como "vagabundos" [...]²⁷²

Contudo isso não quer dizer que todos os fazendeiros agiam dessa forma. Havia exceções em que os negros libertos continuaram trabalhando nas fazendas tanto de seus antigos senhores quanto em novas propriedades, porém, em escala menor devido à competição com os imigrantes.

Segundo Monsma, as relações entre negros e brancos (imigrantes europeus) era tensa. "Os imigrantes que compraram fazendas de café ou assumiram posições de autoridades nas fazendas rapidamente internalizaram as mesmas disposições raciais exibidas por seus congêneres brasileiros."²⁷³ Nesse sentido, a incorporação social ou a ascensão econômica do imigrante se dava de

²⁷¹ MONSMA, Karl. 2010. Op. Cit. p. 509-543.

²⁷² MONSMA, Karl. **Identidades, desigualdades e conflito: imigrantes e negros em um município do interior paulista, 1888-1914**. Revista de História UNISINOS, janeiro/abril 2007, p.115

²⁷³ Idem MONSMA, Karl. 2007. p.115.

forma muito mais rápida do que a do negro na sociedade brasileira pós-abolição. Conforme afirma o autor,

[...] São Paulo e outras regiões do Brasil que receberam grande número de imigrantes constituem casos excepcionais na história mundial, em que imigrantes e seus descendentes rapidamente alcançaram posições econômicas melhores que a maioria da população já existente no lugar que os recebeu [...]²⁷⁴

A questão de os imigrantes alcançarem posições econômicas melhores estava associada a fatores tais como: preferência dos fazendeiros pela família imigrante em função de serem maiores, existência de uma elite formada por povos europeus já estabelecidos em terras brasileiras em períodos anteriores, contato com a alfabetização.

Essas famílias muitas vezes recebiam salários melhores que os que seriam pagos aos negros e acabavam juntando certo capital para adquirir um pedaço de terra. Segundo Monsma, isso explica o fato de os censos de São Carlos apontarem somente quatro chefes de famílias negras tendo títulos de propriedade em 1907. O que somaria apenas 5,7% das propriedades de São Carlos.

A existência de uma elite branca facilitava a inserção social do imigrante branco de forma muito mais rápida do que a do negro liberto. Rapidamente os recém-chegados eram inseridos nas redes de sociabilidade e, muitas vezes conseguiam os melhores empregos. Por outro lado, aos negros restava a oferta de trabalho braçal que não exigia escolaridade.

Nesse sentido, em muitos de seus escritos Monsma abordou as relações entre imigrantes europeus e negros pós-abolição envolvendo a interferência de mais personagens em meio a essas relações. Entre eles pode-se destacar a presença do fazendeiro. Esse muitas vezes optou pela mão de obra imigrante e acabou fazendo com que a presença estrangeira interferisse na inserção social dos negros.

²⁷⁴ Idem MONSMA, Karl. 2010. p. 510.

Analogamente à visão de Monsma, para Lúcia Helena Oliveira Silva²⁷⁵ a abolição criou expectativas nos negros. No entanto, as mesmas foram frustradas devido à chegada de imigrantes europeus para trabalharem como mão de obra livre. Portanto, para Silva a presença dos imigrantes dificultou a incorporação dos negros porque os patrões preferiam o uso da mão de obra livre branca. Isso ocorreu fortemente principalmente nas grandes fazendas de café em São Paulo.²⁷⁶ Apesar de liberto, o negro estava marcado pelo estereótipo da escravidão e encontrou muita dificuldade para inserir-se no mercado de trabalho. Portanto, segundo a autora, muitos desses indivíduos passaram a migrar pelo território brasileiro em busca da construção de uma nova vida longe dos resquícios da escravidão. Longe de onde pudessem ser reconhecidos como ex-escravos. Nesse sentido, os mesmos não abriam mão do direito conquistado de ir e vir. Conforme afirma Lúcia Helena Oliveira Silva:

Muitas vezes, os libertos buscavam viver sua nova condição e refazer suas relações em outros lugares onde não eram conhecidos [...] as migrações internas foram um dos fatores que caracterizavam o período entre o final do século XIX e início do XX.²⁷⁷

Mais uma vez, as informações trazidas por Lúcia Helena Oliveira Silva, também fundamentam ainda mais as que foram discutidas sobre mobilidade espacial.

Ainda sobre a situação dos ex-escravos pós-abolição, José Luiz Simões²⁷⁸ traz algumas ideias que se assemelham as de Ana Maria Lugão Rios e Hebe Maria Mattos²⁷⁹. Assim como as autoras, Simões afirma que muitos ex-escravos permaneciam nas fazendas por que o trabalho nas cidades era escasso devido à concorrência com os imigrantes. Nas palavras do autor: “o estrangeiro

²⁷⁵. SILVA, Lúcia Helena Oliveira. **Escravos e libertos no Paraná**. II encontro “escravidão e Liberdade no Brasil meridional”. Pg. 1-2. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos2/lucia%20silva%20completo.pdf> Acesso em 02 de outubro de 2015.

²⁷⁶ Idem SILVA, Lúcia Helena Oliveira. p. 4-5.

²⁷⁷ Idem SILVA, Lúcia Helena Oliveira. p. 6-7.

²⁷⁸ SIMÕES, José Luis. **Anotações sobre abolição, imigração e mercado de trabalho na república velha**. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/mesa_debates/art16.pdf Acesso em 02 de outubro de 2015.

²⁷⁹ RIOS, Ana Maria Lugão; MATTOS, Hebe, Maria. 2005. Op. Cit.

tornara-se o principal concorrente do negro no contexto do mercado de trabalho livre”.²⁸⁰ Nesse sentido, à situação do negro pós-abolição mostrava-se bastante complicada devido a chegada dos imigrantes que eram vistos como a mão de obra preferida. Diante desse contexto, aqueles que não conseguiam encontrar oportunidade de trabalho acabavam caindo na criminalidade. Conforme afirma Simões:

As reportagens jornalísticas que coligimos para construir a tese de doutorado evidenciam a condição social dos negros e mulatos/pardos: desilusão, alcoolismo e ausência de oportunidades de trabalho faziam parte do cotidiano do ex-cativos.²⁸¹

Portanto, no caso de São Paulo, muitos negros tinham a expectativa de que suas vidas iriam melhorar com a abolição, porém, na realidade ficaram jogados pelos cantos da sociedade devido à substituição da mão de obra escrava pela mão de obra livre imigrante. Tanto os fazendeiros, quanto os empresários preferiam o trabalho dos imigrantes brancos e apesar de libertos os negros carregavam consigo o estigma da escravidão.

Em resumo, o negro encontrava-se liberto do cativeiro, estava livre fisicamente, contudo, tornara-se refém de uma nova configuração social que lhe impunha restrições, que o mantinha preso numa vida de pobreza e carência, afinal, o rigor das leis criadas pelas elites políticas passou a caracterizar os negros sem trabalho como vagabundos sistemáticos.²⁸²

Dessa forma, pode-se perceber que as motivações que levavam os indivíduos a migrarem dentro do território nacional não obedeciam a apenas uma razão, as pessoas que se deslocavam, brancas ou negras, buscavam uma alternativa para a vida que levavam. Pois, caso não houvesse nenhuma esperança de mudança não haveria o esforço de migrar. Longe dos centros urbanos maiores e distante das áreas monocultoras e agroexportadoras, o Paraná poderia oferecer terras a preços mais baixos e um ambiente social que poderia fazer esquecer os contrastes da sociedade escravista que vigorou na maior parte da história brasileira.

²⁸⁰ SIMÕES, José Luis. Op. Cit. p. 2.

²⁸¹ Idem SIMÕES, José Luis. p. 3.

²⁸² Idem SIMÕES, José Luis. p. 9.

4.3 MIGRAÇÕES EM TERRITÓRIO PARANAENSE

Situações semelhantes a Minas Gerais descritas por Ana Maria Lugão Rios e Hebe Mattos²⁸³, também ocorreram no Estado do Paraná pós-abolição. Em sua obra *Por aí ou por muito longe: dívidas, migrações e os libertos de 1888*²⁸⁴, Leonardo Marques argumentou que nesse período muitos ex-escravos passaram a sobreviver de práticas agrícolas. Segundo o autor, que tem como foco de estudo a sociedade paranaense, especificamente Campo Largo e Curitiba, a região recebeu uma quantidade significativa de migrantes negros pós-abolição. Portanto, pode-se dizer que o Paraná se constituiu em alvo dessa mobilidade espacial descrita por Ana Maria Lugão Rios e demais autores citados.

Conforme visto, a abolição contribuiu para que muitos ex-escravos e seus descendentes circulassem por terras brasileiras. Assim como os imigrantes europeus almejavam reconstruir suas vidas em outras regiões distantes, o mesmo ocorreu com muitos negros pós-abolição. Nesse sentido, o Paraná passou a ser palco de ambos os atores sociais. Se por um lado o fim da escravidão contribuiu para que imigrantes europeus embarcassem para o Brasil e se estabelecessem em terras paranaenses em fins do século XIX, por outro, também cooperou para que muitos libertos circulassem pelo território brasileiro em busca de reconstrução de uma nova vida, sobretudo distante dos resquícios da escravidão, e se estabelecessem no Paraná.

Utilizando-se de processos criminais, inventários, listas de emancipação de escravos e recenseamentos que abrangem o período de 1888 a 1898, Leonardo Marques²⁸⁵ constatou que após o processo de abolição o Paraná recebeu um número significativo de escravos libertos. Esses viam nesse Estado a oportunidade para concretizar sua liberdade vivendo de práticas agrícolas. Segundo o autor, “a agricultura de alimentos era a atividade de peso de Campo

²⁸³ RIOS, Ana Maria Lugão; MATTOS, Hebe, Maria. 2005. Op. Cit.

²⁸⁴ MARQUES, Leonardo. **Por aí e por muito longe: dívidas, migrações e os libertos de 1888**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

²⁸⁵ Idem MARQUES, Leonardo. 2009.

Largo tanto para cativos como para livres, e assim passou a ser no pós-abolição.”²⁸⁶ Conforme Leonardo Marques:

Desde fins do século XVIII, a região que constituiria o Paraná, bem como áreas ao Sul do Estado de São Paulo, recebeu ondas migratórias de ex-escravos e negros livres[...]. Esses fluxos estavam estritamente ligados à possibilidade do acesso a terra. Paraná e Campo Largo [...] apresentaram uma fronteira aberta ao longo de todo o século XIX. Se, por um lado, portanto, o local apresentava um número pequeno de escravos quando comparado às regiões centrais, por outro, foram áreas como o Paraná que receberam muitos ex-escravos durante e após a escravidão.²⁸⁷

Leonardo Marques argumentou que o processo de atração paranaense esteve relacionado ao fato de essas terras terem sido deixadas de lado perante o desenvolvimento de atividades agroexportadoras. Portanto, esses sujeitos também estiveram envolvidos com o desenvolvimento da agricultura em um período que milhares de imigrantes europeus aportavam em terras brasileiras para se dedicar a essa atividade. Segundo Marques, é a existência desse campesinato negro, em muitos casos negligenciado por pesquisadores que atribuem o desenvolvimento das práticas agrícolas no sul do Brasil exclusivamente aos imigrantes europeus, que vai influenciar os caminhos e descaminhos tomados por muitos libertos pós-abolição. Isto fica explícito nas seguintes palavras do autor:

Em Campo Largo e em todo o Paraná escravista, um campesinato negro e mestiço que esteve em constante interação pode ter sido decisivo nas diferentes trajetórias e estratégias de sobrevivência de escravos e de ex-escravos, e aqui podemos pensar inclusive nos últimos ex-escravos, a minoria liberada pela lei de 1888.²⁸⁸

Além dessa entrada de libertos no Paraná pós-abolição, vale relembrar que o Paraná também teve uma economia pautada no trabalho escravo, principalmente em atividades relacionadas à pecuária e a erva mate. Essas informações ficaram claras nos escritos de Brasil Pinheiro Machado. Segundo o autor, as fazendas eram tocadas principalmente por mão de obra escrava que se

²⁸⁶ Idem MARQUES, Leonardo. 2009. p. 21.

²⁸⁷ Idem MARQUES, Leonardo. 2009. p. 19.

²⁸⁸ Idem MARQUES, Leonardo. 2009. p. 119.

dedicava tanto às atividades relacionadas a pecuária (criação e venda dos animais nas feiras de Sorocaba), quanto a produção de gêneros de primeira necessidade.

Portanto, apesar de o Paraná não ter tido uma economia baseada nas lavouras de grande extensão, fortemente pautada na mão de obra escrava, isso não elimina a presença dos negros nessas terras. Muitos deles foram utilizados em atividades agrícolas que ajudavam a abastecer o mercado interno, na criação de gado, no tropeirismo, na extração de erva mate, entre outras atividades. Conforme afirma Lucia Helena Oliveira Silva:

As atividades econômicas mais significativas que envolveram o escravo foram a produção do mate e o tropeirismo[...] durante o século XVIII (1980), os escravos africanos foram introduzidos em inúmeras atividades onde trabalhavam ao lado de pessoas livres. O primeiro levantamento da população neste mesmo ano contabilizava 12.349 brancos e de 5. 336 negros e mulatos.²⁸⁹

Segundo informações extraídas dos relatórios apresentados pelo presidente do Estado (província) do Paraná em 1886, nesse período foram contabilizados cerca de 5.055 escravos nas seguintes regiões²⁹⁰:

²⁸⁹ SILVA, Lúcia Helena Oliveira. 2015. Op. Cit. p. 1-2.

²⁹⁰ Não se elimina a possibilidade de a quantidade de escravos terem sido inventadas nesses relatórios, pois o redator pode ter feito o levantamento sem ter visitado os locais citados. Como exemplo pode-se citar Castro. Conforme pode ser observado nos dados da tabela, Castro possuía cerca de 298 escravos, porém, como já citado no transcrito dessa tese, estudos comprovam que em uma única fazenda chamada Capão Alto havia cerca de 100 escravos. Se levarmos em conta que Castro era uma região de passagem das tropas e que agregava muito mais fazendas, restaria somente 198 escravos para trabalhar nas demais, número extremamente baixo. Portanto, poderia haver muito mais escravos do que os citados nos relatórios.

TABELA 19: QUANTIDADE DE ESCRAVOS POR ALGUMAS REGIÕES EXISTENTES NA PROVÍNCIA DO PARANÁ EM 1886

Colônias/Municípios	Quantidade	Em %
Curitiba	579	11,5
Campo Largo	241	4,8
S. José dos Pinhais	293	5,8
S. Antônio do Imbituva (Imbituva)	4	0,2
Arraial Queimado	21	0,5
Votuverava	120	2,3
Assunguy (Cerro Azul)	6	0,3
Campina Grande	34	0,6
Antonina	335	6,7
Paranaguá	183	3,7
Porto de cima	42	0,8
Morretes	172	3,5
Guaraqueçaba	57	1,1
Lapa	490	9,7
Palmas	227	4,4
Guarapuava	259	5,1
Ponta Grossa	454	8,9
Conchas (pertence a Ponta Grossa hoje)	135	2,6
Palmeira	183	3,6
Castro	298	5,8
Tibagy (Tibagi)	156	3,1
Pirahy (Piraí)	42	0,8
Guaratuba	72	1,4
Rio Negro	43	0,8
Jaguariahyva (Jaguariaíva)	335	6,6
S. José da Boa Vista	274	5,4
Total	5.055	100%

Fonte: Paraná (Província) presidente (EscragnolleTaunay) exposição 3 de maio de 1886, p.32. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1>. Acesso em 05 de junho de 2018. Relatório apresentado a Assembleia Legislativa do Paraná no dia 30 de outubro de 1887 [i.e. 1886] pelo presidente da província, o exm. snr. dr. Joaquim d'Almeida Faria Sobrinho. Curitiba, Typ. da Gazeta Paranaense, 1886, p. 17. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1>. Acesso em 05 de junho de 2018. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Portanto, além de atrair libertos de outros Estados do Brasil, o Paraná também apresentava um número significativo de escravos, que poderiam permanecer ou migrar dessas regiões apontadas na tabela 19. Em relação ao Paraná, mais precisamente aos Campos Gerais, a presença desses indivíduos era mais comum nas grandes fazendas relacionadas ao comércio de animais nas Feiras de Sorocaba²⁹¹. Brasil Pinheiro Machado defendeu que “[...] em geral, com

²⁹¹ KOSS, Lucimara. 2013. Op. Cit.

a libertação, os escravos abandonaram em massa as fazendas e foram para as cidades”.²⁹²

Além dessas explicações, levanta-se a hipótese desses libertos paranaenses terem migrado para áreas não povoadas do Paraná, formando vários quilombos tais como: Rio do Meio e São Roque na cidade de Ivaí, Paiol de Telha em Guarapuava, Serra do Apon em Castro, Mamães em Cerro Azul, Palmital dos Pretos em Campo Largo, Sutil em Ponta Grossa, Feixo em Lapa, entre outros.

Em relação aos quilombos localizados em Ivaí, segundo as certidões²⁹³ de óbitos desse município, muitos habitantes descritos como residentes no quilombo, eram naturais de regiões tais como: Castro, Ponta Grossa, Itaiacoca²⁹⁴, Lapa, Curitiba, entre outras localidades conforme será visto no próximo item. Este quadro está em consonância com aquilo que foi explicitado por Carlos Alberto Medeiros Lima²⁹⁵, ou seja, migrantes não brancos, livres ou libertos, empreenderam mudanças para áreas em que as possibilidades de construção de uma nova realidade social fossem maiores através da aquisição de terra.

4.4 MIGRAÇÕES INTERNAS E POVOAÇÃO NA REGIÃO DE IVAÍ: FORMAÇÃO DOS QUILOMBOS RIO DO MEIO E SÃO ROQUE NO ESTADO DO PARANÁ

Em meio a esses processos de migrações, sejam eles de escravos fugitivos ou libertos, muitos desses indivíduos se distanciaram dos centros urbanos e se fixaram em território paranaense onde hoje se localiza o município de Ivaí²⁹⁶. Foi assim que surgiu a comunidade quilombola de Rio do Meio e de São Roque no Estado do Paraná.

²⁹² MACHADO, Brasil Pinheiro. 1962. Op. Cit. p.141.

²⁹³ Registros de óbitos do Cartório de Bom Jardim do Sul.

Registros de óbitos Cartório do Tabelionato e Registro Civil Faix.

²⁹⁴ Na tabela 13 escravos de Itaiacoca foram contabilizados juntos com os de Ponta Grossa.

²⁹⁵ LIMA, Carlos. A. M. 2000. Op. Cit.

²⁹⁶ Antiga colônia federal Ivay.

FIGURA 4 – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE IVAÍ – PR E SEUS QUILOMBOS



Fonte: http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/divisao_politica_2010.jpg Acesso em 15 de junho de 2016.

Adaptado por: KOSS, Lucimara. 2016.

Sobre a chegada desses indivíduos na região, até o presente momento, foi possível levantar três hipóteses. Fundamentado em fontes orais, Frank Mezzomo e Roselene Semprebom²⁹⁷ descrevem que os mesmos teriam fugido da

²⁹⁷ MESSOMO, Frank; SEMPREBOM, Roselene. Experiências da escravidão e formação de comunidades quilombolas no Paraná. In: **Revista sociedade e cultura**. Goiânia, vol. 16, nº 1, p. 193-203, jan/jun. 2013.

escravidão e se estabelecido no local no século XVIII. Conforme afirmam os autores:

Segundo informações do senhor Hamilton, as comunidades de São Roque e Rio do Meio remontam ao século XVIII. Sendo várias as famílias que compõem o núcleo das duas comunidades, tais como: Lima, Marçal e Lourenço [...] O senhor Hamilton, nascido em 1929, é filho de seu Brasília Ferreira de Lima e Zulmira Ferreira de Lima. Conta que quando sua avó cativa chegou do Estado da Bahia, tinha apenas 10 anos, e o dono dessas terras era o negro Paulo Ferreira que tinha 110 anos. Sua avó casou-se com um dos filhos do negro Paulo Ferreira e da união tiveram 18 filhos, que moravam na localidade do Rio do Meio. A comunidade foi formada desde a época em que os negros cativos se refugiaram das fazendas onde estavam submetidos à escravidão. Os castigos e os trabalhos forçados foram as grandes motivações para as fugas, vindo a tomar posse em terras não tituladas.²⁹⁸

Visão análoga a de Mezzomo e Semprebom, é a de Amélia Zachetko, Rosane Salache, Verônica Koubetech e Isabel Wilhem²⁹⁹. Do mesmo modo, utilizando-se de fontes orais, para referidos autores, a comunidade quilombola de Rio do Meio teria sido formada por escravos fugitivos.

Seus primeiros moradores foram escravos africanos que se apossaram das terras, num total de 161 alqueires. Derrubando as matas, foram abrindo caminhos e construindo casebres de madeira lascada, de chão batido. Não tinham móveis e as panelas eram de ferro. Alguns desses escravos: Raimundo, Miligildo, Pedro Marça, Sabina, Sebastião Grande, Hipólito, Joana, Marcelo, Tomazia. O chefe do grupo era Joaquim Ferreira.³⁰⁰

Para Gildo Antônio Vicente e Gilma de Farias Zimmer, embasado em relatos de Hamilton Ferreira, as comunidades quilombolas da região teriam sido formadas por ex-escravos. Os mesmos teriam migrado do interior da Bahia e se estabelecido na região entre 1895 e 1905. Conforme afirmam os autores:

[...] A primeira geração é composta a partir da vinda de ex-escravos do interior da Bahia. A chegada foi realizada em cargueiros feitos de couro de caça, provavelmente de anta, e as ferramentas e utensílios vieram em cestos, conhecidos por 'bruacas' [...] entre 1895 e 1905.³⁰¹

²⁹⁸ Idem MESSOMO, Frank; SEMPREBOM, Roselene. p. 200.

²⁹⁹ ZACHETKO, Amélia; SALACHE; Koubetech, Verônica; WILHEM, Isabel. Rio do Meio. In: **Resgate Histórico do Município de Ivaí**. Ponta Grossa-PR: Planeta, pp. 81-87, 2001.

³⁰⁰ Idem ZACHETKO, Amélia; SALACHE; Koubetech, Verônica; WILHEM, Isabel, p.81.

³⁰¹ VICENTE, Gildo Antonio; ZIMMER, Gilma de Farias. **A história de um povo**. Ivaí: Editora Gráfica B&D, 2016, p. 26-27.

Nota-se que todas as hipóteses listadas até o presente momento, fundamentam-se em fontes orais, principalmente na fala de Hamilton Ferreira. Em conversa direta com essa fonte, percebi que grande parte das informações citadas por Zimmer, Vicente, Mezzomo e Roselene Semprebom, são encontradas na fala de Halmilton, porém, algumas informações são passíveis de contradições. Em uma de suas falas, Hamilton³⁰² afirmou que:

Minha avó era baiana do tempo que vendiam criança. Então naquele tempo dos cativos minha avó veio de lá da Bahia. Eu tenho um pouco de Baiano da minha avó, mas meu avô da parte do meu pai era Ferreira. Então ela contava que quando veio da Bahia [...] os estrangeiros moravam na Europa e vieram muito depois [...]³⁰³

Por um lado, a fala de Hamilton complementa a hipótese de Zimmer e Vicente, pois ambos falam sobre os primeiros quilombolas terem migrado da Bahia. Por outro, torna a hipótese de Zimmer e Vicente questionável devido ao fato de Hamilton defender que foram pioneiros na colonização desta região. Entre 1895 a 1905, período em que os autores afirmam ter ocorrido a chegada de ex-escravos em Ivaí, muitas famílias de imigrantes já teriam migrado para as terras em que seria criada a colônia federal Ivaí³⁰⁴. Portanto, se os migrantes internos negros foram precursores, os mesmos teriam que ter chegado antes dos imigrantes europeus.

Após ter apresentado as explicações sobre a origem dos quilombos localizados no município de Ivaí, vale a pena formular uma outra hipótese. Essa foi montada tendo por base a análise de certidões de óbitos e casamentos das pessoas de Ivaí da primeira metade do século XX.

Primeiramente, as certidões permitiram provar que essa região já era habitada por migrantes internos muito antes da chegada dos imigrantes europeus. Portanto, isso derruba ainda mais a hipótese de que os imigrantes europeus foram os precursores das práticas agrícolas no Estado do Paraná,

³⁰² Residente do quilombo São Roque.

³⁰³ FERRERA, Hamilton. Entrevista concedida a Lucimara Koss em 11 de setembro de 2011.

³⁰⁴ Oficialmente a colônia foi criada em 1907, mas muitos imigrantes europeus já residiam no local muito antes da data de criação oficial.

especificamente do município de Ivaí, bem como os pioneiros a se estabelecerem no local. Nesses documentos foi possível identificar pessoas que teriam nascido nesse espaço na primeira metade do século XIX, em períodos tais como: 1845, 1848, 1852, entre outras datas.

Do mesmo modo, foi possível constatar que os negros já habitavam a região muito antes da data de chegada lançada na segunda hipótese por Zimmer e Vicente. Como exemplo pode-se citar Luiza Ferreira. A mesma nasceu por volta de 1887 na comunidade quilombola de Rio do Meio. Faleceu em 13 de junho de 1918 no mesmo local. Seu corpo foi sepultado em São Roque, lugar em que existe outra comunidade quilombola e um cemitério onde eram enterrados os habitantes dos dois quilombos. Estas informações ficaram claras na transcrição do fragmento da certidão de óbito a seguir:

Aos 30 de julho de 1918, nesta povoação de Bom Jardim, em meu cartório compareceu Basílio Maceno Pereira. Em presença de testemunhas, afim assinadas, declarou: Luiza Ferreira Pinto faleceu no dia 13 do corrente mês, neste distrito, no Rio do Meio, às doze horas com trinta e um anos de idade. Natural e residente neste distrito. Filha de Alexandre Ferreira Pinto. Era casada com Zeferino Ferreira de Lima, de cujo matrimônio deixou três filhos. José, Elvira e Ernestina. Faleceu sem assistência médica. Sepultou-se no cemitério de São Roque[...]³⁰⁵

Além dessas questões, a análise dos registros de óbitos permitiu levantar alguns dados sobre as origens dos negros. Entre outras palavras, de onde teriam migrado e formado tanto o quilombo do Rio do Meio quanto de São Roque. Essas informações questionam as apresentadas nas hipóteses anteriores de que os negros eram escravos fugitivos da Bahia. Não se descarta a possibilidade de eles terem migrado dessa região e se fixado em Ivaí, porém, não se pode generalizar. Nem todos tem essa procedência. Dentre as informações contidas nos registros de óbitos, foi possível extrair a origem tanto do falecido quanto de seus pais. Dentre as diversas naturalidades de ambos, pode-se citar: Castro-Pr, Lapa-Pr, Imbituva-Pr, Ponta Grossa-Pr, Curitiba-Pr, São Paulo, Minas Gerais, Tibagi-Pr, Conchas-Pr, Itaiacoca-Pr, Botuverava-Sc, Votuverava-Pr, Bocaíuva-Pr, Campo Largo-Pr, Campo Magro-Pr, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, África, entre

³⁰⁵Fonte: registros de óbitos do cartório localizado em Bom Jardim no município de Ivaí/PR. Disponível em: <https://familysearch.org/> Acesso em 04 de abril de 2016.

outras localidades. Portanto, defende-se a hipótese de que os negros teriam migrado de várias regiões brasileiras em diferentes períodos históricos³⁰⁶. Enquanto alguns já eram naturais de Ivaí no século XIX, outros faleceram por volta dos anos de 1940 com naturalidade referente a outras localidades paranaenses. Como exemplo desse processo pode-se citar o fragmento da certidão de óbito de Guilhermina Maria Barbosa:

Aos quatro dias do mês de setembro de mil novecentos e quarenta e dois, nesta vila de Bom Jardim Paraná, em meu cartório compareceu dona Maria Barbosa, presente a testemunhas abaixo a fim assinadas declarou: Guilhermina Maria Barbosa, feminina, preta, faleceu ontem, às duas horas, em domicílio em este distrito, sem assistência médica, com idade de cento e dois anos, natural da Lapa deste Estado. Viúva, doméstica, residente neste Estado. Era casada com Irenio Francisco Das Chagas, de cujo matrimônio ficaram duas filhas, seguintes: Maria com cinquenta e um anos, Paulina com quarenta e seis anos. Não deixou testamento, deixou bens a inventariar e herdeiros menores. ³⁰⁷

Em relação à análise das informações contidas na certidão de óbito de Guilhermina, não foi possível constatar se a mesma era ex-escrava ou descendente de escravos. Porém, consultando tanto o registro de batismo quanto o de casamento, ampliaram-se as informações sobre os migrantes internos negros que se estabeleceram em Ivaí em fins do século XIX.

Segundo informações dessas fontes, Guilhermina teria nascido na Lapa-Pr em 25 de janeiro de 1864. Filha de Manoel Felippos e Maria Barbosa. Casou-se na Igreja Santo Antônio na Lapa com Irenio Francisco das Chagas em 29 de outubro de 1981. Após o matrimônio o casal migrou para a região onde hoje se localiza o município de Ivaí, e tiveram uma filha chamada Maria Barbosa e outra Paulina. Essas informações foram constatadas juntando os dados da certidão de óbito de Guilhermina com o registro de casamento de Irenio e Guilhermina, bem como com a certidão de óbito de Maria Barbosa.

Portanto, ligando os dados do óbito de Guilhermina, de Irenio e de sua filha mais velha Maria, percebe-se claramente que o casal migrou pelo Paraná.

³⁰⁶ Por falta de fontes escritas não foi possível constatar em qual data teria chegado o primeiro ou primeiros negros na região. Também não foi possível descobrir se eram escravos fugitivos ou libertos.

³⁰⁷ Fonte: registros de óbitos do cartório localizado em Bom Jardim no município de Ivaí/PR. Disponível em: <https://familysearch.org/> Acesso em 04 de abril de 2016.

Assim como Guilhermina, Irenio também foi declarado como natural de Lapa. Nesse sentido, ambos eram naturais do mesmo local. Casaram-se na Lapa e após a união acabaram migrando, antes da abolição da escravidão, para a região que hoje é conhecida como município de Ivaí no Estado do Paraná.

A filha mais velha do casal teria nascido em Ivaí em 1883, portanto, seus pais já teriam migrado da Lapa e se fixado em Ivaí logo após o casamento. Essas informações fundamentam ainda mais a hipótese defendida de que os negros já habitavam o local antes da chegada dos imigrantes europeus e teriam migrado de várias regiões brasileiras em diferentes períodos históricos. Esses dados podem ser constatados nas informações da certidão de óbito a seguir:

Aos vinte três de julho de mil novecentos e quarenta e três, nesta vila de Bom Jardim Paraná, em meu cartório compareceu Francisca Ferreira Fernandes, presente as testemunhas abaixo nomeadas, e no fim assinadas, declarou: Maria Barbosa, cor preta, feminina, faleceu ontem, as seis horas, filha, digo, em domicílio, em esta vila, sem assistência médica, com idade de sessenta anos, doméstica, natural e residente neste distrito, viúva de João Ferreira da Luz, filha legítima de Irenio das chagas e Guilhermina Barbosa, ambos falecidos neste distrito. Deixou cinco filhos: Francisca com trinta e cinco anos, Alfredo com trinta e três, Dorvina com trinta, Manuel com vinte oito e Luiz com dezenove anos. Deixou bens a inventariar e herdeiros.³⁰⁸

Portanto, observando e analisando os dados, mais uma vez os mesmos batem de frente com as hipóteses defendidas sobre a origem dos povos quilombolas de Ivaí. Conforme exposto, para Gildo Antônio Vicente e Gilma de Farias Zimmer, as comunidades quilombolas da região teriam sido formadas por ex-escravos. Os mesmos teriam migrado do interior da Bahia e se estabelecido na região entre 1895 e 1905. Tanto a certidão de óbito de Guilhermina quanto de sua filha Maria, questionam novamente essa hipótese. Os documentos demonstram claramente que Guilhermina teria migrado para Ivaí muito antes de 1895, pois sua filha Maria foi declarada como natural de Ivaí e teria nascido por volta de 1883.

Essas informações também questionam a hipótese de Frank Mezzomo e Roselene Semprebom, segundo os autores (que fundamentam sua hipótese no

³⁰⁸ Fonte: registros de óbitos do cartório localizado em Bom Jardim no município de Ivaí/PR. Disponível em: <https://familysearch.org/> Acesso em 04 de abril de 2016.

relato de Hamilton Ferreira), a origem dos quilombos está enraizada na fuga de escravos da Bahia no século XVIII. Não se descarta a possibilidade de alguns desses indivíduos terem migrado desse Estado, porém às certidões de óbitos demonstram que muitos deles migraram de outras regiões paranaenses em outros períodos. Além de Guilhermina que migrou da Lapa, como exemplo desse processo, pode-se citar alguns membros da própria família de Hamilton. Esse foi o caso de Jacob Ferreira, tio da fonte oral Hamilton que teve seus depoimentos citados por vários autores ao defenderem a hipótese de que os primeiros habitantes do quilombo teriam migrado da Bahia. Percebe-se na certidão de casamento de Jacob, que ele nasceu em Conchas no Paraná em 1878. Portanto, migrou e se casou no quilombo de Rio do Meio em Ivaí em 1916. Conforme demonstra informações da sua certidão de casamento:

Aos oito de agosto de mil novecentos e dezesseis, neste lugar denominado Rio dos Índios, digo Rio do Meio, na casa do cidadão Sebastião Ferreira, às quatorze horas, presente o primeiro juiz distrital Major José A. de Messias, com experiência legal consigo oficial de registro de casamentos e testemunhas[...] Francisco, João Baptista, Prásidio Domingos e Cezário Ferreira, recebeu em matrimônio Jacob Ferreira de Lima e Dona Maria de Jesus Ferreira, solteiros, residentes neste lugar. Ele natural de Conchas com trinta e oito anos de idade, filho legítimo de Hemenegildo Ferreira de Lima e de Baldoina Rosa de Jesus. Ela com vinte dois anos, natural deste distrito, filha legítima de Sebastião Ferreira Pinto e de Isabel Ferreira [...].³⁰⁹

Essas informações levantam alguns questionamentos, pois os avós paternos de Hamilton Ferreira residiam em Conchas e tiveram filhos no mesmo local. Juntando os dados da certidão de casamento de Jacob com a certidão de óbito de seu irmão Brasília Ferreira de Lima (pai de Hamilton), percebe-se que esse último teria nascido depois de Jacob. Portanto, existe a possibilidade do pai de Hamilton ter migrado de Conchas ou ter nascido em Ivaí.

Outra certidão de óbito que pode fundamentar ainda mais essa ideia de migração interna envolvendo diferentes regiões e períodos, é a de Maria Antonia dos Santos:

Aos trinta e um dias do mês de maio de mil novecentos e quarenta e nove, nesta vila de Bitu Mirim (Bom Jardim) Paraná, em meu cartório compareceu Antônio Eduardo dos Santos, presentes as testemunhas

³⁰⁹ Fonte: registros de matrimônios do cartório localizado em Bom Jardim no município de Ivaí/PR. Disponível em: <https://familysearch.org/> Acesso em 04 de abril de 2016.

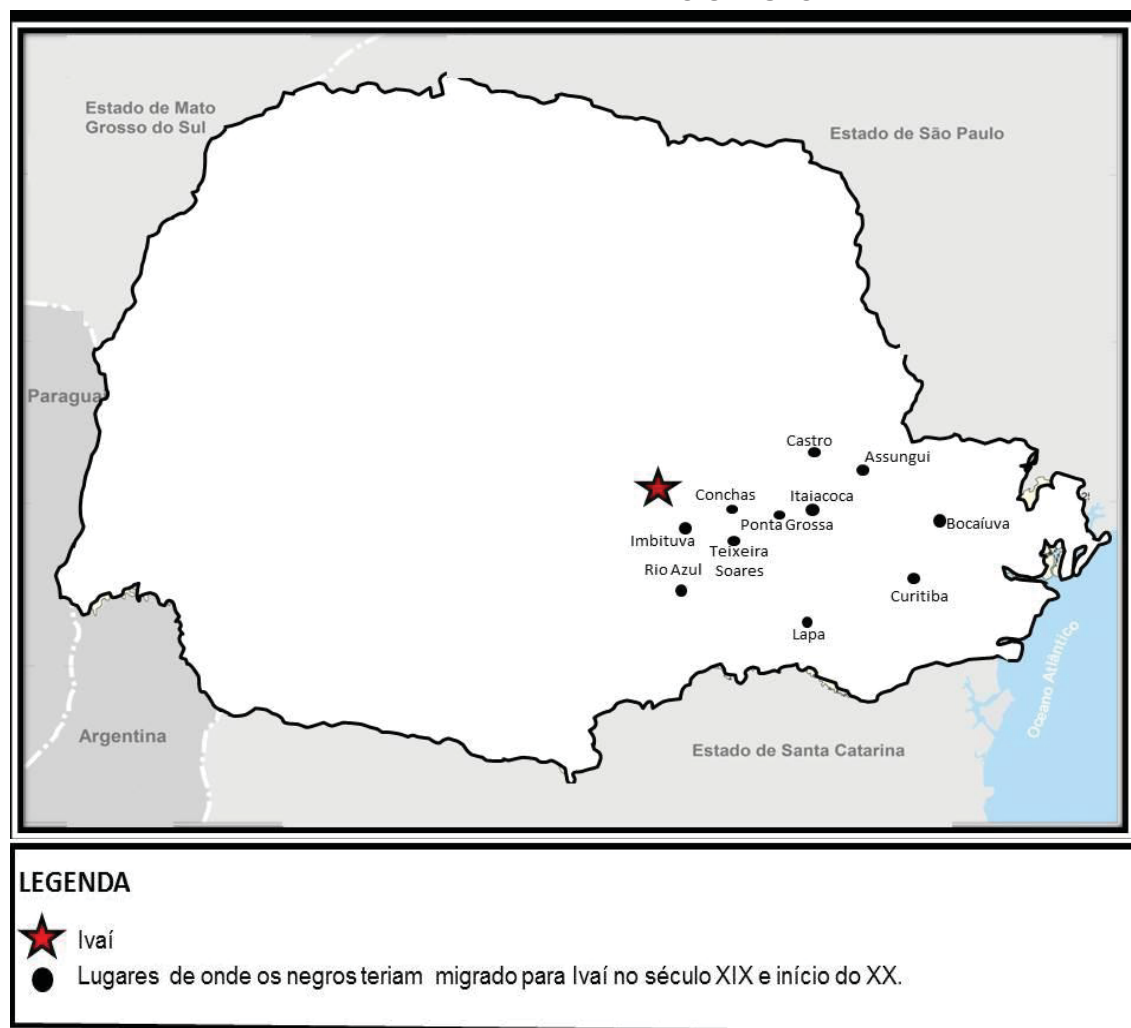
abaixo nomeadas e assinadas, declarou: Maria Antônia dos Santos, de cor preta, feminina, faleceu ontem as cinco horas, em domicílio neste distrito, com morte firmada pelo médico Dr. Diedrich, colapso cardíaco, com idade de trinta e sete anos, natural de Ponta Grossa, deste Estado, doméstica, residente neste distrito, filha de Olímpio Pacheco, natural da África e de Ana dos Santos, natural deste Estado, ambos já falecidos. Era casada com o declarante[...]³¹⁰

Como é perceptível nas informações declaradas acima, Maria Antonia dos Santos era natural da cidade de Ponta Grossa no Estado do Paraná. Filha de pai africano e mãe paranaense, Maria migrou para a região de Ivaí onde faleceu em 30 de maio de 1949. Informações como essas, fortalecem ainda mais a ideia de que tanto os quilombos de São Roque quanto de Rio do Meio foram formados por migrantes internos de diferentes regiões brasileiras em períodos históricos distintos.

Para se chegar a uma conclusão mais clara sobre essa hipótese, foram analisadas todas as certidões de óbitos das pessoas que faleceram em Ivaí na primeira metade do século XX. Através delas foi possível levantar de onde esses indivíduos eram naturais. O mapeamento deixa claro de onde teriam se originado os negros que faleceram em Ivaí na primeira metade do século XX. O levantamento incluiu ainda a origem dos morenos e pardos que se estabeleceram no local.

³¹⁰ Fonte: registros de óbitos do cartório localizado em Bom Jardim no município de Ivaí/PR. Disponível em: <https://familysearch.org/> Acesso em 04 de abril de 2016

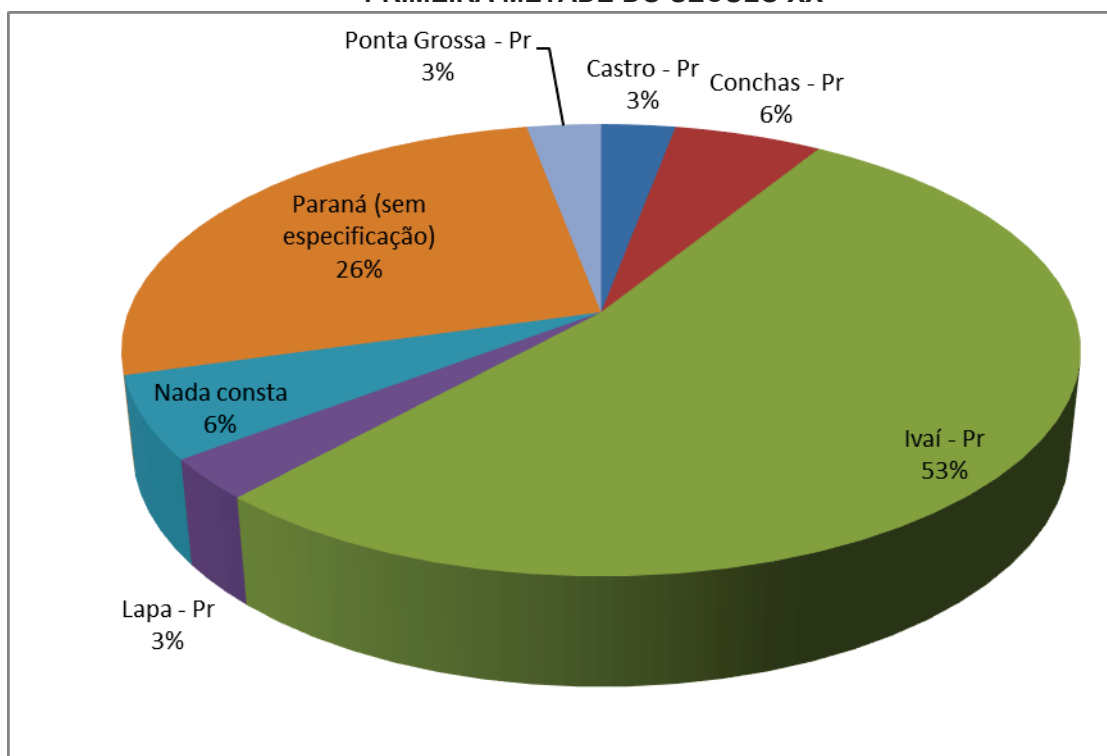
FIGURA 5 – NATURALIDADE DOS NEGROS, MORENOS E PARDOS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX



Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Elaborado por: KOSS, Lucimara. 2019.

Observando a figura 5, percebe-se que os negros, morenos e pardos que faleceram em Ivai na primeira metade do século XX, eram naturais do Estado do Paraná. Em relação específica aos negros, as certidões de óbitos permitiram a extração de informações precisas sobre a naturalidade desses sujeitos. Estes dados foram elencados no gráfico a seguir:

GRÁFICO 3 – NATURALIDADE DAS PESSOAS NEGRAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX



Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

O gráfico 3 apresenta números que atestam a permanência dos afrodescendentes em Ivaí. Mais da metade deles, 53%, nasceram e faleceram no município. A mobilidade espacial desse grupo mostra-se quase nula. Por outro lado, os números podem ser o indicativo de uma comunidade étnica negra instalada de longa data no município. Exceto 6% que não possuem naturalidade indicada, todos os demais nasceram no Paraná. Essa informação permite também perceber que a presença afrodescendente estava espalhada por todo Estado paranaense.

Para fundamentar ainda mais essas informações, estas fontes também possibilitaram mapear quando e onde estes sujeitos teriam nascido. Isto pode ser constatado na tabela a seguir:

TABELA 20 – ANO, LOCAL, IDADE E NÚMERO DE NASCIMENTOS DOS NEGROS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Ano de nascimento	Pessoas	Local de nascimento	Idade ao falecer conforme ano do óbito
1833	2	Conchas/Paraná	100 anos
1840	1	Lapa/Paraná	102 anos
1852	1	Paraná	93 anos
1869	1	Paraná	70 anos
1870	1	Paraná	73 anos
1873	1	Castro – Paraná	77 anos
1878	1	Paraná	60 anos
1879	1	Paraná	50 anos
1883	1	Ivaí – Paraná	60 anos
1886	1	Nada consta	61 anos
1887	1	Ivaí (no quilombo Rio do Meio) – Paraná	31 anos
1890	1	Paraná	52 anos
1893	1	Ivaí – Paraná	44 anos
1898	1	Ivaí – Paraná	47 anos
1901	1	Paraná	46 anos
1904	1	Paraná	46 anos
1912	1	Ponta Grossa – Paraná	37 anos
1913	2	Ivaí – Paraná	34 anos
1919	1	Ivaí – Paraná	4 anos
1920	1	Paraná	29 anos
1924	1	Ivaí – Paraná	18 anos
1926	1	Ivaí – Paraná	11 anos
1927	1	Ivaí – Paraná	22 anos
1931	1	Ivaí – Paraná	19 anos
1936	1	Ivaí – Paraná	11 anos
1937	1	Ivaí – Paraná	3 anos
1940	1	Ivaí – Paraná	9 meses
1943	3	Ivaí – Paraná	1 ano
1945	1	Ivaí – Paraná	1 mês
1946	1	Ivaí – Paraná	11 meses

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Segundo informações da tabela 20, percebe-se que na primeira metade do século XX faleceram 34 pessoas negras em Ivaí. Desse número 1 era natural da Lapa-Pr, 2 de Conchas –Pr, 1 de Ponta Grossa-Pr, 9 do Paraná sem especificação, 1 de Castro, 18 de Ivaí-Pr e 2 sem informação. Do mesmo modo, nota-se que a primeira pessoa de cor negra nasceu em Ivaí em 1883. Essa informação não descarta a possibilidade de outras pessoas negras terem nascido

antes no local, pois cogita-se a possibilidade de que muitos falecidos não tinham suas certidões de óbitos registradas.

Do mesmo modo, percebe-se que em termos de temporalidade, o nascimento mais distante data de 1833. A pessoa teria nascido em 1833 em Conchas no Paraná, migrado e falecido em Ivaí com 100 anos de idade. Não foram encontrados dados que comprovem tratar-se de escravo, mas é bem provável que sim, pois seu nascimento teria ocorrido muito antes da Lei Ventre Livre, e conforme informações da tabela 19, Conchas era uma das regiões que apresentava um número significativo de escravos.

Nos dados apresentados percebe-se que 11 pessoas nasceram no período em que a escravidão ainda existia no Brasil, sendo que dois deles nasceram em anos anteriores a proibição do tráfico negreiro em 1850 com a Lei Eusébio de Queiroz. Como dito, não temos fontes para afirmar que se tratavam de escravos, porém pela temporalidade é possível que fossem escravos, libertos ou escravos fugidos. Esse pode ser o caso da pessoa que nasceu em 1833 e migrou de Conchas.

O último óbito registrado em Ivaí de pessoa negra na primeira metade do século XX, data de 1946, e a mesma era natural do município. Dentro desses números, foram registrados 22 óbitos de negros em Ivaí que teriam nascido entre 1890 e 1946, período em que a escravidão já havia sido extinta pela Lei Áurea. Embora eles tenham nascido em período posterior a 13 de maio de 1888, seus genitores provavelmente nasceram sob o jugo da escravidão. Ou ao menos nasceram em período em que o sistema escravista ainda estava em vigência. Por exemplo, na tabela 20 consta a pessoa que nasceu em 1920, se na data do nascimento o indivíduo fosse filho de pai com 40 anos, isso significa que o genitor nasceu ainda em 1880, período em que havia o regime escravista. Não se está aqui fazendo suposições ao acaso, apenas tentando demonstrar que é empiricamente possível essas considerações.

Somando o número total de mortos que constam na tabela 20, percebe-se que faleceram 34 pessoas negras durante a primeira metade do século XX. Número extremamente baixo se levarmos em conta o fato de existirem duas comunidades reconhecidas como quilombos remanescentes, sendo que a longa

permanência em um mesmo local é um dos indícios verificados na hora do reconhecimento pela Fundação Palmares.

Causa estranheza esse número, e uma das explicações que pode ser atribuída a ele, é o fato de muitas pessoas sabidamente negras constarem como brancas nas certidões de óbito. Chegou-se a essa conclusão juntando as informações das certidões de pais e filhos, pois havia casos em que o filho foi declarado como branco na certidão de óbito, e os pais da mesma pessoa foram mencionados como negros em outras certidões.

De toda forma, aqui surgem algumas indagações: esse baixo número estaria relacionado ao fato de muitos negros não terem suas certidões de óbitos registradas? Uma vez que poderiam ser escravos fugitivos ou descendentes dos mesmos, seus parentes teriam medo de se dirigirem ao cartório comunicar as mortes? As pessoas de cor negra não se declaravam negras por racismo? Falha do cartório, uma vez que o texto inicial obedecia a certo padrão?

Em relação aos “morenos” que faleceram em Ivaí na primeira metade do século XX, foi possível extrair as seguintes informações:

TABELA 21 – ANO, IDADE, LOCAL DE NASCIMENTO E NÚMERO DE PESSOAS MORENAS QUE FALEcerAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Ano de nascimento	Pessoas	Local de nascimento	Idade ao falecer conforme ano do óbito
1864	1	Ivaí – Paraná	70 anos
1866	2	Ivaí – Paraná Paraná	70 anos 76 anos
1868	2	Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná	75 anos 75 anos
1869	2	Bocaíuva – Paraná Itaiacoca – Paraná	74 anos 78 anos
1870	1	Ivaí – Paraná	70 anos
1871	1	Curitiba – Paraná	68 anos
1874		Ivaí – Paraná	65 anos
1875		Castro – Paraná	69 anos
1876	1	Rio Azul – Paraná	65 anos
1877	1	Assunguy – Paraná	66 anos
1879	2	Paraná Ponta Grossa – Paraná	0 anos 0 anos
1880	3	Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná Ponta Grossa – Paraná	7 anos 5 anos 2 anos
1881	1	Ivaí – Paraná	60 anos
1882	2	Castro – Paraná Paraná	0 anos 4 anos
1883	1	Itaiacoca – Paraná	65 anos
1884	1	Paraná	56 anos
1885	2	Ivaí – Paraná Paraná	8 anos 2 anos
1886	1	Paraná	55 anos
1889	3	Imbituva – Paraná Ivaí – Paraná Paraná	8 anos 5 anos 0 anos
1891	1	Conchas – Paraná	52 anos
1892	1	Paraná	48 anos
1895	1	Ivaí – Paraná	50 anos
1898	2	Ivaí – Paraná Paraná	5 anos 0 anos
1900	2	Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná	1 anos 3 anos
1903	2	Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná	8 anos 9 anos
1904	1	Castro – Paraná	5 anos
1905	1	Ivaí – Paraná	36 anos
1908	2	Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná	0 anos 4 anos
1909	2	Ivaí – Paraná Paraná	0 anos 8 anos
1913	1	Ivaí – Paraná	36 anos
1914	1	Teixeira Soares –Paraná	28 anos
1916	1	Ivaí – Paraná	3 anos
1918	2	Ivaí – Paraná Paraná	1 anos 3 anos
1920	1	Ivaí – Paraná	24 anos
1921	1	Ivaí – Paraná	23 anos

TABELA 21 – ANO, IDADE, LOCAL DE NASCIMENTO E NÚMERO DE PESSOAS MORENAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Conclusão

Ano de nascimento	Pessoas	Local de nascimento	Idade ao falecer conforme ano do óbito
1922	3	Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná	3 anos 8 anos 0 anos
1923	2	Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná	7 anos 7 anos
1929	1	Ivaí – Paraná	14 anos
1930	1	Ivaí – Paraná	19 anos
1931	1	Nada consta	12 anos
1932	1	Ivaí – Paraná	11 anos
1935	3	Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná Nada consta	8 anos 9 anos 1 anos
1939	4	Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná Paraná	1 anos 11 anos 3 anos 4 anos
1940	4	Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná	7 anos 1 ano 11 dias 20 meses
1941	6	Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná Ivaí – Paraná	5 anos 1 ano 2 anos 21 anos 3 anos 3 meses
1942	1	Ivaí – Paraná	4 anos
1945	1	Ivaí – Paraná	11 meses
Nada consta	2	Ivaí – Paraná	Nada consta
Total	80		

Fonte: Certidões de óbito Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

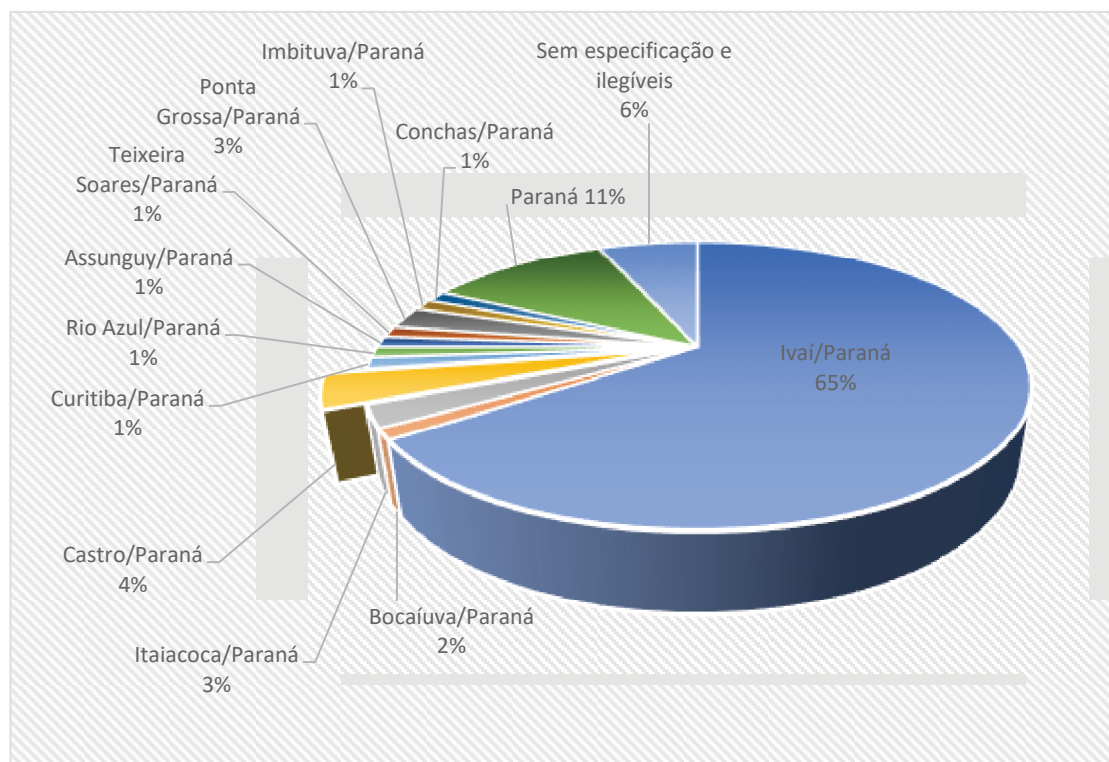
Segundo dados da tabela 21, na primeira metade do século XX faleceram 80 pessoas declaradas como morenas em Ivaí. Desse número 52 eram naturais de Ivaí- Pr, 1 de Bocaiúva-Pr, 2 de Itaiacoca-Pr, 3 de Castro-Pr, 1 de Curitiba-Pr, 1 de Rio Azul, 1 de Assunguy-Pr, 1 de Teixeira Soares, 2 de Ponta Grossa, 1 de Imbituva, 1 de Conchas, 11 do Paraná sem especificação, 2 nada consta e 1 ilegível.

Percebe-se que o número de pessoas descritas como “morenas” é superior ao de negras, mais que o dobro em números absolutos. Esses dados nos levam a fazer algumas indagações: seriam elas “morenas” ou pessoas negras declaradas como “morenas”? São nascidas de casamentos interétnicos?

Se forem “morenas” de fato, conforme o que se entende por “moreno” atualmente, são provavelmente fruto de uniões interétnicas. Contudo são uniões com pessoas já existentes no Brasil, como descendentes de portugueses? Ou fruto de uniões com os imigrantes europeus que chegaram a região no processo de formação da colônia federal Ivaí? Ao analisar os números percebe-se que cerca de 40 pessoas declaradas como “morenas” no momento do óbito, nasceram antes da criação da colônia. Isso descarta, pelo menos parcialmente a união de “morenos” que habitavam a região com imigrantes europeus. Eles deviam ser mestiços com pessoas brancas já existentes na região ou vindos de outras localidades, os chamados brasileiros, especificamente descendentes de portugueses. Porém, os dados coletados até o momento levam a acreditar que essa denominação “morena” na verdade mascara os dados. Pelo sim ou pelo não, sejam morenas ou negras, são afrodescendentes.

Em termos de porcentagem foi possível calcular e extrair os seguintes dados:

GRÁFICO 4 – NATURALIDADE DAS PESSOAS MORENAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX



Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

O número de morenos nascidos em Ivaí é indício da permanência das pessoas afrodescendentes na região. A migração interna é algo relevante a partir dos dados da tabela 21, no entanto as mais de 65% de pessoas mortas declaradas como morenas demonstram a estabilidade da comunidade.

Por fim, as certidões de óbito também permitiram identificar a presença de pardos que faleceram em Ivaí na primeira metade do século XX. Esses dados podem ser observados na tabela a seguir:

TABELA 22 – ANO, LOCAL, IDADE E NÚMERO DE NASCIMENTOS DOS PARDOS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

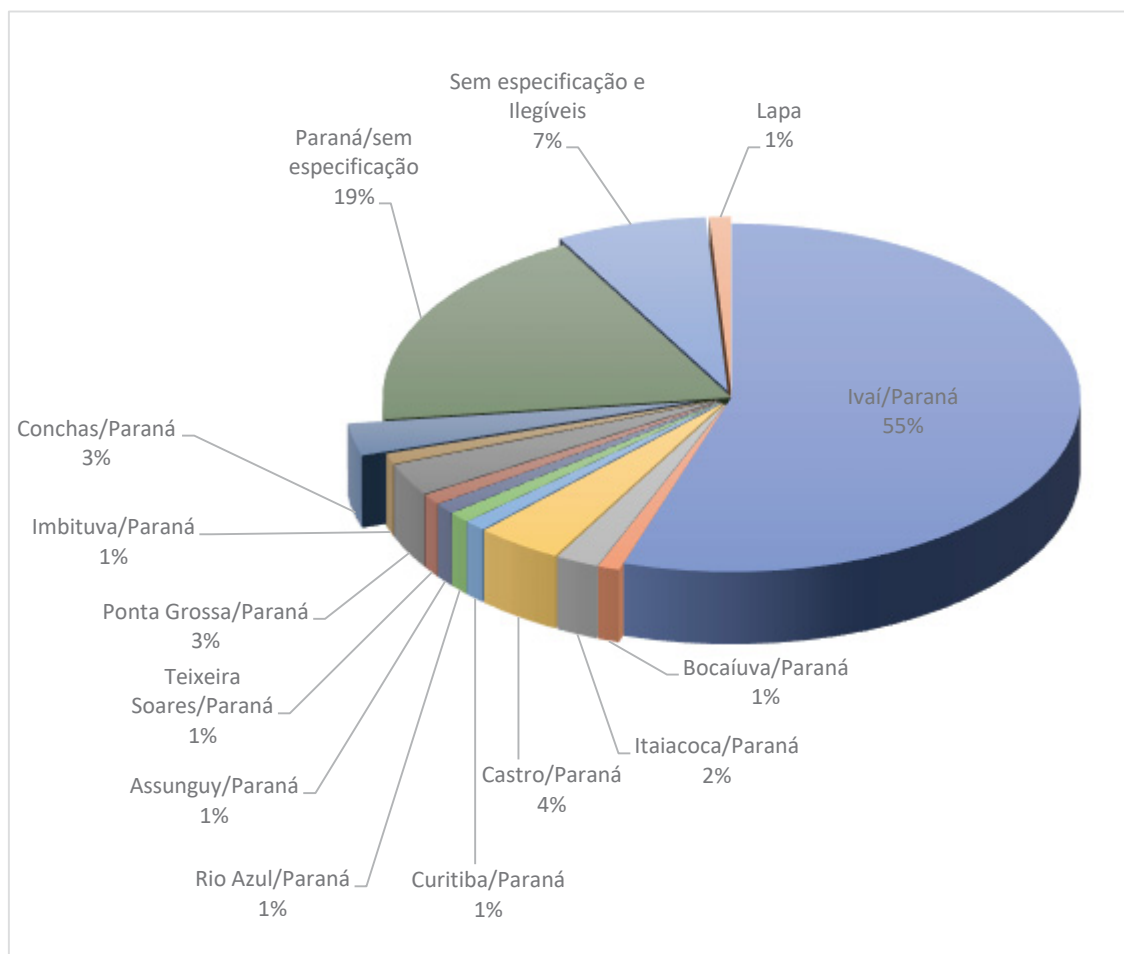
Ano de nascimento	Número de pessoas que nasceram	Local de nascimento	Idade ao falecer
1880	1	Ivaí – Paraná	62 anos
1890	1	Paraná	33 anos
1936	1	Ivaí – Paraná	6 anos

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Percebe-se que somente 3 pessoas foram declaradas como pardas. Todas com naturalidade paranaense. Duas eram naturais de Ivaí e uma do Paraná sem especificação. Um pardo nasceu em Ivaí na penúltima década do século XIX, outro em fins da primeira metade do século XX, e outro no Paraná na última década do século XIX. A pouca ocorrência da denominação parda, classificação que basicamente se refere a pessoa mestiça, é quase insignificante. Esse dado pode estar ligado a endogamia, ou seja, poucos mestiços fruto de uniões entre brancos e negros na região. Se essa consideração estiver correta podemos reforçar a tese salientada acima: que alguns morenos na realidade poderiam ser negros.

Realizando a junção das informações da tabela 22, 21, e 20, foi possível calcular a porcentagem de pessoas que teriam nascido nos locais citados nas certidões de óbito. Estas informações ficam claras no gráfico a seguir.

GRÁFICO 5 – NATURALIDADE POR % DAS PESSOAS NEGRAS, MORENAS E PARDAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

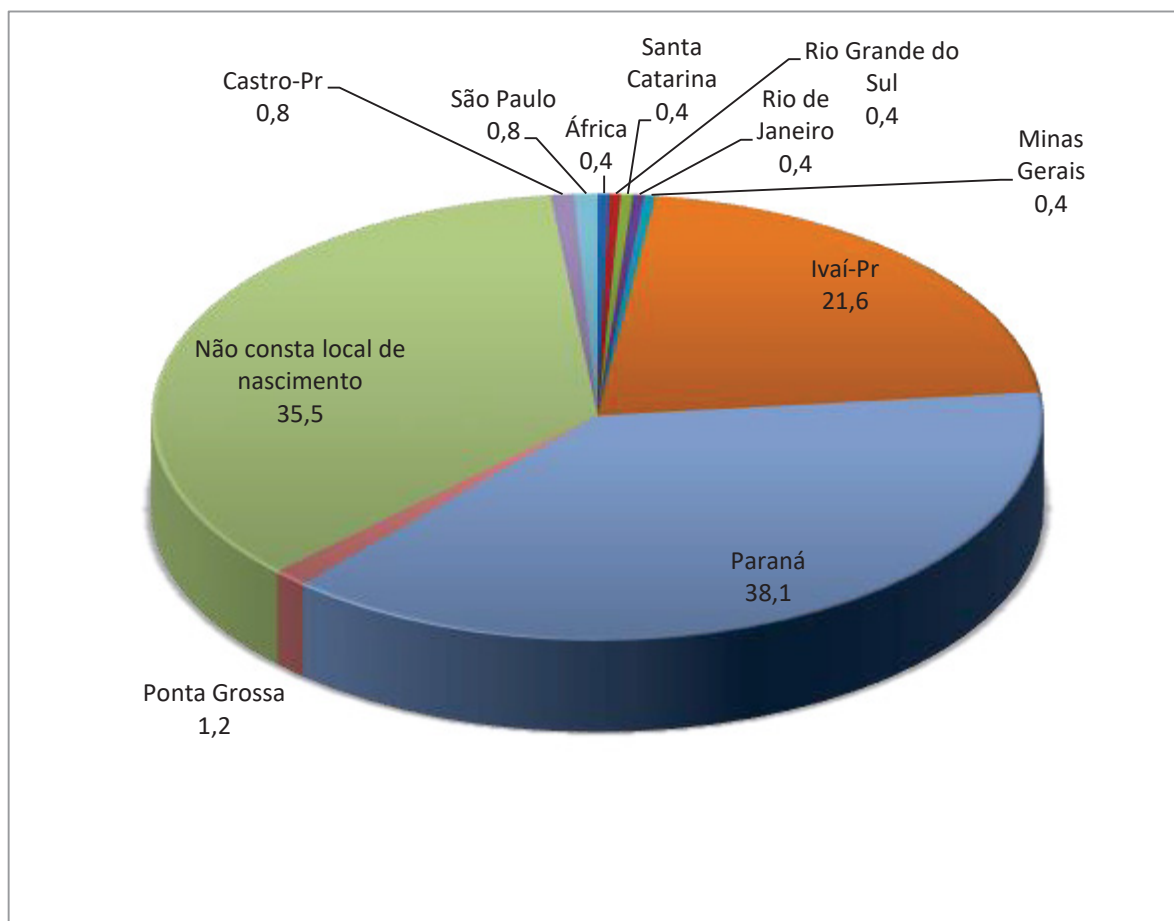


Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Como pode ser observado, o gráfico 5 demonstra de forma inequívoca a migração interna do Estado. Exceto os 7% que não possuem naturalidade especificada, mais de 90% nasceram dentro do Estado do Paraná. Número significativo são os nascidos em Ivaí, cerca de 55%. O gráfico reflete de forma clara a permanência dessas pessoas na região, pois mais da metade nasceram e morreram no local de nascimento.

Em relação à origem paterna e materna tanto dos negros, quanto morenos e pardos que faleceram em Ivaí na primeira metade do século XX, as certidões de óbito também permitiram calcular a porcentagem obtendo os seguintes resultados:

GRÁFICO 6 – NATURALIDADE MATERNA E PATERNA DAS PESSOAS NEGRAS, MORENAS E PARDAS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX



Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Dentro desses números, tirando os 35,5% em relação aos quais não consta local de nascimento, 2,4% que nasceram em outros estados brasileiros, e 0,4% nascido no continente africano, percebe-se que 61,7% dos genitores nasceram dentro do Estado do Paraná. Mais uma vez essa porcentagem comprova a existência de afrodescendentes na região e a migração interna dentro do Estado. Isso significa que a partir de meados do século XIX, sobretudo no seu último quarto, os afrodescendentes já estavam presentes. Cronologicamente, alguns poderiam ser escravos, uma vez que a escravidão só foi abolida em 1888. Do mesmo modo, a ascendência escrava fica clara na ocorrência de genitores dos falecidos serem originários da África. Embora pequeno o número de 0,4% chama a atenção para uma pessoa vinda direto da África. Escrava muito provavelmente, pois a vinda de pessoas do continente africano para o Brasil foi compulsória.

Em síntese, as informações do mapeamento, dos gráficos e das tabelas, além de comprovar que a região de Ivaí já era habitada muito antes da chegada dos imigrantes europeus, demonstraram como a povoação do território paranaense, sobretudo de Ivaí, foi marcada por migrações internas no século XIX. Para fundamentar ainda mais essa informação basta observar os dados da certidão de óbito a seguir:

Aos nove dias do mês de maio de mil novecentos e doze, nesta povoação de Bom Jardim, termo de Ponta Grossa, em meu cartório compareceu Damásio José Ferreira, que em vista da intimação ordenada pelo juiz distrital veio declarar: Durvina nasceu neste, digo, município de Castro, em dois de março de mil novecentos e dois. Sexo feminino. Filha legítima do declarante e de sua mulher Dona Arminda Ferreira Pontes, casada e residente neste distrito, avós paternos: Casemiro José Ferreira e Maria Nunes do Espírito Santo. Maternos: Manuel de Pontes e Messias Maria Ferreira.³¹¹

Conforme é perceptível na fonte acima, Durvina teria nascido em Castro em 02 de março de 1902 e migrado com seus pais para Ivaí, onde foi batizada no ano de 1912. Portanto, já habitavam a região em pleno desenvolvimento das políticas migratórias externas.

Em suma, as informações extraídas das certidões de óbitos e batismos referentes a colônia Ivaí na primeira metade do século XX, demonstraram claramente que por essas terras, muito antes e durante a chegada dos imigrantes europeus, também circulavam e se estabeleceram no local migrantes internos que poderiam ser livres ou escravos fugitivos. Ainda, devido à precariedade dos meios de comunicação, poderia haver aqueles que eram libertos, mas faleceram na região de Ivaí achando que ainda eram escravos.

Do mesmo modo, as informações extraídas dessas fontes também dialogam com a historiografia citada no início deste capítulo sobre mobilidade espacial. Demonstam que o Estado do Paraná se tornou alvo desse movimento tanto em períodos anteriores à abolição quanto posteriores, porém, em relação específica aos negros que se estabeleceram em Ivaí, a naturalidade dos mesmos e de seus pais, não comprovam a mobilidade de outros Estados em relação ao

³¹¹Registros de óbitos do cartório localizado em Bom Jardim no município de Ivaí/PR. Disponível em: <https://familysearch.org/> Acesso em 04 de abril de 2016.

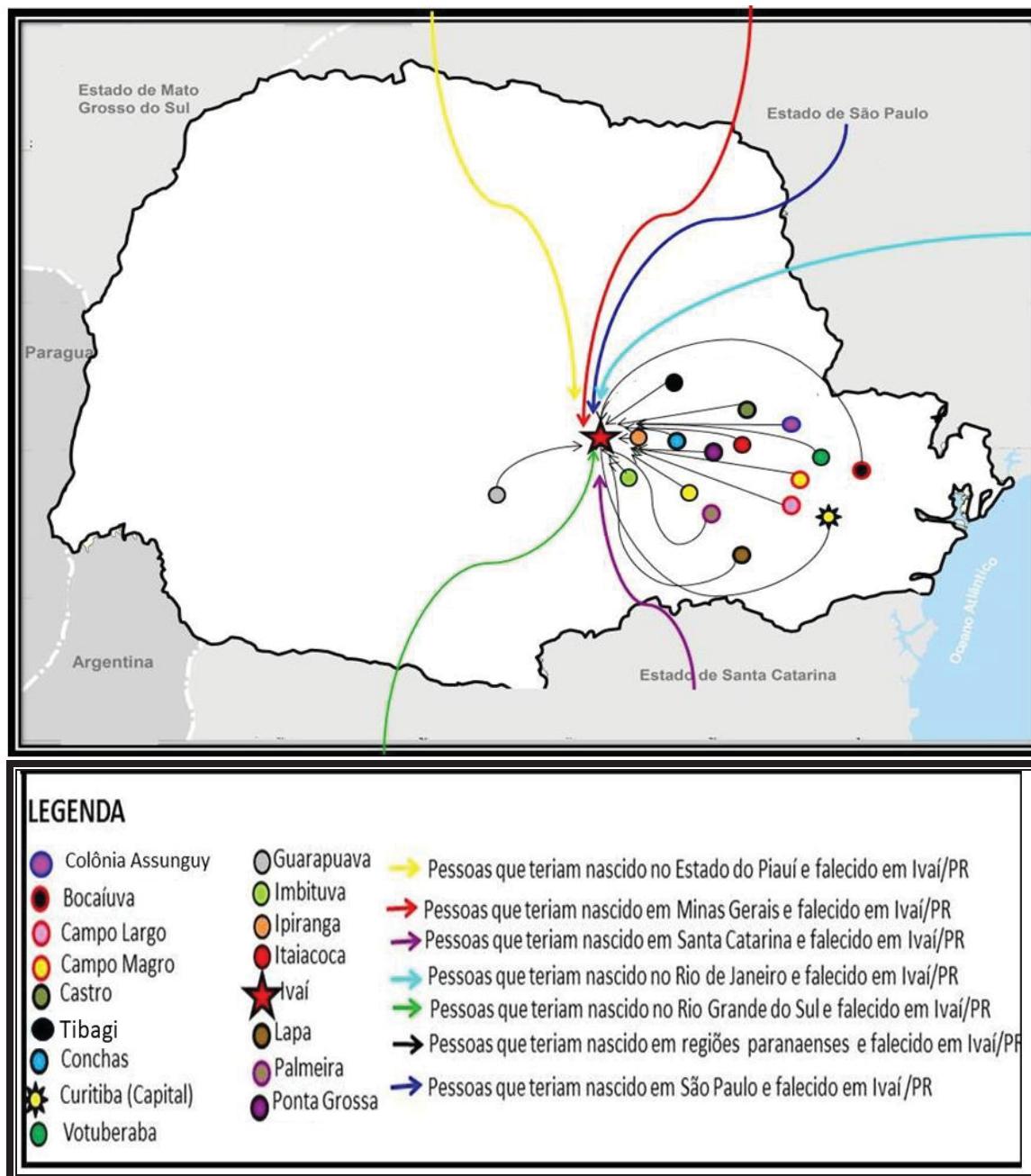
Paraná. Por outro lado, provam a presença negra na região de Ivaí muito antes da chegada dos imigrantes europeus.

O mesmo vale para muitos brasileiros brancos descendentes de portugueses, entre outras nacionalidades, que enxergaram em Ivaí a oportunidade para desenvolverem suas vidas. Conforme visto, essas informações puderam ser constatadas tanto no texto de Veiga Lopes³¹², quanto nos registros de terras e nas próprias certidões de óbitos. Do mesmo modo, dialogam com autores elencados no início desse item sobre migrações internas. Pois, além de absorver pessoas de regiões paranaenses, a colônia federal Ivaí também recebeu migrantes nacionais que vieram de outros estados brasileiros.

Em relação específica às informações contidas nas certidões de óbitos, foi possível constatar que muitos desses indivíduos nasceram em regiões tais como: Castro, Lapa, Imbituva, Ponta Grossa, Curitiba, São Paulo, Minas Gerais, Tibagi, Conchas, Itaiacoca, Therezina, Botuverava, Votuverava, Bocaíuva, Campo Largo, Campo Magro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Piauí, entre outras localidades não especificadas nas certidões de óbitos, e acabaram migrando para Ivaí onde faleceram. Para maior entendimento, essas informações foram ilustradas no mapeamento a seguir:

³¹² LOPES, José Carlos Veiga. 2007. Op. Cit.

FIGURA 6 – NATURALIDADE DOS NEGROS, PARDOS, MORENOS E BRANCOS BRASILEIROS QUE FALECERAM EM IVAÍ NO SÉCULO XIX E PRIMEIRA METADE DO XX



Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Elaborado por: KOSS, Lucimara. 2019.

Como é perceptível na ilustração acima, a colônia Ivaí não foi formada somente por imigrantes europeus, havia migrantes nacionais que também escolheram o mesmo destino. Em relação específica às pessoas que nasceram no Brasil (sem levar em conta a cor) e migraram para a colônia Ivaí, através das certidões de óbito foi possível descobrir onde teriam nascido e de onde teriam migrado. Essas informações ficam mais claras na tabela a seguir:

TABELA 23 – LOCAL DE NASCIMENTO DOS BRASILEIROS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX POR COR

Local de nascimento	Número de pessoas que migraram por cor					Total
	Negro	Branco	Pardo	Morena	Sem inf.	
Imbituva – PR	-	18	-	1	1	20
Ipiranga – PR	-	21	-	-	8	29
Prudentópolis – PR	-	3	-	-	3	6
Cândido de Abreu – PR	-	-	-	-	1	1
Thereza Cristina – PR	-	-	-	-	1	1
Ponta Grossa – PR	1	21	-	2	8	32
Entre Rios (Guaragy) – PR	-	1	-	-	-	1
Conchas – PR	1	7	-	1	8	17
Itaiacoca – PR	-	3	-	2	2	7
Castro – PR	1	9	-	3	1	14
Assunguy – PR	-	5	-	1	3	9
Campo Largo – PR	-	2	-	-	-	2
Curitiba – PR	-	8	-	1	6	15
Bocayuva – PR	-	1	-	1	1	3
Guarapuava – PR	-	2	-	-	-	2
Hervalzinho – PR	-	1	-	-	-	1
Irati – PR	-	1	-	-	-	1
Lapa – PR	1	-	-	-	2	3
Laranjeira – PR	-	1	-	-	-	1
Palmeira – PR	-	1	-	-	1	2
Rio Azul – PR	-	-	-	1	-	1
Teixeira Soares – PR	-	2	-	1	-	3
Tibagi – PR	-	1	-	-	1	2
Votuverava	-	-	-	-	1	1
Paraná sem inf.	9	133	1	12	14	169
São Paulo	-	3	-	-	1	4
Rio de Janeiro	-	-	-	1	-	1
Rio Grande do Sul	-	1	-	-	-	1
Piauí	-	1	-	-	-	1
Santa Catarina	-	6	-	-	-	6
Brasil sem inf.	-	2	-	-	-	2
Total	13	255	1	26	63	358

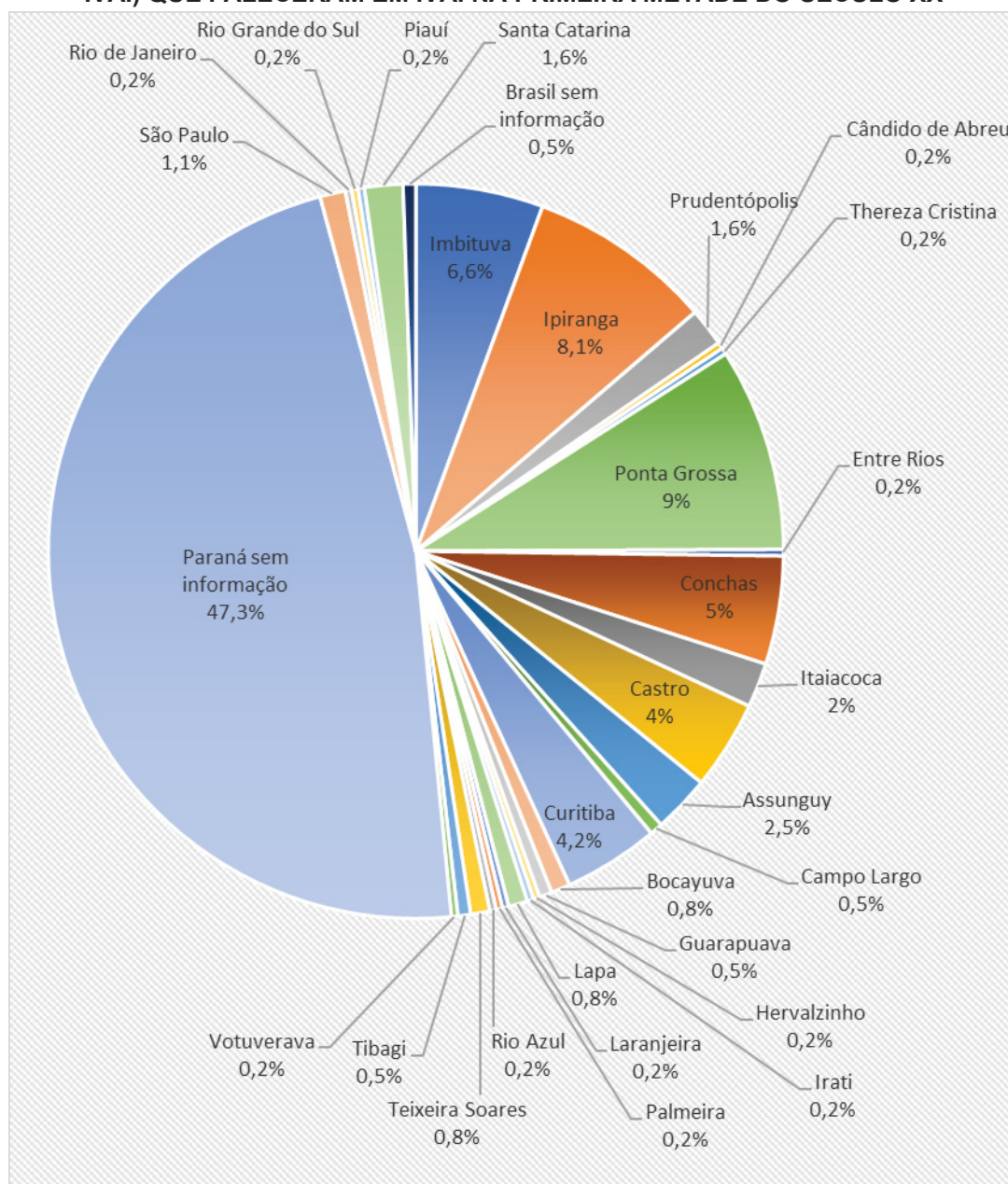
Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Percebe-se na tabela 23 que 255 pessoas declaradas como brancas, que poderiam ser tanto descendentes de imigrantes europeus quanto de nacionais, nasceram fora da colônia Ivaí e migraram para a mesma onde faleceram na primeira metade do século XX. Cerca de 26 pessoas morenas também fizeram a mesma escolha. O mesmo equivale para 1 parda e 13 negras.

Independentemente da cor, percebe-se que as regiões de onde mais migraram pessoas para a colônia Ivaí foram: Ponta Grossa (32 pessoas), Ipiranga (29 pessoas), Imbituva (20 pessoas), Conchas (17 pessoas), Curitiba (15 pessoas) e Castro (14 pessoas). Somando-se esses números com os das demais regiões, mais uma vez percebe-se claramente que a colônia Ivaí não foi formada somente por imigrantes estrangeiros, mas também por migrantes nacionais internos, principalmente do Estado do Paraná.

Todos esses dados evidenciam a mobilidade espacial dos residentes em Ivaí, pois o local de nascimento destes se deu de várias regiões do país, principalmente de outros municípios do Paraná. Além disso, nota-se que havia pessoas que nasceram e migraram de outros estados brasileiros. Dentro desses números, cerca de 342 nasceram no Paraná e migraram para Ivaí, 13 são naturais de outros estados e 2 foram classificadas como brasileiras, porém sem especificação de onde teriam nascido. Portanto, percebe-se que a região de Ivaí atraiu principalmente paranaenses, são poucos os que migraram de outros estados. Apenas 1 pessoa teria nascido no Rio de Janeiro, 1 no Rio Grande do Sul, 6 em Santa Catarina, 1 no Piauí e 4 em São Paulo. Apesar de ser um número baixo, isso não descarta as migrações entre estados, porém deixa claro que Ivaí recebeu em sua grande maioria indivíduos que apontam para uma migração entre regiões paranaenses. Transformando esses números das migrações internas de nacionais em porcentagem tem-se o seguinte resultado:

GRÁFICO 7 – LOCAL DE NASCIMENTO DOS BRASILEIROS (EXCETO OS NASCIDOS EM IVAÍ) QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX



Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Percebe-se no gráfico acima que Ponta Grossa liderou as migrações internas para Ivaí. Cerca de 9% dos brasileiros nascidos fora de Ivaí migraram desse município brasileiro. Se levarmos em conta que Conchas e Itaiacoca são regiões pertencentes a Ponta Grossa, esse número sobe para 16%.

Curitiba, Castro, Assunguy, Conchas, Ipiranga, Imbituva e Ponta Grossa somam cerca de 40% das migrações internas para Ivaí. Se for considerado que

47% das certidões de óbito tiveram como naturalidade descrita somente o Estado Paraná, esse número pode subir ainda mais. Em relação aos demais municípios paranaenses que apareceram no gráfico, esses somam mais 9% das migrações. Portanto, 96% dos migrantes nacionais nascidos fora de Ivaí eram paranaenses, e somente 4% eram nascidos em outros estados brasileiros. Nesse aspecto, conclui-se que a região de Ivaí onde se formou tanto o quilombo de Rio do Meio quanto de São Roque, não foi marcada somente pela presença de imigrantes europeus. Esse foi um espaço em que circularam diferentes sujeitos históricos, porém, com objetivos semelhantes: buscar um novo lugar para melhorar suas condições de vida. Foi com esse intuito que em fins do século XIX e início do XX, muitos imigrantes europeus aportaram em terras brasileiras e negros, morenos, pardos, brancos circularam por elas.

Conforme visto, para alguns autores pós-abolição o Paraná teria se convertido em destino de muitos libertos, porém até o presente momento conclui-se que a colônia Ivaí e os quilombos dessa região estavam fora dessas rotas. Foram poucos os nacionais brancos que migraram de outros estados brasileiros para essa colônia. Em relação aos negros não foi encontrado nenhum que tivesse nascido fora do Paraná.

5 COMÉRCIO: COMPRAS E FORMAS DE PAGAMENTOS ENTRE NACIONAIS E ESTRANGEIROS NA COLÔNIA IVAÍ

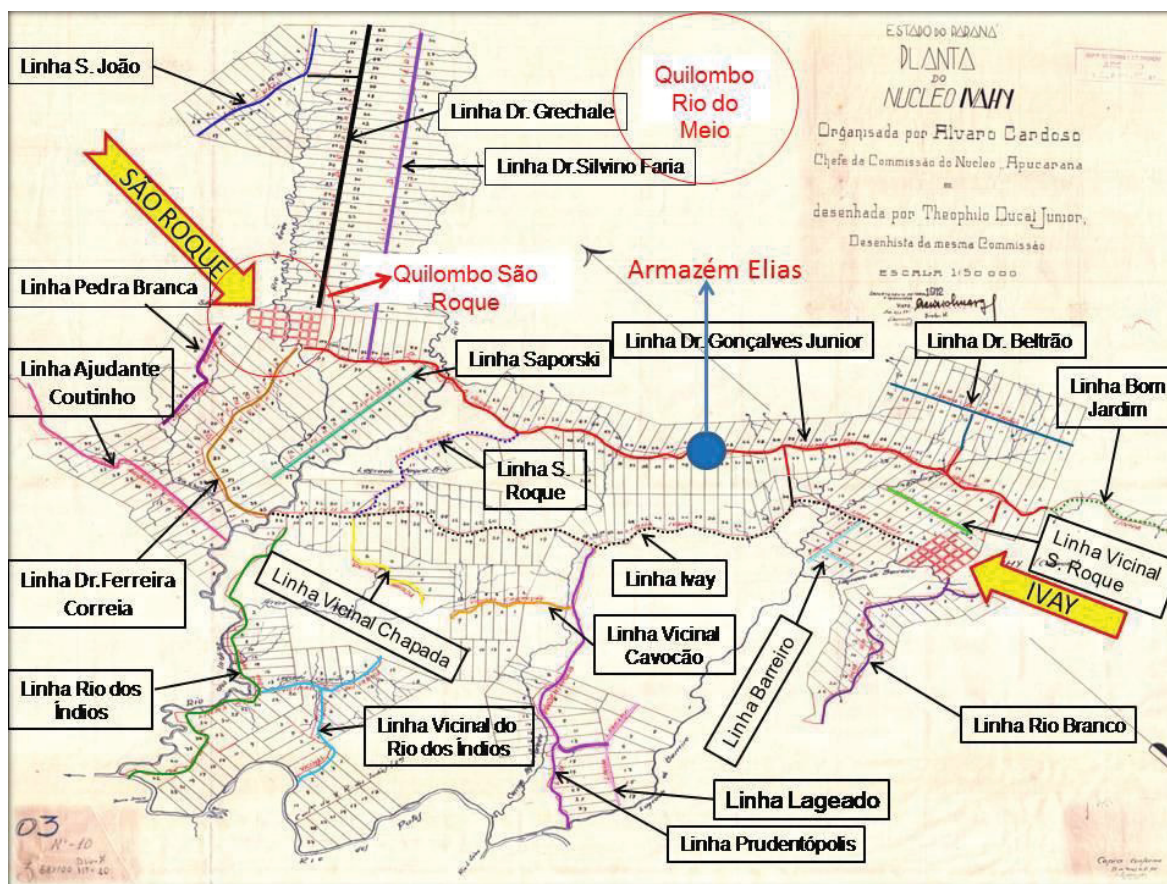
5.1 O QUE ESTRANGEIROS E NACIONAIS COMPRAVAM NOS ARMAZÉNS DA COLÔNIA IVAÍ?

Conforme visto nos itens anteriores, muitos imigrantes e nacionais circularam pelo território brasileiro antes e pós-escravidão. Alguns acabaram se estabelecendo no atual Estado do Paraná e se fixaram no espaço em que na primeira década do século XX foi criada a colônia federal Ivaí, onde passaram a desenvolver várias atividades para sobreviver. Produziam tanto para o consumo quanto para comercializar os excedentes nos armazéns próximos as suas moradas.

Dentre as casas comerciais mais frequentados pelos negros que habitavam o território do atual município de Ivaí, pode-se destacar o estabelecimento de Elias Pyetlowancy. O mesmo foi uma das primeiras casas comerciais aberta na região, e também era próximo ao quilombo de Rio do Meio e de São Roque, o que facilitava o acesso desses indivíduos a esse armazém³¹³.

³¹³ Sobre a presença desses indivíduos em outros armazéns da região não foi encontrado fontes.

FIGURA 7 – LOCALIZAÇÃO DO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW



Fonte: arquivo do Instituto Ambiental do Paraná (IAP).
Adaptado por: Koss, Lucimara (2018).

O estabelecimento era frequentado tanto por migrantes nacionais (aqui se incluem quilombolas, descendentes de portugueses, entre outros) quanto por imigrantes europeus, por isso o mesmo foi selecionado para analisar o que cada cliente comprava e como pagava suas aquisições. Esses dados revelam parte do cotidiano dessas pessoas, pois segundo Maria Luiza Ferreira de Oliveira, “os artigos vendidos mostram ao visitante um pouco da vida dos habitantes da cidade, e observar as lojas e os seus produtos ajuda a tecer uma imagem dos moradores locais [...]”³¹⁴. Portanto, através dos registros de consumo foi possível levantar dados culturais sobre cada grupo, pois comprar não é um ato inconsciente, as escolhas são influenciadas por tradições, costumes, valores.

³¹⁴ OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiências da urbanização: São Paulo, 1850-1900.** São Paulo: Alameda, 2005, p. 211.

Na perspectiva certonianiana³¹⁵, a ação de comprar um produto pode ser vista como uma ação planejada, tanto estrangeiros quanto nacionais se dirigiam para o armazém tendo em mente o que iam buscar no local e o que pretendiam fazer com determinado produto. Nesse aspecto, ver o que cada cliente consumia, diz muito sobre a vida cotidiana das pessoas que habitavam o local, todo produto adquirido esconde estratégias e táticas de combinação com outros elementos baseados em representações e valores culturais de cada sujeito. Nesse sentido, de acordo com Carlos Roberto Antunes dos Santos:

Os alimentos não são somente alimentos. Alimentar-se é um ato nutricional, comer é um ato social, pois se constitui de atitudes, ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações. Nenhum alimento que entra em nossas bocas é neutro. A historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais, como espelho de uma época e que marcaram uma época. Dessa forma, uma comunidade pode manifestar na comida emoções, sistemas de pertinências, significados, relações sociais e sua identidade coletiva³¹⁶

Comer e beber, conforme salientou Carlos Roberto Antunes dos Santos³¹⁷ e Eliane Morelli Abrahão³¹⁸, são fenômenos socioculturais que se alteram ao longo do tempo e conforme a mudança do espaço. Assim, podemos cogitar que os hábitos alimentares de imigrantes e migrantes, brancos ou não-brancos, são alterados à medida que as pessoas circulavam pelo território e estabeleciam interações com outros indivíduos e espaços. Exemplo disso são as práticas alimentares entre descendentes de ucranianos em Prudentópolis, município limítrofe a Ivaí. Lá as pessoas com ascendência ucraniana mantiveram e/ou tentaram manter as tradições alimentares, mas em razão da mudança alguns ingredientes tiveram que ser substituídos por outros que lembraram a receita

³¹⁵ CERTEAU, Michel de; LUCE, Giard; PIERRE, Mayol. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 9ª edição. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Oth. Rio de Janeiro – Petrópolis: Vozes, 2009.

³¹⁶ SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A comida como lugar de história: as dimensões do gosto. **HISTÓRIA: Questões & Debates**. Curitiba, n. 54, jan/jun. 2011, Ed. UFPR, p. 108.

³¹⁷ Idem SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. 2011.

³¹⁸ ABRAHÃO, Eliane Morelli. **Os receituários manuscritos e as práticas alimentares em Campinas, (1860-1940)**. Campinas, 2014. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. p. 15.

original e alguns totalmente novos foram inseridos³¹⁹. Outro exemplo são os imigrantes eslavos que se estabeleceram na colônia Ivaí. Através da análise dos livros caixa³²⁰, notou-se que os estrangeiros tiveram que se adaptar ao regime alimentar da região. Esses passaram a consumir principalmente carne de porco, toucinho, torresmo, banha e produtos oferecidos pela natureza³²¹. Segundo Catarina L. Kalatay, quando seus familiares chegaram ao Brasil, devido à escassez de alimentos tiveram que readaptar seus hábitos alimentares, conforme afirma: “[...] Sabe do começo quando eles entraram na colônia Ivaí era tudo mata, a mãe juntava pinhão, secava e socava no monjolo para fazer algum pãozinho [...]”.³²² Portanto, percebe-se que nos primeiros anos de residência no local, até conseguirem produzir trigo, os imigrantes tiveram que inovar as práticas culinárias trazidas da Europa.

A comida, assim como a receita, também faz referência à classe social dos indivíduos que a consomem, como exemplo pode-se citar novamente o estudo de Abrahão³²³, a autora avaliou as receitas manuscritas por três mulheres pertencentes à elite cafeicultora paulista e na análise das receitas percebeu que muitos ingredientes eram produtos encontrados na própria fazenda, outros necessitavam de importação, fosse de regiões do Brasil ou até do exterior³²⁴. Mas, como a culinária é algo praticado, na perspectiva certoniana³²⁵, alguns pratos e/ou ingredientes simplesmente desapareceram com o passar dos anos, exemplo disso foi ressaltado por Eliane Crestiane Lupepsa Costenaro, pois algumas receitas ucranianas traziam a urtiga como item, produto que praticamente desapareceu dos pratos tidos como típicos da mesa ucraniana em

³¹⁹ COSTENARO, Eliane Crestiane Lupepsa. **Para a dona de casa: comida e identidade entre descendentes de ucranianos em Prudentópolis, PR, 1963-1976**. Irati, 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati – PR, 2013. p. 100.

³²⁰ Pyetlowanciw, Elias. Livro caixa de negócios de secos e molhados, fazendas, armarinho, roupas feitas, etc., do período de 1912 até meados da década de trinta. Acervo pessoal, Mariano Derkacz.

³²¹ KOSS, Lucimara. Carroceiros tropeadores de porcos e o comércio em Ivaí-PR (1910-1950). In: SOCHODOLAK, Hélio (Org.); NETO ARIAS, José Miguel (Org.) **Capítulos de História do Paraná**. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

³²² KALATAY, Lobacz Catarina. Entrevista concedida a Lucimara Koss em 23 de junho de 2008.

³²³ ABRAHÃO, Eliane Morelli. 2014. Op. Cit.

³²⁴ Idem ABRAHÃO, Eliane Morelli. 2014. p. 142.

³²⁵ CERTEAU, Michel de; LUCE, Giard; PIERRE, Mayol. **A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar**; tradução de Ephraim F. Alves e Lucila Endlich Orth. 6ª edição. Rio de Janeiro-Petrópolis: Vozes, 2005.

Prudentópolis³²⁶. O que atesta que se alimentar não representa apenas o feito de pratos cotidianos, mas também, transformações³²⁷.

Além dos produtos cozidos e degustados, o modo como são preparados e ingeridos, o local em que é consumido, o tipo de talheres, a qualidade da louça, enfim, tudo que envolve o ato da alimentação não se resume a uma atividade fisiológica³²⁸. Diante disso, que os manuais de etiqueta, as maneiras de se portar à mesa, também analisados por Abrahão³²⁹, assim como a arquitetura dos armazéns de Ivaí e os copos usados para servir a cachaça aos consumidores, nos permitem perceber o mundo social em que nossos atores sociais vivem/viveram.

Levando-se em conta todas essas considerações, é hora de adentrar no espaço comercial de Elias e verificar o que os habitantes do quilombo do Rio do Meio iam procurar no armazém.

5.1.1 Produtos comprados pelos afrodescendentes do quilombo Rio do Meio no armazém de Elias

Em relação específica aos fregueses que habitavam o quilombo de Rio do Meio, observando as informações contidas no livro caixa do armazém, nota-se que esses buscavam aquilo que não conseguiam produzir. Os produtos adquiridos remetiam necessariamente as necessidades básicas do cotidiano. Isso fica claro nas compras realizadas por Miligirido Ferreira:

³²⁶ COSTENARO, Eliane Crestiane Lupepsa. 2013. Op. cit. p. 96.

³²⁷ SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. 2011. Op. Cit. p.114.

³²⁸ SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **Alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa**. Campinas: ANPUH Nacional, 2004.

³²⁹ BRAHÃO, Eliane Morelli. 2014. Op cit. p. 227.

FIGURA 8 – COMPRA REALIZADA POR MILIGIRDO FERREIRA EM 1914-1916

Miligirdo Ferreira - Rio do Meio.		Deve Haver.
Maio 21 1914	1 s. sel. 91. 1200 1 cobertal 6000 phosphoro 100	7.300
Julho 16	1 s. de Sincera 5000 do mesmo 21 Maio 914 cobertal 300	5.300
Maio 28 1916	por compra 500 Roberto 6000 1 cor fio 800	6.800
Julho 20	2 chapas 10000 3 mto Ladrão 2.100	3.100

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de produtos consumidos no período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz.

Como é perceptível na imagem acima, na primeira linha consta o nome do cliente. Do lado direito o dono da venda descreveu a localidade que seu freguês residia (dessa forma foi possível identificar os clientes que eram do quilombo de Rio do Meio). Na lateral esquerda a data da compra, em seguida os produtos comprados ou as formas de pagamentos. A linha que converge para o item “deve”, se refere aos produtos que foram obtidos pelo cliente. A linha que leva até o item “haver” do lado direito, registra a forma como o cliente pagou aquela conta.

Miligirdo Ferreira, residente na localidade Rio do Meio, adquiria na venda produtos que não eram produzidos em sua propriedade, tais como: sal, cobertor, fósforo, fio, chapéu, tecido. O mesmo ocorria com muitos outros clientes do quilombo.

Interessante ressaltar que Miligirdo aparece como cliente do armazém de Elias. Seu nome consta nos registros de compra e venda desse armazém nas primeiras décadas do século XX, mas não foi encontrado a certidão de óbito dessa pessoa. O mesmo vale para muitos outros clientes oriundos da mesma comunidade quilombola. Isso levanta duas possibilidades: a primeira que esses indivíduos podem ter migrado do quilombo e falecido em outras regiões, e a

segunda, a mais provável, que muitos habitantes do quilombo não se dirigiam até o cartório para declarar quem falecia na comunidade. Se essa última hipótese estiver certa, essas informações podem alterar os números descritos na tabela 20, pois poderia ter falecido muito mais do que 34 negros em Ivaí na primeira metade do século XX.

Voltando aos demais clientes do quilombo de Rio do Meio, alguns se dirigiam até as vendas com o objetivo de comprar um chapéu de pano para o passeio, ou de palha para enfrentar os dias de sol na roça. Outros para adquirir foice para derrubar a mata e plantar feijão; caixa de fósforos para acender o fogo e preparar o alimento de cada dia; pedaço de tecido para tecer uma veste ou até mesmo um litro de cachaça para ser degustada. Enfim, conforme aponta a tabela a seguir, eram vários os tipos de mercadorias que atraíam os afrodescendentes.

TABELA 24 – PRODUTOS E SERVIÇOS ADQUIRIDOS NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW POR AFRODESCENDENTES HABITANTES DO QUILOMBO RIO DO MEIO DE 1912 A 1940³³⁰

Produto adquirido	Produtos	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Porcentagem*
Alimentos [10%]	Sal	16	2,9
	Açúcar	13	2,2
	Toucinho	9	1,4
	Café (1) feijão (1)	2	0,3
	Farinha de trigo	5	0,7
	Pimenta	1	0,1
	Ovo	6	0,8
	Erva	6	0,8
	Milho	3	0,5
	Bombom	2	0,3
Bebida [6,7%]	Vermute (1) vinho (3)	4	0,6
	Cachaça	36	6,1
Ferramentas de trabalho e acessórios [2,2%]	Enxada (2) foice (5)	7	0,9
	Prego (1) serrote (1)	2	0,3
	Saco de estopa	2	0,3
	Botões e fio	5	0,7
Tecidos e vestimentas em geral [10,2%]	Tecido	31	5,3
	Sapato (1) chinelo (1)	2	0,3
	Pala (1) meia (1)	1	0,3
	Cobertor (8) Camisa (8)	16	2,4
	Lenço	5	0,7
	Chapéu	8	1,2
Acessórios de cozinha [1,1%]	Balde (1) Faca (1)	2	0,3
	Lata e vidro	3	0,5
	Panela	2	0,3
Diversos [4,1%]	Bala calibre 32 e pólvora	3	0,5
	Baralho	3	0,5
	Querosene	8	1,2
	Pente (1) mamadeira (1)	2	0,3
	Caixão e mortalha	3	0,5
	Fósforo	7	1,0
	Cavalo	1	0,1
Serviços [1%]	Corte de camisa/calça	2	0,3
	Empréstimo de dinheiro	3	0,6
	Cura de cavalo	1	0,1
Medicamentos [0,2%]	“Essência Maravilhosa”	1	0,1
	“Frasco Marumby”	1	0,1
Não descreve 64,5%	-	-	64,5
Total [100%]	-	-	100

* Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

³³⁰ Para chegar a esses resultados foi somado quantas vezes determinado produto foi comprado no armazém.

Conforme é perceptível na tabela 24, dentre os produtos descritos no livro caixa, a cachaça é a que mais aparece. Essa, era consumida tanto em copo dentro do armazém em pequenas doses, quanto em litros que seriam levados para casa. Portanto, os espaços do armazém também eram mais que um simples lugar de compra e venda para os afrodescendentes³³¹. O consumo da água ardente, em pequena quantidade no local, pode ser visto como reflexo das relações de sociabilidade. Essa poderia ser consumida enquanto realizava-se a compra, ou até mesmo enquanto se colocavam as novidades em dia com o dono da venda ou com algum conhecido. Do mesmo modo, poderia ser degustada enquanto às negociações de compra e venda eram realizadas com o bodegueiro.

Além dos registros de consumo evidenciarem parte da economia e dos hábitos alimentares, também indicam a presença de arma de fogo entre os indivíduos que habitavam a localidade do Rio do Meio, bem como entre os imigrantes europeus. Entre os produtos descritos no livro caixa, aparece a aquisição de balas de revólver calibre 32 e pólvora para carregar cartucho de espingarda. Ambos eram comprados tanto por imigrantes europeus quanto pelos afrodescendentes que habitavam a região. O uso de armamento poderia ser utilizado com diversos objetivos. Entre eles, pode-se citar a questão da caça de animais e a segurança pessoal.

Cruzando esses dados com os registros de óbitos de Ivaí da primeira metade do século XX, percebe-se que algumas dessas balas e pólvora ceifaram vidas humanas. Era comum ocorrer acidentes com armas de fogo, homicídios e alguns suicídios. Conforme foi visto no quadro 1, somando tanto os casos de acidentes quanto de suicídios e homicídios, ocorreram cerca de 26 mortes relacionadas a arma de fogo. Número extremamente alto se levarmos em conta outros motivos de falecimentos que ocorreram no local.

³³¹ KOSS, Lucimara. **Os armazéns de Ivaí Paraná na primeira metade do século XX: espaço cultura e sociabilidade**. In: COSTA, Lourenço Resende; SILVA, José Junior; KOSS, Lucimara (Orgs): Fragmentos de identidade e cultura. São Paulo: Todas as Musas, 2018.

Por fim, dentre as mercadorias descritas, a tabela 24 demonstra a aquisição de tecido como segundo produto mais procurado no armazém pelos afrodescendentes. Esse era comprado em metros e levado para transformar-se em uma veste. Além desse, os negros também buscavam ferramentas para trabalhar, tais como enxada e foice. Isso comprova que os mesmos também desenvolviam práticas agrícolas no local e contribuíram para o desenvolvimento da agricultura e produção interna.

Por último, vale destacar empréstimos de dinheiro realizados no armazém por parte dos afrodescendentes. Portanto, a casa comercial também servia como casa bancária para alguns habitantes do Rio do Meio. Isso demonstrou claramente que as relações entre afrodescendentes e imigrantes europeus não se restringiam somente a conflitos.

Do mesmo modo, demonstra outro lado daquele apontado por Karl Monsma³³², Lúcia Helena Oliveira Silva³³³ e José Luiz Simões³³⁴. No caso de São Paulo, as relações entre imigrantes e negros pós-abolição poderiam sim ser de desconfianças conforme descritas pelos autores, porém no caso da colônia federal de Ivaí, nota-se algo diferente. Se em São Paulo, em pleno processo imigratório, o negro estava marcado pelo estigma da escravidão como encrenqueiro, vadio, desordeiro, na colônia Ivaí percebe-se outra visão. Como exemplo pode-se citar essas relações de empréstimos. O imigrante dono do armazém confiava em muitos clientes negros que lhe pediam empréstimo de dinheiro. Portanto, se o intuito dos afrodescendentes que migraram para Ivaí era fugir da desconfiança deixada pela escravidão de seus antepassados, relacionada a cor, percebe-se que em alguns aspectos deu certo.

Isso também pode estar relacionado às diferenças entre as políticas imigratórias voltadas para o Sudeste e para o Sul do Brasil. Enquanto em estados como São Paulo o negro teria que competir com a mão de obra imigrante branca no mercado de trabalho, no Paraná, mais precisamente na colônia Ivaí, as políticas imigratórias estiveram voltadas para o desenvolvimento da pequena propriedade agrícola. Conforme afirma Maria Ignês Mancini de Boni,

³³² MONSMA, Karl. 2010. Op. Cit. p. 509-543.

³³³ SILVA, Lúcia Helena Oliveira. Op. Cit. 2015.

³³⁴ SIMÕES, José Luis. Op. Cit.

Conjugadas as necessidades de ocupação de espaço e produção de alimentos, a imigração estrangeira foi vista como a solução natural, ressaltando-se que no Paraná não tinha como meta a obtenção de mão de obra para a grande lavoura, mas povoar a região, e, principalmente, formar uma espécie de cinturão verde no entorno da capital, com colônias agrícolas, para suprir o mercado de produtos que diminuíssem as crises de abastecimento do mercado curitibano.³³⁵

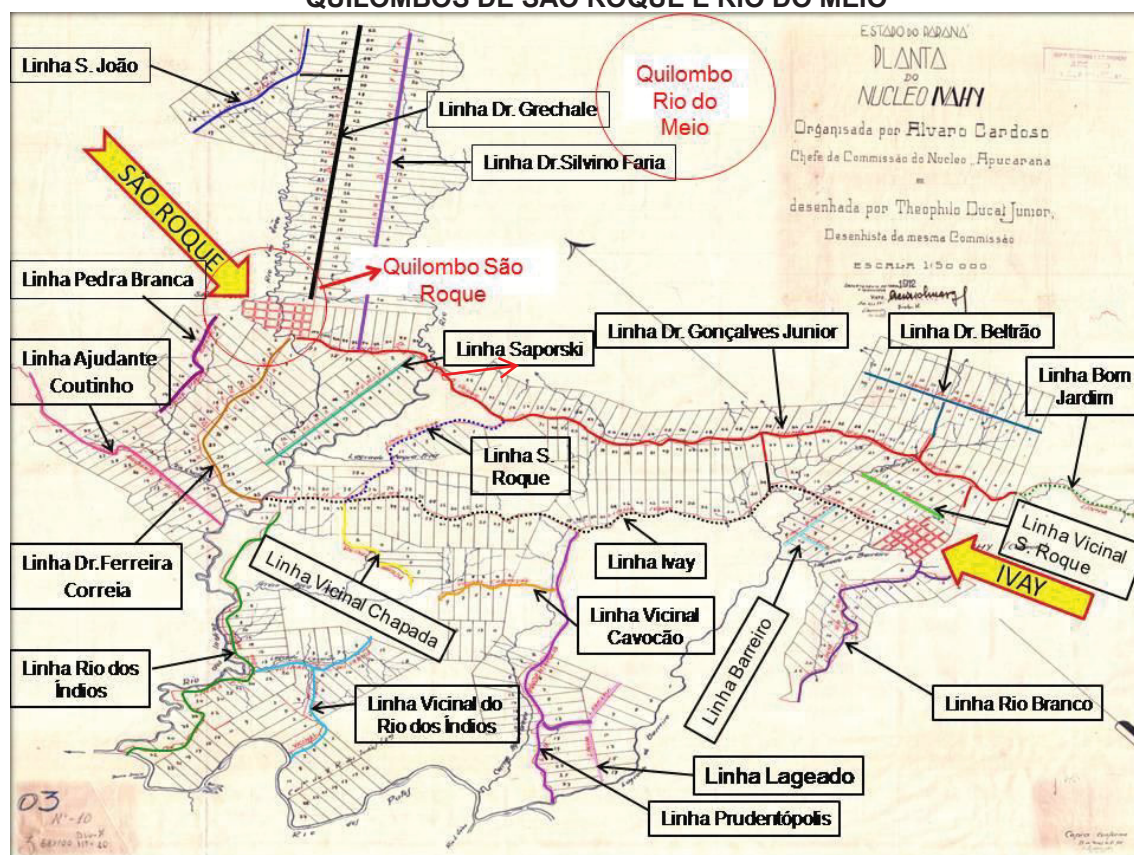
Nesse sentido, os imigrantes que foram direcionados para Ivaí deveriam cumprir os objetivos estaduais de desenvolver a pequena propriedade agrícola e produzir alimentos. Portanto, conforme dados levantados, tanto da planta de criação da colônia³³⁶ quanto dos registros de distribuição de lotes³³⁷, cada imigrante recebeu do governo um pedaço de terra equivalente a área de 10 alqueires. Isso quer dizer que se tornaram proprietários de terras e não disputavam o mercado de trabalho com os nacionais como em São Paulo nos cafezais. Porém, conforme visto na introdução, para alguns autores que estudaram os quilombos de Ivaí, a distribuição de terras gerou conflitos entre imigrantes e quilombolas já estabelecidos no local. Para discutir essa questão, faz-se necessário observar as linhas e os quilombos na imagem a seguir:

³³⁵ BONI, Maria Ignês Mancini de. **Imigrações/Migrações em Curitiba: outras histórias**. Anais do Simpósio Nacional de História -ANPUH- São Paulo, julho de 2011, pg. 1. Disponível em http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308144742_ARQUIVO_Anpuh2011textocompleto.pdf Acesso em 02 de outubro de 2015.

³³⁶ Planta do núcleo colonial Ivaí de 1912.

³³⁷ Registros de terras da colônia federal Ivaí. Arquivo: Instituto Ambiental do Paraná (IAP).

FIGURA 9 – PLANTA DO NÚCLEO COLONIAL IVAÍ DE 1912 COM LOCALIZAÇÃO DOS QUILOMBOS DE SÃO ROQUE E RIO DO MEIO



Fonte: JUNIOR DUCAL, Theophilo. **Planta do núcleo colonial Ivai de 1912**. Arquivo: Instituto Ambiental do Paraná (IAP).
Adaptado por: Koss, Lucimara (2018).

Conforme explícito nas informações da fonte acima, percebe-se claramente que inicialmente a divisão dos lotes destinados aos imigrantes europeus não atingiram o quilombo de Rio do Meio. Portanto, isso confronta com algumas informações contidas na bibliografia ivaiense, pois conforme visto na introdução dessa tese, alguns autores defenderam que a chegada dos imigrantes gerou cisão no quilombo do Rio do Meio levando-os a migrarem para o quilombo de São Roque. Se esses indivíduos tivessem migrado do quilombo de São Roque para o de Rio do Meio devido à chegada dos imigrantes e disputas pela terra, essa afirmação seria mais provável porque a distribuição de lotes atingiu o quilombo de São Roque e não o de Rio do Meio. Isso quer dizer que a migração de parte do grupo ocorreu muito antes da chegada dos imigrantes. Portanto, poderia sim haver disputas territoriais, mas o que fica claro é que existe a

possibilidade de ter sido construído uma memória que não bate com os dados das fontes apresentadas. Além disso, as relações de compra e venda no armazém demonstraram que havia interação amistosa entre os dois grupos.

5.1.2 Produtos adquiridos pelos imigrantes europeus

Em relação às pessoas de origem europeia que frequentavam o armazém, foi possível levantar uma gama maior e mais variada de informações devido ao fato de a grande maioria dos clientes serem imigrantes europeus ou descendentes destes. Portanto, o número de compras realizadas por esses indivíduos era muito maior do que dos habitantes do quilombo do Rio do Meio.

Muitos estrangeiros que se estabeleceram no local, se dirigiam até a venda para adquirir ferramentas para o trabalho. Dessa forma, observando os dados do livro caixa, através desses instrumentos que os clientes compravam, foi possível ver parte das atividades desenvolvidas pelos imigrantes no local. A tabela a seguir relata esses dados:

TABELA 25 – FERRAMENTAS DE TRABALHO E ACESSÓRIOS ADQUIRIDOS PELOS CLIENTES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940³³⁸

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa ³³⁹	Porcentagem*
Prego	40	2,07
Fio	37	1,53
Foice	30	1,24
Agulha de costurar	19	0,79
Botões	12	0,49
Enxada	10	0,41
Saco vazio	7	0,29
Lima de afiar enxada e foice	6	0,24
Lousa (quadro de escrever)	6	0,24
Máquina de costura	6	0,24
Grampo	4	0,16
Tinta bayer	4	0,16
Folha de papel de seda	4	0,16
Escova de roupa	3	0,12
Fita	3	0,12
Escala métrica	3	1,12
Livro de leitura (cartilha)	4	0,16
Caderno escolar (3) caderneta (1)	4	0,16
Barbante de costurar saco	2	0,08
Livro de catecismo	2	0,08
Serrote	2	0,08
Cortadeira	2	0,08
Tesoura	2	0,08
Couro de boi	2	0,08
7 livros escolar classe III	2	0,08
Lápis (13) e caneta (1)	14	0,58
Balaio	1	0,04
Alfanje	1	0,04
Dobradiça	1	0,04
Brocha para calhar casa	1	0,04
Alfinete	1	0,04
Machado	1	0,04
Balança meia lua	1	0,04
Total	-	10,1

* Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

³³⁸ Para chegar a esses resultados foi somado quantas vezes determinado produto foi comprado no armazém.

³³⁹ Essa quantidade não corresponde ao número real, pois havia compras em que o dono da venda não descreveu o que foi adquirido, somente colocou o valor total da compra no livro caixa, portanto, só foi registrado nessa tabela os produtos e as quantidades de vezes que apareceram descritas pelo comerciante.

Conforme é perceptível na tabela 25, muitos clientes de ascendência europeia se dirigiam ao armazém para adquirir foice. Essa poderia ser utilizada como uma ferramenta para desenvolver a agricultura no local. Com a mesma era possível cortar a mata para plantar milho, feijão, trigo, arroz. Dentre todas as ferramentas, essa era a mais procurada por essa clientela. Em seguida, vinham acessórios como pregos para a realização de construções e fio para a confecção de roupas. O que demonstra que havia pessoas que desenvolviam tanto atividades de pedreiro quanto de alfaiate.

Outros clientes se dirigiam ao armazém para adquirir enxada. Essa poderia ser utilizada para carpir a plantação de feijão, milho, arroz; ou até mesmo para trabalhar na horta cultivando repolho, cebola, batata, ervilha, alface, beterraba, pepino, tomate, alho, abóbora.

Outro dado interessante na tabela 25, é a aquisição tanto de lousa (quadro de escrever), quanto de cadernos, livros de alfabetização, lápis e canetas. O que demonstra que entre os imigrantes havia pessoas que se dedicavam à atividade de ensinar ler e escrever. Isso também foi constatado em outras informações do livro caixa. Dentre todos os clientes, havia uma mulher que pagava suas compras com dinheiro e com o trabalho de alfabetizar. Quem contratava o serviço deixava que a professora comprasse alimentos no armazém no seu nome como forma de pagamento. Portanto, na falta de dinheiro, havia uma troca de mercadorias por serviço de alfabetização.

Em relação aos produtos alimentícios comprados pelas pessoas de origem europeia, foi possível identificar os seguintes:

TABELA 26 – COMESTÍVEIS E DERIVADOS ADQUIRIDOS PELOS CLIENTES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940³⁴⁰

Produto	Quantidade de vezes descrita no livro caixa ³⁴¹	Porcentagem *
Açúcar	111	4,61
Café	83	3,45
Sal	54	2,24
Fumo	53	2,20
Milho	50	2,07
Toucinho	26	1,08
Bombom	21	0,87
Pão	18	0,74
Vinagre	13	0,54
Farinha de trigo	13	0,53
Lúpulo	12	0,49
Bolacha	9	0,37
Ovos	9	0,37
Pimenta	9	0,37
Erva	8	0,33
Farinha de milho	7	0,29
Arroz	6	0,24
Feijão	6	0,24
Balas comestíveis	5	0,20
Batatinha	5	0,20
Azeite	4	0,16
Chá de Hamburgo	4	0,16
Óleo de rícino	4	0,16
Peixe	3	0,12
Sal amargo	3	0,12
Cravo	2	0,08
Mostarda	2	0,08
Óleo de linhaça	2	0,08
Rapadura	2	0,08
Trigo	2	0,08
Batata doce	1	0,04
Canela	1	0,04
Caramelo	1	0,04
Centeio	1	0,04
Mexericas	1	0,04
Repolho	1	0,04
Semente de repolho	4	0,16
Porco	1	0,04
Total	-	22,9

*Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

³⁴⁰ Ver nota 338.

³⁴¹ Ver nota 339.

O artigo mais procurado pela clientela europeia era o açúcar, isso estava associado ao fato de não se conseguir produzi-lo em suas propriedades e ser trazido de Ponta Grossa pelos carroceiros. Do mesmo modo, a alta procura desse produto poderia remeter-se as receitas de pratos doces trazidos da Europa.

Além de buscarem mantimentos e ferramentas para o trabalho no armazém, as pessoas de origem europeia também compravam bebidas alcóolicas, tais como:

TABELA 27 – BEBIDAS COMPRADAS PELOS CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

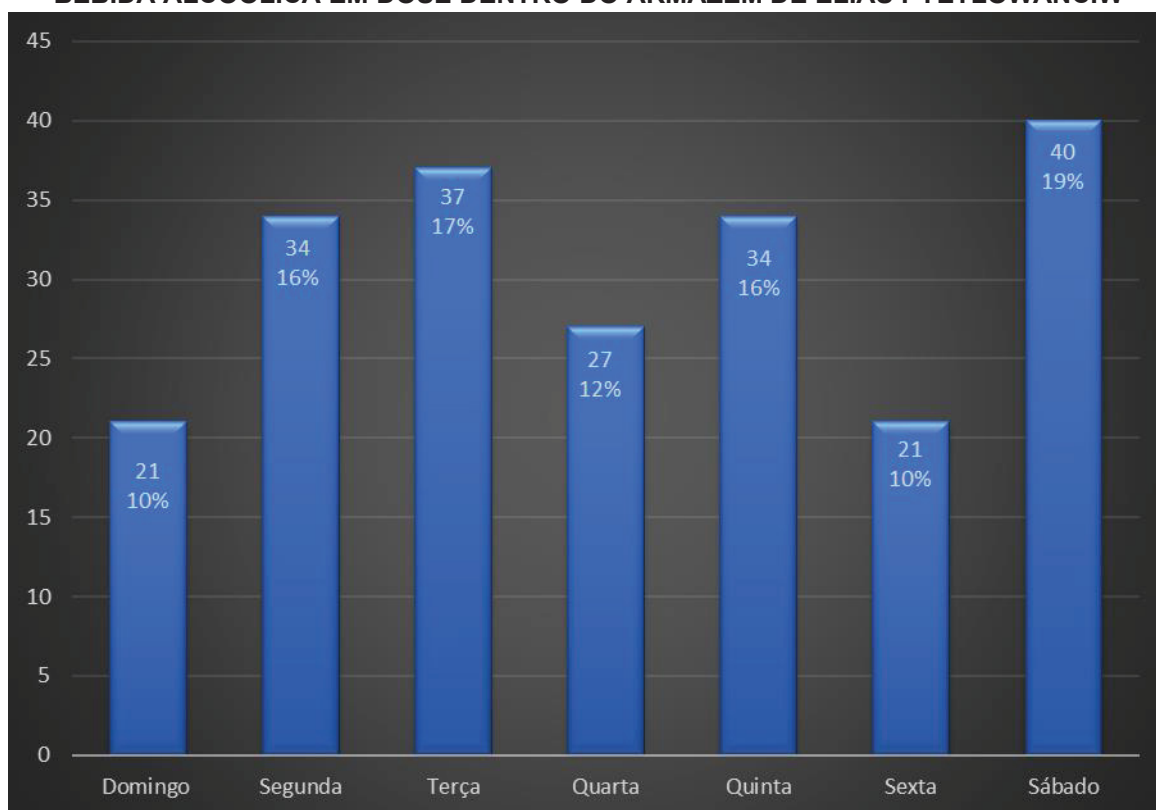
Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa*	Porcentagem*
Bebida alcoólica bitter	11	0,45
Bebida alcoólica bitter consumida no local	1	0,04
Cerveja	10	0,41
Bebida alcoólica fernet	16	0,66
Gengibirra	7	0,29
Licor	16	0,66
Bebida alcóolica Pain-expeller	3	0,12
Pinga	325	13,9
Pinga em copo consumida no local	58	2,41
Vermute	1	0,04
Vinho	107	4,44
Vinho em copo consumido no local	10	0,41
Vinho favorito	2	0,08
Vinho Vermont	1	0,04
Total	-	23,9

*Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Percebe-se claramente na tabela 27 que dentre as bebidas compradas, a que mais se destacava era a cachaça e em seguida o vinho. O consumo tanto de aguardente quanto de vinho em copo no armazém, indica que o local ia muito além de um simples espaço de compra e venda. Ali, enquanto negociavam-se as mercadorias, poder-se-ia beber um trago e trocar informações tanto com o dono do estabelecimento, quanto com outros indivíduos que se encontravam no local. Fazendo um levantamento dos dias da semana que cada frequentador do ambiente comercial consumiu algum tipo de bebida alcoólica em doses no armazém, foi possível chegar aos seguintes resultados:

GRÁFICO 8 – DIAS DA SEMANA EM QUE OS CLIENTES CONSUMIRAM ALGUM TIPO DE BEBIDA ALCOÓLICA EM DOSE DENTRO DO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW



Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

A partir dos dados do gráfico acima, percebe-se que os clientes não tinham um dia em específico para tomar um trago no armazém, porém vale destacar o sábado. Esse era o dia em que mais apareceu a venda de algum tipo de bebida alcóolica em dose para as pessoas que se dirigiam até a venda fazer algum tipo de compra. Portanto, após uma longa semana de trabalho na lavoura, no sábado o armazém transformava-se em um lugar de ponto de encontro entre as pessoas. Enquanto se degustava um copo de cachaça poder-se-ia ter alguns momentos de distrações para contar causos e novidades com os conhecidos e amigos que se encontravam no local. O mesmo equivalia para o domingo ou dias da semana chuvosos. Nesses dias as pessoas não trabalhavam nas lavouras e o armazém transformava-se em um lugar de lazer. Sem pressa de ir para casa, ali poder-se-ia passar a tarde bebendo, trocando informações e jogando truco com os companheiros.

Em uma sociedade como esta, o armazém se tornava ponto de encontro entre quilombolas e imigrantes europeus. Lugar de sociabilidade que propiciava alguns minutos de prazer e distrações. Espaço em que se poderia negociar serviço, degustar bebida com os amigos, tomar chimarrão, falar das novidades cotidianas tal como da lavoura, da vida alheia e em certos casos praticar algum tipo de jogo enquanto era colocado na roda um copo de cachaça ou vinho.

Além de ser local de tomar um trago, comprar alimento, adquirir ferramentas para o serviço, o armazém também servia como farmácia para os imigrantes e seus descendentes. Na falta de médicos na região, quando doente, ali poder-se-ia adquirir:

TABELA 28 – MEDICAMENTOS EM GERAL E PRODUTOS QUÍMICOS ADQUIRIDOS PELOS CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Porcentagem*
Arnica	1	0,04
“Vidro de beladona”	1	0,04
Creolina	13	0,54
Essência maravilhosa	1	0,04
Enxofre	1	0,04
Frasco marumby	1	0,04
Pomada Minâncora	7	0,29
Frasco de bronil	2	0,08
Frasco de acônito	1	0,04
Total	-	1,1

* Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Portanto, a casa comercial era vista como um lugar de socorro tanto para alimentar-se quanto para medicar-se, ou até mesmo para fazer empréstimos, conforme consta na tabela a seguir:

TABELA 29 – SERVIÇOS ADQUIRIDOS PELOS CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Porcentagem*
Aluguel de capoeira	11	0,49
Aluguel de potreiro	1	0,04
Corte e feitio de calça	6	0,20
Corte e feitio de camisa	2	0,08
Corte e feitio de terno	16	0,69
Depositou dinheiro	4	0,16
Despesa do meio alqueire de	1	0,04
Empréstimo de dinheiro	13	0,54
Emprestou fumo	1	0,04
Enxerto de boi	5	0,20
Frete de casca de madeira	1	0,04
Total	-	2,4

* Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Conforme é perceptível nos dados acima, algumas pessoas se dirigiam ao armazém para emprestar dinheiro para comprar um pedaço de terra ou fazer qualquer outro negócio, portanto, o armazém também era utilizado pelos imigrantes europeus como casa bancária. Enquanto uns emprestavam dinheiro, outros depositavam e sacavam o depósito em forma de compra cada vez que se dirigiam à venda.

Esse depósito não era somente de dinheiro, na tabela 29 não consta porque trata da prestação de serviços, mas havia muitas pessoas que pagavam suas contas com porco. Caso o dinheiro da venda do suíno ao dono do armazém fosse superior ao valor da compra realizada, o comerciante não devolvia o restante do capital, deixava em haver para ser descontado em compras futuras em seu estabelecimento comercial. Isso ficou claro na fala do consumidor João Mann:

[...] Às vezes o dono do armazém ocupava dinheiro do colono também. Às vezes a gente vendia algum porco e o dono da casa comercial se queixava que precisava abastecer a bodega e perguntava se dava para esperar o pagamento uns trinta dias. Então eu me lembro que as vezes meu pai vendia porco comprava o que precisava para casa e deixava o resto. Um ajudava o outro [...]³⁴²

³⁴² MANN, João Sobrinho. Entrevista concedida a Lucimara Koss em 15 de dezembro de 2011.

Portanto, o armazém também era espaço de distinção social. As relações de crédito davam prestígio tanto ao comerciante que emprestava dinheiro ou negociava a prazo, quanto ao freguês que depositava ou vendia algum produto deixando-o como crédito. No primeiro caso, o dono do estabelecimento comercial passava a ser reconhecido socialmente por ser portador de capital econômico superior aos de seus clientes. No segundo, o freguês que vendia algum produto e deixava em haver para ser descontado aos poucos na compra de outras mercadorias, ganhava a amizade e a confiança do dono do armazém para comprar fiado em épocas de crise.³⁴³

Outros imigrantes se dirigiam até o armazém para negociar aluguel de terras com o dono da venda, ou até mesmo o corte de algum tipo de roupa. Nesse caso, o dono do armazém tinha um alfaiate definido para fazer esse serviço. Como pagamento o mesmo adquiria produtos comestíveis em troca de corte de calça, camisa, terno.

Como é perceptível até aqui, no armazém poder-se-ia, praticamente, encontrar de tudo, até mesmo tecido para fazer uma veste para ir às compras ou tomar um trago com algum amigo. Também havia roupas e acessórios já prontos para sustentar os hábitos estéticos. Dentre os produtos mais procurados nesse sentido, estava o chapéu. O mesmo se destacava entre as vendas, conforme aponta tabela a seguir:

³⁴³KOSS, Lucimara. 2013. Op. Cit. p. 186.

TABELA 30 – VESTIMENTA PRONTA (ROUPAS, CALÇADOS, COBERTAS, ACESSÓRIOS EM GERAL) E TECIDOS ADQUIRIDOS PELOS CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Porcentagem*
Acolchoado	5	0,20
Boné	6	0,24
Botina	2	0,08
Calça	9	0,37
Camisa	30	1,24
Ceroula	4	0,16
Xale	6	0,24
Chapéu	87	3,61
Chinelo	18	0,74
Cobertor	6	0,24
Guaiaca	2	0,08
Lenço	57	2,37
Par de meias	17	0,70
Mortalha	5	0,20
Pala	7	0,29
Peça ponto russo	2	0,08
Sandália	1	0,04
Sapato	21	0,87
Sobretudo	2	0,08
Suspensórios	3	0,12
Terno	13	0,53
Cadarço	2	0,08
Vestido	1	0,04
Tecido sem especificação	76	3,14
Tecido algodão	59	2,81
Tecido fustão	4	0,16
Tecido linho	1	0,08
Tecido brim	72	2,99
Tecido castor inglês (1) e renda (1)	2	0,08
Tecido chita	24	0,99
Tecido ganga	8	0,33
Tecido inlet	5	0,20
Tecido morim	22	0,91
Tecido riscado	9	0,37
Tecido xadrez	47	1,95
Pelúcia	8	0,33
Retalho	7	0,29
Total	-	27,2

*Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Ao olhar para os tecidos listados na tabela 30, esses dados parecem insignificantes, contudo, a simples aquisição de um determinado tipo de tecido dizia muito sobre os clientes. Uma pessoa que ia até ao armazém comprar tecido inglês para fabricar uma veste, era diferenciada daquela que comprava chita ou

tecido de algodão, pois esses últimos eram muito mais baratos. Portanto, assim como os alimentos indicavam hábitos alimentares, as louças esmaltadas ou tecidos também demonstravam os hábitos estéticos e as condições financeiras de cada cliente. O mesmo pode ser aplicado ao consumo de bebidas alcoólicas, o litro de cachaça era muito mais barato que um litro de vinho.

Cada produto adquirido, carregava consigo valores simbólicos que distinguiram os indivíduos perante a sociedade. Conforme afirma Bourdieu:

[...] os gostos de classe, os quais, ao determinarem a “escolha” dos signos exteriores com o que se exprime a posição social, como as roupas, entendendo-se a hexis corporal ou a linguagem, fazem com que todos os agentes sociais sejam portadores de signos distintivos [...] Em condições tanto de reunir como de separar equivocadamente através de barreiras e proibições explícitas [...] ³⁴⁴.

Tanto para beber quanto para comer, tomar remédio ou preparar os alimentos, as pessoas de ascendência europeia³⁴⁵ ainda buscavam adquirir louças e acessórios para cozinha que também serviam como elementos de distinção social, pois não eram todos que poderiam comprar louça esmaltada. A tabela a seguir descreve algumas dessas mercadorias compradas pelos consumidores de origem europeia.

³⁴⁴ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas Linguísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 103.

³⁴⁵ Aqui não se inclui os portugueses.

TABELA 31 – LOUÇAS E ACESSÓRIOS PARA COZINHA COMPRADOS PELOS CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Porcentagem*
Bacia	16	0,66
Balde	9	0,37
Bule esmaltado	1	0,04
Caldeirão	1	0,04
Caneca	2	0,08
Canivete	3	0,12
Cesta	3	0,12
Chaleira	3	0,12
Chocolateira	11	0,45
Colher	6	0,24
Copo esmaltado	4	0,16
Faca	6	0,24
Forno	1	0,04
Lata vazia	4	0,16
Panela 3 pé	6	0,24
Peneira	3	0,12
Pote	7	0,28
Prato	4	0,16
Pratos esmaltados	1	0,04
Trempe	1	0,04
Quinto vazio	1	0,04
Total	-	3,7

*Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Para fazer o fogo e cozinhar o alimento, também se necessitava de fósforo. Artigo indispensável para preparar o almoço de cada dia, queimar a roça, acender um “paeiro”³⁴⁶, acender velas e lampiões para clarear as noites escuras. Do mesmo modo, era necessário querosene para abastecer o fogo dos lampiões, ou para misturar com cera e passar no assoalho de madeira para deixá-lo mais brilhoso. Além do querosene um dos produtos mais procurados pelos clientes era a soda.

Enquanto alguns buscavam mercadorias para abastecer as lamparinas, outros que não tinham plantado milho se dirigiam até a venda com o objetivo de

³⁴⁶ Espécie de cigarro feito com fumo de corda e palha de milho.

comprar palha picada e fazer colchão para dormir. Também havia aqueles que buscavam pena para confeccionar travesseiro ou perena³⁴⁷.

A casa de comércio também era local em que os imigrantes e seus descendentes encontravam peças e acessórios para carroças, ou até mesmo onde compravam animais para mover seus veículos. Esses poderiam ser utilizados tanto para puxar a carroça quanto para montaria. Nesse último caso, também era utilizado como meio de transporte para vender ou comprar produtos no armazém. Entre os acessórios e animais que foram comercializados estavam:

TABELA 32 – ANIMAIS E ARTIGOS DIVERSOS COMPRADOS PELOS CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Porcentagem*
62 balas de revólver	3	0,12
Anil	8	0,33
Baralho	3	0,12
Bico de mamadeira	1	0,04
Caixão	1	0,04
Calendário	1	0,04
Cera	2	0,08
Chumbo	1	0,04
Fósforo	29	1,20
Graxa para sapato	3	0,12
Guarda chuva	1	0,04
Lampião	4	0,16
Mamadeira	2	0,08
Manga de lampião	2	0,08
Palha picada	12	0,49
Pena	3	0,12
Pente	4	0,16
Pólvora	2	0,08
Querosene	28	1,16
Revólver	2	0,08
Sabão	2	0,08
Sabonete	6	0,24
Soda	52	2,16
Velas	4	0,16
Balança de carro carroça	1	0,04
Chicote e freio	2	0,08
Corda	6	0,24
Corrente de cachorro	1	0,04
Esteio	3	0,12
Graxa para carroça	13	0,54
Pescoçeira de cavalo	1	0,04

³⁴⁷ Coberta feita de pena de pato ou de ganso.

TABELA 32 – ANIMAIS E ARTIGOS DIVERSOS COMPRADOS PELOS CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Conclusão
		Porcentagem*
Sela	1	0,04
Sincerro	2	0,08
Boi	1	0,04
Cachorro	1	0,04
Cavalo	2	0,08
Égua	2	0,08
Pato	1	0,04
Vaca	1	0,04
Total	-	8,7

*Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Por fim, as pessoas compravam caixão e mortalha no armazém. Do mesmo modo, assim como os afrodescendentes, os de origem europeia também compravam balas de revólver ou pólvora para abastecer os cartuchos de espingarda. Com esses armamentos era possível se defender e até mesmo praticar a caça no local para diversificar a alimentação.

Juntando os dados de todas as tabelas de consumo referentes aos imigrantes europeus, percebe-se que a cachaça e os tecidos eram os produtos mais procurados por essa clientela. Contabilizando a aguardente em copo consumida no local, a vendida em litro para ser levada para casa, e todos os tipos de tecidos, todas essas mercadorias somam aproximadamente 30% das compras. Bebida alcoólica em geral era o que os clientes de origem europeia mais procuravam no armazém. Cerca de 23% dos pedidos feitos no balcão eram de algum tipo de bebida. Desses 23%, aproximadamente 15% era cachaça.

Com a aguardente poder-se-ia esquentar os dias de frio ou até mesmo sustentar os vícios adquiridos ainda na Europa. Com o tecido poderia ser feita uma veste domingueira, um vestido, uma calça, um lenço para ser utilizado na cabeça, uma ceroula, um terno ou até mesmo uma camisa para enfrentar os dias de sol na lavoura.

Em terceiro lugar, como produto mais procurado pelos imigrantes europeus e de descendência europeia, destacava-se o açúcar. Entre os habitantes do

quilombo em terceiro lugar vinha o sal, e para os estrangeiros o sal ocupava a posição de oitava mercadoria mais procurada. Em outras palavras, o consumo de açúcar entre os imigrantes era maior do que entre os habitantes do quilombo do Rio do Meio, e o consumo de sal era menor. Não se tem fontes para descrever o que cada cliente fazia com essas mercadorias, mas percebe-se que o feitiço de pratos doces poderia ser maior entre as pessoas de origem europeia. Portanto, ambos os produtos poderiam traduzir hábitos alimentares diferentes entre quilombolas e europeus.

A preferência por pratos doces entre os europeus não ocorria somente na colônia federal Ivaí, o mesmo equivale para os estudos realizados por Abrahão³⁴⁸ em São Paulo. Segundo a autora, nos cadernos de receitas utilizados como fonte para a tese, existia uma predominância de pratos doces, a porcentagem de receitas desses pratos ultrapassava 80% dos registros manuscritos pelas três mulheres paulistas que redigiram os cadernos³⁴⁹. Segundo Abrahão, a presença tão grande de alimentos doces possui algumas explicações, a primeira delas está relacionada ao gosto das elites brasileiras que buscavam reproduzir em terras tropicais os hábitos europeus, pois o açúcar na Europa era um ingrediente típico da alta cozinha, algo não acessível para todas as pessoas durante uma parte da história (séculos XVI ao XVIII).

Já no Brasil, devido ao fato do país ser um grande produtor de açúcar, o ingrediente passou também a fazer parte do cotidiano de pessoas menos abastadas no século XIX e XX³⁵⁰, pois o país além de grande produtor e exportador, também consumia em grande medida o açúcar. Outras explicações estão relacionadas com o gosto português por pratos doces e/ou ao fato dessas receitas necessitarem de maior preparo e exigir anotações, caso desnecessário para pratos salgados feitos com mais frequência³⁵¹.

Já em relação aos imigrantes europeus que se estabeleceram em Ivaí, esses não representavam a elite europeia e a grande maioria nem vinha de Portugal, pois migraram para o Brasil principalmente da Galícia em busca de

³⁴⁸ BRAHÃO, Eliane Morelli. Op. Cit.

³⁴⁹ BRAHÃO, Eliane Morelli. Op Cit. p. 143.

³⁵⁰ Idem, BRAHÃO, Eliane Morelli. p.152.

³⁵¹ BRAHÃO, Eliane Morelli. Op cit. p. 154.

melhores condições de vida, entretanto, o consumo do açúcar e o feitio de pratos doces pode estar associado aos hábitos alimentares trazidos da Europa.

Outro dado interessante que consta no livro caixa, é o fato de haver aquisição em grande quantidade tanto de lenço (aqui se inclui lenço de bolso, de mão e de cabeça) quanto de chapéu. O uso do chapéu fazia parte do cotidiano entre os imigrantes.

Além dessas mercadorias, muitos se dirigiam até a casa comercial para comprar fumo e outros para emprestar dinheiro ou alugar capoeira³⁵². Enquanto se degustava um copo de vinho ou de cachaça, o comerciante negociava o aluguel de suas terras ou empréstimos de dinheiro a juro de um e meio por cento ao mês³⁵³.

Tanto em relação aos clientes oriundos dos quilombos quanto os de origem europeia, os produtos comprados dependiam de cada consumidor que adentrava no armazém. Como dito, cada um buscava na venda o que não tinha em casa, e levava parte do que produzia em sua propriedade para servir como forma de pagamento. Nesse sentido, os hábitos de consumo e as atividades desenvolvidas em suas propriedades, influenciavam o que cada cliente comprava e vendia ao mesmo tempo. Como exemplo pode-se citar os imigrantes de nacionalidade polonesa e ucraniana, esses tinham o costume de cultivar o trigo diminuindo a compra do referido produto na venda. Essa informação pode ser constatada facilmente na tabela 26, pois apesar de ser muito utilizada para fazer pão e bolo, a aquisição de farinha de trigo apareceu somente 13 vezes entre os consumidores de origem europeia. Do mesmo modo, se voltarmos na tabela 6 referente a produção agrícola da colônia Ivaí, percebe-se que havia 690 hectares de trigo plantado no local, produção autossuficiente que automaticamente eliminava a aquisição desse produto na venda.

A tabela a seguir, apresenta alguns produtos adquiridos e o valor pago. A mesma foi elaborada com fins ilustrativos e, mesmo assim, é possível perceber a instabilidade dos preços de algumas mercadorias e a estabilidade de outras. Por

³⁵² Capoeira nesse caso era o nome que os imigrantes atribuíam a mata com mais de 2 anos de crescimento. Se a mata (capoeira) era roçada (cortada) para uma safra e já em seguida após a colheita era roçada (cortada) para plantar novamente, dava-se o nome as árvores que tinham um ano de idade de tiguera.

³⁵³ O juro estava descrito no livro caixa ao lado do empréstimo.

exemplo, o preço do toucinho se manteve estável entre 1913 e 1916. O mesmo não ocorreu com o café que teve alta em vários períodos.

TABELA 33 – PREÇOS DOS PRODUTOS COMPRADOS NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW PELOS CLIENTES DE ORIGEM EUROPEIA

Discrição do produto	Valor da mercadoria	Ano
½ kg de café	800 réis	1916
½ kg de café	1000 réis	1918
½ kg de café	1100 réis	1919
½ kg de café	1300 réis	1922
1 garrafa de cachaça	600 réis	1916
1 par de meias	800 réis	1916
1 kg de açúcar	800 réis	1916
1kg de açúcar	700 réis	1917
1 kg de toucinho	1.100 réis	1916
1 kg de toucinho	1.200 réis	1913
10 litros de farinha de milho	1.200 réis	1913
1 panela 3 pé	2.800 réis	1916
1 lata de soda	1.500 réis	1917
1 foice	7.000 réis	1918
1 caixa de fósforos	200 réis	1919
½ arroba de erva	1.200 réis	1918
1 garrafa de cachaça	800 réis	1917
1garrafa de cachaça	1.200 réis	1918
6 pratos esmaltados	9.800 réis	1920
1 par de sapato	3.200 réis	1917
10 litros de sal	4.000 réis	1918
1 chapéu de pano	25.000 réis	1922
1 Maço de pregos 17/31	3.200 réis	1918
1 vaca	140.000 réis	1917
1 sincerro ³⁵⁴	1.200 réis	1918
Por feitio de paletó	4.000 réis	1921
1 lenço	1.300 réis	1921

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de produtos comprados no período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Nesse aspecto, percebe-se que existia tanto uma economia de subsistência interna na colônia, quanto capitalista externa que interferia nos preços das mercadorias no armazém de Elias Pytlowanciw. O toucinho era produzido localmente e usado como “moeda” de troca na venda por outros produtos. Quem exercia outras profissões como, por exemplo, ferreiro, se dirigia

³⁵⁴ Espécie de sino colocado no pescoço de animais.

até o armazém e trocava as ferramentas que produzia pelo toucinho e outras mercadorias. Portanto, o preço do mesmo era regulado pela produção local e pelo mercado interno, pois o porco produzido em Ivaí também era comercializado em cidades maiores como Ponta Grossa.³⁵⁵

Já em relação ao preço do café, percebe-se que o mesmo teve alta em vários períodos. Esse não era produzido localmente e fazia o trajeto inverso do suíno. Em vez de ser levado para Ponta Grossa era trazido pelos carroceiros dessa cidade para ser comercializado em Ivaí. Portanto, sendo o café um produto de exportação, o preço do mesmo era regulado tanto pela distribuição interna quanto pelo mercado externo. Processo semelhante ocorreu na economia do Rio de Janeiro no século XIX, conforme afirmam Lobo, Canavarros, Feres, Gonçalves e Madureira:

[...] os preços indicariam a existência, no Rio de Janeiro, de uma economia dual, compreendendo um setor da população que vivia em nível de subsistência, enquanto outro estava entrosado numa economia capitalista orientada para o mercado exportador, cujo lucro dependia da demanda externa. Os preços de produtos como a cera e o toucinho estariam dentro da economia de subsistência, enquanto os dos produtos de exportação seriam regulados pelos do mercado externo e os de importação pelos do país de origem.³⁵⁶

Ainda em relação os dados das tabelas 33, as informações evidenciam as diferenças culturais de cada povo que habitava a região, pois cada um produzia aquilo que fazia parte da sua cultura. Conforme já dito, como exemplo desse processo, pode-se citar a aquisição de farinha de trigo. Analisando os registros de consumo, eram poucos os consumidores com sobrenomes poloneses e ucranianos que se dirigiam até a venda para comprar esse produto. Quase não saiam do armazém com essa mercadoria, mas iam até a casa comercial com ela para vendê-la e com o “dinheiro” comprar outros artigos não produzidos em suas

³⁵⁵ Para melhores informações sobre o comércio de porcos ver: KOSS, Lucimara. **Comércio & Sociedade: as múltiplas funções dos armazéns de Ivaí-Pr na primeira metade do século XX**. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2013.

³⁵⁶ LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer; CANAVARROS, Octavio; FERES, Zakia; GONÇALVES, Sonia; MADUREIRA, Barbosa Lucena. **Evolução dos preços e do padrão de vida no Rio de Janeiro, 1820-1930 - resultados preliminares**. In: Revista brasileira de economia. Rio de Janeiro, out/dez. 1971. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/download/67/6249>. Acesso em 06 de abril de 2018.

propriedades. Isso demonstra que a produção de trigo fazia parte do cotidiano dos imigrantes poloneses e ucranianos.

Já em relação aos negros que habitavam a região, o processo era inverso. A produção de trigo quase não fazia parte do dia a dia e os mesmos buscavam adquirir esse produto na venda. Não se dirigiam até a casa comercial com sacos de farinha de trigo para serem vendidos ou trocados com o dono do armazém por outros produtos, mas com balaies, fumo, porcos, cestos³⁵⁷, baixeiros³⁵⁸, entre outros.

Nesse sentido, isso reforça a tese de que os imigrantes e quilombolas buscavam na venda aquilo que não conseguiam produzir. Segundo Mariano Derkasz³⁵⁹, filho de donos de armazém, e conforme os dados dos livros caixa, farinha de trigo quase não era comercializada localmente, a não ser para alguns de origem brasileira (também se inclui aqui habitantes do quilombo) que moravam na região, pois ao contrário dos poloneses e ucranianos, estes quase não cultivavam o trigo.

Se por um lado os imigrantes quase não se dirigiam até o armazém para comprar trigo, por outro, levavam o mesmo produto para ser utilizado como “moeda” de troca por outras mercadorias. Como não tinha muita saída localmente, o dono da venda estocava e acabava comercializando o trigo em Ponta Grossa. Com o dinheiro comprava tecidos, açúcar, café, chapéu, entre outras mercadorias, para serem revendidas aos seus clientes em Ivaí.³⁶⁰

Ainda em relação à produção e consumo de trigo entre imigrantes europeus e quilombolas, pode-se dizer que a comida também pode ser usada como elemento de distinção étnica. Segundo dados extraídos de entrevistas orais, farinha de trigo era comum nas receitas de pessoas oriundas da Europa e se tornava menos presente nos pratos dos quilombolas. As receitas polonesas, por exemplo, são ricas em pratos em que o trigo é ingrediente indispensável e de difícil substituição. Neli Maria Teleginski, analisou como a comida foi usada por descendentes de poloneses para reforçar sua identidade e também marcar a

³⁵⁷ Utensílio para colocar principalmente milho em espiga.

³⁵⁸ Utensílio para montaria de cavalo.

³⁵⁹ DERKASZ, Mariano. Entrevista concedida a Lucimara Koss em 22 de fevereiro de 2012.

³⁶⁰ KOSS, Lucimara. 2013. Op. Cit.

fronteira com os ucranianos que preparam alimentos muito similares, porém que ambos os grupos fazem questão de dizer que não são os mesmos³⁶¹.

Assim como ressaltado acima, o trigo faz parte de várias receitas dos povos oriundos da Europa. Os poloneses costumam fazer *pierogi* (pastel de massa de trigo cozida com recheios diversos, sobretudo batata, requeijão e/ou repolho). Esse alimento é motivo de discussões com os ucranianos, pois ambos os grupos étnicos o preparam. No caso dos poloneses as adaptações, ao longo do tempo e do espaço conforme dito anteriormente, são frequentes. Em Prudentópolis, por exemplo, Teleginski teve acesso a uma receita de *pierogi* com uma mudança incomum: no lugar da farinha de trigo, o principal ingrediente é a mandioca cozida³⁶². A autora ressaltou que em nenhum outro município, tanto com fontes escritas e/ou orais não encontrou caso similar. Além disso, vale destacar que a mandioca não era conhecida pelos poloneses na Europa, uma vez que é uma planta típica da América, sendo, portanto, resultado direto da interação com novos espaços e novos interlocutores.

5.1.3 Produtos comprados pelos possíveis descendentes de portugueses

Conforme consta nos itens anteriores, a região em que foi construída a colônia federal Ivaí já era habitada muito antes da chegada dos imigrantes europeus. No local residiam indígenas, brasileiros descendentes de portugueses, afrodescendentes, entre outros. Com a chegada dos imigrantes, os indígenas acabaram se deslocando, contudo, os descendentes de portugueses permaneceram. Alguns desses também frequentavam o armazém de Elias Pyetlowanciw. No livro caixa foram encontrados cerca de 80 clientes que podem ser classificados como de descendência portuguesa com outras misturas étnicas³⁶³. Esses possuem sobrenomes portugueses e podem ter tido

³⁶¹TELEGINSKI, Neli Maria. **Sensibilidades na cozinha**: a transmissão das tradições alimentares entre descendentes de imigrantes poloneses no Centro-Sul do Paraná, século XX. Curitiba, 2016. 355 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

³⁶² Idem TELEGINSKI, Neli Maria. p. 161.

³⁶³ Para se chegar a uma conclusão sobre qual seria a origem dos clientes, foi anotado os nomes contidos no livro caixa e buscado os mesmos nas certidões de óbitos desse período. Nas certidões de óbitos consta a naturalidade e a origem dos pais do falecido.

ascendentes nascidos em Portugal. Vale lembrar que os afrodescendentes da região também adotaram sobrenomes portugueses e poderiam ter em algum grau ascendência portuguesa, porém, esses foram diferenciados dos demais pelo local em que residiam.

Voltando aos prováveis descendentes de portugueses que residiam em Ivaí antes, durante e depois da chegada dos imigrantes (principalmente poloneses e ucranianos), esses teriam migrado de outras regiões brasileiras e se estabelecido no local.

Assim como os clientes de origem europeia e afro, os de ascendência portuguesa também frequentavam a casa comercial com o objetivo de adquirir o que não conseguiam produzir em suas propriedades. Dentre as ferramentas e acessórios de trabalho que foram descritos no livro caixa como comprados por esses clientes estavam:

TABELA 34 – FERRAMENTAS DE TRABALHO DIVERSAS E ACESSÓRIOS PARA SERVIÇO EM GERAL ADQUIRIDOS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Porcentagem*
Agulha de costurar	1	0,2
Arame	2	0,4
Bomba metal	1	0,2
Botões	2	0,4
Serrote	1	0,2
Dobradiça	1	0,2
Enxada	2	0,4
Escova de lavar roupa	1	0,2
Fio	1	0,2
Foice	8	1,7
Folha de papel	2	0,4
Lápis	1	0,2
Máquina de costura	1	0,2
Prego	12	2,6
Vassoura	1	0,2
Saco vazio	1	0,2
Colchete de pressão	1	0,2
Total	-	8,1

* Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Assim como entre os clientes de origem europeia, a foice também era uma das ferramentas de trabalho mais procurada pelas pessoas de ascendência

portuguesa. Porém, nota-se algumas diferenças, enquanto entre os consumidores imigrantes havia profissões como alfaiate e professor, entre os nacionais de linhagem portuguesa não foi identificado. Somente uma pessoa comprou agulha de costurar e nenhuma adquiriu lousa ou livros para ensinar. Portanto, conclui-se que a principal atividade desenvolvida por esses, estava voltada para uma produção agrícola de subsistência, o que justifica o fato de a foice ser a segunda mercadoria mais procurada por esses sujeitos.

Em relação aos produtos comestíveis, foi registrado no livro caixa os seguintes:

TABELA 35 – COMESTÍVEIS E DERIVADOS COMPRADOS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Porcentagem*
Açúcar	21	4,6
Arroz	4	0,8
Azeite	1	0,2
Batatinha	2	0,4
Bolacha	1	0,2
Bombom	4	0,8
Café	8	1,7
Capilé	1	0,2
Erva	2	0,4
Farinha de milho	1	0,2
Farinha de trigo	2	0,4
Feijão	3	0,6
Fumo	5	1,1
Lúpulo	1	0,2
Mandioca	1	0,2
Milho	5	1,1
Noz moscada	1	0,2
Óleo rícino	1	0,2
Pão	2	0,4
Rapadura	1	0,2
Sal	16	3,5
Sardinha	1	0,2
Toucinho	15	3,3
Vinagre	2	0,4
Total	-	21,5

* Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Percebe-se na tabela 35 que entre os alimentos o açúcar era o produto mais procurado no armazém por clientes de ascendência portuguesa. Assim como citado em relação aos imigrantes europeus, o grande consumo desse artigo também pode estar associado ao gosto dos descendentes de portugueses por pratos doces.

Em relação as bebidas, a cachaça também era a mais buscada. A mesma representava 14,6% das compras. Esses dados podem ser observados na tabela a seguir:

TABELA 36 – BEBIDAS ADQUIRIDAS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Porcentagem *
Cerveja	3	0,6
Fernet	3	0,6
Gengibirra	1	0,2
Licor	2	0,4
Pinga	61	13,5
Pinga em copo consumida no local	5	1,1
Vinho	9	2,0
Vinho em copo	1	0,2
Total	-	18,6

*Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

No que se refere aos utensílios domésticos, eram poucos os produtos procurados por nacionais descendentes de portugueses, o que supõem-se que poderiam ter comprado em outros armazéns da região, ou por habitarem o local muito antes da chegada dos imigrantes europeus, já poderiam ter em casa grande parte das coisas. Diferentemente dos estrangeiros que ao chegarem no Brasil (em fins do século XIX e início do XX) teriam que construir suas casas e comprar louças, panelas, copos, talheres, entre outras mercadorias. Como exemplo pode-se comparar a aquisição de panelas, enquanto entre os imigrantes europeus 6 panelas foram compradas, entre os clientes com sobrenome de origem portuguesa não foi encontrado nenhuma. Só foi identificado os seguintes produtos:

TABELA 37 – LOUÇAS E ACESSÓRIOS PARA COZINHA ADQUIRIDOS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Porcentagem*
Bacia japonesa	4	0,8
Balde de zinco	2	0,4
Canivete	1	0,2
Chocolateira	1	0,2
Concha esmaltada	1	0,2
Copos	1	0,2
Lata vazia	3	0,6
Pote de barro	2	0,4
Prato	1	0,2
Xícara com pires	1	0,2
Total	-	3,4

*Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Em relação ao vestuário, a peça mais procurada por esses sujeitos também era o chapéu. Acessório indispensável para trabalhar na lavoura e se proteger do sol quente. Do mesmo modo, poderia ser utilizado para ir ao armazém ou até mesmo sair passear na casa de algum vizinho, pois conforme visto, fazia parte da cultura e da moda do período. Além do chapéu, as pessoas de ascendência portuguesa compraram as seguintes mercadorias:

TABELA 38 – VESTIMENTA (ROUPAS, CALÇADOS, COBERTAS, ACESSÓRIOS) E TECIDOS COMPRADOS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Porcentagem*
Acolchoado	3	0,6
Boné	2	0,4
Botina	1	0,2
Calça	1	0,2
Camisa	3	0,6
Xale	1	0,2
Chapéu	16	3,5
Chapéu boiadeiro	1	0,2
Chinelo	2	0,4
Cinta	1	0,2
Cobertor	7	1,5
Colchete pressão	1	0,2
Guaiaca	2	0,4
Lenço	10	2,2
Meia	2	0,4
Pala	3	0,6
Tamanco	1	0,2
Vestido	1	0,2
Tecido Brim	1	0,2
Tecido Pelúcia	2	0,4
Tecido não especificado	13	2,8
Tecido algodão	9	2,0
Tecido brim	19	4,2
Tecido casimira	1	0,2
Tecido chita	2	0,4
Tecido ganga	2	0,4
Tecido morim	5	1,1
Tecido xadrez	22	4,8
Total	-	28,7

*Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Percebe-se na tabela acima que tecido também era uma das mercadorias mais procuradas, entretanto, nota-se que entre os imigrantes europeus esses compravam mais fio e agulha de costura, o que indica que muitos fabricavam a própria veste, já entre os descendentes de portugueses esses produtos não eram tão procurados, o que supõem-se que já tinham em casa ou que poderiam levar o tecido comprado para algum alfaiate não relacionado ao armazém.

Também existiam aqueles que iam ao armazém para comprar alguns medicamentos tais como:

TABELA 39 – MEDICAMENTOS E PRODUTOS QUÍMICOS ADQUIRIDOS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Porcentagem*
Bicabornato	2	0,4
Creolina	2	0,4
Essência maravilhosa	1	0,2
Pomada Minâncora	3	0,6
Vidro de beladona	1	0,2
Total	-	1,8

*Porcentagem conforme quantidade de vezes citadas no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Organizado por: KOSS, Lucimara.

Outros já se dirigiam até a casa comercial com a intenção de emprestar dinheiro ou comprar algum tipo de serviço, tal como:

TABELA 40 – SERVIÇOS, ALUGUÉIS E EMPRÉSTIMOS ADQUIRIDOS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Porcentagem*
Corte de calça	1	0,2
Corte de terno	1	0,2
Empréstimo de dinheiro	7	1,5
Enxerto de boi	1	0,2
Frete de carroça (viagem de madeira)	1	0,2
Total	-	2,3

*Porcentagem conforme quantidade de vezes citada no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Portanto, além de bar, farmácia, agropecuária, mercado, loja de roupa, de materiais de construção, o armazém também poderia ser considerado como uma casa bancária tanto pelos afrodescendentes, quanto pelos imigrantes europeus e nacionais de ascendência portuguesa.

Isso não ocorria somente nos armazéns de Ivaí, era comum em outras regiões brasileiras nesse período, conforme afirma Maria Luiza Ferreira de Oliveira, que estudou as práticas comerciais na cidade de São Paulo do final do século XIX:

[...] A função do armazém ultrapassava a de local de venda, de espaços para serem comercializados diferentes itens relacionados em geral a gêneros alimentícios, ou mesmo a espaços de sociabilidade de diferentes classes sociais, os aristocratas locais ou homens simples. No armazém conseguia-se também o dinheiro para pagar a escola do filho, o enterro do cônjuge, os remédios ou ainda dinheiro de empréstimos [...]³⁶⁴

Ali, as pessoas poderiam conseguir o dinheiro para efetivar algum negócio fora dos espaços dos armazéns, como por exemplo, a compra de um pedaço de terra, cavalo, carroça, ou até mesmo para pagar a confecção de alguma roupa feita pelo alfaiate ou calçado pelo sapateiro.

O ato de emprestar dinheiro do bodegueiro levou ao questionamento sobre as amarras que uniam imigrantes europeus, afrodescendentes e nacionais descendentes de portugueses ou indígenas. Fornecer empréstimos ou vender a prazo criava relações de dependência entre comerciante e consumidor. Num local de pouquíssimo papel moeda circulando, o dono do armazém deveria saber bem para quem confiar seu dinheiro ou vender fiado. Tanto os empréstimos de dinheiro quanto a venda de produtos a prazo estavam baseados nas relações de confiança, e o que se percebe é que o comerciante confiava tanto em pessoas de origem europeia quanto africana ou indígena. Ambos realizavam empréstimos na venda e faziam compra a prazo. O fato de ser morador do quilombo ou de alguma outra comunidade, não interferia nas relações de compra e venda.

Segundo informações dos livros caixa, muitas pessoas que compravam fiado ou realizavam algum empréstimo de dinheiro, pagavam suas contas através de serviços na lavoura do dono da venda. Essa era a principal forma de pagamento utilizada pelos clientes que residiam no quilombo de Rio do Meio. Outros esperavam a colheita de sua própria safra para sanar a dívida. É neste aspecto que muitas pessoas ficavam presas às relações de compra e venda com determinado comerciante. Se por um lado o dono da venda emprestava dinheiro ou vendia fiado em épocas de apuro, por outro o consumidor contraía uma dívida tanto financeira quanto de consideração, gratidão de um favor prestado.

Por fim, ainda sobre os clientes de ascendência portuguesa, foi encontrado na lista de compra os seguintes produtos:

³⁶⁴ OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. 2005. Op. Cit. p. 271-272.

TABELA 41 – PRODUTOS DIVERSOS COMPRADOS PELOS CONSUMIDORES DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Produto adquirido	Quantidade de vezes descrita no livro caixa	Porcentagem*
Anil	2	0,4
Bala calibre 32	1	0,2
Baralho	8	1,7
Caixão vazio	1	0,2
Escova	1	0,2
Fósforo	5	1,1
Lampião	2	0,4
Não descreve	3	0,6
Pente de cabelo	1	0,2
Querosene	8	1,7
Sabonete	1	0,2
Soda	4	0,8
Vela	1	0,2
Anzol	1	0,2
Chicote	1	0,2
Esteio	3	0,6
Graxa para carroça	2	0,4
Sincerro	1	0,2
Raspadeira para cavalo	2	0,4
Não específica	-	5,7
Total	-	15,6

*Porcentagem conforme quantidade de vezes citadas no livro caixa.

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

De forma geral, percebe-se em todas tabelas que os brasileiros de ascendência portuguesa se dirigiam até o armazém para comprar diversos produtos, mas o mais procurado por eles era algum tipo de tecido, esse no total somava cerca de 16%. Em segundo lugar vinha a pinga com mais de 13%. Depois açúcar (4,6%), sal (3,5%), chapéu (3,7%), toucinho (3,1%), prego (2,6%), lenço (2,2%) e querosene (1,7%).

Essas porcentagens são interessantes se compararmos com o consumo dos clientes de origem europeia e afro.

TABELA 42 – COMPARAÇÕES DE ALGUNS PRODUTOS COMPRADOS PELOS CONSUMIDORES DE LINHAGEM EUROPEIA, AFRO E PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Mercadorias	Porcentagem das vezes em que os Clientes se dirigiam ao armazém comprar determinado produto		
	Europeus (em%)	Descendentes de portugueses (em%)	Afrodescendentes (em%)
Cachaça	16	13	6,1
Vinho	6,6	2,0	0,6
Açúcar	4,6	4,6	2,1
Sal	2,2	3,5	2,7
Tecido	14,6	16	5,3
Chapéu	3,6	3,7	1,2
Toucinho	1,1	3,1	1,4
Prego	2,1	2,6	0,1
Lenço	2,3	2,2	0,7
Fumo	2,2	1,1	Nada encontrado
Milho	2,1	1,1	0,5
Foice	1,2	1,7	0,7
Soda	2,1	0,8	Nada encontrado
Lúpulo	0,4	0,2	Nada encontrado

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

De modo geral, percebe-se na tabela 42 que as três clientelas se dirigiam até o estabelecimento comercial principalmente para comprar cachaça e tecido, mas também haviam algumas diferenças. Entre os clientes de origem europeia não era tão comum os mesmos irem à venda para comprar toucinho, pois geralmente eles utilizavam o porco e o toucinho como moeda de troca por outras mercadorias. Já entre os consumidores brasileiros descendentes de portugueses, o toucinho aparece como um dos produtos mais procurados para ser consumido, o que indica que a suinocultura era menos praticada por esses indivíduos.

Outros dados interessantes que podem estar associados as diferenças culturais, é tanto a aquisição de fumo quanto de lúpulo. Os afrodescendentes não compravam nenhum desses produtos no armazém. Geralmente o lúpulo era adquirido para o feitiço de cerveja caseira, fabricação de bebida que fazia parte das receitas aprendidas ainda na Europa, principalmente entre os imigrantes

poloneses e ucranianos. Em relação ao tabaco, esse era um dos produtos comprados por pessoas de ascendência europeia e portuguesa, mas não era adquirido por moradores do quilombo de Rio do Meio. Essa diferença se explica pelo fato de os afrodescendentes produzirem o fumo. Chegou-se a essa conclusão observando que muitos deles se dirigiam até o armazém com esse produto e trocavam por outras mercadorias.

Portanto, os registros feitos no livro caixa, revelam algumas informações sobre como cada povo sobrevivia na região, bem como evidenciam diferenças de atividades desenvolvidas entre nacionais e estrangeiros. Para ampliar essas informações, além do consumo foi analisado como cada cliente pagava suas compras.

5.2 FORMAS DE PAGAMENTOS DAS COMPRAS REALIZADAS NO ARMAZÉM DE ELIAS

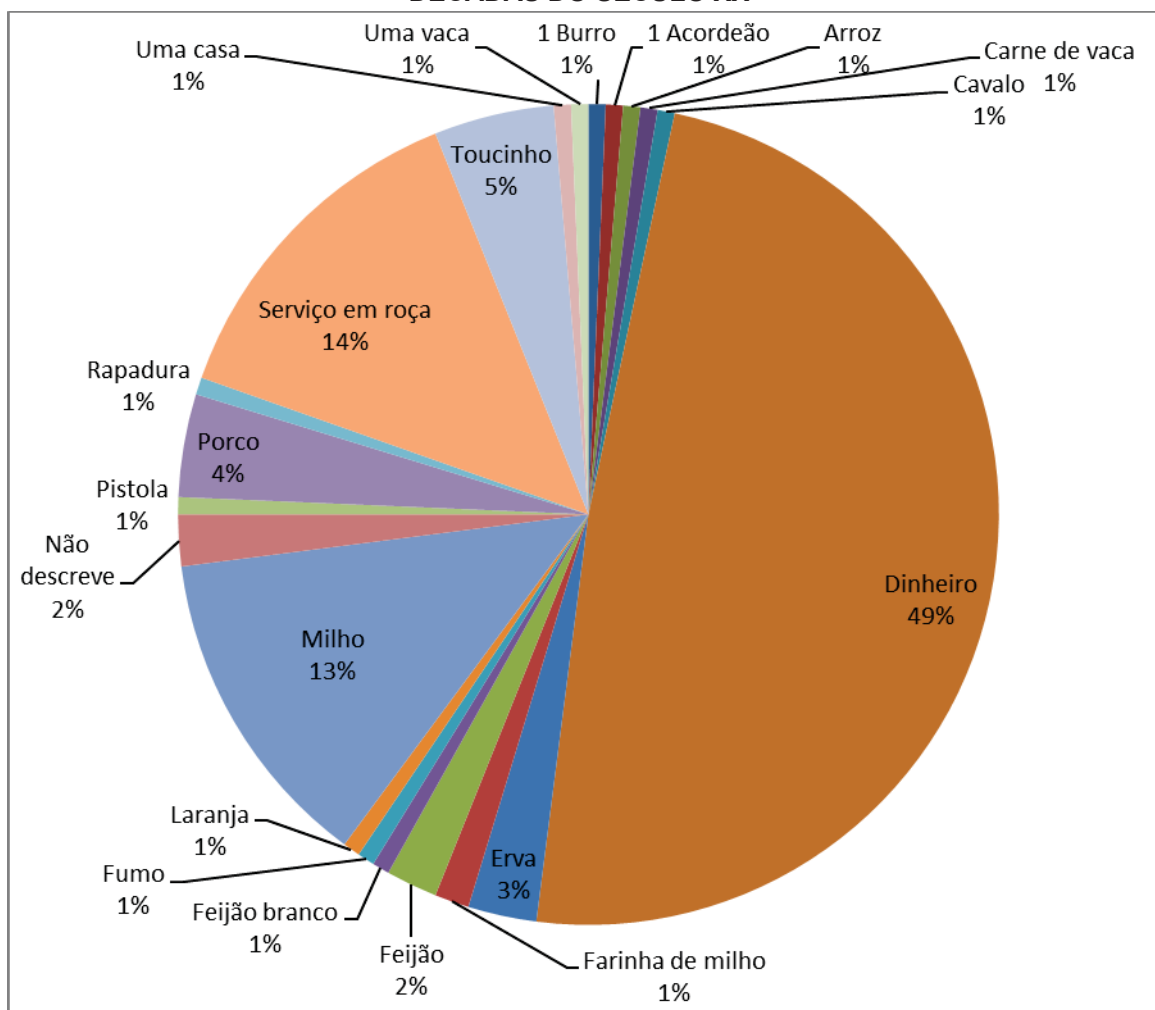
5.2.1 Métodos de pagamentos utilizados pelos descendentes de portugueses

Os dados do livro caixa³⁶⁵ demonstram que grande parte das práticas comerciais eram feitas por meio de permutas. Tanto imigrantes europeus quanto habitantes do quilombo (afrodescendentes) e brasileiros descendentes de portugueses, se dirigiam até o armazém com algum produto para ser negociado com o dono da venda em troca de outro. Portanto, observando quais eram as moedas de troca utilizadas por esses indivíduos, foi possível constatar quais atividades desenvolviam na região como meio de sobrevivência.

Em relação aos clientes brasileiros de ascendência portuguesa, esses utilizaram 20 tipos de pagamentos que se dividiam da seguinte forma:

³⁶⁵ PYETLOWANCIW, Elias. Registro de produtos no período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz.

GRÁFICO 9 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELAS PESSOAS DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX³⁶⁶



Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Através desses dados, percebe-se claramente que os clientes nacionais de ascendência portuguesa, desenvolviam principalmente a cultura do milho no local. Cerca de 13 % das quitações de dívidas foram pagas com milho.

Do mesmo modo, percebe-se que 72 vezes foi utilizado dinheiro para pagar as contas, porém, um único cliente poderia valer-se de mais de um método de pagamento. Poderia quitar suas dívidas com dinheiro em um dia e em outra compra poderia utilizar erva-mate, porco, toucinho, laranja, rapadura, entre outros produtos.

³⁶⁶ Para chegar a essas porcentagens foi somado quantas vezes determinado produto foi utilizado como forma de pagamento.

Percebe-se que nenhum deles utilizava o trigo, e apenas 1% usava o tabaco. Isso demonstra claramente as diferenças culturais entre os brasileiros descendentes de portugueses, imigrantes europeus (sobretudo poloneses e ucranianos) e os afrodescendentes. O trigo descrito pelo zelador da colônia nos censos, conforme aponta tabela 6, era produzido praticamente pelos imigrantes europeus de origem polonesa e ucraniana. O tabaco, grande parte, pelos afrodescendentes. Já o milho, esse fazia parte da cultura de todos os povos que se estabeleceram no local. O mesmo equivalia para o porco que tinha grande saída, pois além de vender localmente, o dono da venda reunia uma grande quantidade de animais e comercializava em Ponta Grossa³⁶⁷.

Além de pagarem suas dívidas com milho, muitos clientes de ascendência portuguesa utilizavam o porco e seus derivados, erva-mate, animais, feijão e até mesmo pertences pessoais como acordeão e pistola. Quando faltava recursos vendiam sua própria força de trabalho para o dono da casa comercial, quebrando milho, roçando capoeira, fazendo roça, conforme aponta o quadro a seguir:

³⁶⁷ KOSS, Lucimara. 2013. Op. Cit.

QUADRO 5 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELOS BRASILEIROS DE ASCENDÊNCIA PORTUGUESA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Forma de pagamento	Quantidade de vezes descritas no livro caixa
Burro	1
Acordeão	1
Arroz	1
Carne de vaca	1
Cavalo	1
Dinheiro	72
Erva	4
Farinha de milho	2
Feijão	3
Feijão branco	1
Fumo	1
Laranja	1
Milho	19
Nada consta	2
Não descreve	1
Pistola	1
Porco	6
Rapadura	1
Serviço em roça	1
Serviço/colheita de roça	2
Serviço/corte de capoeira	1
Serviço/fez roça	7
Serviço/limpou roça	1
Serviço/puxou milho	1
Serviço/quebra de milho	8
Toucinho	7
Casa	1
Vaca	1

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Na falta de dinheiro, ou de algum produto que poderia se transformar em capital, a venda da força de trabalho para o dono do armazém era uma das formas mais utilizadas entre os descendentes de portugueses para quitar suas dívidas. Conforme pode ser observado no quadro 5, cerca de 30 vezes os clientes apelaram para esse recurso. Dentre os serviços prestados estavam: quebra de milho, colheita de roça, corte de capoeira, carpida, entre outros.

Outro dado interessante é o aparecimento de um cliente que pagava suas compras com feijão branco. Entre os imigrantes e afrodescendentes, apesar de serem em maior número, principalmente os imigrantes poloneses e ucranianos, nenhum deles se dirigiu até o armazém com feijão branco. Quando os imigrantes iam até a casa comercial com feijão para pagar suas compras, esse era especificado como preto.

5.2.2 Formas de pagamentos utilizadas pelos imigrantes europeus

Assim como os clientes de ascendência portuguesa, os imigrantes europeus também utilizavam aquilo que produziam para quitar suas dívidas no armazém. Entre eles foram constatados 103 tipos de pagamentos praticados que se classificavam da seguinte forma: acessórios para cavalo, calçados, prestação de serviços, fornecimento de madeira e móveis, alimentos, animais, ferramentas e dinheiro.

Em relação as formas de pagamentos através de serviços, foi possível encontrar clientes que faziam suas compras no armazém e pagavam da seguinte forma:

QUADRO 6 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELOS CLIENTES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW: PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

Especificação da forma de pagamento	Quantidade de vezes descritas no livro caixa
Fez cerca	2
Serviço para o dono da venda não especificado	14
Fez roça para o dono da venda	22
Feitio de acero	1
Planta de milho	6
Quebra de milho	1
Calhando casa	1
Carpida de arroz	3
Carpida de erva	2
Corte de madeira	1
Ensinar ler e escrever	1
Serviço em depósito	2
Serviço em construção	1
Serviço/alfaiate	2
Colheita de roça	1
Corte de capoeira	1
Carpida de milho	1
Malhou trigo	2
Picou palha	1
Secou erva	1
Tratou boi	1
Frete de carroça de 1 litro de essência	1
Frete de carroça de 1 livro para registros de folhas	1
Frete de carroça de 30 dúzias de foguete	1
Frete de carroça de 40 latas de graxa para carroça	1
Frete de carroça de 1/5 de vinho	1
Frete de carroça de sal e caixas de querosene	1
Frete de carroça não especificado	17
Frete de carroça de duas caixas de cerveja e gasosa	1
Frete de carroça de açúcar	1
Frete de carroça/Café	1
Frete de carroça/uma dúzia de enxada	1
Frete de carroça de temperos	1
Frete de carroça de 4 viagem de tábuas	1
Toque de rebeca em baile	1

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Se retomarmos os dados da tabela 25, através das ferramentas de trabalho adquiridas pelos imigrantes europeus e seus descendentes, foi levantado a hipótese de que no local haveria pessoas que trabalhavam com a profissão de professor e alfaiate, pois compravam agulha, fio, caderno de alfabetização, entre

outros artigos. Essas informações comprovam-se com os itens do quadro 6, nele percebe-se que havia duas pessoas que pagavam suas compras com o serviço de confecção de roupa. É muito provável que esses seriam dois alfaiates que prestavam serviço ao dono do armazém, costuravam as vestes encomendadas pelos demais clientes, tais como: corte de camisa, calça, terno, vestido.

Em relação a existência de professor na colônia Ivaí, isso também pode ser melhor comprovado juntando os dados da tabela 25 com os do quadro 6. Na tabela havia um freguês que comprava, livros, cadernos, lousa, lápis, e no quadro 6 uma pessoa que pagava suas compras com o serviço de ensinar ler e escrever.

Além da profissão de professor, o quadro 6 demonstra a existência de pessoas que se dedicavam a atividade de carroceiros, nos dias de hoje seriam os atuais caminhoneiros que fazem circular as mercadorias e produções dentro do território brasileiro. Alguns imigrantes que tinham carroça utilizavam o veículo para fazer frete de produtos e abastecer os armazéns da região. Traziam mercadorias industrializadas de Ponta Grossa e também faziam frete local, tal como de: madeira, erva-mate, trigo, entre outros. Como se dedicavam basicamente a atividade de carroceiro, esses sujeitos não produziam arroz, feijão, milho, trigo, entre outros produtos; e acabavam comprando essas mercadorias no armazém e pagavam com o frete. Também havia aqueles que faziam o processo inverso, não tinham acesso a produtos industriados como os carroceiros tinham ao irem buscar em Ponta Grossa, mas produziam o que os carroceiros necessitavam. Esses se dirigiam até a venda com cestos de milho, sacos de arroz, feijão, porco, fumo em corda, erva-mate, mel, cera, e trocavam por outras mercadorias.

Outra forma de pagamento que mais se destacava entre os imigrantes europeus e descendentes, era a prestação de serviços na lavoura do dono da venda. Conforme afirmou o imigrante José Schuista: “O povo não tinha dinheiro e se tinha era muito pouco. Comprava quase tudo fiado, ficava devendo tendo que trabalhar dois, três dias na propriedade do dono da venda para pagar a comida”.³⁶⁸ Portanto, aqueles que tinham carroças faziam frete em troca de outros produtos comprados no armazém. Os que tinham foice e enxada, roçavam e

³⁶⁸ SCHUISTA, José. Entrevista concedida a Lucimara Koss, em 20 de janeiro de 2008.

carpiam plantações de milho, feijão arroz. Conforme dados do excerto do livro caixa a seguir, essa foi uma das alternativas adotadas por João Scherlanski para sobreviver na “nova terra”:

FIGURA 10 – MÉTODOS DE PAGAMENTO UTILIZADO POR JOÃO SCHERLANSKI

João Scherlanski				
1921			Débito	Crédito
Maio 5	Saldo a m/ favor da folha	86.-	164,100	
" 16	Sup. despensa hoje borador 5 jul. 187		51,300	
" "	Recebi em gencios			85,000
29	1 boi que me comprou		70,000	
" "	deu dinheiro			10,000
Junho 11	Deu o resto do boi			60,000
" "	despensa comp bor 5 jul. 195		8,100	
Outubro 15	1 alquere de arroz limpo			16,000
" "	1/4 hectare 1.000 2/11 35 kg hectare 8.200		9,200	
Novembro 20	1 par de sapatos do Pedro Carreiraty		13,000	
Dezembro 8	1 alquere e 2 libras de arroz limpo			16,800
" "	Sup. despensa de hoje comp borador 5.		8,200	
" 31	" " "		60,400	
" "	16 ⁵⁰ Kg de sero a 1,800			29,700
	Balanco			166,800
1922		PR	384,300	384,300
Jan. 1	Saldo a m/ favor		166,800	
Abril 24	por as compras		2,800	
Maio 20	41 Kg. de fumo a 298 = 69.			69,000
" "	2 alqueres de arroz			36,000
" "	1 Kg. de cebos		2,600	
" "	3 m ² de Xadrez a 2/100		6,600	

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz.

Percebe-se na fonte acima que João além de vender sua força de trabalho também pagava suas compras com produtos da apicultura e da agricultura. Portanto, além de serviços, as pessoas de origem europeia quitavam suas compras com animais, alimentos e seus derivados que produziam em suas propriedades, tais como constam no quadro a seguir:

QUADRO 7 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELOS CLIENTES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW: ANIMAIS, ALIMENTOS E DERIVADOS³⁶⁹

Especificação da forma de pagamento	Quantidade de vezes descritas no livro caixa
Arroz	2
Aveia	1
Batatinha	1
Carne de boi	1
Cebola	1
Cera	29
Égua	1
Erva	23
Farinha	1
Fumo de corda	9
Feijão preto	9
Hortaliças	6
Laranja	2
Manteiga	1
Mel	9
Milho	36
Ovelha	1
Ovos	12
1 Porca com cria	1
Toucinho	8
Porco por pé	29
Rapadura	1
Trigo	12
Trigo de centeio	2
Vaca	1
Vinho	3

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

O milho era a principal moeda de troca utilizada no armazém pelos clientes de nacionalidade europeia. Sem dinheiro no bolso, cerca de 36 vezes os imigrantes se dirigiram com cestos e sacos de milho até o armazém para comercializar em troca de outras mercadorias.

Já entre os animais destacava-se o porco. Conforme visto, além da agricultura, a suinocultura era uma das principais atividades desenvolvidas. Em média 29 vezes os europeus utilizaram o suíno como principal “moeda” de troca no armazém.

³⁶⁹ Para chegar a esses resultados foi somado quantas vezes determinado produto foi utilizado como forma de pagamento.

Além do uso do porco como método de pagamento, havia muitos outros. O quadro a seguir apresenta todas as formas de quitar as compras utilizadas pelos clientes de origem europeia.

QUADRO 8 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELOS CLIENTES DE ORIGEM EUROPEIA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW: DINHEIRO E BENS MATERIAIS³⁷⁰

Especificação da forma de pagamento	Quantidade de vezes descritas no livro caixa
Rédea	2
Cangalha	1
Esteio	1
Boçal	1
Cela	1
Arriame	1
Chinelo	2
Sandália	1
Botinas	2
Sapatos	15
Ripas, sarrafo e tábuas	1
Cabo de madeira	1
Lenha/21 metros de casca de angico	1
Cadeira	1
Mesa	2
Cama	1
Revólver	1
Cinta	1
Cuia de chimarrão	2
Enxada	1
Faca	1
Facão	1
Foice	1
Machado	1
Pala	1
Palanque	2
Palha picada	4
Dinheiro	248

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Observando os dados do quadro 8, percebe-se que os clientes quitavam suas compras no armazém conforme os recursos que possuíam. Dessa forma, foi possível levantar algumas atividades que os imigrantes desenvolviam na região, como exemplo, pode-se citar Theodoro Pridrruczney. A imagem a seguir demonstra a principal forma de pagamento utilizada por Theodoro.

³⁷⁰ Ver nota 369.

FIGURA 11 – FORMA DE PAGAMENTO UTILIZADA POR IMIGRANTE DE ORIGEM ESLAVA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW EM 1917

Theodoro Pidruckney		Base Slaves	
1917			
Março 28	Somma total do l. I folha 86	125.300	
	3 arb. porcos por pé a 9.000		27.000
	12 cadeiras a 5.000		60.000
	2 mexas 1/10 15.000 1/15 4.000		25.000
	3 camas a 15.000		45.000
	desconto as fôrças de cama	10.000	
	fornecimento o João Pidruckney	20.000	
	Saldo a S. favor	1.700	
" "	Bupikrano	157.000	157.000
	Saldo a S. favor		1.700
Abril 9	100 gr. lupulo	1.000	
" 19	3 cop. pingo 300 supera camisa 7.1914 = 3.800		
Maio 5	em dinheiro		3.100
" "	4 mto algodão a 900 =	3.600	
" "	em dinheiro		1.400
" "	umane, 100 phospor 100 + 100 kg	400	
Agosto 13	boa surpresa	18.300	

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz.

Como é perceptível na fonte acima, Theodoro pagava suas compras no armazém tanto com dinheiro quanto com móveis que produzia. Portanto, o mesmo praticava o ofício de marceneiro na colônia.

Já Gotlieb Mann, imigrante de origem alemã, pagava suas compras no armazém com dinheiro, milho e principalmente vinho. Isso pode ser observado no excerto do livro caixa a seguir:

FIGURA 12 – FORMA DE PAGAMENTO UTILIZADA POR GOTLIEB MANN NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW EM 1917

Gotlieb Mann - Granel			
Outubro	12	1918 por a despesa	7.900
Fev.	3	1919 Pagou	7.900
Marg.	23	" Desp. 47.200 de din. 30.200 de uf	17.000
Mais	1	1920 Pagou em dinheiro	17.000
"	14	" Sua desp. bor. 5 page 56.	56.800
"	21	" 1 chapeu de pano (pelo seu filho)	8.000
Julho	31	" Desp. conf. bor. 5 page 85.	63.900
"	"	" Deu milho 3 carg. 7/4 e 8 lit. a 104	36.400
Setem.	24	" Despesa seu filho	19.200
Outubro	22	" 1 fome São Luís	9.000
Abril	27	1921 1/5 de vinho	80.000
"	"	" 7 mrs riscato a 2200	15.400
Balanco			56.900
Total			172.300
Saldo devedor			55.900
"	11	1922 1/5 de vinho	30.000
"	"	" gnayaca	60.000
"	"	" chadeira 3 1/2 a 4000	6.600

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz.

Gotlieb Mann era o principal fornecedor de vinho no armazém de Elias. Como o vinho era fabricado localmente, esse poderia ser um produto acessível a qualquer consumidor da região. Era revendido pelo dono do armazém a outros clientes em torno de 800 a 1000 réis o litro. Tanto imigrantes de nacionalidades europeias, quanto afrodescendentes e descendentes de portugueses consumiam o produto.

Voltando aos dados do quadro 8, percebe-se que havia imigrantes que se dedicavam a outras atividades. O ferreiro utilizava foice e enxada como as principais “moedas” de troca. Essas eram ferramentas indispensáveis para os

moradores da região, e eram revendidas com grande facilidade pelo dono da venda.

Em síntese, percebe-se claramente que a forma de pagamento utilizada por cada cliente era influenciada pelas atividades que cada um desenvolvia na “nova terra”. Do mesmo modo, também se dava conforme os acordos estabelecidos entre o comerciante e o cliente. Segundo Mariano Derkasz, filho de antigos donos de armazém,

Quem tinha dinheiro comprava com dinheiro quem não tinha fazia troca. Trazia mercadoria de casa e trocava por outra mercadoria. Vendiam fiado também. Forneciam, por exemplo, ano inteiro, a safra inteira, porque uns plantavam feijão uma vez só, daí colhiam o feijão vendiam e pagavam a conta com o feijão.³⁷¹

Catarina Lobacz Kalatai, filha de imigrantes ucranianos, confirmou a fala de Mariano e as informações contidas no livro caixa:

O que colhia na lavoura trocava por outras mercadorias[...] ia lá comprar na bodega, daí precisava levar um frango para pagar. Levar uns ovos para pagar. Levava batatinha que colhia e comprava açúcar, café, farinha [...] como não tinha como fazer dinheiro no começo, então pagavam com produtos da lavoura. Pagavam mesmo com o que eles colhiam para poder comprar³⁷²

Já outros imigrantes, conforme aponta excerto a seguir, produziam calçados e trocavam no armazém por outras mercadorias.

³⁷¹ DERKASCZ, Mariano. Op. Cit.

³⁷² KALATAI, Catarina Lobacz, Op. Cit. 2008.

FIGURA 13 – MÉTODOS DE PAGAMENTOS UTILIZADOS POR PEDRO CZREWATEY EM 1920-1921

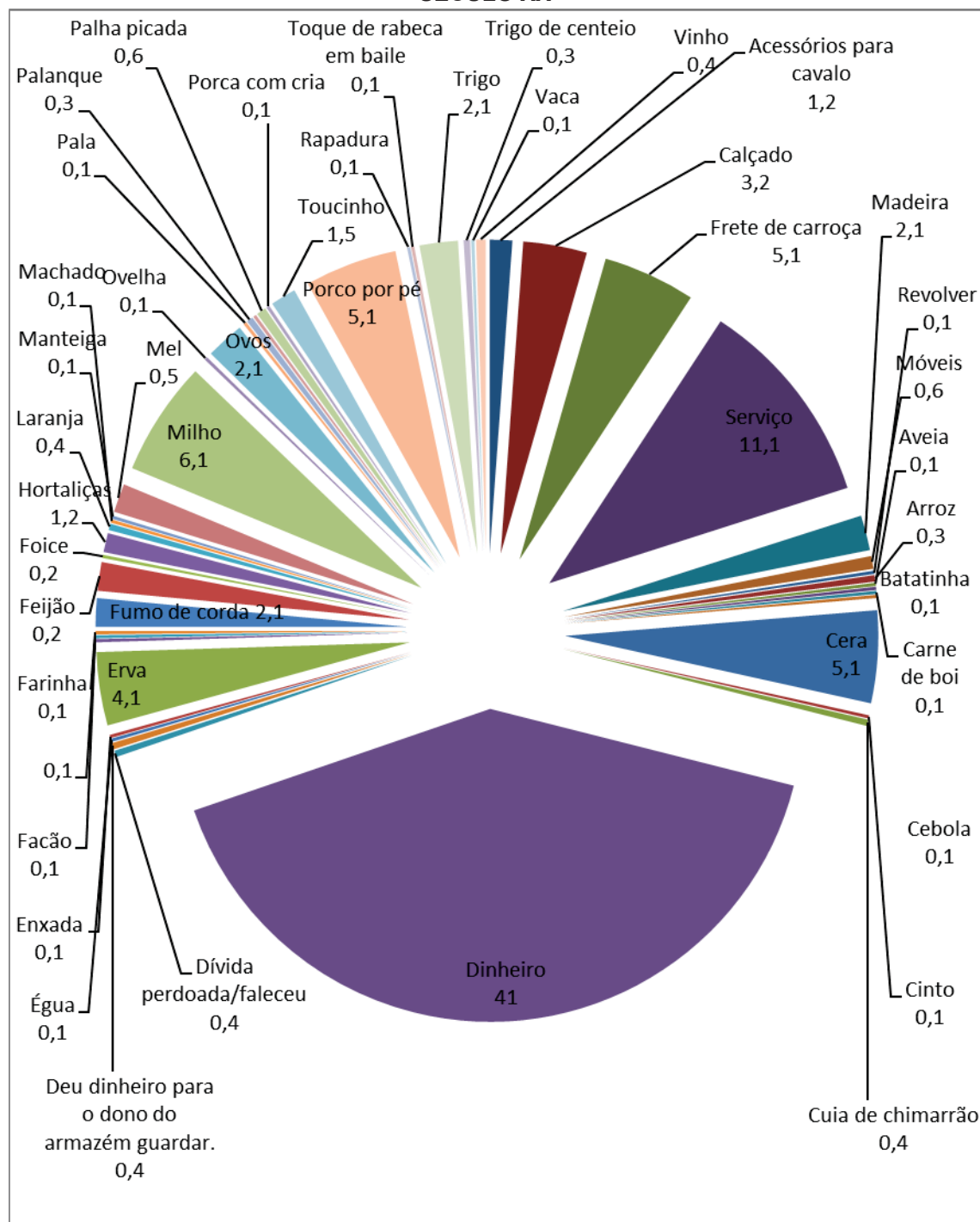
Pedro Czrewatey				Deve	Flaver
Mergo	22	1920	Transporte	181 000	
Abri	10	"	1 l. vinho Vermont	4 500	
Junho	16	"	1 machado	9 000	
Agosto	1	"	1 par. botinas e 1 par. chinellas		48 000
"	16	"	1 calça feita	15 000	
"	"	"	1 par. sapatos		5 000
"	"	"	1 par. sapatos		120 000
Set	21	"	Desp.	77 700	
Outubro	21	"	Nov. 1-920 360 mrs carineta a 3.500	12 600	
Novem.	7	"	feito, calças e pal. conf. bor 5 p. 126.	19 000	
"	8	"	por ao desp. hoje " 5 p. 124	40 000	
"	9	"	4 mrs brim marinha a 5000	35 000	
"	"	"	balinha (3500) sapatos ao me pai (30.)	33 500	- 33 500
"	"	"	Sapatos a Wasillo (17)		- 18 000
Dez	9	"	feito d'um termo de brim	15 000	
Fev	13	1921	1 par chinela para João + concito		8 000
"	"	"	13 "		65 000
"	"	"	1 ma desp. hoje	15 600	
"	"	"	6/4 batatinhas (no dia 25/5 921	12 000	
"	20	"	1 chapeu para 24.000 29, calça feita 13.500	57 500	
Julho	7	"	1 termo feito ao desp. menino	25 000	
Hainpabka yzgerok					30 000
moi repubukn					30 000
Ibanobu repubukn					15 000
mens' z noortne					15 000
Bauokobu. Tolum Pabky					
Agosto	14	"	1/2 Kg. de fumo	1 500	
Out	30	"	1 alqueire batatinha	4 000	
"	"	"	1/2 dúzias de chinellas		25 000
Novem	20	"	Sapatos para João e concito		13 000
Transportado na pag. 407.				504 400	416 500

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz.

Portanto, os registros de consumo, também demonstram o prolongamento dos ofícios aprendidos nos países de origem. Muitos imigrantes vieram para o Brasil e continuaram trabalhando em atividades que praticavam na Europa, pois para desenvolvê-las era necessário possuir certo conhecimento. Isso também vale para professores, ferreiros, alfaiates, marceneiros, entre outros ofícios existentes na colônia Ivaí.

O gráfico a seguir apresenta em porcentagem todas as formas de pagamentos utilizadas por clientes de nacionalidades europeias. As mesmas foram elaboradas conforme o número de vezes citados nos livros caixa do armazém de Elias:

GRÁFICO 10 – FORMAS DE PAGAMENTOS (EM %) UTILIZADAS PELOS IMIGRANTES EUROPEUS NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX³⁷³



Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

³⁷³ Para chegar a essas porcentagens foi somado quantas vezes determinado produto foi utilizado como forma de pagamento.

Em síntese, observando os dados dos quadros referentes às formas de pagamentos e do gráfico 10, é possível perceber que os imigrantes europeus que se estabeleceram na região não praticavam somente a agricultura, entre eles havia alfaiates, ferreiros, carpinteiros, marceneiros, apicultores, entre outras profissões. Do mesmo modo, ali estava a farmácia, o banco, a agência de emprego, o empresário do ramo do entretenimento, o fiador, o material de construção.

O armazém, portanto, não supria apenas as necessidades com alimentos e/ou bebidas, ele era o termômetro das relações sociais. Nesse aspecto, a partir dos livros caixa um “mundo” se desnuda diante dos olhos do pesquisador. A casa comercial desempenhava diversas funções importantes em uma colônia de povoamento distante de centros urbanos maiores.

O livro caixa não traz apenas informações sobre o que era comprado. A forma de pagamento é tão importante quanto aquilo que foi buscado na casa comercial. Conforme informações do quadro 8, é perceptível que o dinheiro era o método de pagamento mais recorrente entre os imigrantes europeus, dado o número de pessoas registradas que pagavam em dinheiro os artigos buscados ali, mas, essa informação não pode ser levada em consideração sem a devida contextualização e sem ponderar a sua conexão com as demais informações obtidas do livro contábil do estabelecimento comercial.

A grande maioria das pessoas usava dinheiro para pagar o que comprava, porém, a maioria dos consumidores não pagava *apenas* com dinheiro. Ele era parte do pagamento, nem sempre a porcentagem maior do valor da compra era paga com esse recurso. Os quadros e os gráficos demonstraram como essas formas de pagamentos eram tão diversificadas quanto aos produtos buscados lá. Em uma sociedade rural e distante dos centros urbanos, ficou nítido que os imigrantes que frequentavam a casa comercial utilizavam como forma de pagamento aquilo que estava a sua disposição. O lugar “armazém” era ressignificado e se tornava um espaço em que cada cliente o praticava a seu modo³⁷⁴.

³⁷⁴ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 15. ed. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Rio de Janeiro – Petrópolis: Vozes, 2008.

As formas de pagamentos foram reunidas em subgrupos e nesses conjuntos vemos alguns padrões se formarem. O centro urbano e comercial mais importante para Ivaí era Ponta Grossa e estava a uma distância não desprezível para as estradas e meios de transporte da época. Mesmo internamente as comunidades rurais ficavam a vários quilômetros umas das outras, o que dificultava os contatos.

Diante desse contexto, os fretes de carroça representavam uma “*moeda*” importante na economia ivaiense. Tanto para o comerciante, como para o freguês. Cerca de 29 vezes apareceram clientes nos livros caixa pagando suas contas com a realização de frete. Levava-se carroças cheias de produtos para Ponta Grossa e retornava-se com outras mercadorias industrializadas que abasteceriam os estoques dos armazéns.

Os *serviços* formam outro conjunto de pagamentos. Cerca de 66 vezes os imigrantes pagaram suas contas ou parte delas prestando algum trabalho para o dono do estabelecimento. As atividades agrícolas eram predominantes, pois além de comerciante o proprietário do armazém também possuía terras e animais, o que automaticamente levava o mesmo a necessitar de mão de obra.

Assim como não era especificado as mercadorias em muitos fretes, em muitas anotações o serviço prestado também não era descrito. Ou porque essa informação era simplesmente desnecessária para o controle do comerciante ou porque em um dia de trabalho diferentes tarefas poderiam ser executadas.

A troca de produtos que o agricultor possuía por mercadorias encontradas no armazém, também era de suma importância para as pessoas que não possuíam dinheiro propriamente dito em quantidade suficiente. Os produtos agrícolas se destacavam como “*moeda*” na hora de saldar as compras.

Nesse subgrupo, entre os “diversos” produtos que mais se destacavam estavam: o mel, milho, ovos, toucinho, porco por pé³⁷⁵, trigo, cera, hortaliças, feijão, erva-mate e fumo. Aproximadamente 182 clientes usaram esses produtos para pagar suas aquisições no balcão do armazém. O milho foi utilizado 36 vezes, o porco por pé 29 e o toucinho 8. Isso ajuda a fundamentar novamente a informação de que o porco era de fundamental importância na economia local.

³⁷⁵ Porco por pé corresponde a porco vivo descontando a barrigada.

A erva-mate, produto nativo, que requeria manejo adequado para sua maior produtividade, também se destacou entre os inúmeros produtos utilizados como forma de pagamento. Cerca de 23 vezes os europeus a usaram para quitar suas compras. O mesmo pode-se dizer da cera que foi utilizada 29 vezes.

Em suma, os quadros e gráficos demonstraram como os consumidores de origem europeia, utilizavam praticamente tudo o que estava disponível como moeda, pois aquilo que um consumidor dispunha seria comprado por outro e vice-versa. O comerciante centralizava em sua casa comercial o ambiente em que tão diversas trocas eram feitas direta e indiretamente.

5.3.3 Formas de pagamentos utilizadas pelos afrodescendentes

Enfim, resta analisar como os migrantes internos que se estabeleceram no quilombo Rio do Meio pagavam suas compras. Dessa forma, foi possível listar algumas atividades que esses indivíduos também desenvolviam no local. Os mesmos se dirigiam até a casa comercial com “moedas” de troca tais como: fumo, milho, feijão, erva-mate, porco, balaio, entre outros produtos conforme constam na tabela a seguir:

TABELA 43 – NOME DE ALGUNS CLIENTES DO QUILOMBO RIO DO MEIO E PRODUTOS QUE VENDIAM OU TROCAVAM NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW POR OUTRAS MERCADORIAS (1916-1928)³⁷⁶

Cliente	Produto utilizado para pagar a compra	Valor (em Réis)
Miligirido Ferreira	1 carga/carroça de milho a 4.000 réis.	4.000
Romaldo Sel. De Andrade	53 kg de porco por pé	51.000
Egydio Ferreira	11 kg. de fumo	13.200
Jacob Ferreira	2 alqueires de farinha de milho	10.000
Bento Manuel	63 kg. de erva	25.200
Egydio Ferreira	17 frangos a 300 réis e 1 galo a 1.500 réis	6.600
João Ferreira De Lima	120 kg. de toucinho	16.000
Prasido Ferreira	Uma carga de feijão	16.000
Brasílio Ferreira	2 balaies	8.000
Cezário Ferreira Lima	Laranjas	1.300
Sebastião Ferreira dos Santos	1 kg. Cera	4.000
Sebastião Ferreira dos Santos	2 latas de mel	24.000

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados dadécada de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Se observarmos as formas de pagamentos utilizadas pelos imigrantes europeus e descendentes de portugueses, nota-se que somente os afrodescendentes se dirigiam até o armazém com produtos artesanais como cestos e balaies para serem trocados por outras mercadorias. Esses utensílios eram utilizados tanto por eles quanto pelos imigrantes europeus para manusear feijão, milho, trigo, mas não eram fabricados por pessoas de origem europeia. Isso demonstra que a cultura material entre afrodescendentes, descendentes de portugueses e imigrantes europeus era distinta.

Conforme explícito na tabela 43, pode-se constatar que os indivíduos residentes no quilombo de Rio do Meio, migrantes internos negros que se estabeleceram na região, compareciam no armazém com as mais variadas “moedas” de troca. Isso possibilita reconstituir a ideia que esses sujeitos praticavam diversos tipos de atividades no local tais como práticas agrícolas, criação de aves, suinocultura, apicultura, artesanato, entre outras. A produção servia para o consumo e os excedentes eram comercializados. Portanto, isso aponta para a existência de um campesinato negro em uma região tida como alvo das políticas imigratórias para o desenvolvimento da agricultura.

³⁷⁶ Esta tabela foi construída com um exemplo de cada atividade procurando não as repetir. Portanto, muitos desses indivíduos citados aparecem no livro caixa várias vezes comercializando (trocando, vendendo) mais de um tipo de produto.

Além dessas informações, é possível dizer que as transações comerciais ultrapassavam fronteiras étnicas, pois como exemplo desse processo pode-se citar cestos, balaios, baixeiros, entre outras mercadorias. Essas eram produzidas pelos afrodescendentes e adquiridas pelos imigrantes europeus nos armazéns da região. O mesmo ocorria com a farinha de trigo, essa era produzida principalmente pelos imigrantes de origem polonesa e ucraniana, e comprada pelos afrodescendentes na casa comercial.

A etnicidade é um processo que se dá na interação e não no isolamento, portanto, não é algo natural. A identidade étnica, ao contrário da identidade cultural, é construída de modo consciente, ou seja, ela se constrói em face do “outro”³⁷⁷. Portanto, nas relações entre imigrantes e seus descendentes com os quilombolas, bem como entre os diferentes grupos de imigrantes europeus, a identidade se dará no momento da percepção de que o grupo é diferente dos demais.

Além disso, as fronteiras étnicas não são irredutíveis e/ou intransponíveis, a todo momento seus integrantes podem ultrapassá-las. Os critérios usados na delimitação do “nós” e do “eles” também mudam ao longo do tempo, não existem critérios fixos e imutáveis. Da mesma forma é preciso ressaltar que a reivindicação de uma identidade étnica passa pelas vantagens e desvantagens que esta acarreta³⁷⁸. Em um contexto favorável a vinculação ao grupo pode ser sustentada, em um momento considerado impróprio ela pode ser ocultada. Quando a situação mudar o indivíduo pode novamente deixar que sua vinculação seja percebida.

No caso do estudo empírico analisado nessa tese é possível apontar as interações e o cruzamento das fronteiras. São nos momentos em que esses limites são ultrapassados que ficam definidos os membros e não membros do grupo. No momento em que nos armazéns os afrodescendentes levavam seus produtos para trocarem por mercadorias era estabelecida a diferença. Mas, se por um lado há a interação e a etnicidade só se dá no contato, os grupos buscam

³⁷⁷ BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

³⁷⁸ VILLAR, Diego. Uma abordagem crítica do conceito de “eticidade” na obra de Fredrik Barth. **Revista Mana**, Nº 10 (1), p. 165-192, 2004.

manter as distinções e isso se dá de modo calculado³⁷⁹. No momento em que não houver essa tomada de consciência do “nós” e do “eles” tornou-se uma identidade cultural e não mais étnica.

Nesse sentido, o armazém também era lugar de troca de informações entre culturas diferentes. Era o local em que um imigrante europeu, longe de médicos e com o filho doente, poderia ficar sabendo sobre a existência de uma benzedeira do quilombo para curá-lo. Dessa forma, aos poucos, culturas religiosas distintas iam se misturando e dando espaço ao sincretismo religioso.

Em relação à agricultura, os imigrantes europeus são vistos como os precursores dessa atividade na região, porém, como é visível no livro caixa, percebe-se que os migrantes internos negros que se fixaram no local também desenvolveram certas práticas agrícolas. A fonte a seguir deixa claro isso:

FIGURA 14 – COMPRA E FORMAS DE PAGAMENTO UTILIZADAS POR BRASILLO FERREIRA DE LIMA

			Deve	Haver
Março	8	1918 Salto a 14 favor, do L.T pag. 317	14,200	
Novo	20	1919 Despesa 4.500 1/12 desp. 1300	5,800	
Ago	1	1920 Camisa de meia	4,800	
Junho	12	1921 Desp em conta, em milho		5,000
"	23	" Despesa 12.100 1/8 despesa 10.700	22,800	
Ago	1	" 2 carreg. milho a 5000		10,000
Jun	1	1923 fôrta 1.200 28/11 p.o coram 3.000	4,200	
Dez	24	" pelas despesas hor. p. p. 141.	4,000	
Balanco devedor			55,800	40,800
			55,800	55,800

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. **Registro de produtos do período de 1912 até meados da década de quarenta.** Acervo pessoal de Mariano Derkasz

Como é perceptível na imagem acima, Brasillo (Brazílio) Ferreira Lima (negro, nascido no Paraná por volta de 1890 e pai de Hamilton Ferreira)³⁸⁰, pagou

³⁷⁹ Idem VILLAR, Diego. 2004.

suas dívidas na venda com milho. O mesmo acontecia com outros clientes como, por exemplo, Miligirido Ferreira. Esse além de pagar suas dívidas com dinheiro também utilizava como “moeda” de troca a produção de milho.

Nesse aspecto, tanto Brasillo quanto Miligirido, reforçam a ideia de que os habitantes da comunidade negra, chamada Rio do Meio, desenvolviam atividades agrícolas na região. Os excedentes eram utilizados como produtos de trocas nos armazéns para adquirir mercadorias que a comunidade não produzia, tais como: sal, fósforos, fio, chapéu, tecido, cobertas, foice, entre outros produtos.

Nesse sentido, os registros de clientes como Miligirido Ferreira, Egydio Ferreira, entre outros sujeitos que circulavam pelos espaços do armazém, transformam o livro caixa em um espelho que reflete dados relevantes tanto sobre a vida dos migrantes internos nacionais, quanto dos imigrantes europeus que se estabeleceram na região.

Se Miligirido Ferreira comparecia no armazém com sacos, cestos, cargueiros ou cargas de milho para trocá-las por outras mercadorias, havia aqueles que cultivavam outros produtos agrícolas, tais como o feijão. Nesse aspecto, a cultura do feijão também fazia parte do cotidiano dos migrantes internos negros que se estabeleceram no local.

O feijão preto era produzido entre os afrodescendentes para o consumo e o excedente era deixado em haver no armazém para a aquisição de outros produtos. Sebastião Ferreira Cassador, também um dos membros da comunidade do Rio do Meio, pode ser citado como exemplo dessa prática. Isso foi constatado no excerto do livro caixa a seguir:

³⁸⁰ Informações extraídas das certidões de óbitos disponíveis no Cartório do Tabelionato e Registro Civil Faix, livro C1.

FIGURA 15 – COMPRA REALIZADA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW POR SEBASTIÃO FERREIRA CASSADOR E FORMAS DE PAGAMENTO DA MESMA

Sebastião Ferreira Cassador		
do Rio do Meio		Deve
Saldo a m favor	16 000	
Despesa sua Senhora	60 200	
deu em din. sua Senhora - -		50 000
Balanço		26 200
Total	76 200	76 200
Saldo a m favor	26 200	
Despesa pela sua Senhora por 5 fol 131	48 700	
1921 2 mrs de chita a 1400	2 800	
1922 4 carg ^o de feijão a 1600	+	64 000
Balanço		13 700
	74 700	74 700

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. **Registro de produtos do período de 1912 até meados da década de quarenta**. Acervo pessoal de Mariano Derkasz, p. 192.

Além do cultivo do milho e do feijão, havia aqueles que encontraram no artesanato o sustento da família. Trabalhavam dias e horas construindo balaies, cestos, baixeiros³⁸¹, e quando prontos se dirigiam para o armazém com o intuito de trocá-los por outros produtos. Isso ficou explícito na fala do comerciante Mariano Derkacz³⁸²:

Do Rio do Meio traziam baixeiro que era feito de palha de milho. Eles traziam e trocavam. O pai pegava o baixeiro deles e no lugar destes eles levavam açúcar, sal, farinha. Vinham os cavaleiros e nós vendíamos os baixeiros para os cavaleiros.³⁸³

³⁸¹ Peça para montaria confeccionada com palha de milho.

³⁸² A partir de meados do século XX o armazém de Elias Pyetlowanciw passou a ser de propriedade de Pedro DERKACZ. Mariano era filho de Pedro.

³⁸³ DERKASCZ, Mariano. Entrevista concedida a Lucimara Koss em 22 de fevereiro de 2012.

Hamilton Ferreira vivenciou parte desse período e trouxe em seu discurso palavras que confirmam a fala de Mariano Derkacz. Conforme afirmou Hamilton Ferreira:

Nós éramos tudo lá do e Rio do Meio e daqui do São Roque. Fazia baixeiro de palha e ia lá no armazém do Derkacz³⁸⁴ trocar [...] eu cheguei lá quantas vezes [...] quando meu avô morreu de idade, ficou minha tia fazendo baixeiro e daí depois de pronto vendia-o para fazer compra. Todos eles faziam baixeiro, balaio e iam vender no Derkacz para fornecer a casa.³⁸⁵

Além dos afazeres artesanais, do cultivo de milho e do feijão, os afrodescendentes que se estabeleceram na região também praticavam a suinocultura. A criação de porcos estava entre as atividades desenvolvidas por esses sujeitos, isso foi constatado na seguinte passagem do livro caixa:

FIGURA 16 – COMPRA REALIZADA NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW POR SEBASTIÃO FERREIRA DOS SANTOS E FORMAS DE PAGAMENTO DA MESMA

Sebastião Ferreira dos Santos - Rio do Meio.		Deve	Dever.
Out 8 1920	Sua Sapeira, borador 5 falta 137.	19.200	
Jan 9 "	Sua Sapeira 900 1/2 Sapeira 800	1700	
Abril 9 1921	deu em dim.		10.900
" 25 "	Sua Sapeira 3300 27 Sapeira 9.200 5/6 Sapeira 11700	24.200	
Jun 12 "	21 kg porco por pé a 13 kg =		18200
" "	1/4 milho		2500
	Balaio		13500
	Total	45.100	45.100

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. **Registro de produtos do período de 1912 até meados da década de quarenta**. P. 192. Acervo pessoal de Mariano Derkasz, p. 355.

Como é perceptível na fonte acima, Sebastião Ferreira dos Santos, residente da comunidade de Rio do Meio, pagou suas compras no armazém com milho e porco por pé. Assim como Sebastião, de acordo com os dados extraídos

³⁸⁴ O armazém de Elias Pyetlowanciw tornou-se de propriedade de Pedro Derkasz por volta da década de 1930.

³⁸⁵ FERRERA, Hamilton. Entrevista concedida a Lucimara Koss em 11 de setembro de 2011.

do livro caixa, eram diversos os sujeitos que se dirigiam ao armazém levando porcos ou seus derivados para trocar por outras mercadorias. Nesse aspecto, a suinocultura esteve presente tanto entre os negros que se estabeleceram na região, quanto entre os descendentes de portugueses e os imigrantes europeus. Todos praticavam essa atividade que foi de fundamental importância para a inserção da colônia no mercado interno.³⁸⁶

Em síntese, pode-se dizer que o porco se constitui em uma das principais moedas de troca utilizada pelos habitantes de Ivaí na primeira metade do século XX. Dessa forma, tanto imigrantes europeus quanto descendentes de portugueses e afrodescendentes, contribuíram para o desenvolvimento do mercado interno. Os porcos eram trocados nos armazéns por outros produtos e em sequência o dono da venda comercializava os animais na cidade de Ponta Grossa. Com o dinheiro da venda, comprava outras mercadorias para revendê-las em seu armazém.³⁸⁷

Além de contribuir para o desenvolvimento do mercado interno dessa forma, muitos afrodescendentes prestavam serviços ao dono do armazém em troca de fornecimento alimentício. Quando reunia um número significativo de cabeças de porcos, geralmente o proprietário da venda contratava alguns afrodescendentes para tocar os animais a pé até a cidade de Ponta Grossa e serem comercializados. Essa era uma prática comum adotada por Brasília Ferreira. Quem narrou isso foi seu filho Hamilton:

Meu pai levava porco tocado. O porco gordo tem a hora de caminhar. Essas horas (por volta das 15h) ele levanta e daí caminha até meia noite. Daí quando chega meia noite é hora de deitar e ele deita. Ali você pode deitar e descansar porque eles deitam e ficam quietos. Quando é mais ou menos a hora que o galo começa a cantar, o porco levantava e daí já aproveitava tocar até 10 horas. Se tivesse meio fresco eles iam mais antes e se não tivesse eles demoravam.³⁸⁸

Ainda sobre um dos registros de Sebastião Ferreira dos Santos, além da suinocultura e da plantação de milho, assim como outros clientes, Santos praticou outras atividades. A apicultura também esteve presente entre esses sujeitos.

³⁸⁶ KOSS, Lucimara. 2013. Op. Cit.

³⁸⁷ Idem KOSS, Lucimara. 2013.

³⁸⁸ FERRERA, Hamilton. Op. Cit.

Tanto o mel quanto a cera eram utilizados como moedas de trocas nos armazéns. O desempenho dessa atividade também fez parte tanto do cotidiano dos migrantes internos afrodescendentes, quanto do dia a dia dos imigrantes europeus que ali se fixaram.

Além dessas formas de pagamentos, assim como os imigrantes europeus, diante da falta de recursos os afrodescendentes do quilombo de Rio do Meio também pagavam suas compras no armazém prestando serviço ao dono da venda. Como exemplo pode-se citar Egydio Ferreira, pois esse pagava suas dívidas com a entrega de fumo e com serviços de carpida de roça.

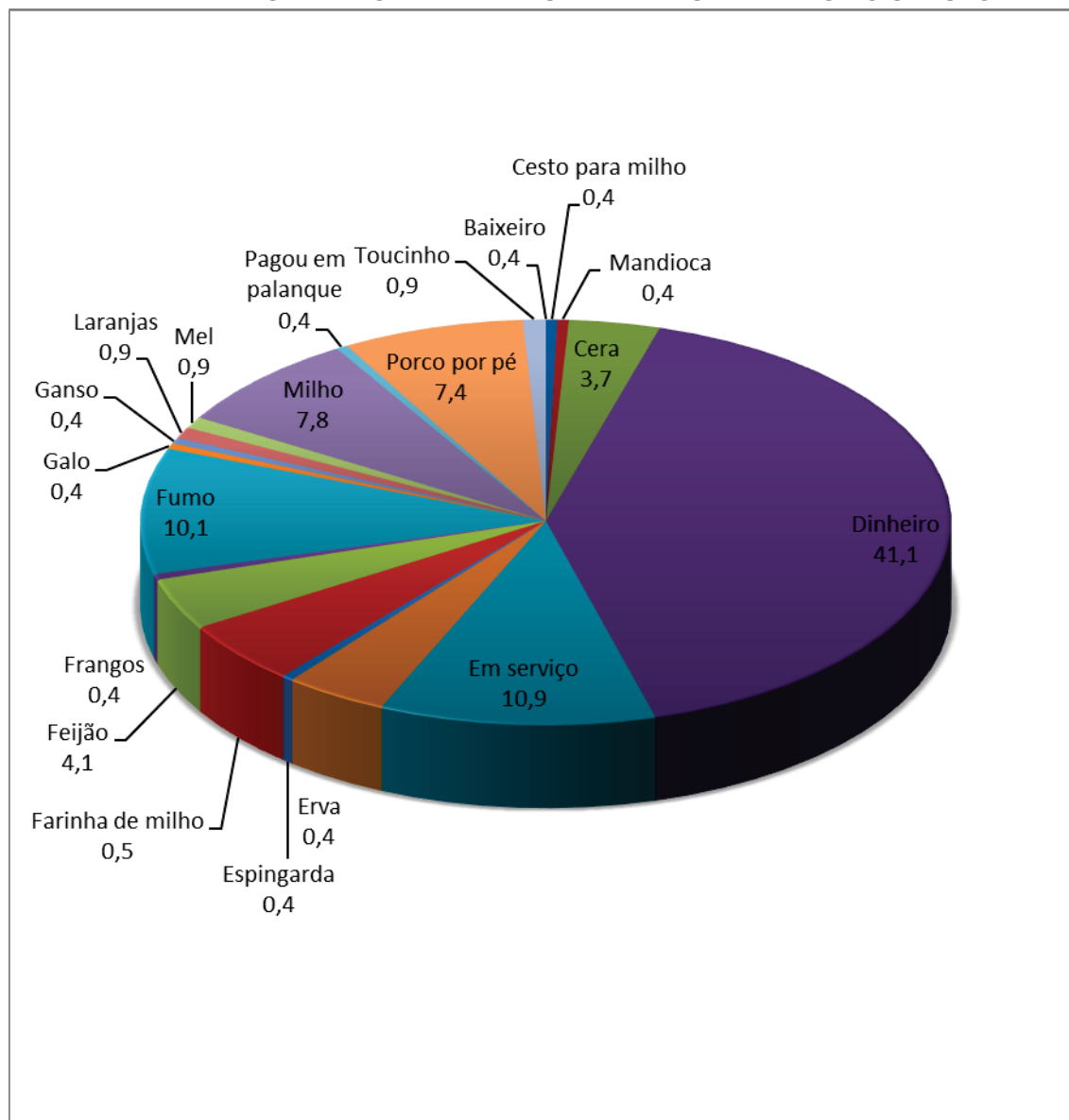
Outros clientes do quilombo pagavam com a derrubada da mata, planta de milho, entre outras atividades, conforme afirmou Hamilton Ferreira:³⁸⁹ “Às vezes comprava fiado no armazém porque não tinha como pagar e ia descontando em serviço para o bodegueiro. Pegava um quadro de derrubada de mata e ia pagando.”

Dentre os serviços prestados ao dono da venda, além de atividades agrícolas, destaca-se a participação de afrodescendentes no comércio de tropas de porcos a curta distância. Portanto, os espaços dos armazéns também se convertiam em lugares de diversas negociações. Enquanto se degustava um copo de cachaça no balcão da venda, o cliente negociava com o dono do armazém a forma como pagaria o café e o açúcar adquirido. As negociações poderiam abranger tanto a permuta de produtos agrícolas por outras mercadorias, quanto à troca da força de trabalho por comida.

Analisando todas as formas de pagamentos utilizadas pelos afrodescendentes, percebe-se que o serviço para o dono do armazém convertia-se na principal moeda. Isso pode ser observado no gráfico a seguir em que 10,9% das mercadorias compradas por moradores de Rio do Meio foram pagas por meio desse sistema.

³⁸⁹ Idem FERREIRA, Hamilton. 2011.

GRÁFICO 11 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELOS AFRODESCENDENTES NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX³⁹⁰



Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. **Registro de produtos do período de 1912 até meados da década de quarenta**. P. 192. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Além disso, conforme dados do gráfico 11, percebe-se que o dono da casa de comércio aceitava o pagamento em arma de fogo, palanque, milho, porco, erva, cera, frangos, feijão, farinha de milho, mandioca, artesanato, entre outras formas de liquidar o saldo devedor.

Essas informações sobre as múltiplas formas de pagamento que refletem a economia local, também podem ser melhor observadas no quadro a seguir:

³⁹⁰ Para chegar a essas porcentagens foi somado quantas vezes determinado produto foi utilizado como forma de pagamento.

QUADRO 9 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS PELOS AFRODESCENDENTES NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX³⁹¹

Forma de pagamento	Quantidade de vezes descrita no livro caixa
Abateu a compra com um cesto para milho	1
Abateu em mandioca	1
Abateu com baixeiro	1
Abateu em cera	8
Abateu em dinheiro	90
Abateu em serviço (carpida de roça)	2
Abateu em serviço (Colheita de roça)	1
Abateu em serviço (Corte de capoeira)	1
Abateu em serviço (Domação de animais)	1
Abateu em serviço (Feitio de acero)	2
Abateu em serviço (Feitio de roça)	4
Abateu em serviço (Malhou trigo)	1
Abateu em serviço (Não especificado)	1
Abateu em serviço (Planta de milho)	5
Abateu em serviço (Quebra de milho)	3
Abateu em serviço (Replante de milho)	1
Abateu em serviço (Viagem não especificada a mando do dono)	2
Abateu em erva	9
Abateu com uma espingarda	1
Abateu em farinha de milho	11
Abateu em feijão	9
Abateu em frangos	1
Abateu em fumo	22
Abateu com um galo	1
Abateu com um ganso	1
Abateu com laranjas	2
Abateu com mel	2
Abateu com milho	17
Abateu em palanques	1
Abateu com porco por pé	16
Abateu com toucinho	2

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. **Registro de produtos do período de 1912 até meados da década de quarenta**. P. 192. Acervo pessoal de Mariano Derkasz. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

Observando o quadro 9, percebe-se que o tabaco também aparece com destaque entre as formas de pagamento. O dono do armazém comprava o fumo

³⁹¹ Ver nota 390.

em corda dos afrodescendentes e vendia para aqueles imigrantes europeus que não o produziam.

Também se nota que um dos moradores do quilombo de Rio do Meio, pagou suas contas no armazém através do serviço de domar animal. Dado extremamente interessante se juntarmos com as informações trabalhadas por Brasil Pinheiro Machado.³⁹² Conforme visto, segundo o autor, antes do desenvolvimento das políticas imigratórias europeias, o Paraná era composto por grandes fazendas tocadas por mão de obra escrava. Entre os escravos havia os que se dedicavam à domaçaõ de animais. Portanto, é muito provável que esse consumidor tenha aprendido o ofício em alguma fazenda da região, ou que seus antepassados o tenham aprendido e lhe transmitido, o que contribui para a ideia que foi levantada em itens anteriores sobre a migração de libertos das fazendas paranaenses. Esses poderiam ter migrado de Castro, Ponta Grossa, Conchas, entre outros locais voltados para a criação de gado no século XIX.

Voltando às porcentagens do gráfico 11, a mesma não se restringe a uma questão meramente matemática/contábil, pois ela representa as relações sociais e a economia local. Cerca de 59% de tudo que se comprava no armazém era “pago” a partir da troca por outro produto ou por serviço prestado ao proprietário do armazém. O número expressivo desse tipo de pagamento mostra como a produção de alimento em núcleos familiares era a base da economia de Rio do Meio, economia que não destoava da economia de Ivaí de um modo geral.

A formação do núcleo colonial Ivaí foi levada adiante com as pequenas propriedades voltadas à produção de alimentos de subsistência. O núcleo quilombola de Rio do Meio se mostrava em conexão com aquele modelo de ocupação do solo e da produção agropecuária. As mercadorias oferecidas como pagamento pelos afrodescendentes eram diversas, o que demonstra como era diversificada a produção de alimentos no quilombo, ou seja, era uma produção de subsistência em que o pouco excedente se tornava moeda.

Entre os 59% dos casos nos quais houve pagamento sem o uso do dinheiro, o mesmo foi feito principalmente com serviço, tabaco e porco vivo. O pagamento de mercadorias do armazém com suínos e fumo demonstra que essas

³⁹² MACHADO, Brasil Pinheiro. Op. Cit. 1962.

atividades eram algo relevante entre os quilombolas. Dado extremamente interessante se compararmos as formas de pagamentos dos imigrantes europeus com as dos afrodescendentes. Conforme pode ser observado, mais de 10% das compras feitas no armazém pelos afrodescendentes eram pagas com tabaco (fumo em corda). Se cruzarmos esses dados com as informações da tabela 24, percebe-se que os mesmos não compravam fumo no estabelecimento comercial. Isso se dava devido ao fato de haver uma grande produção do produto entre eles. Já em contrapartida, se observarmos os dados do gráfico 10 (formas de pagamentos utilizadas pelos imigrantes europeus), somente 1,48% das compras realizadas por imigrantes europeus eram pagas com fumo. Número extremamente baixo se compararmos com os 10% dos afrodescendentes. Essas informações podem ser melhor visualizados na tabela comparativa a seguir:

TABELA 44 – FORMAS DE PAGAMENTOS UTILIZADAS POR CONSUMIDORES DE ORIGEM EUROPEIA, AFRODESCENDENTES E ASCENDENTES DE PORTUGUESES NO ARMAZÉM DE ELIAS PYETLOWANCIW ENTRE O PERÍODO DE 1912 A 1940

Forma de pagamento	Porcentagem das formas de pagamentos utilizadas por cada clientela ³⁹³		
	Europeus (em%)	Descendentes de portugueses (em%)	Afrodescendentes (em%)
Fumo	1,4	0,1	10,0
Ovos	2	-	-
Milho	5,9	13,0	7,7
Manteiga	0,1	-	-
Porco	4,7	0,4	7,3
Palha picada	0,6	-	-
Frangos	-	-	0,9
Toucinho	1,3	0,5	0,9
Vinho	0,4	-	-
Baixeiro e cesto	-	-	0,9
Arroz	0,3	0,1	-
Aveia	0,1	-	-
Farinha de milho	-	0,1	0,5
Farinha de trigo e trigo	2,4	-	-
Mel e cera	5,6	-	5,1
Laranja	0,3	0,1	0,1
Calçado	3,2	-	-
Palanque	0,3	-	0,4
Acessórios para cavalo	1,1	-	-
Armamento	0,1	0,1	0,4
Mandioca	-	-	0,4
Cebola	0,1	-	-
Madeira	1,8	-	-
Ganso	-	-	0,4
Carne bovina	0,1	0,1	-
Ovelha	0,1	-	-
Equinos e vaca	0,3	-	0,1
Erva	3,7	0,3	4,1
Enxada/foice/machado/faca	0,8	-	-
Hortaliças	1,1	-	-
Feijão preto	1,4	0,1	4,1
Feijão carioca	-	0,1	-
Móveis	0,6	-	-
Casa e acordeão	-	-	0,3
Serviço	15,7	14,0	10,9
Pala	0,3	-	-
Dinheiro	40,7	49,0	41,1

Fonte: PYETLOWANCIW, Elias. Registro de compra e venda do período de 1912 até meados da década de quarenta. Acervo pessoal de Mariano Derkasz.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

³⁹³ Para chegar a esses resultados foi somado quantas vezes determinado produto foi utilizado como forma de pagamento.

Se por um lado os afrodescendentes praticavam a fumicultura eliminando a compra desse produto no armazém, por outro os clientes de origem europeia se dirigiam até o estabelecimento comercial para comprar essa mercadoria. Portanto, parte do fumo em corda produzido pelos afrodescendentes era consumida por eles mesmos, e outra parte era comercializada localmente com o dono da venda. O comerciante revendia uma parte desse produto para os clientes de origem europeia que não trabalhavam com essa atividade, e outra em Ponta Grossa para comprar outras mercadorias. Nesse aspecto, os afrodescendentes que se estabeleceram em Ivaí também contribuíram para o desenvolvimento do mercado interno com a fumicultura e outros produtos.

Além do porco vivo, o toucinho também era “moeda” de pagamento tanto entre os quilombolas quanto os imigrantes europeus. O mesmo equivale para o milho, produto que poderia ser utilizado como alimento na criação de porcos, galinhas, vacas, equinos, entre outros animais, e também poderia ser comercializado em Ponta Grossa por parte do dono da venda.

O pagamento em serviço, também demonstra como as relações sociais entre imigrantes donos de armazéns e afrodescendentes, poderiam ser amistosas. Muitas vezes, na falta de alternativas, o dono da casa comercial aceitava a venda da força de trabalho como forma de pagamento.

Mais uma vez esses dados colocam em dúvida as informações levantadas na introdução sobre existir apenas relações conflituosas entre imigrantes europeus e afrodescendentes. Poderia haver sim certo distanciamento entre algumas famílias de ambos os lados, porém, como é possível perceber através dos dados do livro caixa, em pleno contexto de imigração eram vários os afrodescendentes que frequentavam o armazém do imigrante Elias e negociavam suas formas de pagamento. Existia até mesmo uma relação de confiança entre ambos, pois muitas vezes o cliente deixava produtos em haver na venda para ser descontado em compras futuras. Em muitos casos o comerciante confiava no fornecimento fiado a seu cliente do quilombo. Além dessas questões, foi possível perceber que as relações entre afrodescendentes e imigrantes europeus ultrapassavam o espaço do armazém atingindo relações de trabalho.

Outro dado interessante presente na tabela 44 sobre as formas de pagamento, refere-se às especificidades culturais de cada povo. Somente os

afrodescendentes utilizavam cestos e baixeiro para pagar suas contas. A fabricação desses utensílios não fazia parte da cultura dos imigrantes europeus. Por outro lado, apenas clientes de origem europeia fabricavam sapatos para trocar na venda por outras mercadorias. O mesmo vale para a fabricação de ferramentas tais como: foice, machado, enxada. O que demonstra que entre esses havia ferreiros.

As diferenças culturais estavam presentes até mesmo na cor do feijão. Apenas os brasileiros descendentes de portugueses vendiam feijão carioca no armazém para pagar suas compras. Esses também eram os que mais utilizavam o milho como forma de pagamento. O que confirma que também praticavam a agricultura no local e contribuíram para o desenvolvimento da economia local.

Vale destacar que somente os europeus vendiam ovelhas ao dono do armazém para saldar suas dívidas. Essas diferenças culturais também se evidenciam na produção de trigo e farinha. Percebe-se na tabela 44 que exclusivamente os europeus utilizavam farinha de trigo e só os afrodescendentes mandioca e farinha de milho. O fato de determinado tipo de clientela não utilizar determinado produto para pagar suas compras no armazém, não elimina a possibilidade desses o cultivarem em suas propriedades, contudo, de qualquer modo, aponta para uma produção de subsistência em que não havia excedentes para serem comercializados.

Em síntese, essas informações também complementam as sobre mobilidade social e formas de sobrevivência desenvolvidas pelos negros pós-abolição. Conforme defendido por Flávio dos Santos Gomes³⁹⁴, Ana Maria Lugão Rios³⁹⁵ e outros autores que foram citados, pós-abolição muitos libertos passaram a migrar pelo território brasileiro em busca de um lugar para se estabelecer e sobreviver de práticas agrícolas. Os negros que se fixaram em Ivaí, encaixam-se nessa hipótese. Os registros de consumo evidenciam claramente que os mesmos utilizavam produtos agrícolas para pagar suas dívidas no armazém. Portanto, praticavam a agricultura como meio de sobrevivência e os excedentes da produção eram comercializados no armazém em troca de outras mercadorias.

³⁹⁴ GOMES, Flávio dos Santos. 2015. Op. Cit.

³⁹⁵ RIOS, Ana Maria Lugão; HEBE, Maria Mattos. 2005. Op. Cit.

Em síntese, percebe-se que somente os clientes de origem europeia quitavam suas dívidas com produtos oriundos do ofício de ferreiro, marceneiro, alfaiate, sapateiro, carroceiro e vinicultura. Por outro lado, o suíno e seus derivados, eram utilizados como moeda de troca tanto pelos imigrantes europeus quanto pelos afrodescendentes e brasileiros descendentes de portugueses que habitavam o local. O mesmo equivale para alguns produtos agrícolas. Portanto, a sua maneira, todos contribuíram para o desenvolvimento da agricultura e do mercado interno na região.

Distante de sua terra natal, mesmo com dificuldades, o imigrante europeu reconstruiu sua vida trocando o que produzia por aquilo que lhe faltava. Longe de centros maiores, os migrantes internos negros frequentavam as casas comerciais para comprar e vender o que necessitavam. Migrando pelo território brasileiro, os descendentes de portugueses também tinham sua produção local e contribuíram para o desenvolvimento do mercado interno, trocavam seus produtos ou sua força de trabalho por mercadorias manufaturadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações que por momento faço, dizem respeito apenas ao que foi pretendido nessa tese. Dessa forma, em hipótese alguma quero fechar as possibilidades de interpretações das fontes que foram utilizadas. Afinal, como apontou José Carlos Reis³⁹⁶, a história sempre está sendo reescrita, seja porque as questões e questionamentos dos historiadores mudam com o passar do tempo ou porque novas fontes e interpretações surgem. Levando em conta o fato de que o tema não foi esgotado, cabe aqui fazer apenas algumas considerações finais que a interpretação das fontes possibilitou.

Ao longo da tese constatou-se que a Colônia Federal Ivaí se formou através de duas formas de ocupação: frente de expansão e frente pioneira. Essa primeira foi praticada principalmente por descendentes de portugueses e por afrodescendentes, que ocuparam o local muito antes das políticas imigratórias desenvolvidas em fins do século XIX e início do XX. A segunda foi realizada principalmente pelos imigrantes de origem europeia que foram direcionados pelo Estado ao local nas primeiras décadas do século XX.

De qualquer modo, as duas formas de ocupações estiveram inseridas em um contexto maior. Por um lado, no Brasil, as lutas abolicionistas que culminaram no século XIX com o fim da escravidão foram acompanhadas de discussões que ressaltavam a falta de mão de obra e a necessidade de se atrair imigrantes, sobretudo europeus e brancos; por outro, a falta de emprego, crescimento populacional e falta de terras em regiões europeias impulsionaram a saída de milhões de europeus para o Brasil.

A emancipação política da província paranaense em 1853, também contribuiu para o desenvolvimento das políticas imigratórias. O principal objetivo era atrair imigrantes europeus para povoar o território, assegurar a autonomia política, diversificar e aumentar a produção de alimentos.

Além disso, a atração de imigrantes europeus também esteve ligada a teorias raciais desenvolvidas na Europa, pois acreditava-se que o Brasil era um

³⁹⁶ REIS, José Carlos. As identidades do Brasil de Varnhagem a F. H. C. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

país atrasado devido à grande quantidade de negro. Com a abolição da escravidão preferiu-se atrair mão de obra imigrante europeia branca do que empregar o negro liberto. Portanto, a entrada de estrangeiros interferiu no fluxo de migrações nacionais, pois com a preferência dos produtores de café por trabalhadores europeus, muitos ex-escravos e descendentes de portugueses deixaram São Paulo e migraram para outras regiões brasileiras.

Dentro desse processo, constatou-se que as políticas imigratórias voltadas para os estados do Sul do Brasil, eram diferentes das desenvolvidas principalmente por estados como São Paulo. Enquanto o governo paranaense estava interessado em povoar áreas devolutas, aumentar a produção e diversificação de alimentos, as políticas imigratórias paulistas visavam mão de obra, sobretudo, para os cafezais. Essa diferença de interesse de governos estaduais, também influenciou a decisão dos europeus na escolha do destino final. Aqueles que viviam em regiões mais industrializadas na Europa, ou possuíam famílias grandes como os italianos, escolheram como destino os cafezais de São Paulo e o trabalho assalariado. Já os que eram agricultores, tais como poloneses e ucranianos, deixaram a região da Galícia com o objetivo de se tornarem proprietários de terras no Brasil. Portanto, esses últimos escolheram, em sua grande maioria, Estados sulistas como o Paraná, pois o governo paranaense fazia propaganda na Europa da concessão de terras. Foi assim que no início do século XX milhares de europeus deixaram a Europa e migraram para a colônia Ivaí.

Porém, a cidade de Ivaí não foi formada somente por imigrantes europeus, pois com a abolição da escravidão diversos afrodescendentes também escolheram a região para viver o restante de suas vidas. Foi assim que surgiu o quilombo de Rio do Meio e de São Roque no atual município de Ivaí.

Sobre os quilombos em Ivaí concluiu-se que os mesmos foram formados por migrações de afrodescendentes de diferentes regiões brasileiras, sobretudo paranaenses, em períodos históricos distintos. Portanto, a povoação de Ivaí foi marcada tanto por migrações externas quanto internas.

Além de europeus e afrodescendentes, para Ivaí também migrou uma grande quantidade de brasileiros descendentes de portugueses. Esses habitavam a região muito antes do desenvolvimento das políticas imigratórias europeias.

Embora o local possuísse baixa densidade demográfica, não era totalmente um espaço vazio e desocupado. Muitas terras onde foi criada a colônia, já eram habitadas pela frente de expansão e foram comercializadas aos imigrantes europeus através da forma de ocupação pioneira.

Por fim, Ivaí também recebeu migrantes internos de origem europeia. Esses teriam sido encaminhados para outros estados como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, ou até mesmo para outras colônias localizadas no Paraná, e por não se adaptarem ao local ou ficarem distante de parentes migraram para a colônia Ivaí.

Em relação aos afrodescendentes que formaram os quilombos de Rio do Meio e de São Roque, foi possível perceber que os mesmos também contribuíram para o desenvolvimento do mercado interno e da agricultura na região, pois pagavam suas compras na casa comercial tanto em dinheiro quanto com aquilo que produziam. O mesmo vale para as pessoas de ascendência europeia. Porém, existiam algumas diferenças que evidenciaram traços culturais de cada povo.

Enquanto uma das “moedas” de trocas mais utilizadas no armazém pelos afrodescendentes era o tabaco, esse foi um dos produtos menos utilizados pelos europeus e brasileiros descendentes de portugueses para quitar suas dívidas no armazém. Portanto, a produção de fumo fazia mais parte do cotidiano dos afrodescendentes do que dos europeus e seus descendentes.

Em compensação, a produção de farinha de trigo era mais comum entre os imigrantes europeus do que entre os moradores dos quilombos de Rio do Meio e São Roque. Diferentemente dos europeus, os afrodescendentes não vendiam farinha de trigo no armazém, mas a compravam.

Já em relação aos brasileiros descendentes de portugueses, um dos produtos mais utilizados por esses como forma de pagamento nos armazéns da região, era o milho. Portanto, isso deixou claro algumas diferenças culturais entre os povos que habitavam a região. Porém, havia algumas semelhanças entre ambos também. A suinocultura, a produção de mel, milho, feijão, era praticada na região tanto pelos estrangeiros de origem europeia quanto pelos nacionais descendentes de portugueses e africanos.

Outra forma comum de pagar as compras no armazém, utilizada por clientes de qualquer origem, era a prestação de serviços. Diante da falta de

dinheiro, ou de produtos para vender em troca de outras mercadorias, tanto estrangeiros quanto nacionais vendiam sua própria força de trabalho ao comerciante. O mesmo equivale para o empréstimo de dinheiro. O dono do armazém também emprestava dinheiro para o cliente que necessitava independente de sua ascendência.

No que se refere a compra de mercadorias industrializados na casa comercial, todos os grupos consumiam a cachaça em grande quantidade. Essa se destacava entre todos os clientes independente da origem. O mesmo vale para a aquisição de chapéu e de tecidos para o feitiço de roupas.

Em relação a compra de produtos alimentícios, foi possível identificar algumas diferenças entre os hábitos alimentares de imigrantes europeus e africanos. O produto que os clientes de linhagem europeia mais procuravam no armazém era o açúcar e entre os afrodescendentes o sal.

Portanto, olhar para o que cada cliente comprava e como pagava, demonstrou claramente algumas atividades desenvolvidas na região por migrantes internos e externos. O mesmo vale para os hábitos estéticos e alimentares de cada consumidor. Tanto a produção quanto o consumo refletiram aspectos culturais de cada povo.

FONTES

FONTES ICONOGRÁFICAS

Foto 1 – **Imigrantes europeus em Ivaí por volta de 1930-1940**. Localização da fonte: acervo pessoal Lucimara Koss.

Foto 2 – **Moradores do quilombo de Rio do Meio malhando feijão com mangual (instrumento conhecido no Sul do Brasil como cambal)**. Localização da fonte: Arquivo pessoal de Francieli Hneda.

FONTES ORAIS

DERKASCZ, Mariano. Entrevista concedida a Lucimara Koss em 22 de fevereiro de 2012.

FERRERA, Amilton. Entrevista concedida a Lucimara Koss em 11 de setembro de 2011.

KALATAY, Lobacz Catarina. Entrevista concedida a Lucimara Koss em 23 de junho de 2008.

LOBACZ, Vladomiro. Entrevista concedida a Lucimara Koss em 30 de janeiro de 2008.

SCHUISTA, José. Entrevista concedida a Lucimara Koss, em 20 de janeiro de 2008.

FONTES MANUSCRITAS

Austrian Poland. Handbooks prepared under the direction of the historical section of the foreign office, nº 46. London: 1920. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/9175/view/1/1/> . Acesso em 25 de junho de 2018.

BRASIL, Lei Nº 601, DE 18 DE SETEMBRO DE 1850. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0601-1850.htm Acesso em 28 de maio de 2018.

BRASIL. Decreto Nº 528 de 28 de junho de 1890. Disponível em: http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=528&tipo_norma=DEC&data=18900628&link=s. Acesso em 14 de abril de 2018.

BRASIL. Lei nº 514 de 28 de outubro de 1848. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=79736&tipoDocumento=LEI&tipoTexto=PUB> . Acesso em 17 de abril de 2018.

Censo demográfico de 2010. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/> . Acesso em 31 de janeiro de 2017.

DERKASCZ, Pedro. **Registro de produtos consumidos no período de 1930 até meados da década de 1940.** Localização do arquivo: A.P.M.D.

Hungarian Ruthenia. Handbooks prepared under the direction of the historical section of the foreign office, nº 7. London: 1920. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/9160/view/1/1/#q=rutheno> . Acesso em 25 de junho de 2018.

I.B.G.E. **Informações demográficas sobre a cidade de Ivaí-Pr.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 31 de janeiro de 2017.

I.B.G.E . **Censos demográficos e econômicos do Estado do Paraná.** Série regional volume XXVI, Rio de Janeiro, 1955.

IPARDES (Divisão Política do Paraná 2010). Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/divisao_politica_2010.jpg

JUNIOR DUCAL, Theophilo. **Planta do núcleo colonial Ivaí de 1912.** Arquivo: Instituto Ambiental do Paraná (IAP).

LIMA, Dr. Vicente Machado da Silva. **Mensagem ao congresso Legislativo do Estado do Paraná.** Curitiba 1º de fevereiro de 1905, p. 39-40. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1>. Acesso em 05 de junho de 2018.

PRASEL, Jonny Ricardo. **Origens.** Edição própria de memórias da família.
PYETLOWANCIW, Elias. **Registro de produtos consumidos no período de 1912 até meados da década de 1940.** A.P.M.D.

Registros de óbitos do Cartório de Bom Jardim do Sul. Disponível em: <https://familysearch.org/search/image/index#uri=https%3A%2F%2Ffamilysearch.org%2Frecapi%2Fsord%2Fwaypoint%2FMHN7-KWR%3A337683601%2C337683602%3Fcc%3D2016194>.

Registros de óbitos de Ivaí da primeira metade do século XX. Localização do arquivo: Registros de óbitos Cartório do Tabelionato e Registro Civil Faix.

Registros de terras. Disponíveis em: arquivo público do Paraná.

Registros de casamentos do cartório localizado em Bom Jardim no município de Ivaí/PR. Disponível em: <https://familysearch.org/> Acesso em 04 de abril de 2016.

RIBEIRO, Miranda (presidente da província do Paraná). **Exposição 1888. p.36.** Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1>. Acesso em 05 de junho de 2018.

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Recenseamento da população do núcleo Ivay em 31 de dezembro de 1915**. Localização do arquivo: prefeitura Municipal de Ivai (A. P. M. I).

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Recenseamento geral da população do Núcleo Colonial Ivai de 1918**. Localização do recenseamento: A. P. M. I.

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Registros de entradas de imigrantes e migrantes**. Localização dos registros: A.P.M.I.

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Registros de entradas de imigrantes e migrantes de 1915 a 1924**. Localização dos registros: A. P. M. I.

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Registro de saída de imigrantes durante o ano de 1915**. Localização do arquivo: A.P.M.I.

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Registro de casas particulares, escolas, templos, máquinas, carroças, estabelecimentos comerciais e industriais. 1915**. Localização dos registros: A. P. M. I.

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Quadro demonstrativo elaborado sobre as criações de animais e aves existentes no núcleo colonial de Ivay em 31 de dezembro de 1915**. Localização do quadro demonstrativo: A. P. M. I.

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Relatório da produção agrícola de 1915**. A. P. M. I.

RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Relatório do Núcleo Colonial de Ivai enviado ao presidente da província em 1915**. Localização do relatório: A. P. M.

ROCHA Caetano Munhoz da (presidente da província do Paraná). **Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo**. Curitiba, 1º de Fevereiro de 1921, p. 67. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A11>. Acesso em 05 de junho de 2018.

ROCHA Caetano Munhoz da (presidente da província do Paraná). **Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo**. Curitiba, 1º de Fevereiro de 1926. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A11>. Acesso em 05 de junho de 2018, p.121.

ROCHA Caetano Munhoz da (presidente da província do Paraná). **Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo**. Curitiba, 1º de Fevereiro de 1921, p. 68. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A11>. Acesso em 05 de junho de 2018.

ROCHA Caetano Munhoz da (presidente da província do Paraná). **Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo**. Curitiba, 1º de Fevereiro de 1921. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A11>. Acesso em 05 de junho de 2018.

ROCHA, Caetano Munhoz da (presidente da província do Paraná). **Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo**. Curityba, 1º de fevereiro de 1921, p. 67. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1> . Acesso em 05 de junho de 2018.

SILVA, Francisco Xavier da. **Mensagem do governador do Estado do Paraná lida perante Congresso legislativo**. Curytiba: 04 de outubro de 1892, p. 13. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1>. Acesso em 05 de junho de 2018.

SILVA, Francisco Xavier da. **Mensagem do governador do Estado do Paraná ao Congresso legislativo**. Curytiba: 13 de novembro de 1895, p. 10-11. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1>. Acesso em 05 de junho de 2018.

SILVA, Francisco Xavier da. **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo**. Curityba 1º de fevereiro de 1902. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1>. Acesso em 05 de junho de 2018.

SOBRINHO, Joaquim d'Almeida Faria (Presidente da Província do Paraná). **Relatório apresentado a Assembleia Legislativa do Paraná no dia 30 de outubro de 1887 [i.e. 1886], p. 17**. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1>. Acesso em 05 de junho de 2018.

TAUNAY Escragnolle (Presidente da província do Paraná). **Exposição 3 de maio de 1886, p.32**. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/paran%C3%A1>. Acesso em 05 de junho de 2018.

The Ukraine. Handbooks prepared under the direction of the historical section of the foreign office, nº 52. London: 1920. Disponível em: <https://dl.wdl.org/9172/service/9172.pdf>. Acesso em 25 de junho de 2018.

Títulos de propriedades da colônia federal Ivaí. Arquivo: Instituto Ambiental do Paraná (IAP).

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Eliane Morelli. **Os receituários manuscritos e as práticas alimentares em Campinas, (1860-1940)**. Campinas, 2014. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. p. 15.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio Odilon. **O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante**. In: Revista Brasileira de Estudos Populacionais. Campinas, 11. 1994.

ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias: estudo de um grupo imigrante ucraniano 1895-1995**. Curitiba, 1996. 412 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo, (1888-1988)**. São Paulo-Bauru: EDUSC, 1998.

ARAUJO, Zulu. **Palmares tempo de cidadania e diversidade**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/>. Acesso em: 25 de setembro de 2011.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

BASSANEZI, Maria Silvia C. Bassanezi. **Migrantes no Brasil da segunda metade do século XIX**. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1048/1013>. Acesso em 13 de junho de 2018.

BONI, Maria Ignês Mancini de. **Imigrações/Migrações em Curitiba: outras histórias**. Anais do Simpósio Nacional de História -ANPUH- São Paulo, julho de 2011, pg. 1. Disponível em http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308144742_ARQUIVO_Anpuh2011textocompleto.pdf Acesso em 02 de outubro de 2015.

BORUSZENKO, Oksana. **A imigração ucraniana no Paraná**. In: Anais do IV Simpósio nacional dos professores Universitários de História: Colonização e imigração. São Paulo, 1969.

BOURDIEU, Pierre. **“A ilusão biográfica”**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas Linguísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **Teatro de sombras: a política imperial**. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Vértice/IUPERJ, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 15^a. ed. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Rio de Janeiro – Petrópolis: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. Artes de fazer**. 15^a. ed. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Rio de Janeiro – Petrópolis: Vozes, 2009.

CERTEAU, Michel de; LUCE, Giard; PIERRE, Mayol. **A invenção do cotidiano: 2..morar, cozinhar**; tradução de Ephraim F. Alves e Lucila Endlich Orth. 6^a edição. Rio de Janeiro-Petrópolis: Vozes, 2005.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 de setembro de 2011.

COLLIER, PAUL. **How migration is changing our world**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

COSTA, Carlos Eduardo Coutinho da. **Migrações negras no pós-abolição do sudeste cafeeiro (1888-1940)**. In: Topoi (Rio J.) v.16 n. 30, p.101-126, jan./jun.2015.

COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. 9^a ed. Saio Paulo: Editora UNESP, 2010.

COSTA, Lourenço Resende da. **Manifestações de Poder e Identidade em torno da língua ucraniana em Prudentópolis**. Irati, 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati - PR, 2013.

COSTENARO, Eliane Crestiane Lupepsa. **Para a dona de casa: comida e identidade entre descendentes de ucranianos em Prudentópolis, PR, 1963-1976**. Irati, 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati – PR, 2013.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2^a ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Departamento de Educação e Cultura de Ivaí. **Resgate Histórico do Município de Ivaí**. Ponta Grossa-PR: Planeta, 2001.

GARCIA, Edrielton dos Santos; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Colonização em Assunguy: a experiência do colono nacional entre 1860 e 1870**.

Disponível em:
http://www.historia.ufpr.br/monografias/2010/2_sem_2010/resumos/edrielton_santos_garcia.pdf Acesso em 28 de maio de 2018.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **A micro história e outros ensaios**. Lisboa: Defil, 1989.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná**. Rio de Janeiro, 2007. 299 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

IAROSCHINSKI, Ulisses. **Saga dos polacos: a Polônia e seus imigrantes no Brasil**. Curitiba, 2000.

IOTTI, Luiza Horn. **A política imigratória brasileira e sua legislação – 1922 – 1914**. X Encontro Estadual de História: O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional. Santa Maria – RS: UFSM, 2010. p. 6. Disponível em: http://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anais/9/1273883716_ARQUIVO_OBRASILEAIMIGRACAO.pdf Acesso em 14 de março de 2018.

KOSS, Lucimara. Carroceiros tropeadores de porcos e o comércio em Ivaí-PR (1910-1950). In: SOCHODOLAK, Hélio (Org.); NETO ARIAS, José Miguel (Org.) **Capítulos de História do Paraná**. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

KOSS, Lucimara. **Comércio & Sociedade: as múltiplas funções dos armazéns de Ivaí-Pr na primeira metade do século XX**. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2013.

KOSS, Lucimara. A diversidade étnica na formação da Colônia Federal Ivaí. In: PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende (Orgs). **Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná**. São Leopoldo: Oikos, 2016.

KOSS, Lucimara. Carroceiros tropeiros & a moeda ambulante: trajetórias de imigrantes e suas contribuições para o desenvolvimento do comércio paranaense. In: COSTA, Hilton; PEGORARO, Wilson Jonas; FILHO, Stanczyk (Orgs). **O Paraná pelo caminho: histórias, trajetórias e perspectivas**, v.3. Curitiba: Máquina de Escrever, 2017.

KOSS, Lucimara. Os armazéns de Ivaí Paraná na primeira metade do século XX: espaço cultura e sociabilidade. In: COSTA, Lourenço Resende; SILVA, José Junior; KOSS, Lucimara (Orgs): **Fragmentos de identidade e cultura**. São Paulo: Todas as Musas, 2018.

KULA, Marcin. **Por que os emigrantes poloneses não se tornaram operários em São Paulo?** In: ROIO, José Luiz Del. *Trabalhadores do Brasil*. São Paulo: Ícone, 1990.

LIMA, Carlos. A. M. **Pequena diáspora: migrações de libertos e de livres de cor (Rio de Janeiro, 1765 – 1844)**. In: Locus, Revista de História. V.6, nº 2, 2000.

LIMA, Carlos A. M.; MELO, Kátia A. V. de. **"A distante voz do dono: a família escrava em fazendas de absenteístas de Curitiba (1797) e Castro (1835)"**. Afro-Ásia, 31 (2004), pp. 127-162.

LIMA, Enezila de. **A vila de Curitiba: 1765-1820 estudo da dinâmica econômico-social de uma comunidade**. São Paulo: USP, 1982, (Tese de Doutorado).

LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **História política do abastecimento: 1918-1974**. Brasília: BINAGRI, 1979.

LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer; CANAVARROS, Octavio; FERES, Zakia; GONÇALVES, Sonia; MADUREIRA, Barbosa Lucena. **Evolução dos preços e do padrão de vida no Rio de Janeiro, 1820-1930 - resultados preliminares**. In: Revista brasileira de economia. Rio de Janeiro, out/dez. 1971. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/download/67/6249>. Acesso em 06 de abril de 2018.

LOPES, José Carlos Veiga. **Aconteceu nos Pinhais: subsídios para as histórias dos municípios do Paraná tradicional do planalto**. Curitiba: Progressiva, 2007.

MACHADO, Brasil Pinheiro. **Contribuição ao estudo da História agrária do Paraná – I formação da estrutura agrária tradicional dos Campos gerais**. In: anais do II Simpósio dos Professores de História do Ensino Superior – ANPUH: Curitiba, outubro de 1962.

MANEIRA, Regiane. **Compra e venda de terras por descendentes de imigrantes italianos em Irati**. In: PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende da. (Orgs). *Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná*. São Leopoldo: OIKOS, 2016.

MARQUES, Leonardo. **Por aí e por muito longe: dívidas, migrações e os libertos de 1888**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX**. Tese de doutorado em História, Unicamp. Campinas: 2000.

MARTINS, Romário. **Historia do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MARTINS, José de Souza. O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, **8**(1): 25-70, maio de 1996.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Cativos em insurgência: o que os escravos da fazenda Capão Alto podem ainda nos dizer sobre suas vidas e sobre o que pensamos delas. In: MENDONÇA, Joseli Maria Nunes; SOUZA, Jhonatan Uewerton (Orgs). **Paraná insurgente: história e lutas sociais – séculos XXI**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018.

MERRICK, Thomas; GRAHAM, Douglas. População e desenvolvimento no Brasil: uma perspectiva histórica. In: NEUHAUS, Paulo. **Economia brasileira uma visão histórica**. Rio de Janeiro, Editora Campus Ltda, 1980.

MESSOMO, Frank; SEMPREBOM, Roselene. Experiências da escravidão e formação de comunidades quilombolas no Paraná. In: **Revista sociedade e cultura**. Goiânia, vol. 16, nº 1, p. 193-203, jan/jun. 2013.

MONSMA, Karl. **Vantagens de imigrantes e desvantagens de negros: emprego, propriedade, estrutura familiar e alfabetização depois da abolição no oeste paulista**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 53, nº 3, 2010.

MONSMA, Karl. **Identidades, desigualdades e conflito: imigrantes e negros em um município do interior paulista, 1888-1914**. Revista de História UNISINOS, janeiro/abril 2007.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2007.

MONDARDO, Leandro Marcos; GOETTERT, Dari Jones. **Frente de expansão e frente pioneira no Brasil: espaços e tempos da migração, do conflito e da alteridade**. In: Revista OKARA: Geografia em debate, v.1, n.2. João Pessoa, PB, DGEOC/CCEN/UFPB, 2007, pg.10. Disponível em: www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/okara/article/download/1637/1613 Acesso em 19 de abril de 2014.

MOURA, Clovis. **Quilombos Resistência ao Escravismo**. 3ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

NADALIN, Sergio Odilon (Org). Memórias de Gustav Hermann Strobel. **Relatos de um pioneiro da imigração alemã no Brasil**. 2ª ed. Curitiba: Instituto Memória, 2015.

NADALIN, Sergio Odilon, 1988, « **Casamento, sexualidade, reprodução** », Revista Brasileira de Estudos de População, 5(2), p. 63-82. Disponível em: http://www.rebep.org.br/index.php/revista/article/view/575/pdf_547.

NADALIN, Sergio Odilon. **Imigração e família, segunda metade do século XIX. Revista Latinoamericana de Población**, 8(14):31-55. Enero-Junio 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/toc.oa?id=3238&numero=32454> .

NEUHAUS, Paulo. **Economia brasileira uma visão histórica**. In: MERRICK, Thomas; GRAHAM, Douglas. População e desenvolvimento no Brasil: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro, Editora Campus Ltda, 1980.

NISHIKAWA, Reinaldo Benedito. **Terra e imigrantes na colônia Assunguy**. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2007.

OLIVEIRA, Márcio de. (2009). **De la double colonisation au préjugé : Polonais dans le sud du Brésil**. RevueMigrances, vol. 21. nº 123-124.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiências da urbanização: São Paulo, 1850-1900**. São Paulo: Alameda, 2005.

PAGLIARINI, Raphael. **A construção de identidades negras na região Sudeste do Paraná: as comunidades quilombolas de São Roque e Rio do Meio (Ivaí, 1990-2013)**. Anais do II Seminário Internacional do tempo presente, 13 a 15 de outubro de 2014, Florianópolis, SC. Disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/tempopresente/paper/viewFile/169/108>. Acesso em 08 de setembro de 2016.

PAGLIARINI, Raphael. **O trabalho e a terra: memórias de idosos nas comunidades quilombolas de São Roque e Rio do Meio; Ivaí-PR**. II Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO de 12 a 15 de maio de 2015. Pg. 2. Disponível em: http://www.cih2015.eventos.dype.com.br/resources/anais/4/1435539767_ARQUIVO_OTRABALHOEATERRA_MEMORIASDEIDOSOSNASCOMUNIDADESQUILOMBOLAS.pdf Acesso em 02 de outubro de 2015.

PENA, Eduardo Spiller. **O jogo da face. A astúcia escrava frente aos senhores e à lei na Curitiba Provincial**. Curitiba: quatro ventos, 1999.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. **Imigração assalariada**. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org). História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II: O Brasil monárquico: 3º Volume. Reações e Transações. São Paulo: Difel, 1982.a.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. **O imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo: Brasiliense, 1982.b.

PRASEL, Jonny Ricardo. **Origens**. Edição própria. 2018.

Redes – Rev. **Des. Regional, Santa Cruz do Sul**, v.17, n.2 p.5-17, maio/ago 2012. In: SOUCHAUD, Sylvain; FUSCO, Wilson. População e ocupação do espaço: o papel das migrações no Brasil.

REIS, José Carlos. **História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

Revista Exclusiva publicada em comemoração ao centenário da imigração ucraniana em Ivaí (1908-2008). Prudentópolis: PR, Centro Sul do Paraná LTDA, julho de 2009.

RIOS, Ana Maria Lugão; MATTOS, Hebe Maria. **Memórias de cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **A comida como lugar de história: as dimensões do gosto**. HISTÓRIA: Questões & Debates. Curitiba, n. 54, jan/jun. 2011, Ed. UFPR.

SANTOS, Carlos R. Antunes dos. **Alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa**. Campinas: ANPUH Nacional, 2004.

SILVA, Lúcia Helena Oliveira. **Escravos e libertos no Paraná**. II encontro “escravidão e Liberdade no Brasil meridional”. Pg. 1-2. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos2/lucia%20silva%20completo.pdf> Acesso em 02 de outubro de 2015.

SIMÕES, José Luis. **Anotações sobre abolição, imigração e mercado de trabalho na república velha**. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanaais/anais9/artigos/mesa_debates/art16.pdf Acesso em 02 de outubro de 2015.

STADLER, Cleusi T. Bobato. **Côlonia Bella Vista: um espaço construído pelas práticas sociais dos imigrantes italianos**. In: PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende da. (Orgs). Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná. São Leopoldo: OIKOS, 2016.

SOPELSA, Renata. **“Pretos e polacos de cabeça quente”: um estudo sobre relações de poder e conflito envolvendo imigrantes (Ponta Grossa, final do século XIX)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho de 2011. Disponível em http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300903976_ARQUIVO_RSOPELSA-TEXTOCOMPLETOANPUH-2011.pdf Acesso em 02 de outubro de 2015.

SZYCHOWSKI, Angela Caroline. **Colonos brasileiros no Paraná da segunda metade do século XIX: a experiência de Assungui**. Dissertação de Mestrado. Curitiba, 2016.

TAKEUCHI, Márcia Y. (2008). **A comunidade nipônica e a legitimação de estigmas: o japonês caricaturizado**. Revista da USP, nº 79.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo, Paz e Terra S. A, 1992.

TAMANINI, Paulo Augusto. **As reminiscências da diáspora ucraniana na cidade de Papanduva (SC): um passado lembrado**. Revista Confluências Culturais, Joinville, v. 5, n. 1, p. 57-68, 2016.

TELEGINSKI, Neli Maria. **Sensibilidades na cozinha: a transmissão das tradições alimentares entre descendentes de imigrantes poloneses no Centro-Sul do Paraná, século XX**. Curitiba, 2016. 355 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

TRENTO, Angelo. **Miséria e esperanças: a emigração italiana para o Brasil: 1887-1902**. In: ROIO, José Luiz Del. **Trabalhadores do Brasil**. São Paulo: Ícone, 1990.

VICENTE, Gildo Antonio; ZIMMER, Gilma de Farias. **A história de um povo**. Ivaí: Editora Gráfica B&D, 2016.

VILLAR, Diego. Uma abordagem crítica do conceito de “etnicidade” na obra de Fredrik Barth. **Revista Mana**, Nº 10 (1), p. 165-192, 2004.

VILLELA, Annibal Villanova; SUZIGAN, Wilson. **Política do governo e crescimento da economia brasileira 1889-1945**. Rio de Janeiro: IPEA/INPS.

ZACHETKO, Amélia; SALACHE; KOUBETECH, Verônica; WILHEM, Isabel. **Rio do Meio**. In: **Resgate Histórico do Município de Ivaí**. Ponta Grossa-PR: Planeta, pp. 81-87, 2001.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Abranches: paróquia da imigração polonesa: um estudo de história demográfica**. Dissertação de Mestrado. Curitiba, 1974.

**APÊNDICE 1 – POPULAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ DESCRITA POR
NACIONALIDADE CONFORME DATAS DOS RECENSEAMENTOS
REALIZADOS PELO IBGE**

Nacionalidade	1872	1890	1900	1920	1940	1950
Brasileiro nato	123.034	244.338	182.002	622.601	1.169.409	2.308.860
Brasileiro naturalizado	61	5.153	329	3.634	9.837	11.809
Estrangeiro	3.627	-----	39.457	59.119	56.816	65.503
Sem declaração	-----	-----	5.348	357	214	95
Total	126.722	249.491	227.136	626.770	1.236.276	2.374.368

Fonte: I.B.G.E . **Censos demográficos e econômicos do Estado do Paraná**. Série regional volume XXVI, Rio de Janeiro, 1955. Adaptado por: KOSS, Lucimara. 2018.

**APÊNDICE 2 – RELAÇÃO DOS COLONOS RESIDENTES EM LOTES
URBANOS E RURAIS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1915 NA COLÔNIA
FEDERAL IVAÍ**

Nacionalidade	Residentes na sede				Residentes em lotes rurais			
	Famílias	Pessoas	Homens	Mulheres	Famílias	Pessoas	Homens	Mulheres
Alemão	0	0	0	0	13	84	46	38
Austriaco	26	122	63	59	451	2.438	1.251	1.187
Russo	1	2	1	1	108	588	316	272
Holandês	0	0	0	0	3	18	8	10
Brasileiro	10	42	19	23	81	429	256	173
Suíço	1	5	4	1	0	0	0	0
Total	38	171	87	84	656	3.557	1.877	1.680

Fonte: RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Recenseamento da população do Núcleo Colonial Ivaí realizado em 31 de dezembro de 1915**. Localização: arquivo da prefeitura municipal de Ivaí (APMI). Org.: KOSS, Lucimara. 2012.

**APÊNDICE 3 – POPULAÇÃO DA COLÔNIA FEDERAL DE IVAÍ CONFORME
DADOS DOS CENSOS REDIGIDOS PELO ZELADOR DA COLÔNIA DE 1915-
1924**

População geral por período							
Nacionalidade	1915	1917	1918	1919	1922	1923	1924
Alemães	84	72	40	36	42	42	53
Polacos	0	0	0	3437	3536	3598	3622
Russos	590	616	627	7	14	13	12
Holandeses	18	21	21	17	25	26	29
Italianos	0	8	10	12	15	15	17
Suíços	5	5	5	5	0	0	0
Brasileiros	471	474	489	334	370	384	384
Austríacos	2560	2659	2667	0	0	6	6
Tchecos	0	0	0	0	3	0	0
Total	3.728	3.855	3.859	3.848	4.005	4.084	4.123

Fonte: RIBEIRO, Rogaciano Antunes. **Recenseamentos da Colônia Federal Ivaí.**

Org: KOSS, Lucimara. 2019.

**APÊNDICE 4 – NÚMERO E PORCENTAGEM DE CRIANÇAS,
ADOLESCENTES E ADULTOS QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA
METADE DO SÉCULO XX**

Naturalidade	Criança (0 a 12 anos)	Adolescente (13 a 17 anos)	Adulto (acima de 18 anos)	Total
Ivaí	586	52	259	897
Paraná, exceto Ivaí	43	13	286	342
Brasil, exceto Paraná	0	0	16	16
Europa	4	7	469	480
Nada Consta	-	-	-	79
Total	633	72	1030	1814

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.

Org: KOSS, Lucimara. 2019.

APÊNDICE 5 – NATURALIDADE DOS FALECIDOS EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX POR DÉCADAS

Período	Classificação Etária	Ivaí	Paraná, exceto Ivaí	Brasil, exceto Paraná	Europa	Total
1900 a 1910	Criança	49	0	0	1	50
	Adolescente	1	0	0	1	2
	Adulto	10	11	1	14	36
1911 a 1920	Criança	67	2	0	1	70
	Adolescente	1	2	0	5	8
	Adulto	22	31	2	59	114
1921 a 1930	Criança	30	6	0	1	37
	Adolescente	8	1	0	1	10
	Adulto	25	27	0	90	142
1931 a 1940	Criança	97	6	0	0	103
	Adolescente	17	5	0	0	22
	Adulto	89	54	5	127	275
1941 a 1950	Criança	340	28	0	0	368
	Adolescente	25	5	0	0	30
	Adulto	123	164	8	180	475
Nada consta	-	-	-	-	-	72
Total		904	342	16	480	1742+72=1814

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.

Org: KOSS, Lucimara. 2019.

APÊNDICE 6 - NATURALIDADE PATERNA DAS CRIANÇAS FALECIDAS EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX POR DÉCADAS

Período	Ivaí	Paraná (sem especificação)	Brasil (exceto Paraná)	Europa	Nada consta
1900 a 1910	9	12	2	20	7
1911 a 1920	9	5	3	24	36
1921 a 1930	5	3	0	8	21
1931 a 1940	28	51	1	11	12
1941 a 1950	75	243	2	31	16
Total	126	314	8	94	92

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.

Org: KOSS, Lucimara. 2019.

**APÊNDICE 7 – NÚMERO E PORCENTAGEM DE HOMENS E MULHERES
QUE FALECERAM EM IVAÍ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Naturalidade	Homens	Mulheres	Total
Brasileira (exceto Ivaí)	102	86	190
Europeia	277	203	480
Paraná (sem especificações)	93	76	169
Ilegível	-	-	9
Ivaí	556	348	904
Nada Consta	34	30	64
Total	1062	743	1814

Fonte: Certidões de óbito do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

**APÊNDICE 8 – NATURALIDADE POR AGREGAÇÃO E PORCENTAGEM
DAS PESSOAS QUE SE CASARAM EM IVAÍ NAS TRÊS PRIMEIRAS
DÉCADAS DO SÉCULO XX**

Local de nascimento	Números de esposos	Número de esposas
Ivaí	455	530
Paraná, exceto Ivaí	258	200
Brasil, exceto Paraná	17	11
Europa	346	331
Ásia	1	0
Argentina	0	1
Nada Consta	28	32
Total	1105	1105

Fonte: Certidões de casamento do Cartório de Bom Jardim do Sul e do Cartório Faix.
Org: KOSS, Lucimara. 2019.

**APÊNDICE 9 – POPULAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ DESCRITA POR COR
CONFORME DATAS DOS RECENSEAMENTOS REALIZADOS PELO IBGE**

Cor	1872	1890	1940	1950
Branços	69.698	159.181	1.070.151	1.824.879
Pretos	13.192	12.897	60.397	91.630
Amarelos	-----	-----	13.482	39.244
Pardos	43.832	77.413	91.414	154.346
Sem especificação	-----	-----	833	5.448

Fonte: I.B.G.E . **Censos demográficos e econômicos do Estado do Paraná**. Série regional volume XXVI, Rio de Janeiro, 1955. Org: KOSS, Lucimara. 2019.

